

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TERAPIA OCUPACIONAL

VALENTINA VINZÓN

**PROCESOS Y EXPERIENCIAS EN LAS PRÁCTICAS
DE TERAPIA OCUPACIONAL EN COMUNIDAD EN ARGENTINA.**

São Carlos- SP

2018

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TERAPIA OCUPACIONAL

VALENTINA VINZÓN

**PROCESSOS E EXPERIÊNCIAS NAS PRÁTICAS
COMUNITÁRIAS DA TERAPIA OCUPACIONAL, NA ARGENTINA.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional da Universidade Federal de São Carlos – UFSCar, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Terapia Ocupacional.
Linha de Pesquisa: Redes Sociais e Vulnerabilidade.

Agência de Fomento: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Orientadora: Prof.^a Dra. Lilian Magalhães
Consultora externa: Prof.^a Dra. Mariela Nabergoi

São Carlos - SP
2018



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Ciências Biológicas e da Saúde
Programa de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional

Folha de Aprovação

Assinaturas dos membros da comissão examinadora que avaliou e aprovou a Defesa de Dissertação de Mestrado da candidata Valentina Vinzón, realizada em 27/02/2018:

Profa. Dra. Liliã Vieira Magalhães
UFSCar

Profa. Dra. Fátima Correa Oliver
UFSCar

Profa. Dra. Sandra Maria Galheigo
USP

DEDICATORIA

*A mi abuela Lucrecia Inocencia, por su dulzura y rebeldía.
Y a Nuestras Abuelas y Madres, por su resistencia y lucha inspiradoras.*

AGRADECIMIENTOS

A Lilian, que me orientou com confiança, alegria e liberdade.

A Mariela, por acompañar con su mirada aguda y clara, y su generosidad.

Às professoras do PPGTO e a toda a comunidade UFSCar, pela abertura e possibilidade de aprender tanto juntos. Também à OEA, por brindar a oportunidade a muitos estudantes latino-americanos de vivenciar uma experiência tão rica no Brasil. E à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) por auxiliar a dedicação à realização do mestrado.

A las terapeutas ocupacionales: Natalia, Cecilia y Letizia y los equipos que componen, como también a las usuarias y los usuarios (emprendedores), que aceptaron el desafío de compartir el trabajo cotidiano para poder construir esta tesis y, así, ser también co-autores.

Aos meus companheiros, amigos, parceiros das iniciativas para discutir, pensar e tentar nutrir juntos uma TO latino-americana ética e crítica: Maitê, Rodrigo, Viviana, Sofia, Ana e a profa. Carlinha (junto a todo o grupo AHTO).

A Nati y Julia, que fueron profesoras, hoy amigas y siempre maestras. Porque de algún modo acompañaron y potenciaron, con mucha calidez y cariño, mis pensamientos y producciones desde mis comienzos en la TO. También, a Vaivén, por ese movimiento que siempre genera, creativo y comprometido.

Às Professoras Sandra Galheigo e Fátima Oliver, pela leitura atenciosa e dedicada desta dissertação de mestrado, e as suas imensas contribuições. Os seus trabalhos produzidos, ademais, tem sido uma fonte chave desta pesquisa, de inspiração e produção. Agradeço assim também, às professoras participantes da banca, em caráter de suplência, Isabela Aparecida de Oliveira Lussi e Luciana Togni de Lima e Silva Surjus.

En especial a mi madre, mis hermanas y las mujeres de mi familia, por ser sostén, ejemplo y apoyarme siempre en mis elecciones. A mi padre y mi hermano, por la complicidad y presencia siempre que fue necesario. También a mis abuelos, maestros de los valores que importan.

A Saulo, pela parceria sempre cúmplice e amorosa.

A las amigas de acá: Emi, Tefa, Vivi, Mai, Vale, Juana y, las de allá: Mechi, Pauli, Anita, Cami, Lali, Eli, Lia... ese “mujeraje” que constituye una matriz de afectos, alegrías y compañías.

A todas y todos estos *Otros* que, formando un “enjambre de participaciones¹”, son parte de esta producción. Mi agradecimiento total.

¹En el sentido que lo piensa Perkins, donde cada persona es la intersección de un conjunto de personas del cual participa. Como si fuera un panal de abejas, una persona es un enjambre de innumerables participaciones.

*A primera vista, el cielo estrellado impresiona por su desorden:
un amontonado de estrellas, dispersas al azar. Pero, al mirar más atento,
aparece el orden cósmico, imperturbable- cada noche, aparentemente desde siempre
y para siempre, el mismo cielo estrellado, cada estrella en su lugar,
cada planeta realizando su ciclo impecable. Pero viene una tercera mirada:
viene por la inyección de nuevo y formidable desorden en ese orden;
vemos un universo en expansión, en dispersión, las estrellas nacen, explotan, mueren.
Esta tercera mirada exige que concibamos conjuntamente el orden y el desorden;
es necesaria la binocularidad mental, ya que vemos un universo que se organiza
desintegrándose.*

Edgar Morin, 2014

RESUMEN

La historia reciente de la Terapia Ocupacional (TO) en Latinoamérica muestra una preocupación creciente por las problemáticas socio-comunitarias que afectan las ocupaciones y el cotidiano de las personas. El terapeuta ocupacional actuando en la sociedad con las demandas que ésta impone, debe promover posibilidades de inclusión, emancipación y participación en la vida social de las personas. Así, la comunidad como contexto de participación para lograr un bienestar construido conjuntamente y como espacio fundamental de práctica y visibilización de la TO, requiere más estudios y profundizaciones en la disciplina. Para continuar contribuyendo a esta área de una manera crítica, sostenemos que es fundamental analizar, desde la óptica de usuarias y usuarios, así como de terapeutas ocupacionales de los servicios comunitarios, los efectos que generan las intervenciones, como perpetuadoras o transformadoras de las realidades de las personas y sus comunidades.

Este estudio, cualitativo, se posiciona en la perspectiva socio-crítica para describir y analizar los procesos y las experiencias de quienes participan en propuestas de TO a nivel comunitario, en relación con los cambios que éstas generan en su cotidiano y proyectos de vida, y también, conocer cómo las/os terapeutas ocupacionales co-construyen dichas prácticas. Para alcanzar estos objetivos se partió de una revisión panorámica de literatura, para conocer desde qué fundamentos y metodologías las terapeutas ocupacionales vienen desarrollando las prácticas en comunidad en los últimos años (2006-2016). En una segunda etapa, se realizó una investigación colaborativa estudiando tres propuestas de TO en ámbitos comunitarios de la ciudad de Santa Fe y alrededores (Argentina). Se realizaron observaciones participantes, entrevistas a usuarias/os y terapeutas ocupacionales y se implementó una adaptación de la metodología *Photovoice*. Los resultados muestran que estas prácticas comunitarias de TO -vinculadas con la economía social y solidaria-, constituyen un espacio de participación fundamental para las/os usuarias/os, en la construcción de condiciones para la autonomía socio-económica, la formación de vínculos de soporte, la proyección de un porvenir de posibilidades. Asimismo, desde la perspectiva de las terapeutas ocupacionales, se describen los procesos de co-construcción de dichas prácticas y sus condiciones actuales.

Palabras clave: Prácticas de Terapia Ocupacional; Comunidad; Usuarios y Usuarías; Terapeutas Ocupacionales; Procesos y Experiencias.

RESUMO

A história recente da Terapia Ocupacional (TO) na América Latina mostra grande preocupação com questões sócio-comunitárias que afetam as ocupações e o cotidiano das pessoas. O terapeuta ocupacional, atuando na sociedade com as exigências que esta impõe, deve promover possibilidades de inclusão, emancipação e participação na vida social das pessoas. Assim, a comunidade, como um contexto de participação para alcançar um bem-estar construído em conjunto e como um espaço fundamental de prática e visibilidade da TO, requer mais estudos e aprofundamento na disciplina. Para continuar a contribuir com esta área de forma crítica, argumentamos que é fundamental analisar, partindo da perspectiva das usuárias e usuários, bem como de terapeutas ocupacionais que atuam em espaços comunitários, os efeitos gerados por essas intervenções, que perpetuam ou transformam as realidades das pessoas e suas comunidades.

O presente estudo, qualitativo, está posicionado na perspectiva sócio-crítica para descrever e analisar os processos e experiências das pessoas que participam de propostas de TO em nível comunitário, em relação às mudanças que geram em suas vidas diárias e projetos de vida, além de conhecer como os terapeutas ocupacionais co-constroem essas práticas. Para atingir esses objetivos, realizamos uma revisão panorâmica da literatura, para saber a partir de quais fundamentos e metodologias as/os terapeutas ocupacionais vêm desenvolvendo as práticas em comunidade nos últimos anos (2006-2016). Numa segunda etapa, sendo uma pesquisa colaborativa, trabalhamos com três propostas de TO em ambientes comunitários da cidade de Santa Fé e arredores (Argentina). Foram realizadas observações-participantes, entrevistas com usuárias/os e terapeutas ocupacionais, assim como foi implementada uma adaptação da metodologia *Photovoice*. Os resultados mostram que estas práticas comunitárias de TO - vinculadas à economia social e solidária-, constituem um espaço de participação fundamental para as/os usuárias/os, na construção de condições para a autonomia sócio-econômica, a formação de vínculos de suporte e a projeção de um porvir de possibilidades. Além disso, a partir da perspectiva das terapeutas ocupacionais, se descrevem os processos de co-construção das práticas, bem como as suas condições atuais.

Palavras chave: Práticas de Terapia Ocupacional; Comunidade; Usuários e Usuárias; Terapeutas Ocupacionais; Processos e Experiências.

ABSTRACT

The recent history of the Occupational Therapy (OT) in Latin America shows great concern for socio-community issues that affect occupations and the daily life of individuals and communities. The occupational therapist, acting in society with the demands that it imposes, must promote possibilities of inclusion, emancipation and participation in people's social life. Thus, the community as a context of participation to achieve a collectively-built state of well-being, and as a fundamental space of practice and visibility of the OT, requires further studies on this discipline. To be able to make a critical contribution to this area, it is fundamental to analyze, from the perspective of the service users and the occupational therapists of community settings, the effects generated by the interventions as perpetrators or transformative elements of the social realities of people and their communities.

The present study, qualitative, is positioned in the socio-critical perspective to describe and analyze the processes and experiences of people who participate in OT programs at the community level, in relations to the changes they generate in their daily lives and life projects, and to know how occupational therapists co-produce these practices. To achieve this objectives, we start with a scoping review of the relevant literature to understand from what foundations and methodologies occupational therapists have been developing their practices in community in the last years (2006-2016). In a second stage, and because it is a collaborative research, we worked from three different occupational therapy programs in community settings of the city of Santa Fe and surroundings, in Argentina. Participant observations, interviews with service users and occupational therapists were carried out, as well as an adaptation of the Photovoice methodology. The results show that the OT community practices studied -linked to social and solidarity economy-, constitute a fundamental space of participation for the users, in the construction of conditions for socio-economic autonomy, the creation of links of support, and the projection of a future of possibilities. Also, from the perspective of the occupational therapists, the co-construction processes of these practices and their actual conditions are described.

Keywords: Occupational Therapy Practices; Community; Service Users, Occupational Therapists; Processes and Experiences.

LISTA DE CUADROS E ILUSTRACIONES

Cuadros:

- Cuadro 1- Datos de universidades que imparten la carrera de Licenciatura en TO en Argentina
- Cuadro 2- Cuestionarios enviados a terapeutas ocupacionales considerados informantes clave
- Cuadro 3- Cuestionarios enviados a las asociaciones de TO de América Latina y sus delegados
- Cuadro 4- Autores, año y lugar de las publicaciones/presentaciones
- Cuadro 5- Aspectos relevantes de los estudios analizados en relación con salud mental
- Cuadro 6- Aspectos relevantes de los estudios analizados en relación con políticas públicas
- Cuadro 7- Aspectos relevantes de los estudios analizados en relación con discapacidades físicas/intelectuales y TO en jardín/escuela
- Cuadro 8- Participantes de cada propuesta en la investigación
- Cuadro 9- Organización de los temas del análisis

Figuras:

- Figura 1- Mapa de Argentina resaltando las provincias que cuentan con cursos de TO
- Figura 2- Diagrama de flujo de la búsqueda de literatura, inclusión y exclusión de artículos
- Figura 3- Porcentajes y países de origen de la literatura analizada
- Figura 4- Etapas y acciones del trabajo de investigación
- Figura 5- Mapa de Santa Fe con íconos que representan problemáticas de la ciudad
- Figura 6- Referencias de los íconos

Gráficos:

- Gráfico 1- Países de origen y porcentajes de la literatura analizada (entre 2006-2016)
- Gráfico 2- Producciones por año y país
- Gráfico 3- Tipos de trabajo y cantidad por país

ÍNDICE

Prefacio	13
CAPÍTULO I: Contextos y perspectivas	15
1.1. Contexto argentino y santafesino: recortes para una TO situada	16
1.2. La TO socialmente demandada y las preguntas orientadoras de la investigación	25
1.3. Los conceptos de comunidad y sus tensiones	27
1.4. Las prácticas de TO en comunidad y sus escenarios de despliegue	33
1.4.1. La Rehabilitación Basada en la Comunidad, la Atención Primaria de la Salud y la Salud Mental Comunitaria: preludios de la TO comunitaria argentina	34
1.4.2. Sobre las prácticas comunitarias de TO en Argentina y la región	39
CAPÍTULO II: Revisión panorámica de la literatura	41
2.1. Procedimientos metodológicos	42
2.2. Resultados y discusión	46
2.3. Limitaciones del estudio	58
2.4. Lagunas en la literatura	59
2.5. Consideraciones finales	60
CAPÍTULO III: Consideraciones epistemológicas y metodológicas	61
3.1. Los sentidos de la ciencia: científicidad y cotidianeidad	62
3.2. Preguntas de investigación	65
3.3. Objetivo general	65
3.4. Objetivos específicos	65
3.5. Recorrido metodológico	66
3.5.1. Las prácticas, los escenarios y actores protagonistas de la investigación	69
3.5.2. Instrumentos para la construcción de los datos	74
3.5.3. Aspectos éticos	77
CAPÍTULO IV: Resultados y discusión	78
4.1. Lo cotidiano y la esperanza de un “mañana”	80
4.2. El vínculo usuaria/o – TO como alianza de soporte	88
4.3. Las experiencias en las propuestas comunitarias como posibilitadoras de inclusión y empoderamiento	91
4.4. La gestación y supervivencia de las prácticas en comunidad	98
4.5. La formación de las TO en relación con sus prácticas actuales	107
CAPÍTULO V: Consideraciones finales	110
5.1. Una revisión de la metodología utilizada	111

5.2. Limitaciones y fortalezas del estudio	113
5.3. Conclusiones	116
REFERENCIAS	118
ANEXOS	130
APÉNDICES	138
I: Cuestionario para informantes clave	139
II: Guías para las entrevistas a usuarias, usuarios y TO	140
III: Guion de observación.	142
IV: Consentimiento informado de las/os participantes	143
V: Relatos de vida de las/os participantes	145

Prefacio

Al terminar mis estudios secundarios, en una ciudad del interior de Entre Ríos (Argentina), vivenciaba una época de múltiples incertidumbres, sin embargo, surgió la certeza de estudiar una disciplina del área social en relación con la salud y el bienestar de las personas. Mientras evaluaba ciertas alternativas, conocí relatos de la Terapia Ocupacional (TO) que me convocaron, exploré de qué se trataba y finalmente tomé la decisión de mudarme a la ciudad de Santa Fe para estudiar Lic. en Terapia Ocupacional, en la Universidad Nacional del Litoral.

En los primeros meses del trayecto académico, ya emergían varios cuestionamientos e inquietudes en torno a la profesión y así la necesidad de construir un camino alternativo al predominante. Al poco tiempo, volvió la alegría por la elección y el entusiasmo al encontrar terapeutas ocupacionales, autores teóricos y espacios que promovían las búsquedas que transitaba, y una postura crítica respecto de la TO. Fue a partir de cursar en la cátedra Estética I, a cargo de la profesora Julia Benassi, que comenzó la construcción de mis prácticas y mi modo particular de mirar la profesión. Sin dudas las lecturas sobre el proceso creador y sus implicancias con la salud y bienestar fueron un punto clave en la continuidad de mi formación académica, que respondía preponderantemente a un modelo funcionalista. Posteriormente, invitada por la mencionada profesional, integré el equipo del dispositivo “Vaivén, espacios en movimiento”, como practicante y luego como terapeuta referente² en el área de atención a niños. Vaivén es un proyecto interdisciplinario conformado desde la intersección entre salud, educación y arte, para brindar servicios a niños, jóvenes y adultos con problemáticas psicosociales.

En paralelo, fui convocada desde la Subsecretaría de la Niñez, Adolescencia y Familia (Ministerio de Desarrollo Social de Santa Fe), para realizar un abordaje con niños en situación de extrema vulnerabilidad social, cuyo eje de trabajo era la articulación de intervenciones con la familia e instituciones del barrio (escuela, centro de salud, centro de cultura y acción social). Tanto en la clínica con niños con problemáticas del desarrollo, como en el abordaje con niños en situación de vulnerabilidad social, nos encontrábamos con barreras para acceder a espacios de participación abiertos a la comunidad, los cuáles valorábamos como fundamentales en dichos procesos de construcción de proyectos de vida saludable. Asimismo, en el trabajo desempeñado en el ámbito público, se contaba con escasos recursos humanos, económicos y de

² Dentro del equipo Vaivén se utiliza el término “terapeuta referente”, para nombrar al profesional que asume ciertas funciones específicas de un tratamiento dentro del equipo (ej: comunicación con otras instituciones, elaboración de informes y otros documentos, etc), más allá de que la profesión sea TO, psicomotricidad, etc.

formación para abordar la complejidad de las situaciones socio-comunitarias que se presentaban.

Por otra parte, las experiencias recientes de organización y coordinación de talleres artísticos abiertos a la comunidad en un Centro Cultural -dentro del marco de un programa del gobierno de la provincia de Santa Fe-, y de coordinación de actividades promotoras de inclusión social de una comunidad de migrantes latinoamericanos en una ONG en Inglaterra, concretaron el deseado proyecto de brindar espacios donde se enlace cultura, participación social y comunidad.

La búsqueda permanente de instancias de formación y la intención de multiplicar proyectos en relación con comunidad, cultura y emancipación, fue fundamentalmente lo que me impulsó a aplicar a la beca de la Organización de los Estados Americanos (OEA), para realizar la Maestría en Terapia Ocupacional de la Universidad Federal de São Carlos (Brasil), en la línea de investigación “Redes sociales y vulnerabilidad”.

Estas experiencias y trayectos se conciben como una continuidad de retazos y costuras, donde múltiples hilos atraviesan, avanzan, vuelven y sujetan conformando la base para elaborar el presente trabajo de investigación. Con la certeza de que es *desde* y *con* la comunidad -ese particular lugar donde nos encontramos con **los otros** desde las historias personales y colectivas, con **lo otro**, realidad a ser transformada, y con **lo singular de uno-**, que está la potencia para construir colectivamente nuevas realidades.



CAPÍTULO I:

Contextos y perspectivas.



1.1. Contexto argentino y santafesino: recortes para una Terapia Ocupacional situada.

Argentina es el país más austral del continente y cuenta con alrededor de 40 millones de habitantes, de composición étnica heterogénea. Se caracteriza, de manera similar al resto de la región latinoamericana, por altos índices de desigualdad social, entre ellos podemos mencionar: más de un 30% de la población vive en condiciones de pobreza, un 20 % está desocupada o subocupada y un 21% refiere que su salud es mala o regular³.

Historizando brevemente este contexto y situándonos en el ámbito sanitario, al acabar la Segunda Guerra Mundial se presentó un escenario global de nuevas lógicas y acciones, tanto al interior de cada país como entre los mismos, a través de reivindicaciones internacionales. Nabergoi et al. refieren al respecto:

desde diversas organizaciones de salud como la Oficina Panamericana de la Salud (OPS), la Oficina Sanitaria Panamericana (OSP) y la OMS apoyadas por organizaciones filantrópicas y sus Estados Miembro, se desarrollaron políticas a fin de consolidar un modelo de cooperación técnica internacional en rehabilitación. Se partía del supuesto de la necesidad de impulsar medidas desde los países centrales para acortar la brecha entre países con menores niveles de desarrollo (2013, p.19).

En ese marco, la formación de la profesión de Terapia Ocupacional comienza en Argentina en el año 1956, en la ciudad de Buenos Aires, cuando se inicia la creación de la Escuela Nacional de Terapia Ocupacional (MENGELBERG, 2007). En ese sentido, comprendemos a la profesión como un campo, en tanto conjunto de relaciones históricas y ámbito que se estructura por fuerzas y luchas sociales. Es decir, constituido como “el *producto social* de un trabajo histórico de construcción de un grupo como de una *representación* de los grupos” (BOURDIEU, 2005 apud NABERGOI, 2013, p. 29). En función de esta noción de campo, siguiendo las ideas de estos autores, se pretende poder contemplar las tensiones, disputas y confrontaciones de carácter contextual, en particular cuestiones sociales, económicas y éticas propias de la profesión que atañen su desarrollo en el país.

El panorama en el que se gestó la profesión en Argentina se caracterizó por un contexto socio-sanitario particular, relacionado a la epidemia de poliomielitis, que afectó a miles de personas, y de una época socio-política compleja, marcada por la alternancia de gobiernos democráticos y de facto entre los años 1955 y 1983. Por otro lado, a nivel internacional existía un contexto de importantes transformaciones sociales, movimientos estudiantiles y obreros,

³ Los datos poblacionales y estadísticos aquí mencionados corresponden a informes del Instituto Nacional de Estadística y Censos (INDEC) de Argentina, año 2017.

“estallidos” sociales como el Mayo Francés (1968) y el Cordobazo (1969) en Argentina. En Latinoamérica se instalaban los gobiernos de facto, las represiones a “las movilizaciones y lucha anticomunista, con formación por parte de EEUU de fuerzas armadas locales con ese fin” (NABERGOI, 2013, p. 130).

En este sentido, cabe mencionar algunos factores contextuales que fueron determinantes, en mayor o menor medida, del surgimiento y desarrollo de la formación de la terapia ocupacional en el país (BRIGLIA; SARTIRANA, 2013). En relación con la epidemia de poliomielitis, la población argentina padeció reiterados brotes de parálisis infantil desde 1906, llegando en 1943 a 2.280 casos (RAMACCIOTTI, 2006 apud BRIGLIA; SARTIRANA, 2013). Como consecuencia de esta problemática, en 1943 se crea la Asociación para la Lucha contra la Parálisis Infantil (ALPI), organización civil sin fines de lucro, que representaba el único servicio privado que atendía gratuitamente a personas con deficiencias motoras y con secuelas de poliomielitis, manteniéndose con la ayuda de la comunidad, a través de donaciones y trabajo voluntario⁴.

Durante el primer gobierno de Perón (1946 – 1952) se promovieron algunos cambios que merecen destaque: reformas en la Constitución de 1853 (por ej: la re-elegibilidad presidencial), el sufragio femenino (tras la lucha de grupos feministas, concretizado por Eva Duarte de Perón) y, en el ámbito sanitario, surgió la salud pública como una función de relevancia del Estado. Así, en 1946 se creó la Secretaría de Salud Pública, cuyo primer ministro fue Ramón Carrillo, gran promotor de la universalidad y la equidad en salud (ROVERE, 2015 apud BRIGLIA et al., 2017). Y en 1949, la salud quedó incluida como derecho en la Constitución Nacional, creándose en ese año el Ministerio de Salud Pública y conformándose un sistema único de Seguridad Social, centralizando la administración y regionalizado a través de delegaciones sanitarias. Se abrieron nuevos hospitales, consultorios externos, servicios de apoyo y centros de salud (PERRONE; TEIXIDÓ, 2007; PAGANIZZI, 2007; SVAMPA, 2010 apud BRIGLIA; SARTIRANA, 2013). En 1955 el presidente Perón fue derrocado en su segundo mandato, tras un golpe de Estado a cargo de la autodenominada “Revolución Libertadora”, la cual deroga la Constitución de 1949 y avanza derribando las conquistas sociales

⁴ Según el sitio oficial de ALPI (alpi.org.ar): “La Polio era una enfermedad costosa, que implicaba sesiones de rehabilitación, intervenciones quirúrgicas y aparatos ortopédicos, representando una disminución de los medios económicos de las familias afectadas. Consecuentemente, [el Dr.] Fitte junto con un grupo de señoras involucradas en la causa, comenzaron a trabajar para atender estas necesidades. [...] Gracias a esta unión, ALPI obtuvo colaboración científica de centros especializados del extranjero [...]”.

del gobierno peronista, incluyendo las vinculadas al acceso de los sectores populares a la salud (BRIGLIA et al., 2017).

Aparentemente, según algunos autores -como el historiador Luna-, en 1956 el brote de poliomielitis disminuyó hasta su extinción, no obstante, otros sostienen que en ese año la epidemia continuaba, registrándose más de 6.000 casos (TESTA, 2011 apud BRIGLIA; SARTIRANA, 2013). Finalmente, según las citadas autoras, la epidemia pudo ser controlada durante el gobierno de Aramburu (presidente de facto), gracias a la eficacia de la vacuna Salk, y contribuyendo en la recuperación de las personas, los progresos de la especialidad médica en rehabilitación.

Correlativamente, en el ámbito educativo, entre los años 1955 y 1966, se desarrolló la llamada “época de oro” de la universidad argentina (principalmente durante la presidencia de Frondizi). Se fortaleció la autonomía y el co-gobierno universitario, se perfeccionaron las actividades científicas y académicas, se ampliaron las ofertas de formación (sociología, psicología, trabajo social, etc), junto a un proceso de “desperonización⁵” de la universidad. En este periodo aumentó el número de estudiantes y la inclusión de la mujer en la universidad (BONDER, 1994 apud BRIGLIA; SARTIRANA, 2013).

Por su parte, la gravedad de la situación epidémica exigió la presencia de un gran número de profesionales y técnicos que atendieran a la problemática. La Comisión Nacional de Rehabilitación del Lisiado (Ministerio de Salud Pública de la Nación), decidió que el Dr. Costa Mendez viajara a Inglaterra para contratar a un equipo de Terapia Ocupacional, del cual él había sido paciente (MENGELBERG, 2007). Fue así como la perspectiva de rehabilitación fue importada de Inglaterra, principalmente, y Estados Unidos, a partir de la contratación de recursos humanos para las capacitaciones iniciales. En 1959 se creó la primera escuela argentina y sudamericana de Terapia Ocupacional, con terapeutas ocupacionales del “Dorset House School of Oxford” (Inglaterra), dependiente del Ministerio de Salud (MENGELBERG, 2007; BRIGLIA; SARTIRANA, 2013). La Escuela Nacional de Terapia Ocupacional colaboró también con la formación de profesionales y la apertura del curso en países aledaños, como

⁵ Esta llamada “desperonización” de la universidad, se trataba de una ofensiva política donde se evaluaba la “moralidad” y “honradez” de quienes se candidateaban en los concursos universitarios, y de este modo se los obligaba a declarar públicamente que no contaban con antecedentes vinculados con el peronismo (BUCHBINDER, 2005 apud BRIGLIA; SARTIRANA, 2013). Pero además, este proceso existía también por fuera de la universidad, en los ámbitos económicos, políticos y sociales, que, en muchos casos, afectaban a los trabajadores (congelamiento de salarios, suspensión de convenciones colectivas de trabajo, etc). Se desarrollaban decretos prohibitivos de todo tipo de acción relacionada al peronismo: disolución del partido Justicialista y todo símbolo, término, lema que tenga que ver con Perón, Eva Perón o el Justicialismo. Asimismo, proliferaban eufemismos despectivos hacia ellos (LEIBMAN, 2009).

Chile, Venezuela y Perú (ZORZOLI; CHAURA; PAGANIZZI, 2014). La propuesta formativa, enmarcada en un paradigma biomédico, era de 2 años y 8 meses de duración en su comienzo, e incluía como uno de los requisitos para obtener el título, la formación en el área de salud mental, tanto como la destinada al área de rehabilitación motora y sensorial (MENGELBERG, 2007; NABERGOI et al., 2013).

Posteriormente, en época de dictadura cívico-militar, se generaron situaciones de conflictos y extrema violencia hacia algunos sectores de la población. Una de ellas fue la llamada Noche de los Bastones Largos, donde gran cantidad de docentes universitarios prestigiosos fueron perseguidos e inducidos a renunciar e irse fuera del país, durante el gobierno de Onganía (tras derrocar al presidente A. Illia en 1966) (NABERGOI, 2013). Luego, con el golpe militar de 1976, la dictadura implementó en el país, como en el resto de la región, un modelo económico neoliberal, con la metodología de terrorismo de Estado (BRIGLIA, et al. 2017). En las prácticas sanitarias se aumentaron los despidos, se desmantelaron servicios y hasta se llegó a desapariciones forzadas de profesionales del área. Así, algunos terapeutas ocupacionales renunciaron a sus cargos, otros migraron hacia diversas instituciones, ciudades del país o del extranjero, quedando prácticas y colectivos desbastados. Mientras que otros sectores de la disciplina fueron cómplices de dichos poderes (NABERGOI; BOTINELLI, 2016). En contrapartida, como contestación a estos procesos de grandes represiones, se iniciaron innumerables luchas sociales y políticas, y se crearon organizaciones emblemáticas para la defensa de los derechos humanos (Asociación Madres Plaza de Mayo, Madres de Plaza de Mayo Línea Fundadora, Abuelas de Plaza de Mayo, entre otras), que de una forma u otra influyen e inspiran a quienes trabajamos en el campo social (ZORZOLI; CHAURA; PAGANIZZI, 2014). En este marco, el día 6 de septiembre del 2017, en la ex Escuela Nacional de Terapia Ocupacional, donde actualmente se dicta la carrera de Terapia Ocupacional de la Universidad Nacional de San Martín, se realizó un homenaje y se colocó una baldosa por la memoria de Silvia Rivadera, Emma Cabral, Ricardo Pontello y Mirta Schwalb, militantes populares, estudiantes y terapeutas ocupacionales desaparecidos durante la dictadura cívico-militar de 1976 (BRIGLIA, et al. 2017).

El panorama de terrorismo de Estado y las posteriores reformas neoliberales generaron grandes afecciones en el tejido social, sufrimiento colectivo, afectando la salud individual y de las comunidades. Asimismo, se suman los procesos de explotación desmedida y descuidada de recursos naturales como los de la minería contaminante y la sojización, que repercuten en los

colectivos sociales y se acompañan de desalojos territoriales que afectan la salud mental y física de los pueblos (ZALDÚA et al., 2016).

A partir de la creación de técnicos y profesionales de Terapia Ocupacional en el país, los terapeutas ocupacionales, históricamente, trabajaron con poblaciones excluidas como consecuencia de discapacidades físicas o mentales (PAGANIZZI; MENGELBERG, 2011). No obstante, en las décadas de 1960 y 1970, la formación de la TO y de otras disciplinas, reciben una mirada más crítica y así varios cuestionamientos. Este hecho es uno de los factores que promovió espacios formativos extra-institucionales, como también que las prácticas en comunidad sean alimentadas de nuevos contenidos, en relación con los movimientos sociales y del ámbito sanitario, y por la influencia de otras disciplinas como por ejemplo la psiquiatría social y el psicoanálisis (NABERGOI; BOTINELLI, 2016), cuestiones a las que aludiremos más adelante.

Otros hechos del contexto socio-político que repercutieron en las prácticas de la disciplina fueron la redefinición de políticas de salud, el crecimiento de los índices de pobreza y vulnerabilidad social que afectaron al país. El sector de salud sufrió también un ajuste económico: privatización, descentralización y focalización, quedando mayoritariamente en manos del mercado la asignación de recursos, tanto en lo público como en lo privado, y las poblaciones con necesidades básicas insatisfechas, no se vieron contempladas por estos cambios (CIERI, 1999). Hasta finales de los años 1990, un 20% de la población vivía en condiciones de pobreza, cifra que se aumentó a un 44% en 2001, debido a la profunda crisis política nacional. Como consecuencia, los jóvenes y las mujeres “jefas de familia” fueron los grupos más vulnerabilizados (CEPAL, 2007 apud PAGANIZZI; MENGELBERG, 2011). Estos factores “aumentaron la segregación urbana y contribuyeron a la estigmatización de barrios pobres” (PAGANIZZI; MENGELBERG, 2011, p. 228, traducción nuestra). Además, las zonas rurales quedaron excluidas del acceso a los servicios de salud esenciales (CIERI, 2005).

Dentro de este marco, si bien desde sus orígenes la terapia ocupacional centró sus prácticas en el tercer nivel de atención a la salud (la rehabilitación), el campo de actuación se fue ampliando y evolucionando, construyéndose nuevos espacios de desempeño profesional. De este modo, se generó un movimiento hacia una visión holística de las problemáticas a atender, considerando de modo integrado lo personal, familiar y social del individuo (CIERI, 2005).

Ya en un plano más actual, el cuerpo de terapeutas ocupacionales de Argentina está constituido por unos 5.900 profesionales, de acuerdo con el informe Occupational Therapy

Human Resources Project (WFOT, 2012, apud ZORZOLI; CHAURA; PAGANIZZI, 2014), representado por más de diez asociaciones y colegios profesionales. De acuerdo con la Asociación Argentina de Terapia Ocupacional (AATO), se encuentran en funcionamiento alrededor de quince cursos de Terapia Ocupacional, dependientes de universidades, asociaciones y colegios de nuestra profesión. La oferta académica se concentra en Buenos Aires (60%) y en cinco provincias más: Tucumán, Córdoba, La Rioja, Santa Fe y Mendoza (PAGANIZZI, 2014). En el mapa a continuación (figura 1) se muestran las ciudades provincias y, seguido a éste, un cuadro (cuadro 1) que presenta las instituciones del país que cuentan con la carrera de Terapia Ocupacional, sus años de apertura y el origen de sus financiamientos (público o privado).



Figura 1- Mapa de Argentina resaltando las provincias que cuentan con cursos de TO y su cantidad.

Institución	Provincia	Apertura	Financ.	Materias sobre TOC	Docente
Universidad Nacional de San Martín	Buenos Aires	1959/1999	Público	Dinámicas ocupacionales en la comunidad	A. Cella
				Práctica clínica	
Universidad Nacional de Quilmes	Buenos Aires	1991	Público	TO en comunidad	M. Pellegrini
				Práctica preprofesional	S. Polinelli
Universidad de Buenos Aires	Buenos Aires	1996	Público	Teoría y técnica TO II	M. Metz
				Práctica profesional I	
				Psicología social, de las instituciones y de los grupos	C. Rivarola H. Jac
Universidad Abierta Interamericana	Santa Fe	1996	Privado	Sin información (s/i)	s/i
Universidad Nacional de La Rioja	La Rioja	1995	Público	s/i	s/i
Universidad Nacional del Litoral	Santa Fe	1986	Público	TO en comunidad	F. Donayo E. Fraile
				Práctica preprofesional en poblaciones con derechos vulnerados	C. Testoni L. Alegre, V. Pradolini
				Práctica preprofesional en comunidad	F. Donayo, M.D´Angelo V. Heinrich
				Salud comunitaria (opt)	M.D´Angelo
Universidad Nacional de Mar del Plata	Buenos Aires	1968	Público	TO en prevención primaria y comunidad	M.C. Vega
				Práctica clínica: atención primaria y TO	A. Patrizzi
Universidad del Norte Sto. Tomás de Aquino	Tucumán	2003	Privado	s/i	s/i
Instituto Universitario del Gran Rosario	Santa Fe	2008	Privado	s/i	s/i
Universidad Nacional de Villa María	Córdoba	2012	Privado	Teoría y técnica de TO I	A. Cella
				TO en Comunidad Seminario: Hacia la no violencia: espacios de libertad, género y DDHH	S. Polinelli
Universidad Nacional Juan Agustín Maza	Mendoza	2013	Privado	s/i	S. Polinelli
Universidad Abierta Interamericana	Buenos Aires	s/i	s/i	s/i	s/i
Universidad del Salvador	Buenos Aires	s/i	s/i	s/i	s/i
Universidad Católica de La Plata	Buenos Aires	2011	Privado	Teoría y técnica de TO comunitaria	s/i
				Práctica en comunidad	
				Salud pública	
Universidad Católica de Córdoba	Córdoba	s/i	s/i	s/i	s/i

Cuadro 1- Datos de universidades que imparten la carrera de Licenciatura en TO en Argentina. Fuentes: Adaptado de Bianchi (2015, p. 44-45) y actualizado según sitio web AATO. Las columnas de materias y docentes fueron completadas a partir de comunicaciones con docentes de los cursos.

Si bien, la creación de las carreras universitarias de TO tuvieron que ver cada una con condiciones e historias particulares, podemos mencionar que los cursos iniciales se originaron a partir del contexto socio-sanitario descrito anteriormente (epidemia de Polio, “época de oro” universitaria, etc). Posteriormente un factor favorable para la apertura de nuevas carreras fue la sanción de la Ley de Educación Superior Nro. 24.521, en 1995. Esta ley, entre otros aspectos, responsabiliza al Estado la presentación del servicio de educación superior de carácter público y reivindica la autonomía académica e institucional de las universidades, lo cual propulsa la generación de nuevas carreras, la reformulación de planes de estudios, etc. (ARGENTINA, 1995). Como se puede observar en el cuadro 1, la gran mayoría de los cursos surgen luego de la sanción de dicha ley.

Por otra parte, cabe mencionar que los planes de estudios en general, cuentan con alguna asignatura en el tema de la TO comunitaria (teórica y/o práctica) y, desde 2012, existe la especialidad Terapia Ocupacional Comunitaria en la Universidad Nacional de Quilmes (PAGANIZZI, 2014).

Por otra parte, yendo al terreno donde el trabajo de campo del estudio se desarrolló y donde la maestranda realizó sus estudios de grado, la ciudad de Santa Fe⁶, contó con profesionales de TO mucho antes de que se dictara la carrera, en 1986. En la década de 1940, el Dr. E. Mira y López (quien fundó y dirigió el Hospital General Polivalente que actualmente lleva su nombre), propuso la implementación de la Gimnoterapia-Ludoterapia y la Terapia Ocupacional, describiéndolas en un manual, junto con recomendaciones de la AOTA. Ya en 1959, en el contexto de la epidemia de Polio, una santafesina es becada por ALPI para estudiar TO en Buenos Aires y luego van tres mujeres más. Tras completar la capacitación, en 1961, regresan a la ciudad y se incorporan en diversas instituciones. Posteriormente, en 1981, se inician tratativas para abrir la carrera en la Universidad Nacional del Litoral (UNL). No obstante, recién en 1985⁷ se aprueba la creación de la carrera y comienzan las clases al año siguiente. Cabe valorar en este sentido, que, dado que la carrera fue aprobada sin la asignación de un presupuesto, todos los docentes de esos primeros años trabajaron ad-honorem (WESTMAN, 2011).

Por otro lado, una característica de la ciudad de Santa Fe que no puede pasarse por alto, es que presenta riesgo de inundación dadas sus condiciones geográficas de estar rodeada de ríos

⁶ Es capital de la provincia de Santa Fe, con alrededor de 400 mil habitantes, novena ciudad más poblada del país, y está localizada en la región centro-este, en la costa del río Salado y la laguna Setúbal (PRADOLINI, 2013).

⁷ Varios fueron los factores contextuales que hicieron aplazar la concreción de este proyecto: guerra de las Malvinas, gobiernos golpistas, entre otros, hasta que en 1983 vuelve la democracia (WESTMAN, 2011).

y la falta de obras públicas. Se registran así, en la historia reciente, dos grandes inundaciones (una en el año 2003 y otra en el 2007) que afectaron a cientos de familias, generando problemas de salud pública e importantes pérdidas materiales y simbólicas, principalmente en los sectores más vulnerables, intensificando de este modo sus condiciones de pobreza (ARIÑO et al, 2015). Asimismo, a partir de estas catástrofes hídricas, recursos humanos de la TO (estudiantes, docentes, profesionales) trabajaron voluntariamente junto a los afectados para paliar la situación. Posteriormente, se creó un equipo de terapeutas ocupacionales para estudiar la temática y crear estrategias de abordaje.

Según la TO Westman (2011), estos hechos generaron una tensión en la carrera de TO, que tenía un marcado perfil biomédico, y de algún modo provocaron transformaciones para reconocerla como una profesión interviniente tanto en la salud, como en la educación y la esfera social. No obstante, ya desde los años '90 se implementaban en la ciudad “programas preventivos, promocionales y asistenciales dirigidos a niños, mujeres y familias” (PAGANIZZI, 2014, p. 128) y otras políticas sociales destinadas a sectores de extrema vulnerabilidad social, en las que participan TO para mejorar las condiciones de vida y la validación de los derechos de los ciudadanos (PRADOLINI, 2010 apud PAGANIZZI, 2014). El cuerpo de terapeutas ocupacionales de la mencionada ciudad está formado por unos 570 profesionales aproximadamente, y su formación es concebida como un proyecto educativo y político comprometido para que los egresados consigan comprender y transformar las realidades con las que se encuentran desafiados (WESTMAN, 2011).

Por su parte, de acuerdo con las propuestas más recientes de la Federación Mundial de Terapia Ocupacional, algunos cursos de TO del país se han propuesto incorporar al currículo académico materias y temáticas vinculadas a las políticas públicas y a las problemáticas socio-comunitarias locales, avanzando en una lenta transformación de un perfil profesional de corte biomédico o funcionalista, hacia la inclusión de los fundamentos sociales que adquieren visibilidad y relevancia en el siglo XXI (ZORZOLI; CHAURA; PAGANIZZI, 2014). En esta línea, las autoras Veyra y Cein sostienen que “es un compromiso y un desafío para Terapia Ocupacional, participar activamente en el logro de una nueva sociedad con mejores condiciones de vida” (2005, p. 12) y que resulta necesario fortalecer las comunidades.

Concluyendo, hemos intentado narrar brevemente el contexto socio-histórico en relación a la terapia ocupacional argentina, aspectos de su origen y actualidad. No obstante, es propicio recordar que, como toda narrativa, constituye un recorte posible entre muchos otros.

1.2. La TO socialmente demandada y las preguntas orientadoras de la investigación.

Como todo campo de saber y toda profesión, la terapia ocupacional se encuentra en constante revisión y transformación. En las últimas décadas, ese proceso de cambios se va desarrollando particularmente en torno a una reivindicación de lo social y lo comunitario, conforme van tensionando las crecientes demandas sociales, y la TO se fue volviendo receptiva a ellas. Las prácticas profesionales dejaron de circunscribirse a la rehabilitación de un individuo dentro de las instituciones para atender personas con discapacidad física o mental (áreas tradicionales), tras comenzar a articularse cada vez más con las realidades colectivas, en función de lo que va sucediendo en un marco socio-político e histórico (SALAS et al., 2015). Podría resumirse que esos cambios transitan “de lo individual a lo colectivo; de lo institucional al espacio comunitario y de la sociedad civil y, de los problemas de salud a problemas sociales con efectos en la salud” (SALAS et al., 2015, p. 15). Progresivamente, se fue estableciendo un diálogo más fluido con “lo social”, reconociendo que el origen de las problemáticas ocupacionales se encuentra en la sociedad que habitamos y que afectan la salud, el bienestar, el desenvolvimiento de los proyectos de vida de las personas. En este sentido, la TO argentina Martínez Antón (2000) advertía ya hace años, que la ocupación provoca efectos en todas las personas como integrantes de una cultura, es parte del proceso de producción de subjetividad, deja sus huellas en el cuerpo y genera malestares. Considerando la relevancia de esto, en tanto la participación en ocupaciones también organiza nuestra existencia y da orden al mundo humano, no puede deslindarse un hecho de las condiciones que lo genera, es decir, las problemáticas que las personas encuentran en su cotidiano, de la realidad social que las provoca.

El terapeuta ocupacional, actuando en la sociedad, con las demandas que esta impone, debe dedicarse a promover posibilidades de inclusión, emancipación y participación en la vida social, conciliando “las necesidades individuales, colectivas e institucionales” (MALFITANO, 2016, p. 121, traducción nuestra) a fin de mejorar las condiciones de vida de las personas (KRONENBERG; ALGADO; POLLARD, 2007). Para continuar con este planteo, cabe preguntarse entonces *¿cuáles son las características de la sociedad actual y qué demandas expresa a la Terapia Ocupacional?*

Al comenzar a leer el libro *Cuestiones contemporáneas de la Terapia Ocupacional en América del Sur*, nos encontramos con una serie de observaciones que Alejandro Guajardo (2014) realiza en relación con la interrogación presentada. Reflexionando sobre la realidad latino-americana, este autor describe un contexto social plagado de injusticias, con una masiva violación de los derechos humanos, que genera la exclusión de personas y comunidades de los

intercambios simbólicos y materiales, cargando grandes sufrimientos humanos. Sostiene que nos encontramos en un proceso donde, “lo público se privatiza, lo colectivo y asociativo se precariza, lo comunitario se atomiza, las ideologías y proyectos sociales se reducen a necesidades individuales y particulares” (2014, p. 13-14). Habitamos un escenario socio-político complejo, marcado por la pobreza, la vulnerabilidad social, la violencia, la fragilidad en los vínculos afectivos y sociales, las dificultades crecientes para acceder a la educación, atender la salud, participar en la vida cultural. Esto genera una afección directa a la calidad de vida de las personas, a su bienestar psicosocial y a sus procesos de salud-enfermedad.

En consonancia, Galheigo (2011) apunta que en la actualidad tanto los intereses políticos, económicos, los conflictos étnicos y culturales, como la falta de conciencia sobre las problemáticas sociales, generan subestimación y opresión de ciertos grupos humanos. El neoliberalismo ha aumentado la vulnerabilidad social y avanza invisibilizando a las personas, por lo que atender desde esa óptica a las necesidades y derechos de la población es improductivo. Desde el sector político, en general, las personas son consideradas como objetos para alcanzar sus objetivos, no se las escucha, no se atienden sus problemas de la vida cotidiana y de participación social, no son protagonistas, con derechos, deseos y necesidades. En este contexto, los pobres, las minorías étnicas, las personas con discapacidad o problemas mentales son los colectivos que más sufren la exclusión social. Según la autora, las desigualdades en el ejercicio de los derechos humanos y la participación plena en la vida social son un enorme problema social, que los terapeutas ocupacionales debemos considerar. Urge la necesidad de reunir acciones para enfrentar las causas de estos problemas, por parte de quienes “se sienten ética y políticamente responsable de la mejora de la vida humana de manera sostenible” (GALHEIGO, 2011, p. 64, traducción nuestra). Continuando con los aportes de la citada autora, transformar estos discursos en acciones concretas requiere de un esfuerzo colectivo, un compromiso que la Terapia Ocupacional debe asumir, instrumentando nuevas herramientas teórico-metodológicas.

Así, es imperioso trascender las visiones tradicionales de nuestra disciplina, generar desafíos y explorar nuevos soportes teóricos y estratégicos para los procesos de intervención y transformación que desarrollamos en nuestra sociedad, como también “construir comunidad para hacer frente a la vulnerabilidad generada por el proceso de expansión capitalista” (SALAS et al., 2015, p. 25).

En esta TO latinoamericana, de más de seis décadas cumplidas, va reconociéndose y creciendo la diversidad de la profesión: coexisten distintos fundamentos, metodologías,

cosmovisiones que sustentan diferentes modos de intervenir en el mundo. Concordando con Guajardo y en coherencia con la perspectiva teórica-metodológica de esta investigación, nos interesa pensar y proponer una “democratización del oficio, el conocimiento y el saber” (2014, p.15). Esta premisa, que excede lo conceptual, atravesando una posición ética y política, se afirma en la pretensión de conocer los efectos que generan nuestras intervenciones, como perpetuadoras o transformadoras de las realidades sociales existentes de las personas con las que trabajamos. Se trata de asumir los procesos y efectos de nuestras actuaciones en la producción de sujetos y realidades (GUAJARDO, 2014).

A partir de esta línea teórico-política expuesta, planteamos las siguientes preguntas de investigación:

¿Cómo son los procesos y experiencias que vivencian los usuarios y las usuarias en relación con las propuestas de la Terapia Ocupacional en comunidad en las que participan?

¿Cómo son construidas y definidas estas prácticas por las terapeutas ocupacionales?

1.3. Los conceptos de comunidad y sus tensiones.

Ubuntu [Existo porque nosotros existimos⁸]

Proverbio africano.

El sociólogo Zygmunt Bauman, en su libro *Comunidad: en busca de seguridad en un mundo hostil* (2006), desenvuelve un análisis amplio y preciso sobre el significado de comunidad. Al comenzar, incorpora en sus planteos relatos griegos, como elementos para el análisis, y aporta una característica de distinción -sugerida por Ferdinand Tönnies-, entre la comunidad antigua y la sociedad moderna: en la primera, había un entendimiento compartido por los miembros de la comunidad. Se refiere a esa sensación y vivencia de estar con otros sin necesidad de dar explicaciones, donde hay códigos ya establecidos, que hacen, inclusive, prescindir de las palabras. No son necesarios los acuerdos ni negociaciones, es un entendimiento que “está ahí”, lo que genera un “sentimiento recíproco y vinculante”, que da unidad entre las personas (BAUMAN, 2003, p.15, traducción nuestra). En este sentido, añade que, en la sociedad antigua, no había reflexión, crítica o experimentación sobre esa cualidad, ya que existía una fidelidad hacia la naturaleza de la comunidad. Este autor trae las características descritas por Redfield:

- es diferente a otros grupos humanos, hay una distinción entre “nosotros” y “ellos”;
- es pequeña, la comunicación es densa, y de gran alcance;
- es autosuficiente, dentro de ella, las personas resuelven todas las actividades y necesidades.

Estas cualidades confieren una protección a la comunidad, en relación con los factores que la amenazan.

Son abundantes los hechos que van sucediendo en la historia, que van socavando las posibilidades de vivir en comunidad. Con el surgimiento y evolución de las tecnologías: medios de transporte -cada vez más frecuentes y veloces-, la informática -y sus “redes sociales”-, las comunicaciones y los intercambios son más abiertos, más dirigidos al exterior que entre los propios integrantes de la comunidad. Así, esos rasgos mencionados que daban protección y seguridad se fueron afectando, y esa comunidad de entendimiento común se fue fragilizando (BAUMAN, 2003).

La globalización, las privatizaciones, el consumismo, el individualismo también van resquebrajando las comunidades. Según el autor, el resultado de estos ataques hacia la

⁸ Original en portugués, traducción nuestra.

comunidad fue “[...] la destrucción de los poderes de fijar padrones y papeles de la comunidad de tal forma que las unidades humanas privadas de su individualidad pudiesen ser condensadas en la masa trabajadora” (BAUMAN, 2003, p.30, traducción nuestra). En este contexto, cabe pensar a la globalización como esa red de dependencias que

está adquiriendo rápidamente un alcance mundial, un proceso que no está siendo acompañado por una extensión similar de instituciones viables de control político [...]. La separación entre el poder y la política está estrechamente interrelacionada con el desarrollo desigual de la economía, la política y la cultura (en otros tiempos coordinadas en el marco del estado-nación) (BAUMAN, 2006, p. 53).

De este modo, el Estado ya no centra sus acciones en la integración social y gestión del sistema para la regulación normativa, gestión cultural, relegando dichas tareas a organismos que están fuera de su alcance. En concordancia, Navarrete Salas et al. (2015) sostienen que el Estado va perdiendo fuerzas en el manejo de sus propias políticas económicas, generando dependencia de instituciones internacionales (por ejemplo: Banco Mundial, Fondo Monetario Internacional) y cuyas políticas neoliberales generan más pobreza y dependencia externa.

La crisis capitalista en vigor y los efectos de dichos procesos de globalización van produciendo nuevas formas de segregación y exclusión social, limitando las posibilidades de inclusión de los ciudadanos, como parte del ejercicio de sus derechos. La “hegemonía del individualismo neoliberal” hace de la política la búsqueda de satisfacer intereses individuales reduciendo la dimensión pública de la ciudadanía, dejándola a merced de los mercados (FLEURY, 2012 apud ZALDÚA et al., 2016, p. 57-58).

En la actualidad, en diversos contextos se percibe la carencia de la experiencia de estar en comunidad, entendiendo a ésta no sólo como una agrupación humana, sino como un tejido de vidas compartidas a lo largo de una historia, y de extensas expectativas de interacción e intercambios frecuentes y fluidos (BAUMAN, 2003).

La tendencia hacia la privatización, el consumismo e individualismo, como mencionábamos, crean ciertos lugares de confort para algunas personas, no obstante, vivir la vida en ausencia de una comunidad, genera frecuentemente disconformidad e insatisfacción. Coincidimos con Bauman cuando expresa la tensión que existe en el ser humano respecto a lo comunitario: “La libertad y la comunalidad pueden chocar y entrar en conflicto, pero un compuesto que carezca de uno de ambos elementos no constituirá una vida satisfactoria” (2006, p.73). El hilvanado de estos conceptos y sus problematizaciones desde la perspectiva sociológica de Bauman, posibilitan una aproximación crítica e historizada al significado de

comunidad. No obstante, creemos necesario una mirada más situada y regional sobre el tema, por lo que nos orientamos hacia los trabajos de la autora venezolana Maritza Montero, quien viene discutiendo y ampliando la literatura sobre el asunto desde hace décadas, a partir de la psicología comunitaria. Esta autora también expone la dificultad de conceptualizar a la comunidad, se trata de una tarea que reviste complejidad. Tal es así, que en la década del '50, en las ciencias sociales -campo de casi dos siglos de tradición teórica sobre comunidad-, un estudioso del tema encontró una diversidad de más de noventa definiciones (MONTERO, 2004). No obstante, al pensar en la noción de comunidad, es indiscutible la existencia de relaciones, compartires, interacciones (de hacer, de conocer, de sentir), que tienen más que ver con un sentimiento que con un escenario o lugar. La autora refiere que ese sentimiento está vinculado a lo que muchos autores llaman “sentido de comunidad”, y que se refleja en la expresión “nosotros”. Con respecto a este punto, resultan interesantes las definiciones de comunidad expresadas por un ciudadano y una ciudadana de Caracas, quienes integran comunidades:

Para mí la comunidad o una comunidad es la búsqueda de un punto de encuentro, donde se logran precisar las necesidades de ese ámbito y llegar a ese punto de encuentro, eso en términos más llanos es una comunidad; que te integres con tu vecino, con el que no es vecino [...] entonces llega un momento en que llegas a eso, al punto de encuentro. Allí te detienes y dices nosotros somos una comunidad (SÁNCHEZ, 2000, p. 50 apud MONTERO, 2004, p. 98).

Para mí es un grupo de familias que están integradas y que comparten servicios, que comparten con los vecinos en las buenas y en las malas. Que comparten momentos sociales, la integración con los niños. Para mí una comunidad es este barrio, aquí están reunidos todos los conceptos que caben en una comunidad (GIULIANI; GARCÍA; WIESENFELD, 1994, p. 89 apud MONTERO, 2004, p. 98).

Los fragmentos de las entrevistas de estas dos personas permiten confirmar entonces que esas relaciones que mencionábamos no son sólo entre personas, sino entre personas y lugares, con actividades y experiencias compartidas, con temores y alegrías, pérdidas y conquistas, que sedimentan una memoria colectiva y personal. Es un espacio construido tanto físico como emocionalmente, del que nos apropiamos y nos apropia (MONTERO, 2014).

Montero también incorpora los componentes aportados por Krause, quien sostiene que, para construir el concepto, son necesarios mínimamente tres elementos: pertenencia -que tiene que ver con sentirse parte, identificarse con aspectos de un grupo-, interrelación -en cuanto contacto o comunicación de influencia mutua-, y cultura común -refiriéndose a los significados

compartidos- (KRAUSE, 2001 apud MONTERO, 2004). El citado autor considera que esos tres elementos permitirían una definición ideal orientadora y, si recapitulamos en el reciente encadenamiento de nociones y significados sobre el asunto, percibiremos que, de alguna manera, lo sintetiza.

Reuniendo estas consideraciones, y haciendo una revisión de sus propias y previas definiciones sobre el término en cuestión, Montero esboza el siguiente concepto:

una comunidad es un grupo en constante transformación y evolución (su tamaño puede variar), que en su interrelación genera un sentido de pertenencia e identidad social, tomando sus integrantes conciencia de sí como grupo, y fortaleciéndose como unidad y potencialidad social (MONTERO 2004, p. 100).

Llegado este punto, es importante mencionar que, si bien las experiencias compartidas son un rasgo fundamental de la comunidad, no quiere decir que ellas estén exentas de conflictos y que no puedan generar consecuentes rupturas de lazos y segregaciones, por lo que es necesario evitar conceptos “románticos” o “idílicos” al respecto. Con relación a esto, Wiesenfeld (1997 apud MONTERO, 2004) advierte sobre una supuesta cualidad borrosa de la comunidad, en tanto tiene movilidad, transformación, está en constante construcción y desconstrucción, es algo que no puede ser definitivo y, por ende, difícilmente definido (MONTERO, 2004).

Por otro lado, en este contexto se vuelve imprescindible ubicar un término fuertemente vinculado a lo comunitario, tanto en la TO como en otras disciplinas -fundamentalmente en la psiquiatría democrática con las formulaciones provenientes de Italia-, que es el de territorio (BARROS; LOPES; GALHEIGO, 2007). Esta noción motiva a pensar en las múltiples y complejas relaciones entre un determinado espacio geográfico y los grupos de personas que lo habitan. De este modo, escogimos el concepto propuesto por las TOs Oliver y Barros, quienes entienden al territorio como “la delimitación geográfica de una determinada región, ocupada por una comunidad, incluyendo [...] la constitución histórica local y las relaciones socioeconómicas y culturales allí desarrolladas, donde se observan diferentes formas de vida, de realización de intercambios sociales” (OLIVER; BARROS, 1999 apud LOPES; BORBA; CAPPELLARO, 2011, p. 235, traducción nuestra). No obstante, no nos explayamos en esta conceptualización aquí, ya que será retomada en la revisión panorámica de literatura (capítulo II).

Al hablar de territorio y comunidad, nos interesa traer también a la discusión la noción de “participación comunitaria”, desde una perspectiva de participación popular, donde las personas de una comunidad se involucran en los asuntos locales, creando oportunidades para

contribuir en el desarrollo local y en la distribución más equitativa de los resultados que genera. Resaltamos ahora los principios que la fundamentan: la relevancia otorgada a lo cotidiano - como lo próximo y lo vivido-, el involucramiento de los grupos en la resolución de los problemas y “la conquista de la emancipación social y política de esa población” (BARROS; LOPES; GALHEIGO, 2007, p. 357, traducción nuestra).

Las autoras Scaffa y Reitz, terapeutas ocupacionales de Estados Unidos, han realizado también importantes aportes teóricos -sistematizados en algunos de sus libros-, sobre Terapia Ocupacional y las prácticas en comunidad. Respecto de las acepciones de comunidad, presentan el aporte de Green y Raeburn: “reunión no institucional de personas unidas por objetivos comunes u otros propósitos” (1990 apud SCAFFA; REITZ, 2014, p.5, traducción nuestra), y de O`Connell: “espacio donde personas piensan por sí mismos, sueñan sus sueños, y van juntos para crear y celebrar su común humanidad” (1988 apud SCAFFA; REITZ, 2014, p.5, traducción nuestra). Las autoras concuerdan con Nisbit (1972), en que los sujetos no se unen en comunidad sólo para estar juntos, sino que se reúnen para hacer aquellas cosas que no puede concretarse fácilmente estando aislados (SCAFFA; REITZ, 2014). Si bien estos conceptos presentados por las TO norteamericanas son más acotados, simplistas y hasta en cierto punto, idílicos, orientan hacia una perspectiva ligada a lo ocupacional. De este modo, sostenemos que debemos ampliar y profundizar ese camino en el tratamiento de las definiciones de comunidad al interior de la TO. La empresa es compleja, entendida en los términos de complejidad de Morin (2003), en tanto hay muchos hilos tejidos juntos y resulta un “desafío y una motivación para pensar” (MORIN, 2014, p. 176, traducción nuestra). Cada disciplina sociológica, antropológica, psicológica, etc., la estudia a partir de una perspectiva particular, dejando de relieve nuevos aspectos que amplían, complejizan y reconfiguran su entendimiento. Así es que desde la TO también vamos intentando explicar este concepto, bebiendo de esas fuentes, pero aportando una visión singular, vinculada al hacer humano, las ocupaciones y el cotidiano de las personas y los colectivos.

Finalmente, creemos entonces que es preciso reflexionar y profundizar las discusiones y construcciones conceptuales sobre el tema al interior de la terapia ocupacional, desde un enfoque ocupacional y contextualizado, situado en nuestras realidades latinoamericanas.

1.4. Las prácticas de Terapia Ocupacional en comunidad y sus escenarios de despliegue.

Habiendo discurrido en las conceptualizaciones sobre comunidad y otros términos asociados, se torna necesario ahora dar cuenta cómo fue el proceso de construcción de las prácticas de TO en comunidad en la región sudamericana, las disciplinas y movimientos sociales que de algún modo abonaron su génesis.

Según Montero, a finales de los años 1950, se expandía en América Latina un movimiento de las ciencias sociales y humanas, que impregnó a la sociología de una mayor militancia y compromiso social que sesgaron la dirección de la misma hacia los sectores oprimidos y más necesitados (2004). En el campo de la Terapia Ocupacional sudamericana, por su parte, es a finales de 1960, que surgen las primeras prácticas dentro de lo socio-comunitario y político. Estas transformaciones fueron parte de un proceso paulatino mayor encabezado por la reforma psiquiátrica, la anti-psiquiatría, el movimiento de “Guerra a la Pobreza”, programas de desarrollo urbano, los cuestionamientos a los programas sociales de beneficencia (MANN, 1978 apud MONTERO, 2004; GARLITO et al., 2015). Así, la llamada salud mental comunitaria y el modelo comunitario en salud mental promovieron no solo la desinstitucionalización de las personas internadas en los hospitales psiquiátricos sino, además, de las disciplinas que las abordaban, entre ellas, la TO. Las intervenciones comenzaron a desarrollarse cada vez más en el barrio, la comunidad, clubes, organizaciones comunitarias (GARLITO et al., 2015). En este sentido y considerando el territorio argentino, fue a partir de los años 60 que se desarrollaron las primeras comunidades terapéuticas, donde luego se incluirían las/os TO (a lo que nos referiremos más adelante). Al hablar de este tipo de abordajes, que conformaban una alternativa al encierro y vulneración de derechos que suponían los hospitales psiquiátricos, es ineludible mencionar al Dr. Goldenberg, pionero a nivel nacional e internacional en intervenciones y programas alternativos dentro de la SM y psiquiatría, principalmente de tipo comunitario. Carpintero y Vainer (2005) abordan estos temas contemplando la complejidad socio-política de los años 70 en el país, desde la perspectiva del psicoanálisis y la salud mental, y describen a las comunidades terapéuticas del siguiente modo⁹:

Implicaba que toda la comunidad, y no sólo los profesionales, estaban a cargo de la rehabilitación. Por lo tanto significaba una redistribución del poder entre los distintos miembros del sistema para lograr la resocialización del paciente

⁹ Si bien no se expone un concepto específico desde esta línea de la SM sobre “la comunidad” o “lo comunitario”, por la dificultad que implica hallarlo, nociones como las de “comunidad terapéutica” permiten comprender el modo en que son trabajados.

como meta y finalidad del trabajo en conjunto. La asamblea de la comunidad terapéutica era el eje del tratamiento. En la misma se presentaba a los nuevos integrantes, se deliberaba sobre los distintos aspectos de la vida institucional y se consideraban permisos de salidas y altas. (2005, p. 151)

Comentan también, que la coordinación de las asambleas estaba a cargo de distintos profesionales y pacientes, de modo rotativo (CARPINTERO; VAINER, 2005).

En la década de 1970, en la TO se gestaba un pensamiento político que fue coartado por aquellos procesos casi devastadores que significaron los golpes militares (ya desarrollado en la contextualización inicial, cap. I). Recién a mediados de los años 1980, luego de la vuelta de la democracia, se inauguraron otros procesos de desarrollo en la disciplina: nuevas instancias de formación (ej: residencias interdisciplinarias), prácticas hospitalarias, comunitarias y sociales que “expresaron la innegable consideración de los determinantes sociales en los procesos de salud y enfermedad” (PAGANIZZI, 2015, p. 274).

De este modo, para hablar de las prácticas en comunidad de la terapia ocupacional argentina, es ineludible hacer referencia al estudio realizado por Patricia Cieri y publicado en el año 2005 en el Boletín de la Federación Mundial de Terapia Ocupacional, sobre la historia, y evolución de la Rehabilitación Basada en la Comunidad y la Atención Primaria de la Salud en Argentina. Apelaremos entonces a estos aportes, principalmente y a otros, donde destacamos también los de Liliana Paganizzi (2014, 2015).

1.4.1. La Rehabilitación Basada en la Comunidad, la Atención Primaria de la Salud y la Salud Mental Comunitaria: preludios de la Terapia Ocupacional Comunitaria argentina

La RBC y la APS van de la mano.

La Rehabilitación Basada en la Comunidad (RBC) se origina en Europa a finales de los años 1960, época en la que surge también la Atención Primaria de la Salud (APS). Esta última, presta servicios esenciales de asistencia sanitaria en una comunidad, debiendo resultar accesible a toda la población. La RBC se implementa principalmente en países de Eurasia y África, con la dirección del médico sueco Dr. Hellander, quien ocupaba el cargo de Director de Rehabilitación en la Organización Mundial de la Salud (OMS) (LOZA, 1994, apud, CIERI, 2005; FRANSEN, 2007). Los programas iniciales de RBC se enfocaban en la fisioterapia, las intervenciones médicas y quirúrgicas, aunque algunos desenvolvían además actividades educativas y capacitaciones de habilidades o programas para generar ingresos (OMS, 2012).

En 1978 se celebra la conferencia de Alma-Ata (en la antigua Unión Soviética), primera declaración internacional que defiende la APS como estrategia fundamental para alcanzar la meta de “Salud para todos” de la OMS y donde se pronuncia la urgencia por tratar el grave problema de la discapacidad en los países en desarrollo (FRANSEN, 2007; OMS, 2012). A partir de esto, la OMS incorpora oficialmente el concepto de RBC y ésta cobra un nuevo enfoque, pasando de la atención del tercer nivel (rehabilitación clásica) a la atención primaria de la salud. Además, se centra en la participación de la comunidad, procurando que ésta se apropie de la salud, entendiéndola como el uso eficaz de los recursos con los que cuenta cada colectivo, el cual debe movilizarse para obtener mejores condiciones de vida (CIERI, 2005). La iniciativa se replicó en organizaciones gubernamentales y no gubernamentales de países con diferentes contextos socioeconómicos, culturales y políticos, usando los principios básicos de transmisión de conocimiento a las personas con discapacidad y sus familias, valorando a la comunidad como ente activo para generar acceso a la educación, a la formación vocacional y al trabajo (FRANSEN, 2007).

En este sentido, resulta importante entender, como aclara el destacado sanitarista argentino Mario Testa, que al instalarse estos programas es necesario considerar la contextualidad, que se da, primeramente, por el sistema de salud en que se encuentran instalados. Es decir, si bien hay una significación ideológica como la que existe en los documentos de la OMS sobre la atención de la salud, el sistema en el que se establece le da la significación concreta en el nivel de la organización sectorial. Por ejemplo, en los países en desarrollo, como es el caso de Argentina, el sistema de salud se caracteriza por una escasez de recursos, una incoherencia entre las formas organizativas y los objetivos que se buscan, lo que habla en general de un sistema de salud ineficaz e ineficiente (TESTA, 1988). Esta condición revela la dificultad que tienen estos programas de salud para desenvolverse de forma exitosa. No obstante, los líderes comunitarios se vuelven muy importantes en tal proceso, facilitando comunicaciones entre la comunidad y el equipo de profesionales, como también participar de la red de organizaciones del territorio es fundamental para coordinar los diferentes servicios. Así se genera un interjuego interdisciplinar e interinstitucional que enriquece el trabajo y se vuelve un tejido propicio para que la Terapia Ocupacional potencie su rol social y político, desde el cual “la problemática a abordar definirá la metodología con la cual se va a intervenir” (CIERI, 2005, p. 36).

En el año 1979, la Directora Nacional de Rehabilitación, Dra. Amate de Esquivel, trajo desde México para Argentina el Programa de RBC implementado por el Dr. Hinley Smith

(Consultor Regional en Rehabilitación para América Latina y el Caribe de la Organización Panamericana de Salud), exponiendo los manuales de Tecnología Simplificada a los representantes provinciales de rehabilitación. El programa comenzó a desarrollarse en tres provincias que estaban realizando Atención Primaria de la Salud en Áreas Rurales: La Rioja, Jujuy y Neuquén. En esta etapa inicial aún no se contaba con la participación de terapeutas ocupacionales (CIERI, 2005). Esta autora menciona resumidamente las acciones realizadas:

-Se adaptó el primer Manual de OPS, a la realidad del país. -Se capacitaron agentes sanitarios en las tres provincias seleccionadas. -Desde 1979 hasta 1996 se detectaron 11.600 personas con discapacidad. El porcentaje de discapacidad hasta el '93 fue del 5 %, y en 1996 era del 6%. -Solo 8.559 personas ingresaron a la RBC. -En 1993 el costo de RBC por cada persona era \$0,67, en el servicio rural; \$2,68 a 3 en el servicio de capital y \$50 en un servicio hospitalario (valor de paridad peso-dólar: 1 a 1). -En Jujuy duró hasta 1986, pero en la actualidad, permanecen agentes sanitarios capacitados, que aún detectan problemas. No hay ningún T.O. entre ellos. -Neuquén, con una interrupción entre el 1989 y el 1994, reinició, capacitando simultáneamente a Agentes Sanitarios y profesionales en el 18 y el 28 nivel; armaron un taller de ortesis y prótesis (CIERI, 2005, p. 36-37).

Además de estas acciones a nivel local, se realizaron capacitaciones a los responsables de rehabilitación de la Región del Cono Sur y América Central, a cargo de las Dras. Amate y Guzmán Loza, de los Drs. Coronel y Jure, de la TO Liliana Canulli y de la Lic. Victoria Mattamoro. Así, la TO Canulli, coordinadora de la carrera de Terapia Ocupacional de la Universidad Provincial de La Rioja, imprimió un importante trabajo desde la disciplina, en los países en los que se realizó la capacitación para la Rehabilitación Basada en la Comunidad (CIERI, 2005; PAGANIZZI, 2014).

Fue entonces en la época de la dictadura militar y cuando se daba una interrupción del progreso social, que esta nueva estrategia comienza a implementarse en el país. Y es en 1981 cuando se integra la Terapia Ocupacional al Programa de RBC, por la iniciativa de la mencionada TO Canulli. Desde ese año, según Cieri “[...] la participación de TO en la RBC, fue fundamental, ya que le brindó a la misma la mirada holística e integradora, optimizando de esta manera las acciones que ya se venían llevando a cabo, a través de un rol protagónico” (2005, p. 37). Así, si bien por muchos años las prácticas de la profesión se centraron en el tercer nivel de atención (rehabilitación física y mental), el ámbito de actuación fue evolucionando y así construyéndose nuevos espacios de abordaje (CIERI et al. 1999, CIERI, 2005).

Posteriormente, ya en tiempos de democracia, continuó la crisis socioeconómica, el sector público contaba con escasos recursos humanos y financieros, la infraestructura física y

tecnológica estaba también en decadencia. En la población aumentaban las problemáticas de salud mental (adicciones, violencia familiar, etc.), las patologías relacionadas con la pobreza y “las internaciones por ‘razones sociales’” (CIERI et al., 1999, p. 29), también las discapacidades crónicas se profundizaban por discontinuar los tratamientos. Así, a partir del estallido social de 1988 que afectó a los sectores de clase media y baja, pero principalmente al conurbano bonaerense “manifestado a través de los saqueos y las ollas populares, se abre una nueva vertiente desde Terapia Ocupacional, siendo una de sus principales referentes, la TO Adriana Cella” (CIERI, 2005, p. 39). Se inicia en esa realidad crítica el abordaje comunitario en el marco de la APS, en promoción, prevención y atención.

Esta se distingue de la RBC por atender otro tipo de problemáticas emergentes del contexto social. La citada autora detalla algunas experiencias relevantes del área:

Desde 1989 y hasta 1995, la TO Adriana Cella, desarrolló, dentro del Programa de Emergencia Nacional, las etapas de investigación y asistencia en comedores comunitarios. De 1997 al 2002, la misma, continuó con la temática en el Noroeste Argentino. En la actualidad trabaja en promoción, prevención y asistencia en la Provincia de Buenos Aires.

Este importante cambio en el campo de intervención de la profesión hacia las problemáticas sociales, produjo el desarrollo de trabajos en el área de salud comunitaria en zonas urbanas y periurbanas de grandes ciudades. (2005, p. 39).

Estas prácticas cuestionaban el modelo tradicional de atención de la salud y, si bien la construcción de las mismas era muy compleja en la época de crisis que presentaba el país, su fundamento era claro, entendiendo al sujeto como “un ser de necesidades que sólo se satisfacen socialmente a partir de la transformación de sus condiciones concretas de existencia” y que al cubrir esas necesidades va logrando su salud (CIERI et al., 1999, p. 36).

De este modo, las/os terapeutas ocupacionales de Argentina han participado de modo fragmentado pero ininterrumpido en estos programas de APS y RBC desde la década de 1980. Así, la incorporación de los terapeutas ocupacionales en dichos programas se desenvuelve, podría decirse, en dos vertientes: una vinculada a la identificación y tratamiento de las personas con discapacidad y otra surgida para atender a los grupos de personas en situación de vulnerabilidad social, cada vez mayores, debido a las diferentes crisis socio-políticas del país (PAGANIZZI, 2014).

La impronta de la Salud Mental Comunitaria.

De modo casi paralelo, en el campo de la salud mental -como mencionamos anteriormente-, con las políticas de la reforma psiquiátrica implementadas en los países “desarrollados” (EEUU, Francia, Italia e Inglaterra) desde la década de 1960 y a lo largo de los ’70 y ’80 se planteó un nuevo modelo de atención basado en la comunidad, procurando atender a las personas con problemáticas en salud mental en sus contextos comunitarios y evitar así la exclusión e institucionalización. Se promovieron a partir de ello diversos movimientos sociales que reclamaban por los derechos humanos de las personas con trastorno mental, y así se delinearon las estrategias de Rehabilitación Psicosocial, basándose en el concepto de Rehabilitación Integral: conjunto de intervenciones psicosociales para la mejora de la autonomía, la integración del sujeto en su entorno y su participación social dentro de un sistema de servicios comunitarios (PAGANIZZI, 2014). Algunas experiencias iniciales de terapeutas ocupacionales en rehabilitación psicosocial de nuestra región se sitúan en Campinas y Santos (Brasil), Iquique (Chile) y en el sur de Argentina. Para puntualizar, en el país argentino, fue a partir del año 1967, con los primeros concursos de cargos para TO en instituciones de salud mental, que las TO comienzan a incluirse y participar del desarrollo de experiencias en comunidades terapéuticas. Algunos antecedentes que podemos nombrar de ello son: TO Rosa Dato en el Hospital Roballos –actualmente denominado Hospital Escuela de Salud Mental- (Entre Ríos), TO Raquel Menconi en Colonia Federal (Entre Ríos) y la TO Lila Peña en el Hospital Sauce (Mendoza), quien participó en la creación de la Comunidad Terapéutica de ese hospital. Además de la participación de TOs en las experiencias comunitarias desarrolladas por el Servicio de Psicopatología del Hospital Arazo Alfaro de Lanús, Buenos Aires (a cargo de Mauricio Goldenberg) y en los espacios que funcionaban con modalidad de comunidad terapéutica (como el dirigido por Jorge García Badaracco) (NABERGOI, 2013). No obstante, “la atención terciaria lidera aún las prestaciones en salud mental. La atención comunitaria resulta todavía incipiente, fragmentada y artesanal [...]” (PAGANIZZI, 2015, p. 1). Según la citada autora este proceso ha sido de evolución lenta, ya que los programas de rehabilitación psicosocial no se han incluido como estrategias de salud, sino que el mérito de estos avances es de los propios profesionales que “desde los dispositivos de atención terciaria han creado alternativas de inclusión social [...]” (2014, p. 125).

1.4.2. Sobre las prácticas comunitarias de Terapia Ocupacional en Argentina y la región.

Como exponíamos en las páginas anteriores, las prácticas comunitarias de Terapia Ocupacional en Sudamérica no son recientes, las primeras experiencias datan de finales de 1960, desarrollándose con diferentes poblaciones y fundamentos. No obstante, éstas eran escasas y sin sistematización (BARROS; LOPES; GALHEIGO, 2007).

Según Oliver et al. (2016) - brasileñas referentes en el área -, las prácticas de TO en comunidad pueden ayudar a afrontar las problemáticas en la vida cotidiana y territorios de las personas con discapacidad y de aquellas en situación de ruptura de las redes sociales y de soporte. Para ello, aclaran, es indispensable entender estas condiciones de exclusión, no como un problema individual, sino como parte de un proceso social. Así, al intervenir, el foco es la colectividad y no una persona en singular (BARROS; LOPES; GALHEIGO, 2007). De este modo, las actividades y ocupaciones de ese colectivo también deben ser entendidas desde esa dimensión, de construcción social, generadas en relación con otros sujetos y objetos, cuya interrelación produce identidades, sentidos y significados (RAMUGONDO; KRONENBERG, 2013 apud PALACIOS, 2017). Desde esta línea, “las prácticas comunitarias de Terapia Ocupacional se expresan en la vida cotidiana de territorios concretos, siendo la cotidianidad de las comunidades, del barrio, la población, la familia y sus relaciones, una trama donde se producen las ocupaciones colectivas” (PALACIOS, 2013a apud PALACIOS, 2017, p. 75)

Volviendo al terreno de las prácticas en Argentina, es en la década de los ‘80 que se inaugura el área de Terapia Ocupacional Comunitaria, aparentemente, como una especialidad, “ligada a un territorio geográfico- el barrio- y destinado a personas con discapacidad y/o con necesidades básicas insatisfechas y en primer Nivel de Atención” (PAGANIZZI, 2015, p. 24). Si bien el crecimiento del área en ese período fue de gran relevancia, ampliándose en la década siguiente, no fue sin altibajos y luchas para sostener las actuaciones en esos espacios (CIERI, 2005).

Luego, en el 2000, el nuevo milenio se inauguraba atravesando una crisis sociopolítica y económica que ensanchó la desigualdad social argentina. Así, en el 2001 los índices de pobreza aumentaron significativamente, siendo los jóvenes y las mujeres jefas de hogar de las zonas urbanas quienes conforman el grupo de mayor vulnerabilidad social. En este panorama terapéuticos ocupacionales de diferentes puntos del país “se incorporan al trabajo con personas en situación de riesgo social en la comunidad o bien son atendidas en los efectores de segundo y tercer nivel cuyo perfil de población se modifica en función de las crisis mencionadas”

(PAGANIZZI, 2015, p. 26). Cieri (2005) aclara, que muchas de estas propuestas fueron sostenidas por el esfuerzo y compromiso de los profesionales que las llevaban a cabo.

Estas prácticas, entonces, tienen un trayecto de más de 30 años en Argentina, y si bien se trata de un camino ininterrumpido, aparenta ser pequeño y fragmentado, principalmente por la escasa disponibilidad de material y las dificultades “para acceder a los antecedentes publicados en libros y anales de congresos nacionales y regionales” (PAGANIZZI, 2015, p. 22). De esta manera se torna preciso reunir, organizar y difundir los antecedentes que conforman nuestra historia y las producciones teóricas y empíricas que configuran la actualidad de la profesión, fundamentalmente de la Terapia Ocupacional Comunitaria, por la vacancia que presenta, área que

nos lleva a un replanteo permanente de las líneas de pensamiento que permitan direccionar el análisis hacia la comprensión e interpretación de la realidad social, histórica y cultural en que vivimos, sobre cómo recomponer estos lazos sociales, identificar las situaciones problemáticas y desanudar creativamente los aspectos críticos que impactan en el desarrollo humano (METZ, 2013, p. 13)

Por lo expuesto, para esbozar una sistematización y conocer con mayor amplitud lo que los terapeutas ocupacionales vienen produciendo sobre los conceptos de comunidad y prácticas comunitarias y sus fundamentos, tal como las intervenciones del área, desenvolvimos una revisión panorámica de la literatura (capítulo a continuación).

CAPÍTULO II:

Revisión panorámica de la literatura.

2. Revisión panorámica de la literatura.

2.1. Procedimientos metodológicos.

Se realizó una revisión panorámica de literatura o *scoping review* (ARKSEY; O'MALLEY, 2005). Este tipo de revisión aborda temas amplios donde diferentes diseños de estudio pueden ser sintetizados. La idea central es describir y organizar la producción científica de un modo abarcador sobre un determinado tópico, por lo que no se evalúa la calidad de los trabajos incluidos sino la extensión del tópico. Las citadas autoras mencionan cuatro razones para realizar una revisión panorámica:

-Para identificar la naturaleza, extensión y rango de estudios disponibles de la literatura relativos al tema. No necesariamente describe los resultados de un modo pormenorizado, pero sirve para mapear las áreas de estudio en las que la amplitud del material disponible no es de fácil acceso.

-Para evaluar la posibilidad y valor de desarrollar una revisión sistemática completa. En este caso, se pudo hacer una cartografía previa de la literatura para definir si es viable y relevante realizar una revisión sistemática completa.

-Para sintetizar y divulgar los hallazgos de la investigación. Aquí resulta necesario describir en detalle los resultados y alcance de la investigación.

-Para reconocer lagunas en la literatura. La actividad de divulgación se extiende un poco más allá, planteando conclusiones a partir de la literatura existente, considerando el estado de la actividad de investigación completa.

Se trata de un modelo de síntesis de conocimiento indicado para los primeros estudios sobre un determinado tema, y sería éste precisamente el caso de las prácticas de las/os terapeutas ocupacionales realizadas en ámbitos comunitarios en América Latina.

De acuerdo con la metodología preconizada por Arksey y O'Malley (2005) el procedimiento se desarrolló en cinco fases: I. identificar la pregunta de investigación, II. seleccionar los artículos relevantes a ser analizados, III. consolidar la muestra, IV. extraer datos de los artículos de acuerdo con la pregunta de investigación, V. incorporar un análisis numérico/temático y el relato de los resultados. Además, un sexto paso fue realizado, exclusivamente para la búsqueda de material en español, al que aludimos abajo.

Las preguntas de investigación que orientaron la revisión fueron: *¿Cómo se presenta la producción científica de los terapeutas ocupacionales en relación con sus prácticas comunitarias? ¿Cuáles son las características de estas intervenciones en América Latina?*

La búsqueda de los artículos se inició utilizando el Portal de Periódicos de la Coordinación de Perfeccionamiento de Personal de Nivel Superior (CAPES), que engloba las bases de datos internacionales más importantes del área (SciELO, LILACS, entre otros). Considerando el bajo número de artículos recuperados en español (2), se decidió utilizar estrategias de búsqueda adicionales, que mencionamos aquí y desarrollamos más abajo: 1). elaboración y envío de un cuestionario destinado a informantes clave (apéndice I); 2). búsqueda exhaustiva en las revistas de Terapia Ocupacional en español que están hoy en circulación en América Latina: Revista Argentina de Terapia Ocupacional, Revista Ocupación Humana (Colombia), Revista Chilena de Terapia Ocupacional y Revista ContextO (Chile).

Fueron incluidos estudios empíricos, teóricos y relatos de experiencia desarrollados por terapeutas ocupacionales publicados en portugués y español entre 2006-2016. Los parámetros temporales se justifican en nuestro interés por conocer las intervenciones más recientes de los/as terapeutas ocupacionales. Los descriptores utilizados fueron: terapia ocupacional, comunidad, prácticas, intervención y terapia ocupacional social, tanto en portugués como en español.

Sobre las estrategias adicionales de búsqueda mencionadas:

1). Se elaboró un cuestionario simple destinado a informantes clave (cuadro 2) y a las asociaciones de terapia ocupacional de América Latina y sus delegados – con excepción de Argentina, Chile y Brasil, de donde ya se contaban con un número de artículos suficiente - (cuadro 3), solicitando trabajos escritos por terapeutas ocupacionales sobre la temática (ARKSEY; O'MALLEY, 2005). El cuestionario consta de tres preguntas que solicitan:

- que se detallen los datos básicos (autor/a/es, título del trabajo, mes y año publicado/presentado, lugar de publicación/presentación) de investigaciones o artículos de su autoría presentados en congresos/simposios, libros o revistas científicas que comprenda como tema Terapia Ocupacional y prácticas comunitarias, durante la década 2006-2016.

- que se detallen los mencionados datos de investigaciones o artículos, de colegas que hayan tratado sobre la temática, durante la década 2006-2016, en caso de que conozcan.

- compartir dichos trabajos con la maestranda, adjuntándolos al e-mail o que se detalle el lugar donde se pueda obtenerlos.

En los siguientes cuadros se presenta información sobre el envío de los cuestionarios por e-mail a los/as terapeutas ocupacionales considerados/as informantes clave (cuadro 2) y a las asociaciones de terapia ocupacional de América Latina y/o sus delegados – con excepción de las de Argentina, Chile y Brasil- (cuadro 3).

País de origen	Cuestionarios enviados a TOs	Respuestas recibidas	Artículos aportados por TOs
Argentina	20	12	25
Chile	5	4	10
Colombia	11	5	3
Venezuela	2	----	----
Total	38	21	----

Cuadro 2 – Cuestionarios enviados a terapeutas ocupacionales considerados informantes clave.

País de origen	Cuestionarios enviados	Respuestas recibidas	Artículos aportados por asoci./delegado
Colombia	1	1	1
Costa Rica	2	----	----
México	2	----	----
Panamá	3	----	----
Perú	2	----	----
Puerto Rico	2	----	----
Uruguay	2	----	----
Venezuela	2	----	----
Total	16	1	1

Cuadro 3 – Cuestionarios enviados a las asociaciones de TO de América Latina y sus delegados.

2). Se realizó, además, una búsqueda exhaustiva en las revistas de Terapia Ocupacional que se encuentran hoy en circulación en América Latina en lengua española: Revista Ocupación Humana (Colombia), Revista Argentina de Terapia Ocupacional, Revista Chilena de Terapia Ocupacional y Revista ContextTO (Chile). Se leyeron todos los títulos de los artículos de cada número de las cuatro revistas mencionadas del período abarcado (2006-2016) y se preseleccionaron 9 artículos relativos al tema.

Una vez hecha la recolección de los artículos a través de las estrategias de búsqueda combinadas (base de datos, revistas latinoamericanas de TO en español y consulta a informantes clave), se leyeron nuevamente los títulos y los resúmenes y fueron excluidos aquellos que no se referían a prácticas de terapia ocupacional comunitaria o social y se referían, en cambio, a prácticas realizadas fuera de la comunidad y revisiones de literatura. Las búsquedas fueron realizadas por la maestranda y una doctoranda del PPGTO, la primera se responsabilizó por la revisión de los artículos en español y la segunda por los artículos en portugués. Cuando surgieron dudas sobre la inclusión de un artículo en la muestra, hubo una segunda lectura de los resúmenes, bien como un consenso entre las autoras para garantizar confiabilidad en la decisión

final. Posteriormente, los artículos incluidos en la muestra fueron leídos en íntegro, a fin de proceder al análisis temático. La descripción y análisis de los artículos fue organizada en un modelo matricial (GARRARD, 2016) en un archivo del programa Microsoft Excel®, conteniendo las siguientes columnas: título, autores, fecha y lugar de la publicación/presentación, objetivos/propósito/pregunta de investigación, población, localización, estrategias utilizadas, principales resultados, recomendaciones y preguntas para otras investigaciones. Además, fueron extraídas informaciones en relación con los conceptos desarrollados sobre las prácticas comunitarias.

En resumen, y como se muestra en el flujograma a continuación (figura 2), de los 331 trabajos en portugués y español obtenidos por las estrategias combinadas de búsqueda, 297 fueron recolectados por medio de las bases de datos, 25 fueron obtenidos a través de la ayuda de los informantes clave y 9 fueron extraídos de las revistas de Terapia Ocupacional Latinoamericanas en español. Después de ser aplicados los criterios de inclusión y exclusión, 58 artículos fueron incluidos en el análisis.

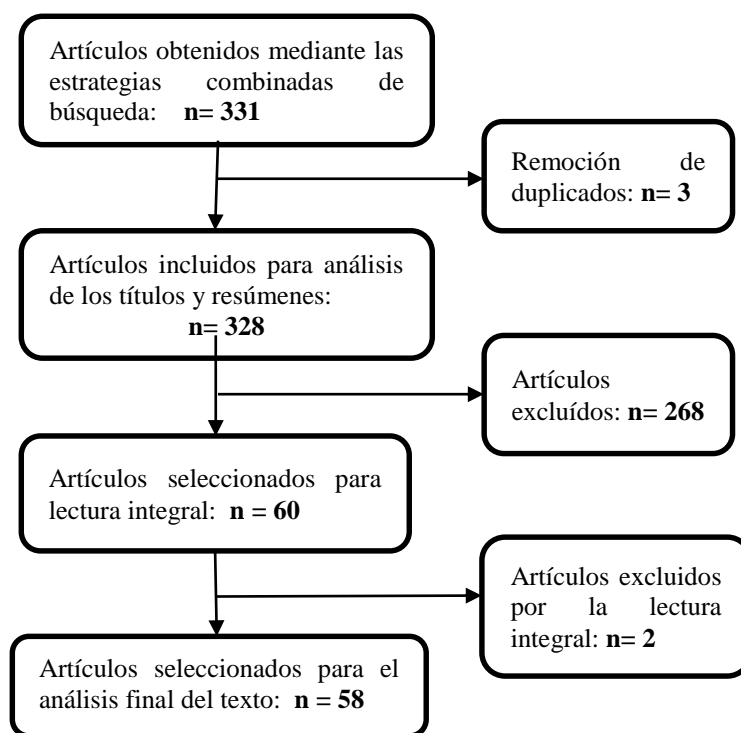


Figura 2 – Diagrama de flujo de la búsqueda de literatura, inclusión y exclusión de artículos.

Un análisis temático de los textos fue realizado, buscando responder las dos preguntas de investigación (BRAUN; CLARKE, 2006).

2.2. Resultados y discusión.

Los estudios sobre las prácticas comunitarias de las/os terapeutas ocupacionales: una tipología.

Los 58 trabajos incluidos en la revisión para el análisis del texto en íntegro, publicados o presentados entre los años 2006 y 2016, son: 23 (39,65%) de Brasil, 23 (39,65%) de Argentina, 10 (17,3 %) de Chile y 2 (3,4%) de Colombia, como muestra la imagen de abajo (figura 3).



Figura 3- Porcentajes y países de origen de la literatura analizada.

Además, como se muestra en el gráfico 3, los artículos encontrados de Argentina son, mayoritariamente, relatos de experiencia (52,2%), seguido de artículos teóricos (26 %) y de investigación (21,7%). Las publicaciones de Brasil, en cambio, son principalmente artículos de investigación (65,2%), secundariamente relatos de experiencia (20,8%) y en menor cantidad artículos de orientación teórica (12,5%). En la literatura chilena, prevalecen las publicaciones de investigación, mientras que las publicaciones colombianas se distribuyen igualmente entre

investigación y relato de experiencia. Se observa, además, que en los años recientes la producción sobre la temática ha aumentado, ya que un 60% del material analizado se concentra en los últimos cuatro años del período abarcado, es decir de 2012 a 2016.

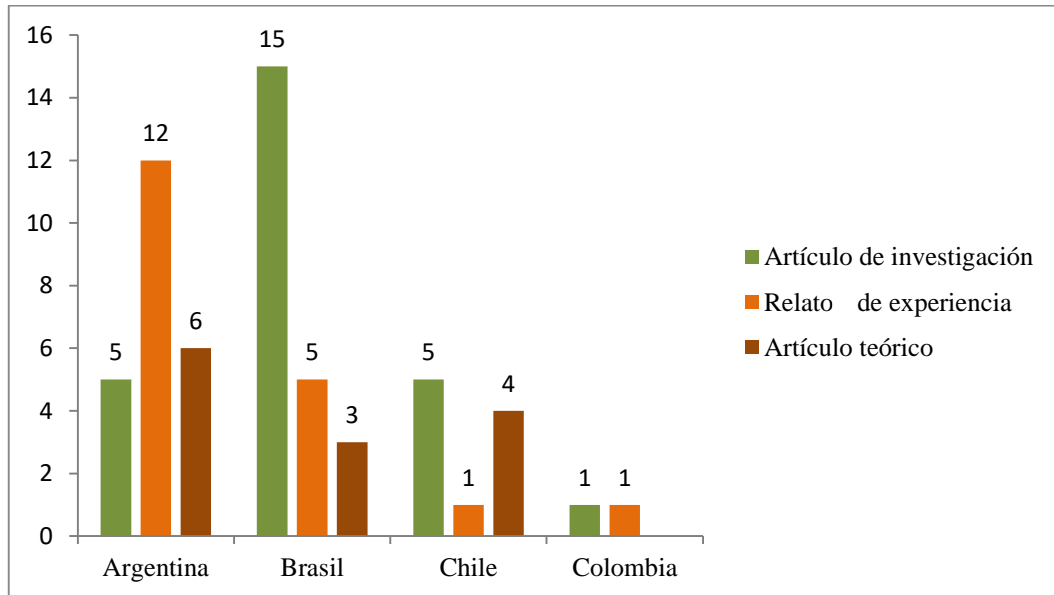


Gráfico 3- Tipos de trabajo y cantidad por país.

Se denota, asimismo, que, entre las investigaciones incluidas, la mayoría es de naturaleza cualitativa (88,8%), dos estudios son de tipo mixto (cualitativo-cuantitativo) y sólo en uno se utilizó delineamiento cuantitativo. Este dato demuestra la carencia de estudios cuantitativos que puedan complementar los estudios de naturaleza cualitativa (MINAYO, 2010), con datos numéricos que reflejen un panorama de la situación general de las prácticas en comunidad de terapeutas ocupacionales.

Presentamos a continuación los datos generales de la literatura analizada, respecto a: lugar donde fue publicada/presentada, autores y año (cuadro 4).

Lugar de presentación/publicación	Autor/a/es	Año
Congresos de Terapia Ocupacional	Narvaez, S.	2015
	Chaura, L. E.	2015
	Paganizzi, L.	2015(2);2009
	Zorzoli, F. J. M; Chaura, L. E.	2013
	Palacios Tolvett, M.	2013
	Vega, M. C. et al.	2013; 2010
	Arenaza, M.V.; Pradolini, V.; Serra, C.	2007
	D´Angelo, M.	2007
Robles, G.O; Sales S., Caraffa, M.J.	2007	
Congresos de otras disciplinas: Psicología, Sociología, Salud y población	Metz, M. I.	2013
	Pradolini, V.	2009
	Vega, M. C. et al.	2009
Revista Argentina de Terapia Ocupacional	Spampinato, S. B.; Testa, D. E.	2016
	Yujnovsky, N.	2016
Revista Chilena de Terapia Ocupacional	Arévalo H., M.; Yáñez A., J.	2016
	Pino Morán, J; Ceballos Concha, M.	2015
	Muñoz Muñoz, C. G.	2014
	Ossandón, M. P.	2014
	Oyarzun S, N. et al.	2009
Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional	Silva, R. A. S.; Menta, S.A.	2014
	Paiva, L. F. A. et al.	2013
	Castro, E. D. et al.	2013
	Barros, D. D. et al.	2013
	Aoki, M.; Oliver, F. C.	2013
	Costa, S. L.	2012
Revista Terapia Ocupacional Universidade de São Paulo	Correia, R. L.; Akerman, M.	2015
	Gomes, J. A. Drumond de, B.C.M.	2013
	Ferro, F. F. et al.	2012
	Brunello, M.I.B. et al.	2010
	Pradolini, V.	2010
	Coutinho, S. et al.	2009
	Lima, E. M. A. et al.	2009
	Jardim, T.A.; Afonso, V. C.; Pires.	2008
	Lopes, R. E. et al.	2008
	Baldani, A.C.; Castro, E.D.	2007
	Castro, E. D.; Silva, D. de M.	2007
	Brunello, M. I. B. et al.	2006
Revista Ocupación Humana	Santacruz, G. M. L.	2006
Revista Terapia Ocupacional de Galicia	Morán, P. J.; Ceballos, C. M; Hernández S. R.	2015
Terapia-Ocupacional.com: El portal en español de Terapia Ocupacional	Cella, A; Polinelli, S.	2008
	Pellegrini, M.	2006
WFOT Bulletin	Gómez Mengelberg, E.	2013
	Pradolini, V.	2013
Revistas de otras disciplinas: Ciencias Médicas, Ciencias Sociales, Salud, Interfaz: comunicación, salud y educación, Ciencia y Salud Colectiva, Gestión y Salud.	Palacios Tolvett, M.	2016
	Guajardo-Córdoba, A. et al.	2015
	Tszesniosk, L. de C. et al.	2015
	García Ruiz, S.	2015
	Aoki, M. et al.	2014
	Tundidor, M.	2013
	Araujo, R.A.A. et al.	2013
	Lopes, R.E; Borba, P.L.O; Capellaro, M	2011
	Lopes, R.E. et al.	2011
	Moreira, A.B.	2008

Cuadro 4- Autores, año y lugar de las publicaciones/presentaciones.

Por su parte, la distribución de los artículos en el período abarcado: 2006-2016, por país, es presentado en el gráfico a continuación (gráfico 2).

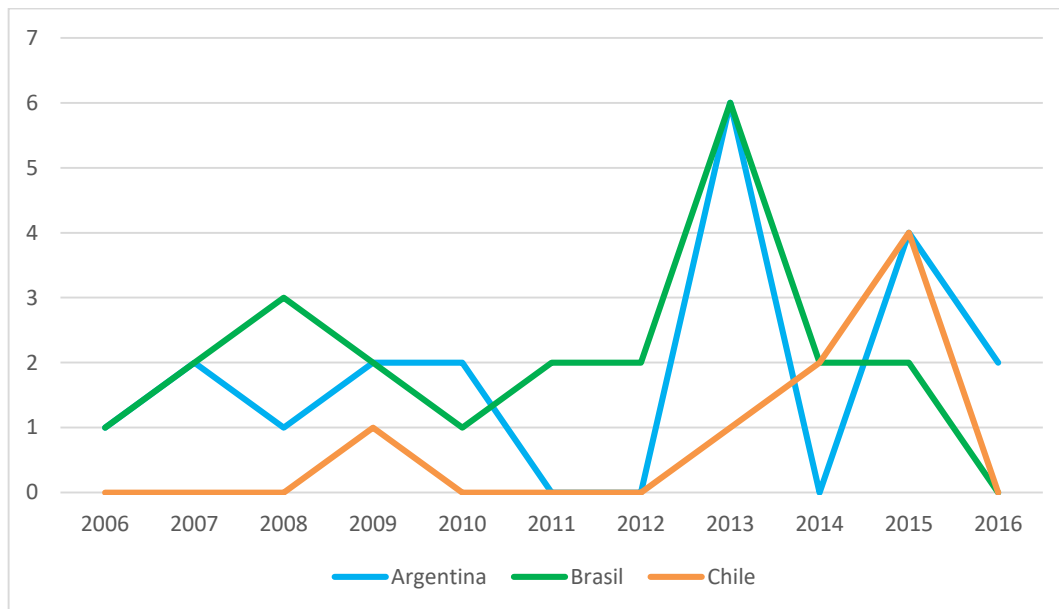


Gráfico 2 - Producciones por año y país durante la década 2006-2016 *.

*En el caso de las dos producciones colombianas incluidas, corresponden a los años: 2006 y 2015. No se encuentran representadas en el gráfico, ya que por ser tan escasas, no formaban una línea que permita interpretar los datos.

Los fundamentos teóricos de las prácticas de los terapeutas ocupacionales en el ámbito comunitario.

Literatura en español (Chile, Colombia, Argentina)

En la literatura analizada fueron identificadas pocas articulaciones de naturaleza teórica sobre las prácticas comunitarias. En dos trabajos se fundamentaron las referidas prácticas (OYARZUN et al., 2009; PAGANIZZI, 2015) y en cinco artículos se desarrollaron definiciones de comunidad, utilizando referencias de otras disciplinas, principalmente de la Psicología Comunitaria, pero también de la Sociología (OYARZUN et al., 2009; OSSANDÓN, 2014; MORÁN; CEBALLOS; HERNANDEZ, 2015; MORÁN; CEBALLOS, 2015; PALACIOS; MORÁN, 2016). Por ejemplo, la terapeuta ocupacional Liliana Paganizzi, profesional con larga experiencia, argumenta que, en Argentina, las prácticas en comunidad se caracterizan como:

[...] una práctica que amplía el escenario profesional hacia el territorio de vida de las personas con discapacidad y/o en situación de riesgo social, luego Comunidad se desarrolla como una estrategia dentro del campo de la salud mental básicamente y que en la actualidad Comunidad puede pensarse como un fundamento en ciernes que amplía el campo disciplinar (2015, p.22).

La autora propone un "archi concepto" (p. 22), ya que no sería posible pensarlo a partir de un único lugar, sino descrito en "(...) tres categorías provisorias: una práctica profesional, una estrategia, y un fundamento en ciernes" (PAGANIZZI, 2015, p.22). Y luego agrega: "Estas prácticas (...) implicaban que los TO iban a trabajar en el contexto donde vivían las personas, se trabaja en el territorio donde viven, su casa, el barrio o los centros comunitarios" (PAGANIZZI, 2015, p.23).

Otra autora preocupada con los aspectos fundacionales de las prácticas comunitarias es Mónica Palacios, terapeuta ocupacional chilena, que estudió con sus colegas sobre estas prácticas en Chile, a partir de una perspectiva socio-histórica. En este estudio no encontramos una definición específica de las prácticas comunitarias, pero las entrevistas de las terapeutas ocupacionales que se exponen allí concuerdan en que existen tres elementos centrales en esas prácticas: "(...) la cotidianeidad, la experiencia y el significado que se le asignan a éstas, por lo cual, dependiendo del enfoque y modelo de trabajo es como éstas se replicarán en la comunidad" (OYARZUN et al., 2009, p.14).

Por otro lado, en los casos de los artículos sobre la Rehabilitación Basada en la Comunidad (RBC), encontramos estudios más sistematizados, mayores detalles teóricos, como también una terminología más uniforme. Esto se comprende, dado que la RBC es una estrategia impulsada por los organismos internacionales: OMS, OIT y UNESCO, desde los cuales se producen informes, ofrecen instrucciones sobre la temática y generan guías con las estrategias y sus fundamentos (OSSANDÓN, 2014). Uno de los conceptos es expuesto por la TO Pellegrini, quien describe:

En la RBC, las intervenciones están orientadas en su mayoría, hacia la integración social del individuo. El énfasis del trabajo está basado en la evaluación del perfil funcional y la puesta en marcha de recursos que puedan compensar las incapacidades y permitan la plena integración en su medio natural (2006, p. 1).

Si bien, conceptos precisos sobre las prácticas comunitarias son raros, queda claro el interés y la intención de avanzar en esa construcción, como discuten los autores chilenos:

[...] existe poca bibliografía y referencias sobre la T.O Comunitaria (al menos en Chile), existen más experiencias prácticas de Terapeutas Ocupacionales que se han visto involucrados en trabajos e intervenciones comunitarias, sin embargo, continuamente se está requiriendo mayores ejercicios académicos y teóricos que permitan enriquecer las propuestas interventivas en el ámbito (MORÁN; CEBALLOS, HERNÁNDEZ, 2015, p.4).

En ese sentido Guajardo, resume: "se hace imperiosa la re-conceptualización de lo comunitario y es necesario establecer distinciones a partir de la re-conceptualización contemporánea de los territorios y comunidades rurales en el diseño de políticas públicas [...]" (2015, p.49).

Literatura en portugués (Brasil)

Respecto a los artículos analizados, los abordajes de TO en comunidad, presentan también una gran diversidad. Un número considerable de marcos teóricos responden a la Terapia Ocupacional Social, con acciones en el campo sociocultural (CASTRO; SILVA, 2007; LIMA et al., 2009; LOPES, et al, 2011; LOPES; BORBA; CAPELLARO, 2011; COSTA, 2012; BARROS et al., 2013; PAIVA, et al., 2013), por su parte, la autora Lima da Costa la considera como:

aquela que toma como base a complexidade das trocas sociais e os contextos sócio-históricos, investindo na elaboração participativa de projetos que promovam a garantia de direitos que ampliem a potência das atividades do cotidiano como formadoras e reguladoras das relações entre pessoas, ambientes e contextos (COSTA, 2008, apud COSTA 2012, p. 44.).

En ese mismo estudio, la autora traza un panorama sobre las comunidades y pueblos tradicionales en Brasil, llevando a la discusión los conflictos socio-ambientales, el desarrollo sustentable y las políticas nacionales en torno a éste, como también los conceptos de comunidad y territorio, desde la perspectiva de las comunidades tradicionales. Desde esa línea entiende a la comunidad "não como delimitação espacial, mas como construção coletiva de identidade" (COSTA, 2012, p. 47), y al territorio compartido, como "o espaço físico e afetivo no qual ocorrem as relações sociais cotidianas do sujeito, marcadas pela convivência presencial. Tais territórios compartilhados participam da construção das memórias deste coletivo, elemento fundamental da produção de suas tradições" (COSTA, 2008, apud COSTA 2012, p. 48).

El concepto de territorio se muestra como central en varios estudios analizados, sobre todo en el contexto de la Atención Básica de Salud (JARDIM; AFONSO; PIRES, 2008; ARAUJO et al, 2013; GOMES; DRUMOND, 2013; PAIVA, et al, 2013; SILVA; MENTA, 2014). Es importante notar también, que algunas autoras (BARROS et al., 2013) discuten ese concepto a partir de otras matrices teóricas como, por ejemplo, el de espacio de significación de Gramsci (1995), o desde perspectivas como la de Marc Augé (1994), Pierre Lévy (1997) y Bouvier (2005). En otros estudios (LOPES; BORBA; CAPPELLARO, 2011; SILVA; MENTA, 2014) fueron encontradas definiciones sobre territorio descriptas por terapeutas ocupacionales, tal como:

a delimitação geográfica de uma determinada região, ocupada por uma comunidade, incluindo em seu conceito, necessariamente, a constituição histórica local e as relações socioeconômicas e culturais ali desenvolvidas, onde se observam diferentes formas de vida, de realização de trocas sociais (OLIVER; BARROS, 1999 apud LOPES; BORBA; CAPPELLARO, 2011, p. 235).

Se entiende, entonces, que prácticas comunitarias, comunidad, territorio, son algunos conceptos clave de los fundamentos teóricos de los abordajes de TO en comunidad en América Latina. Conceptos que es preciso continuar profundizando y discutiendo en vistas a comprender y generar nuevas herramientas para enfrentar las complejas problemáticas socio-comunitarias que la actualidad nos impone de modo desafiante.

En dirección a ampliar las respuestas de las preguntas que orientan esta revisión de literatura y, centrándonos en las prácticas de TO en comunidad de Argentina -como objeto de estudio de la investigación en que se enmarca-, presentamos algunos aspectos relevantes de los estudios analizados. Para ello, hemos hecho foco en las intervenciones de las/os terapeutas ocupacionales expresadas en los relatos de experiencia, ensayos y artículos de investigación considerados. Presentamos y organizamos la información en los tres cuadros que siguen a continuación.

Temática: Salud Mental					
Palabras clave	Población	Problemática/Objetivo	Metodología/Estrategia	Tipo de estudio	N^o
Paradigma de recuperación, rehabilitación psicosocial, atención comunitaria	Adultos con trastorno mental severo	Trabajar a partir del paradigma/concepto de Recuperación, a nivel teórico y de las intervenciones realizadas.	Entrevista semiestructurada	Ensayo	1
Esquizofrenia, calidad de vida, convivencia, red de apoyo	Familias de usuarios con trastorno mental severo externados del servicio psiquiátrico ambulatorio	Influir en la evolución de los usuarios trabajando con las familias sobre las actividades de la vida diaria. Detectar sus expectativas en relación con la recuperación del usuario y adecuar éstas a la realidad actual.	Taller con familiares de pacientes que padecen de esquizofrenia que se lleva a cabo en la consulta externa del Hospital.	Relato de experiencia	2
Salud mental, procesos, trabajo.	Adultos con problemáticas de salud mental	Problematicar la lógica de “adentro y afuera”, identificando elementos potenciadores de estos procesos	Emprendimientos productivos	Relato de experiencia	3
Terapia Ocupacional, salud mental, incidencia, derechos humanos, reforma de la atención de salud	30 emprendedores.	Analizar algunas aristas políticas, sociales y subjetivas que se ponen en juego en un dispositivo de inclusión psico-social del sistema público de salud mental.	Ensayo cualitativo exploratorio no inferencial. Entrevista semi-estructurada. Muestra por conveniencia.	Ensayo	4
Emprendimientos sociales, salud mental, terapia ocupacional, comunidad	Adultos con problemáticas de salud mental	Favorecer el desarrollo personal, identidad laboral, vínculos, participación en espacios comunitarios.	Emprendimientos sociales	Relato de experiencia	5
Determinantes sociales, salud mental, contextos rurales, Terapia Ocupacional	Personas con problemática de salud mental, en contextos rurales	Repensar intervenciones territoriales de profesionales de la SM hacia/con las personas que padecen psíquicamente en contextos rurales, con la intención de problematizar la vinculación de determinantes sociales de salud y las prioridades de acción en el actuar desde la TO y otras disciplinas.	No se especifica	Relato de experiencia	6

Cuadro 5 - Aspectos relevantes de los estudios analizados en relación con salud mental

¹⁰ Dadas las limitaciones espaciales del cuadro, enumeramos los artículos y detallamos aquí las referencias. 1 PAGANIZZI, 2009; 2 MENGELBERG, 2013; 3 YUJNOVSKY, 2016; 4 SPAMPINATO; TESTA; 2016; 5 NARVAEZ, 2015; 6 CHAURA, 2015.

Temática: Políticas Públicas					
Palabras clave	Población	Problemática/Objetivo	Metodología/Estrategia	Tipo de estudio	N^{o11}
Participación, derechos, Asignación Universal por Hijo (AUH), Terapia Ocupacional	38 familias pobres y 15 integrantes de equipos de salud, de educación, y de justicia	Analizar la implementación e impacto de la AUH en cuanto a su contribución en el mejoramiento de la salud y desarrollo de niños y adolescentes. Aportar a la elaboración de propuestas inclusivas-participativas en el fortalecimiento de los derechos ciudadanos.	Entrevista abierta y semi estructurada	Artículo de investigación	7
Políticas sociales, salud, centros de desarrollo infantil.	4 Centros de Desarrollo Infantil (CDI) ubicados en barrios periféricos de la ciudad	Conocer las experiencias cotidianas, representaciones y prácticas de significación en relación al funcionamiento de los CDI. Favorecer la reflexión acerca del trabajo cotidiano que desempeñan las voluntarias, coordinadoras y equipo técnico e identificar sus representaciones y expectativas en el período de transición del modelo de atención. Rescatar la mirada de los actores sociales como fundante en la redefinición del espacio público.	IAP. Entrevista, observación directa, talleres	Artículo de investigación	8
Derechos Humanos, cultura y vida cotidiana, Participación social	Familias pobres y equipos de salud	Conocer concepciones, prácticas y representaciones sociales de familias y equipos en relación a la promoción y prevención de salud. Identificar participación social y apropiaciones diferenciales de familias y grupos. Reflexionar sobre el conocimiento del derecho a la salud y la participación en las decisiones individuales y colectivas de salud de familias y equipos de trabajo en salud.	Cuanti- cualitativa e IAP. Encuesta; entrevista semiestructurada y en profundidad; talleres participativos y recopilación documental	Artículo de investigación	9
Derechos humanos, participación, ciudadanía, Política Social, relaciones profesionales- familia, Terapia ocupacional	Familias de barrios populares con extrema pobreza	Presentar y discutir el Programa Aleros, de la prov. de Santa Fe. Un nuevo modelo de implementación de las Políticas Públicas con un enfoque de atención integral a la población de mayor vulnerabilidad, con apoyos asistenciales y promocionales, de derechos que posibilite la construcción objetiva y subjetiva del habitante como ciudadano.	Entrevista	Ensayo	10
Políticas sociales, territorio, estrategias familiares, pobreza	Familias de un barrio popular	Analizar los recursos materiales y simbólicos que ponen en juego las familias pobres, en el marco de su reproducción social a fin de evaluar en qué medida sus estrategias, contribuyen a superar o reproducir las condiciones de pobreza.	Entrevista	Artículo de investigación	11
Adolescentes, inclusión Socio educativa, comunidad	Adolescentes en situación de vulnerabilidad social	Reflexionar sobre la experiencia profesional en el Programa “Volver a la Escuela”, implementado desde la Secretaría de Estado de Promoción Comunitaria de la prov. de Santa Fe	Promoción de encuentros psicoeducativos y actividades socio-recreativas desde un equipo multiprofesional	Relato de experiencia	12

Cuadro 6 - Aspectos relevantes de los estudios analizados en relación con políticas públicas.

¹¹ Dadas las limitaciones espaciales del cuadro, enumeramos los artículos y detallamos aquí las referencias. 7 VEGA et al., 2013; 8 VEGA et al., 2009; 9 VEGA et al., 2010; 10 PRADOLINI, 2013; 11 PRADOLINI, 2009; 12 ARENAZA; PRADOLINI; SERRA, 2007.’

Temática: Discapacidad física o intelectual					
Palabras clave	Población	Problemática/Objetivo	Metodología/Estrategia	Tipo de estudio	Nº¹²
Promoción de la salud, familia, equipo de tarea, intervención profesional, acompañamiento terapéutico	Familias con personas con discapacidad de barrios populares	Atención a niños con discapacidad. Acompañamiento a familias de sectores populares	Acompañamiento a familias de sectores populares que opera en equipos de tarea conformados en torno al problema a resolver integrado por profesionales y alumnos que pertenecen a las instituciones de salud y promoción comunitaria	Relato de experiencia	13
Derechos, participación social, accesibilidad, Televisión Digital	Personas con discapacidad.	Problematizar la participación de los actores (ámbito público, privado con y sin fines de lucro) que componen la dinámica comunitaria dentro del proceso de digitalización de la Televisión en Argentina	Gestión, articulación y potencialización de recursos, para lograr espacios de participación al proceso comunicacional, legitimado por la Ley de Servicios de Comunicación Audiovisual	Relato de experiencia	14
Temática: TO en jardín/escuela					
TO Comunitaria, construcción colectiva, ambiente y formas ocupacionales, transdisciplina	Niños de un jardín comunitario y sus familias de un barrio periférico	Analizar una experiencia de intervención de TO comunitaria	Procesos interdisciplinarios para promover ambientes y ocupaciones lúdicas	Relato de experiencia	15
Prevención Primaria, TO en la comunidad, adolescentes en riesgo psicosocial, malestar psicológico, disfunción ocupacional	Adolescentes en riesgo psicosocial	Realizar intervenciones de TO en escuela pública. Valorar el impacto de la implementación del Ciclo Básico Único Rural ¹³ para alumnos con Necesidades Educativas Elementales en relación a conservación y/o adquisición de destrezas sociales y laborales	Vehicular iniciativas de distintos sectores sociales (salud, educación, promoción comunitaria) mediante un trabajo en red en la construcción de alternativas de resolución de problemas	Relato de experiencia	16

Cuadro 7 - Aspectos relevantes de los estudios analizados en relación con discapacidades físicas/intelectuales y TO en jardín/escuela.

¹² Dadas las limitaciones espaciales del cuadro, enumeramos los artículos y detallamos aquí las referencias. 13 D´ANGELO, 2007; 14 ZORZOLI; CHAURA, 2013; 15 METZ, 2013; 16 ROBLES; SALES; CARAFFA, 2007

¹³ Proyecto educativo destinado a un grupo de alumnos que han presentado conflictos a lo largo de su tránsito por el nivel inicial o primario.

Como se ve en el cuadro 5, seis trabajos se encuentran dentro de la temática de **salud mental**, siendo en su mayoría, relatos de experiencia y, la población es adultos con problemáticas de salud mental. Ya al tratar sobre las problemáticas y/o objetivos y metodologías planteados, se aprecia diferencias:

- en uno se plantea conceptualmente al paradigma y concepto de recuperación (para personas con trastorno mental severo) y se busca mostrar algunos resultados de las intervenciones desde esa línea, a partir de la realización de entrevistas a los usuarios;

- en otro, se refleja el trabajo con las familias de usuarios externados, para dar apoyo y orientación, a través de la metodología de talleres;

- en tres se trata sobre emprendimientos socio-productivos. No obstante, si bien en uno se problematiza sobre las lógicas internas y externas de los hospitales de salud mental, poniendo en tensión algunos preconceptos; en otro se analizan cuestiones socio-políticas respecto a este dispositivo de inclusión social y se utilizan entrevistas; en el tercero se describe la historia, las estrategias, principios y recursos con los que se trabaja en los emprendimientos sociales.

- en el último se expone y problematiza sobre la situación y limitaciones de los equipos de profesionales para brindar una atención amplia e integral a personas que se encuentran en sectores alejados de la urbe; la metodología no se especifica.

En el cuadro 6, se presentan seis artículos con la temática de las **políticas públicas**. Tres de ellos son parte de trabajos científicos de un mismo equipo de investigación. En dos investigaciones se utilizó la metodología de Investigación Acción Participativa (IAP) y en tres, entrevistas. En uno de estos trabajos, además, se realizó observación directa y en otro, talleres y encuestas. La población con la que se trabajó fue con los sectores pobres -principalmente familias- y, en un caso, con un equipo de profesionales, en otro con un Centro de Desarrollo Infantil (CDI). Los objetivos de estos tres trabajos (VEGA et al, 2009; 2010; 2013), por su parte, si bien son en relación al funcionamiento de determinadas políticas públicas, difieren en: uno intenta conocer la implementación e impacto de la AUH, otro las experiencias, representaciones y prácticas en relación al funcionamiento de los CDI, y el tercero conocer concepciones, prácticas y representaciones sociales de las familias y los equipos en torno a la promoción y prevención de salud de ese sector poblacional.

Los otros tres estudios que pertenecen al grupo de las políticas públicas, son de tres tipos diferentes: un ensayo, un relato de experiencia y un artículo de investigación. En dos utilizaron como metodología entrevistas y en uno actividades psico-educativas y socio-recreativas. En cuanto a la población, dos fueron con barrios populares y uno con adolescentes en situación de

vulnerabilidad social. En relación a los objetivos/problemáticas que trabajan, en uno se propone discutir un nuevo programa estatal que da apoyo asistencial y promocional para favorecer el ejercicio de la ciudadanía, en otro, analizar los recursos (materiales y simbólicos) y estrategias de las familias pobres en relación con la reproducción o superación de sus condiciones de pobreza; y el último, pretende reflexionar sobre la experiencia de un programa de inclusión socio-educativa de adolescentes.

Dos artículos tratan temas relativos a la **discapacidad física o intelectual** (cuadro 7), ambos relatos de experiencia. Sin embargo, si bien uno está destinado a familias con personas con discapacidad de sectores populares, el otro se dirige a personas con discapacidad en general. El primero relata sobre la atención a niños con discapacidad y el acompañamiento a sus familias por medio de equipos de tareas de salud y promoción comunitaria. El segundo muestra la particularidad de abordar y problematizar la participación de diversos actores (ámbito público y privado) en el proceso de digitalización de la televisión en Argentina. Este singular trabajo dentro del campo de la TO, es realizado a través de la gestión, articulación y potencialización de recursos, para lograr espacios de participación en el proceso comunicacional (legitimado por la Ley de Servicios de Comunicación Audiovisual).

Los dos últimos (cuadro 7), son relatos de experiencia y tratan sobre la **TO en jardín y escuela**. En el primero de éstos, que es el único que se nombra como TO comunitaria, tiene por población a niños de un jardín y sus familias, de un barrio periférico de la ciudad. A través de equipos interdisciplinarios, promueven ambientes y ocupaciones lúdicas. El segundo artículo, en cambio, tiene por población a adolescentes en riesgo psicosocial de una escuela pública y su objetivo es valorar el impacto de un proyecto educativo destinado a un grupo de alumnos (que han presentado algunos conflictos) en relación con la conservación y/o adquisición de destrezas sociales y laborales. Su metodología de trabajo fue a través de una red con distintos sectores sociales (salud, educación, promoción comunitaria), para construir alternativas de resolución de problemas.

A modo de síntesis, destacamos algunos puntos relevantes:

- Si bien sólo en dos artículos se nombra el trabajo como “TO comunitaria (en uno puntualmente “TO en comunidad”), en todos ellos se trabaja en los territorios de las personas atendidas, o bien, se vislumbran acciones concretas y una búsqueda comprometida para superar los límites de los hospicios (en los trabajos del área de SM).

- Las investigaciones, todas cualitativas, son en relación a políticas públicas y pertenecen a dos autores: un equipo de investigación de Mar del Plata y una TO de Santa Fe. Las metodologías más utilizadas son IAP y entrevistas.

- En el caso de los relatos de experiencia, se observa en la mayoría de ellos, una mirada crítica sobre la situación, intentando mostrar los resultados de las intervenciones desde la mirada de las/os usuarias/os, o bien problematizando y cuestionando lógicas, contextos y condiciones instaladas.

- Con respecto a las poblaciones destinatarias, sólo en dos son niños y en dos adolescentes, en cuatro, adultos. No obstante, se valora como positivo que la mayoría está destinado a familias, lo que puede indicar que hay una contemplación de ese grupo humano como integridad, donde todos los miembros (de diferentes rangos etarios) son considerados.

Además, en el conjunto de trabajos analizados, se observó una gran diversidad de intervenciones, desarrolladas en diferentes áreas (socio-cultural, salud mental, educación, rehabilitación física e intelectual, entre otras) y contextos (escuelas, emprendimientos productivos, barrios, etc.). También fue posible percibir que aún no existe consenso en el uso de terminologías en el área de estas prácticas. Algunos estudios carecen de estructuras claras y sistemáticas, ya que no siempre quedan explícitas las estrategias, los objetivos y los fundamentos teóricos adoptados. Estas producciones, muy heterogéneas en su conjunto, muestran la diversidad de posibilidades en las que la TO puede co-operar para generar inclusión social, autonomía, y mejores condiciones de vida para los colectivos que se encuentran en situación de vulnerabilidad.

2.3. Limitaciones del estudio

Es importante mencionar que dificultades de indexación de estudios y comunicaciones científicas pueden haber influenciado la selección final de los artículos, como también haber provocado la pérdida de algún material relevante. A pesar de combinar tres estrategias de búsqueda: bases de datos, búsqueda exhaustiva en las revistas citadas oportunamente, e implementación de cuestionarios a informantes clave, no se encontraron estudios de varios países de Latinoamérica donde trabajan terapeutas ocupacionales, sabidamente (ejemplo: México, Uruguay, Perú, entre otros). En este sentido, la falta de contacto con terapeutas ocupacionales que se desempeñen en el área comunitaria en dichos países imposibilitó el envío de cuestionarios. La comunicación que se estableció por e-mail con las asociaciones de TO (detalladas en el cuadro 3), resultó infértil, debido a la falta de respuestas por parte de sus

representantes (a excepción de la asociación colombiana). Asimismo, a partir del envío de los cuestionarios a informantes clave obtuvimos respuestas de un 55% de las/os terapeutas ocupacionales contactadas/os. De este modo, varios países latinoamericanos no han quedado representados en la revisión de la literatura y los cuatro países que sí formaron parte: Chile, Brasil, Colombia y Argentina, resultan parcialmente representados en la muestra. No obstante, habiendo analizado 58 artículos de la última década, se considera que los datos extraídos y aquí presentados son relevantes para mostrar un panorama de las prácticas del área.

2.4. Lagunas en la literatura.

Centrándonos en la literatura argentina, en coherencia con el alcance de la presente investigación, cabe recordar que no se encontraron definiciones de las prácticas comunitarias de terapia ocupacional. Solo una autora realiza una aproximación sobre “comunidad en TO” (PAGANIZZI, 2015), considerando tres categorías dentro de ella: práctica que amplía el campo de acción, estrategia en el campo de la salud mental y un fundamento de las prácticas. De este modo, y coincidiendo con los ya citados autores (GUAJARDO, 2015; MORÁN; CEBALLOS; HERNÁNDEZ, 2015; PAGANIZZI, 2015), resulta claro que es imperioso incrementar los desarrollos teóricos y discusiones sobre comunidad y las prácticas que se desenvuelven en ella. Asimismo, las dimensiones colectivas de lo ocupacional se encuentran ausentes en la mayoría de los artículos analizados, siendo éstas importantes para conocer las intencionalidades y significados en relación con el compromiso humano colectivo (RAMUGONDO; KRONENBERG, 2015) y cómo ello repercute en las comunidades.

Si bien la diversidad de problemáticas tratadas está en aumento, otro tema que merece ser abordado tanto en los estudios como en las prácticas, en el ámbito comunitario como en otras áreas de TO, son las cuestiones de género y sexualidad. A pesar de ser una profesión conformada mayoritariamente por mujeres, las temáticas sobre violencia, desigualdad, y políticas en torno al género aún son mínimas en las producciones empíricas y científicas de la disciplina. Lo que constituye un desafío más para las/os terapeutas ocupacionales.

También consideramos importante, tanto presentar una estructura clara y realizar una sistematización en los trabajos científicos -lo cual, con el surgimiento de nuevas revistas de TO ya viene dándose-, como la inclusión de recomendaciones para estudios futuros.

Para finalizar, creemos necesario que las mencionadas temáticas comiencen a ser discutidas en la instancia de formación de los futuros terapeutas ocupacionales, incorporándose

luego como objetivos de trabajo y redundando, de este modo, en una profesión comprometida y por qué no, transformadora de las problemáticas contemporáneas.

2.5. Consideraciones finales.

Esta revisión panorámica de literatura permitió conocer las producciones de terapeutas ocupacionales sobre la temática de TO en comunidad en América Latina, en la década 2006-2016. Se evidenció una importante preocupación de los estudios de terapeutas ocupacionales acerca del trabajo con colectivos, sea en la comunidad o en lo que viene siendo definido como territorio. La revisión permite concluir, entonces, que las prácticas comunitarias desarrolladas por los terapeutas ocupacionales, si bien son más frecuentes actualmente, aún no son sistemáticamente investigadas en América Latina, así como precisan de mayor profundización teórica y metodológica. Más aportes de estudios en esta área llevaría, ciertamente, a mejores condiciones de desarrollo de las estrategias de intervención adoptadas por las/os profesionales. Eso mismo sucedería en relación con la mejoría de la formación de nuevas/os terapeutas ocupacionales, que, no obstante, han sido cada vez más desafiados a responder a las demandas de su tiempo (GALHEIGO, 2011)

CAPÍTULO III:

Consideraciones epistemológicas y metodológicas.

3.1. Los sentidos de la ciencia: científicidad y cotidianeidad¹⁴

“La interpretación de nuestra realidad, con esquemas ajenos solo contribuye a tornarnos cada vez más desconocidos, cada vez menos libres, cada vez más solitarios”.

Gabriel García Márquez, 1982.

En tanto nos encontramos implicadas en un proceso científico, consideramos menester desarrollar una aproximación a nuestra postura epistemológica y del entendimiento de la producción de conocimiento.

Para ello, abogamos por los aportes del pensador social Boaventura de Sousa Santos (1988, 2005), en su trabajo sobre el orden científico hegemónico, donde plantea repensar el panorama y la situación paradigmática actual. A partir de localizar diversos hechos de la historia de la ciencia moderna que colaboran en la emergencia de su crisis, plantea que nos encontramos en una etapa de transición, donde persisten características de la ciencia del siglo XIX, pero que “el siglo XX todavía no comenzó” hablando en términos científicos (SANTOS, 1988, p. 46, traducción nuestra). En los tiempos actuales, de gran complejidad, la sensación de ambigüedad y confusión, propias de esta fase transitoria, nos llevan a dudar del pasado para poder imaginar un futuro, y vivimos de modo muy intenso el presente, para lograr construir un porvenir.

Para orientar este discurso, el autor retoma algunas preguntas fundamentales disparadas por el filósofo Jean-Jacques Rousseau hace más de doscientos años, pero que presentan una gran vitalidad para el análisis actual:

¿el progreso de las ciencias y de las artes contribuirá para purificar o para corromper nuestras costumbres? [...] ¿hay alguna relación entre la ciencia y la virtud? ¿Hay alguna razón de peso para sustituir el conocimiento vulgar que tenemos de la naturaleza y de la vida y que compartimos con los hombres y mujeres de nuestra sociedad por el conocimiento científico producido por pocos e inaccesible a la mayoría? ¿Contribuirá la ciencia para disminuir la brecha creciente en nuestra sociedad entre lo que se es y lo que se aparenta ser, o saber decir y el saber hacer, entre a teoría y la práctica? (SANTOS, 1988, p. 47, traducción nuestra).

¹⁴ Este punto (3.1), fue elaborado en base al texto de B.S.Santos “Um discurso sobre as Ciências na transição para uma ciência pós-moderna” (1988). Entendiendo que el autor ha trabajado más sobre el asunto posteriormente, este apartado resulta desactualizado, no obstante, consideramos que continúa siendo una reflexión útil.

Santos refiere que Rousseau respondió a todas estas preguntas con un rotundo no, y sostiene que las condiciones epistemológicas de las mismas se oponen a los conceptos a los que pueden abrevarse para dar las respuestas.

Como se percibe, las preguntas formuladas intentan poner en cuestión el valor que tiene el conocimiento científico acumulado, para la vida de las personas, en ese sentido: si los conocimientos “vulgares” u “ordinarios” que producimos en la vida cotidiana para relacionarnos y dar sentido a lo que hacemos es irrelevante, falso, como la ciencia considera, ¿qué aportes positivos ella hace para nuestra vida y nuestra felicidad?

A partir de la crisis del paradigma dominante, este pensador propone la configuración de un paradigma emergente, que va a llamar provisoriamente “de un conocimiento prudente para una vida decente” (SANTOS, 1988, p. 60, traducción nuestra). En relación al nombre que adopta, explica que la naturaleza de este cambio paradigmático es muy diferente a aquel producido en el siglo XVI, en el sentido de que la sociedad misma es otra, encontrándose actualmente revolucionada por la ciencia. Así, el nuevo paradigma no puede ser sólo científico, sino “de conocimiento prudente”, y también, es social: “para una vida decente”. Al caracterizar esta perspectiva emergente, refiere que las relaciones dicotómicas pierden validez, tendiendo a superar la distinción: ciencias naturales/ciencias sociales, naturaleza/cultura, mente/materia, individual/grupal-colectivo, etc., femenino/masculino, añadimos. En el caso de la dicotomía de las ciencias naturales/sociales, los estudios humanísticos presentan un papel relevante, por su pretensión de comprender el mundo, más que de controlarlo, manipularlo, como de ubicar al hombre, autor y sujeto del mundo, en el centro del conocimiento.

Uno de los cambios que Santos esboza en este pasaje de paradigmas, es respecto del conocimiento, que ya no va a avanzar por la especialización, rigurosidad y disciplina, sino que va a ser local y total. Se trata de un conocimiento organizado, o fragmentado, por temáticas, escogidas por una comunidad interpretativa como proyectos. Los conocimientos se reunirían en torno a temas, locales, ya que son contextualizados, y no descriptivas, como en el paradigma dominante; totales, y ya no deterministas. Este conocimiento de la pos-modernidad se da en función de las condiciones de posibilidad de la acción del hombre, a partir de las coordenadas de tiempo y espacio localizado. Carece de un método, ya que se apelaría a una multiplicidad de metodologías, realizando para ello una transgresión metodológica (SANTOS, 1988, 2005).

Coincidimos también con este pensador al decir que la ciencia es creativa, no descubre, sino que crea y transforma la realidad. En ese acto creador, realizado por el científico y su

comunidad, intervienen y son parte, los valores, las creencias, los presupuestos, no hay explicación de la realidad sin ellos.

La ciencia moderna se encargó del estudio del funcionamiento de las cosas, y a partir de ello se extendió la esperanza de vida de las personas. Ahora, lo necesario es saber cómo vivir esa vida, cuyo insumo requerido va a ser otro tipo de conocimiento, “un conocimiento comprensivo e íntimo, que no nos separe, sino que nos una personalmente a lo que estudiamos” (1988, p. 68, traducción nuestra), señala Santos.

En relación con estas reflexiones de Santos, la autora argentina Zaldúa a quien apelamos oportunamente, sostiene que esa separación entre ciencia y vida fue advertida por las ciencias sociales y permitió valorar ciertas líneas de pensamiento con sus aportes, que fueron relegadas por ser consideradas carentes de científicidad o por no pertenecer a la corriente dominante. Paradigmas, teorías, fundamentos epistemológicos, resultaban insuficientes para explicar y resolver problemas reales que demandaban una solución concreta (ZALDÚA et al, 2016).

Las tensiones planteadas por Santos respecto a los sentidos de la ciencia y pensadas desde la disciplina de la TO, dan como fruto múltiples ejemplos de diversas situaciones que explican la infertilidad de usar conocimientos de marcos teóricos dominantes y ajenos, tanto como de intentar colocarse dentro de la corriente científica hegemónica. Daniela Testa, TO argentina, ilustra esto al expresar:

Es posible pues, que la influencia de los enfoques teóricos hegemónicos de la terapia ocupacional “central” o del norte (en el sentido propuesto desde el movimiento de Terapia Ocupacional sin Fronteras) muchas de las veces no nos hayan brindado marcos explicativos suficientemente adecuados para nuestros escenarios (2015, p. 3)

En este sentido, afirma también que las limitaciones de nuestra profesión para producir conocimiento no se encuentran particularmente en el interior de la terapia ocupacional, sino que se trata de una situación relacional e histórica.

Creemos así que, desde las construcciones teóricas sobre las actividades y ocupaciones del cotidiano de las personas, desde las prácticas que las acompañan, así como desde la mirada y acción transformadora que nos proponemos desde la TO, considerando nuestras singularidades latinoamericanas, nos encontramos - desafiadamente - en un camino muy próximo al de la perspectiva que propone Santos: “de un conocimiento prudente para una vida decente”. Generando conocimiento comprensivo y sensible respecto de las personas destinatarias de nuestras intervenciones, que “nos una personalmente a lo que estudiamos” (SANTOS, 1988, p. 68), integrando lo afectivo al proceso de producción de conocimiento (TESTA, 2015). Producir

conocimiento y experiencia que permitan hacer frente a las problemáticas sociales y culturales, y concebir nuestras prácticas “como maquinarias propagadoras y propulsoras de sentidos- no tanto como recetarios de conceptos y técnicas-, con el horizonte de generar nuevos escenarios y encuentros, además de cuestionar algunos modos establecidos” (TESTA, 2015, p. 5).

3.2. Preguntas de investigación:

¿Cómo son los procesos y las experiencias, que vivencian las usuarias y los usuarios en relación con las propuestas de la Terapia Ocupacional en comunidad en las que participan?
¿Cómo son construidas y definidas estas prácticas por las terapeutas ocupacionales?

3.3. Objetivo general:

Describir y analizar los procesos y experiencias de las usuarias, los usuarios y terapeutas ocupacionales que participan en propuestas de Terapia Ocupacional en comunidad, en la ciudad de Santa Fe y alrededores (Argentina).

3.4. Objetivos específicos:

- Describir los procesos y las experiencias de las usuarias, los usuarios y terapeutas ocupacionales que participan en propuestas de TO en comunidad, en la ciudad de Santa Fe y alrededores.
- Analizar los procesos y las experiencias que vivencian las usuarias y los usuarios en su participación en las propuestas de TO en comunidad en la ciudad de Santa Fe y alrededores, en relación con los cambios que éstas generan en su cotidiano y proyectos de vida.
- Conocer cómo las terapeutas ocupacionales construyen y definen estas prácticas.

3.5. Recorrido metodológico.

De acuerdo con el objeto de estudio y el referencial teórico adoptado, el tipo de diseño es cualitativo. Este diseño posibilita estudiar en su contexto real, y con intensidad, las particularidades de procesos complejos que tratan de ser descriptos de modo integral, holísticamente. Se interesa por interpretar los hechos en relación con los significados de las personas implicadas en ellos (GÓMEZ; FLORES; JIMENEZ, 1996). Según Denman y Haro (2002) “los enfoques cualitativos poseen un mayor potencial subversivo de cuestionar una realidad determinada y servir como base para articular reivindicaciones sociales [...]” (p.65) y procuran visibilizar y tratar sobre realidades emergentes o disímiles. Se parte de la premisa de que todos los individuos -dado el proceso de socialización-, somos producto y productores de un “mapa mental” intersubjetivo que configura la percepción que tenemos de la realidad, y que una de sus mayores pretensiones es comprender las acciones humanas (DENMAN; HARO, 2002). Así, desde una mirada local y dinámica, permite centrarse en las prácticas comunitarias y los procesos que generan en sus participantes, intentando comprender esa realidad y los relatos que las personas construyen acerca de ésta.

Nos posicionamos en la perspectiva socio-crítica, que se sustenta en las teorías y análisis críticos, generados a partir de los esfuerzos por superar los modelos positivistas e interpretativos del siglo XX (ALBERT-GÓMEZ, 2007). La teoría social crítica trata sobre las cuestiones de poder y justicia, temas relativos a raza, clase social, género, ideologías, y sobre diversas instituciones y dinámicas socio-culturales, para develar cómo éstas interactúan constituyendo un sistema social (KINCHELOE; MCLAREN, 2006).

La fuerza con la que nació la teoría crítica en la época de posguerra, con la crisis económica dominada por el desempleo y la inflación, y el fracaso de paros y protestas en Alemania y Europa Central, reverbera en estos tiempos, que, como dicen Kincheloe y McLaren, “[...] en la actual coyuntura histórica, no podemos pasar sin ella” (2006, p. 281, traducción nuestra).

Primeramente, resulta importante mencionar que existen divergencias y bifurcaciones en los trayectos de los teóricos críticos, hay diversas teorías críticas, y su tradición se caracteriza por su constante evolución (KINCHELOE; MCLAREN, 2006). En el presente estudio nos apoyamos en la teoría crítica reconceptualizada, dentro de la cual nos interesa resaltar uno de los aspectos conceptuales que pregona. Se trata de la emancipación crítica, donde se procura obtener el poder de decidir sobre las propias vidas en consonancia con una comunidad que intenta hacer justicia. “Emancipación” es usado aquí en un sentido relativo, por dos cuestiones:

una, dado que nunca se logra estar emancipado completamente del contexto socio-político en el que se forma parte, y la otra, porque creer que uno emancipa a otros, significa un acto de gran arrogancia (KINCHELOE; MCLAREN, 2006).

La elección de esta perspectiva se apoya en el hecho de que los procesos de opresión social se manifiestan de varias formas, una de las cuales es la dominación a través del conocimiento. Por lo tanto, producir conocimiento de forma crítica es también una forma de favorecer la emancipación en términos amplios (SANTOS, 1988, 2005).

Para desarrollar este estudio, se planeó una acción ordenada en dos etapas (figura 4):

1-Una etapa inicial, en la que se realizó una revisión panorámica de la literatura o *scoping review*, según los parámetros de Arskey y O'Malley (2005) -desarrollada en el capítulo II-, donde se mapearon las nociones clave del área de la TO en comunidad, tanto como sus principales fuentes y tipos de evidencia que se encuentran disponibles. Por tanto, valoramos esta estrategia como pertinente para una revisión de la literatura inicial y amplia sobre las propuestas de Terapia Ocupacional en comunidad -área ávida de sistematización teórica (GUAJARDO, 2015; MORÁN; CEBALLOS; HERNÁNDEZ, 2015; PAGANIZZI, 2015)- permitiendo caracterizar la cantidad y diversidad de producciones científicas, constituyéndose así una revisión de relevancia.

2-En la segunda etapa, y en coherencia con la perspectiva socio-crítica adoptada, se desarrolló una investigación colaborativa (FLORES; LOPES, 2010; DESGAGNÉ, 2007). De ese modo, durante el trabajo de campo se colaboró con las/los participantes de la investigación, en la resolución de las problemáticas surgidas respecto de sus participaciones en las propuestas de Terapia Ocupacional y lo pautado con las/os coordinadores del servicio y el grupo en general. Se mantuvieron comunicaciones y acciones en un sentido horizontal con quienes participaron en la investigación, actuando como un apoyo, un recurso que colaboró con los procesos y actividades que fueron desarrollando. Así, se entiende esta instancia como democrática y se considera haber generado efectos positivos en las/los participantes, favoreciendo algunas situaciones en las que nos vimos conjuntamente involucradas/os.

Acorde con el enfoque expuesto, se utilizó la muestra intencional con criterio de conveniencia (PATTON, 2002 apud FLICK, 2009), que se refiere a la selección de aquellos

casos de acuerdo con los objetivos del proyecto y accesibles con relación a determinadas condiciones.

Esta fase incluyó:

1- Rastreo de prácticas de Terapia Ocupacional en comunidad en la ciudad de Santa Fe¹⁵, Argentina, a partir de comunicaciones telefónicas y por mail (por el hecho de residir en Brasil) con informantes clave, antes del contacto personal. Además:

- ~ Establecer contacto con las instituciones y terapeutas ocupacionales responsables de dichas prácticas.
- ~ Realizar reuniones con las terapeutas ocupacionales a cargo de las propuestas en las que participaría.
- ~ Solicitar autorización a las instituciones y terapeutas ocupacionales para realizar el trabajo de campo de la investigación.

2- Participar e investigar las tres propuestas de TO en comunidad seleccionadas, donde se realizó:

- ~ Observaciones participantes (OP)
- ~ Entrevistas semi-estructuradas, focalizadas, primero a las usuarias (n=4) y los usuarios (n=2), y luego a las terapeutas ocupacionales (n=3)
- ~ Colaboración en las tareas y actividades que forman parte de las propuestas
- ~ Coordinar la implementación de la metodología *Photovoice* (adaptación).

3- Revisión de documentos y materiales relacionados que fueron considerados relevantes para el estudio.

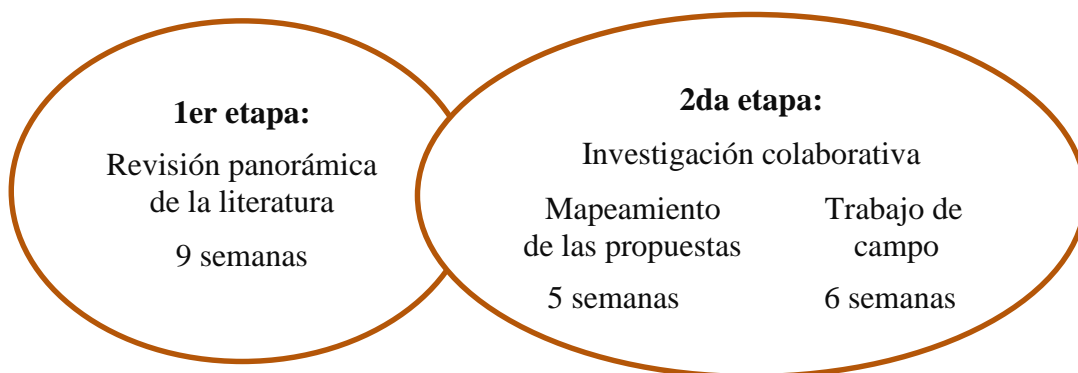


Figura 4- Etapas y acciones del trabajo de investigación

¹⁵ Al relevar las prácticas de TO comunitarias en Santa Fe y alrededores, se encontró un número relativamente escaso (alrededor de una docena) en relación a la cantidad de habitantes (500 mil aprox.) y situaciones de vulnerabilidad social que existen de la ciudad. No obstante, se logró acceder a poca información de cada una. Por cuestiones de disponibilidad temporal de la maestranda, de las terapeutas y accesibilidad en general (transporte público para llegar, disposición e interés de las TOs y equipo, etc), se escogieron las tres propuestas que se detallan a continuación.

3.5.1. Las prácticas, los escenarios y actores protagonistas de la investigación

Las tres prácticas investigadas se sitúan, dos en la localidad de Santa Fe (SF) y una en la localidad de Paraná (E. Ríos) -ubicada a unos 40 km de la primera ciudad-. Realizaremos una breve descripción de cada propuesta a partir de la información reunida de las observaciones participantes realizadas, los registros y documentos de cada práctica provistos por las TO que fueron entrevistadas.

El **emprendimiento “E.E.”**, fue originariamente ideado por profesionales y usuarios/as de un servicio de Salud Mental, de un hospital (institución estatal provincial de formación y atención interdisciplinaria en Salud Mental). No obstante, se trata de un proyecto intersectorial, en tanto está compuesto por:

- tres Terapeutas Ocupacionales, dos Psicólogos, una Lic. en Trabajo Social y una Lic. en Comunicación Social, tres mujeres y cuatro hombres de edad adulta, usuarias/os, del servicio de Salud Mental;

- dos miembros de la Secretaría de Economía Social (Ministerio de Desarrollo Social);

- estudiantes que forman parte del Centro de Estudiantes de la institución educativa.

La propuesta surge de los miembros del Hospital de Día, dispositivo creado por profesionales del servicio de Salud Mental en 1995, que pretendían sustituir el paradigma manicomial, centrándose en la atención primaria, en el trabajo interdisciplinario, ambulatorio y comunitario. Los profesionales de este dispositivo estuvieron siempre preocupados por brindar propuestas alternativas a lo manicomial, defendiendo al trabajo como derecho. A finales del año 2014, comienzan a gestar este proyecto, al que se suman los otros dos sectores mencionados (economía social y la institución educativa).

El proyecto consiste en un buffet donde se ofrecen alimentos, bebidas y se producen algunas comidas simples para vender a alumnos, profesores y personal de la institución educativa donde se encuentra ubicado. Funciona de lunes a viernes, de mañana y tarde.

El momento en el que la maestranda se incorpora a participar de la propuesta, es de balances y evaluación del año de trabajo para reorganizar y proyectar el próximo. Todo el grupo muestra alegría y satisfacción por el año que culminan, reconociendo que tuvieron innumerables esfuerzos y logros, pero que al mismo tiempo quieren mejorar varios aspectos. Por esta particular situación de re-organización, las actividades que se desarrollaban eran asambleas y reuniones principalmente, además de realizar algunos

trámites y gestiones. Las reuniones son de dos tipos, unas de trabajo por comisión, para tratar sobre: comercialización, comunicación y proyectos, y acondicionamiento del espacio; y las otras son realizadas por el equipo de salud, para tratar cuestiones vinculadas a lo clínico. La asamblea, de frecuencia semanal, es un espacio donde participan todos los integrantes del emprendimiento democráticamente, se cuentan las experiencias, se plantean problemas, se toman decisiones consensuadas, de este modo se observó que todos pronuncian su voz, para acordar o discordar, para plantear algo diferente, expresar lo que preocupa y lo que se desea. No hay jerarquía u orden preestablecido para participar, en determinados momentos algún miembro del equipo de salud promueve la voz de alguien que no ha participado, para preguntar si hay consenso en lo que se está tratando, o para historizar alguna situación que ayude a esclarecer un problema. El clima general es de tranquilidad, compromiso y respeto. Otra característica a destacar del grupo de trabajo es la solidaridad, parece ser una premisa cooperar con quien presenta algún problema. Por ejemplo, unos meses atrás un usuario no contaba con dinero suficiente para pagar el alquiler de su departamento y el grupo organizó una rifa para recaudar fondos. Quienes participaron de la investigación fueron una emprendedora, un emprendedor (ambos de unos 40 años aproximadamente) y una TO.

La **capacitación en panadería y pastelería** forma parte del Programa “N.A.” de un Centro de Acción Familiar (CAF), ubicado en un barrio periférico de la ciudad. Esta propuesta está conformada por:

- un Psicólogo (encargado),
- una TO (coordinadora),
- una capacitadora (chef),
- un grupo de veinte mujeres jóvenes que participan de la actividad.

La vigencia del programa es de tres meses. Además del funcionamiento matutino durante la semana, la propuesta cuenta con un “tercer tiempo”, encuentro que organizan la coordinadora junto con el grupo, en el que se tratan diferentes temáticas escogidas con las mujeres, tales como salud sexual y reproductiva, violencia de género, trabajo, etc. El objetivo de esta instancia es tanto fortalecer al grupo como tal, favoreciendo los intercambios y las relaciones, como trabajar temas que las mujeres en general no tienen donde tratar y tienen que ver con su bienestar (salud, condiciones de vida, etc.).

La propuesta “N.A.”, depende de tres ministerios provinciales que se articulan: desarrollo social, trabajo y educación y se propone realizar: “(...) un abordaje integral de jóvenes en situación de alta vulnerabilidad social, a los que se acompaña en un trayecto pedagógico de capacitación y fortalecimiento de vínculos sociales, con herramientas para construir un proyecto de vida”¹⁶.

El CAF, por su parte, es una institución dependiente de la Subsecretaría de Derechos de Niñez, Adolescencia y Familia, del Ministerio de Desarrollo Social de la provincia de Santa Fe y tiene por objetivo la promoción y protección de los derechos de los niños. De acuerdo con la página web oficial del Ministerio de Desarrollo Social de Santa Fe:

La acción de los mismos debe orientarse a fortalecer -junto con las familias, otros organismos e instituciones gubernamentales y no gubernamentales- las dimensiones física, motora, cognitiva, emocional y social de cada niño. [...] Estas líneas de acción implican un abordaje integral de las complejidades sociales, teniendo en cuenta a cada niño en su contexto, con sus familias y como ciudadanos portadores de derechos. Por ello el trabajo en los CAF debe pensarse a través de políticas concretas, planificación y acciones junto a nuevos actores sociales; es decir, constituirse como instituciones responsables de promover la gestión asociada y el trabajo en red con las partes integrantes del Primer Nivel de Intervención del Sistema de Protección de los Derechos de Niñez, Adolescencia y Familia en las comunidades donde se insertan.¹⁷

Son alrededor de diez CAF los que se encuentran distribuidos por la ciudad y en general están localizados en barrios de la periferia, donde la población está compuesta, mayoritariamente, por familias en situación de pobreza. En estas instituciones existe una jerarquía de trabajo, donde en el nivel superior se encuentra el director y sigue en orden el asistente profesional que, en el caso del CAF en cuestión, es un psicólogo y una terapeuta ocupacional, respectivamente. También forman parte de esta estructura un administrativo habilitado, una ecónoma, preceptores y sus auxiliares.

De esta propuesta participaron en la investigación dos mujeres usuarias (de 18 y 25 años de edad, aproximadamente) y la TO.

El **emprendimiento “S.S.”**, se encuentra en un establecimiento provincial, en una localidad a unos pocos kilómetros al sur de la capital de Santa Fe. La propuesta de formar la red de viveros surge de la Subsecretaría de Inclusión, con un convenio establecido con el Ministerio de Trabajo, el Ministerio de Producción y el Ministerio de Salud, y luego se

¹⁶ Disponible en: <http://www.pausa.com.ar/2017/05/lanzan-la-edicion-2017-del-programa-nueva-oportunidad/>

¹⁷ Disponible en: <https://www.santafe.gov.ar/index.php/web/content/view/full/118532>

incluyó el Ministerio de Desarrollo Social. El proyecto, dependiente de los mencionados ministerios provinciales (trabajo, producción, salud y desarrollo social), consiste en un curso de formación laboral en técnicas de producción forestal, de tres años, con la posibilidad de formar parte, luego, del emprendimiento socio-productivo, dependiendo del interés de cada concurrente y de la decisión del grupo de emprendedores y equipo. Está coordinado por un equipo de profesionales constituido por: una TO, un psicólogo, una viverista y un ingeniero agrónomo.

Según la propuesta elaborada por el equipo, además de la formación laboral, se trabaja para la validación de derechos y está destinado a jóvenes y adultos con discapacidad, motivados en aprender el oficio de jardinería. Para muchos de los jóvenes participantes esta oportunidad significa su primera experiencia laboral, en un entorno inclusivo en el que aprenden más sobre sus derechos y como ejercerlos, pues la intención es generar espacios de aprendizaje y participación ciudadana que permitan formar personas capacitadas para acceder al derecho del trabajo. Los fundamentos teóricos y prácticos desde los cuales se realiza este trabajo transdisciplinario son en relación con la discapacidad, la salud mental, la economía social, la educación popular y la agroecología.

El grupo de emprendedores es mixto, con alrededor de veinte jóvenes. La propuesta tiene una vigencia de 4 años y funciona de lunes a viernes, en horario matutino.

Participaron de la investigación una emprendedora (de 25 años), un emprendedor (de 22) y la TO.

Para poder brindar más detalles de lo contextual de los territorios de estas propuestas - que consideramos de relevancia-, adicionamos a continuación un mapa de la ciudad de Santa Fe¹⁸ (figura 5) con algunos íconos que representan determinadas problemáticas (figura 6) de las diferentes zonas de la ciudad. Con los círculos rojos señalamos la ubicación aproximada de dos de los proyectos investigados (el tercero pertenece a una ciudad aledaña, como ya hemos mencionado).

¹⁸ Este mapa es parte de un “Pequeño atlas colectivo de la ciudad de Santa Fe”, fruto de un mapeo colectivo coordinado por el dúo Iconoclastas (J. Risler y P. Ares, 2006), quienes describen este trabajo como: un proceso de creación que subvierte el lugar de enunciación para desafiar los relatos dominantes, a partir de los saberes y experiencias cotidianas de los participantes. Se puede conocer más sobre estos proyectos en: <http://www.iconoclastas.net>

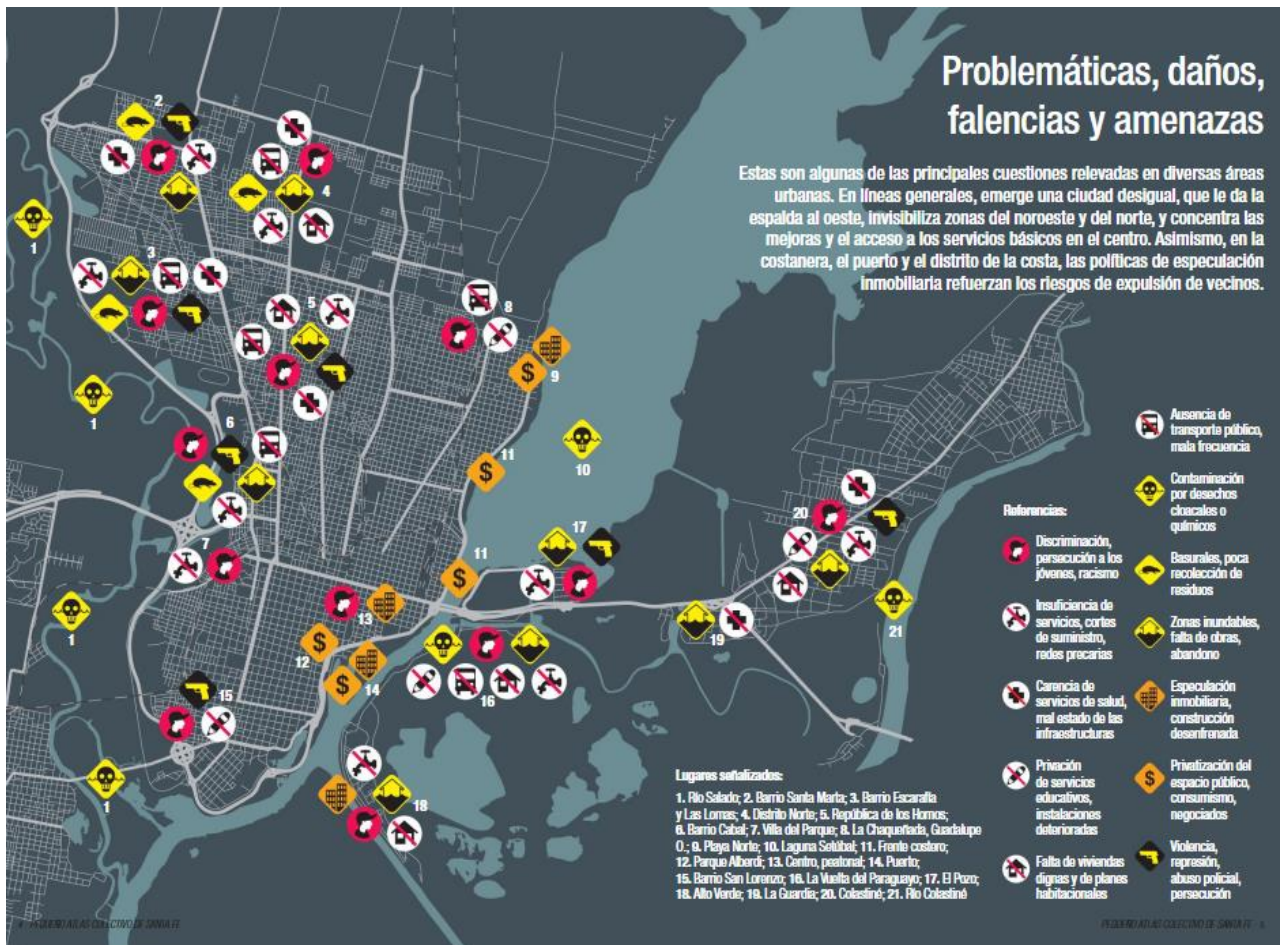


Figura 5- Mapa de Santa Fe con íconos que representan problemáticas de la ciudad



Figura 6- Referencias de los íconos

Una información pertinente que complementa dicha ilustración, es sobre las principales problemáticas que el colectivo de trabajo detectó: “las cuales delinearon una ciudad desigual que da la espalda a la zona oeste, invisibiliza la zona norte, concentra las mejoras y el acceso a los servicios básicos en el centro, y fortalece la amenaza de expulsión o traslado de los vecinos de la costanera, el puerto y el distrito de la costa, debido al avance del proceso de especulación inmobiliaria”¹⁹

3.5.2. Instrumentos para la construcción de los datos.

a). Entrevistas individuales a las usuarias y los usuarios y terapeutas ocupacionales de los servicios. Se desarrollaron conversaciones libres, sin utilizar cuestionarios en la situación de entrevista, lo que redundó en la generación de ideas y comentarios espontáneos (NIGENDA; LANGER, 2002). Se escogió realizar entrevistas focalizadas, consideradas de modalidad semi-estructurada y que comúnmente se utilizan con el objetivo de explorar en profundidad experiencias o hechos de interés (SABINO, 1992; GAUTHIER, 1998 apud SILVA et al., 2006). Esta técnica en particular, permitió centrarse en el tema de las experiencias de estas personas en relación a su participación en las propuestas de TO, posibilitando hablar de modo fluido, franco, para captar la riqueza de esas vivencias. Para ello, se elaboró una guía a partir de los temas de la investigación con preguntas posibles (apéndice II), que permitieron dar orientaciones y preguntas abiertas durante el encuentro. Fueron efectuadas dos entrevistas a cada uno de los participantes (de 35 minutos aproximadamente), en sus contextos de participación (buffet, vivero, CAF).

b). Observación participante (OP), la cual parte de una sistematización (guion de observación –apéndice III), en relación a los objetivos de la investigación para plantear estrategias de acción en el ámbito a investigar (QUEIROZ et al., 2007 apud SOUZA; LUIS; KANTORSKI, 2011). Posibilita una mayor proximidad al contexto y a los participantes del estudio, como también tener una experiencia personal en las actividades de las propuestas de TO. Para ello, la observadora se ubica a la par de las usuarias y los usuarios, integrándose al grupo como una participante más. Esta experiencia facilita la comprensión de las actividades que se realizan y de cómo los usuarios y las usuarias se involucran, se relacionan y desarrollan las propuestas (LIMA, M; ALMEIDA; LIMA, C, 1999; PROENÇA, 2008 apud SOUZA; LUIS; KANTORSKI, 2011). En ese sentido, no se elabora un texto específico sobre las observaciones

¹⁹ Disponible en: <http://www.iconoclasistas.net>

participantes, sino que las notas derivadas de esta actividad, constante e unida a las demás, estarán integradas en el texto de forma homogénea, formando parte de las diferentes descripciones.

c). La metodología *Photovoice* (MAMEDE; ESSER, 2016), se trata de un abordaje desarrollado en 1990 por las investigadoras Wang y Burris para ser implementado en investigaciones de tipo acción participativa, que propone incluir actividades comunitarias para capacitar a grupos sociales en situación de exclusión, con el objetivo de reconocer, representar y potencializar los recursos de sus comunidades por medio de fotografías. Las bases pueden resumirse en una tríada de ideas fundamentales: la educación crítica de Freire, la teoría feminista, y finalmente, la intención de brindar acceso de una comunidad a la fotografía y documentación. Las autoras también describen tres ejes fundamentales de la metodología, pero ahora más experienciales: 1-las experiencias vividas por los sujetos, 2-la representación personal de su entorno, 3- el empoderamiento de colectivos marginalizados e invisibilizados. Los estudiosos de las metodologías participativas visuales explican que *Photovoice* es una estrategia muy flexible y que puede ser adaptada a propósitos participativos específicos con diversos grupos y comunidades. En el caso de nuestro estudio, realizamos una adaptación dado que no era posible reunir a todos los participantes en un mismo lugar y momento para acordar el uso e implementación de la técnica, como la propuesta *Photovoice* indica. De esta forma, la coordinación de la estrategia se hizo en pares de participantes de cada propuesta comunitaria, dándoles la consigna a ambos, y posteriormente realizando la interpretación de las fotografías organizados en pares también. Si bien se ofrecieron cámaras descartables para realizar la actividad, las usuarias y los usuarios optaron por fotografiar con sus teléfonos celulares. La consigna dada para que tomen las fotos de acuerdo a sus experiencias en las propuestas de TO en comunidad fue: “vamos a tomar fotos de situaciones, lugares o cosas que sean significativas en las experiencias que viven en estas propuestas”. Y el paso siguiente fue que expresen por qué tomaron esas fotos.

d). Una revisión de recursos documentales fue realizada, donde se consideraron diversos documentos y fotos proveídos por las terapeutas ocupacionales de las prácticas investigadas (SÁ-SILVA; CRISTÓVÃO; GUINDANI, 2009). Asimismo, se implementó un diario de campo, cuyas notas promueven la memoria y una familiarización con el contexto a partir de las diferentes situaciones vividas. A través de la escrita, permite recoger en detalle las observaciones y reflexiones desarrolladas en el terreno (DENMAN; HARO, 2002).

Contemplando la importancia del rigor metodológico, se implementó el procedimiento de verificación de las propias narrativas por parte de los participantes. Esta revisión, conocida como corroboración por los participantes o *member checking* (CARLSON, 2010), es una oportunidad para que los participantes corroboren si la información que brindaron está siendo interpretada adecuadamente (MERRIAM, 1998; DOYLE, 2007 apud CARLSON, 2010), aumentándose así la autenticidad y confiabilidad de los datos presentados.

Respecto al análisis de datos, éste fue realizado de modo temático (BRAUN; CLARKE, 2006), para permitir una apreciación de los principales aspectos encontrados en cada lugar, así como para permitir una comparación entre todas las unidades estudiadas. Se trata de una herramienta flexible que permite una detallada y compleja organización y categorización los datos (VAISMORADI et al., 2013).

Asimismo, en línea con la perspectiva de la investigación planteada, se incorpora al análisis temático, elementos del análisis crítico del discurso, el cual se propone visibilizar problemáticas sociales y políticas, tales como las cuestiones de poder y desigualdad. Desde esta propuesta de análisis orientada más por un “problema” que por un marco teórico (SILVA, 2002), se pretende hacer crítica a la reproducción discursiva de la desigualdad y contribuir a la resistencia ante marcos sociales hegemónicos (VAN DIJK, 2003). Concordamos con McLaren y Kincheloe, al decir que dentro de los puntos más importantes de una investigación cualitativa orientada por una teoría crítica se contempla el manejo de la interpretación de la información, instancia de indagación en las relaciones de poder y justicia de las dinámicas socio-culturales (MCLAREN; KINCHELOE, 2006 apud ZALDÚA et al., 2016). La pretensión de esta línea de análisis no es ser puramente científica, sino más bien política y social, en el sentido de tender a la promoción del cambio, y así la orientación social deviene crítica. Para comprender las relaciones en la producción de los discursos se vuelve relevante realizar una contextualización de las dinámicas donde los relatos se inscriben. De esta forma, al tratar los relatos de las/os participantes, estos aspectos se consideran, en tanto discursos que forman parte de un tejido discursivo social mayor (VAN DIJK, 2003).

3.5.3. Aspectos éticos

En la presente investigación, durante todo el proceso -considerando desde el primer contacto con los participantes, hasta la preparación del campo y el análisis de los datos-, se sostuvo un compromiso y respeto en las actividades y relaciones interpersonales, valorando a cada persona involucrada como un sujeto particular con sus valores e idiosincrasia.

Fue solicitada una autorización en las instituciones a cargo de las propuestas en las que se realizó el trabajo de campo (anexo I).

Asimismo, el proyecto de investigación fue evaluado y aprobado por el Comité de Ética en Investigación en Seres Humanos de la Universidad Federal de São Carlos (CEP/UFSCar), de acuerdo con la Resolución nro. 466/2012 (BRASIL, 2012b). Se anexa el Parecer consubstanciado favorable del CEP/UFSCar, número 2226602 (anexo II).

En relación con las personas participantes, al realizar la convocatoria en cada lugar de práctica, se utilizó el documento Consentimiento Informado (apéndice IV) para dar a conocer, de forma clara y simple, los objetivos y metodología de la investigación, como también que la participación es de carácter voluntario, factible de ser interrumpida si se requiere, y se garantizó el resguardo de la identidad.

Con respecto a la presentación de los datos en los resultados y las narrativas, fueron utilizados nombres ficticios, como también fueron modificados otros datos personales e instituciones para preservar las identidades de los participantes.

Las fotografías que se muestran en los resultados, como parte de la metodología adaptada de *Photovoice*, fueron tomadas voluntariamente por los/as participantes, acordando previamente que si decidían tomar fotos de personas éstas debían dar autorización y que al publicarlas en la tesis serían tratadas para preservar las identidades. De este modo, la única foto en la que se observan rostros—presentada en resultados-, fue editada a fin de evitar el reconocimiento de las personas.



CAPÍTULO IV:
Resultados y discusión



Entonces, no es en el ingenuo sometimiento a los textos “repetibles” ni en la inalcanzable autarquía de un “yo” expresable donde deben situarse las construcciones discursivas del investigador, del docente o del estudiante universitario, sino en la delgada línea que mantiene el contacto entre lo social y lo individual, entre lo ya dicho y lo siempre silenciado, entre lo establecido y lo que lucha por un lugar: en pocas palabras, entre la polifonía de la cultura y la íntima textura de la propia voz.

M. Elisa Bettendorff, 1998.

En el proceso de la investigación colaborativa, donde fueron combinadas las metodologías y técnicas de observación participante, *Photovoice* (adaptación) y entrevistas (realizadas en dos instancias a cada uno), se trabajó junto a nueve participantes, a saber:

Propuestas	Participantes		Total
	Usuaris/os	TO	
Emprendimiento “E.E.” (buffet)	Julieta y José	N.Y.	3
Emprendimiento “S.S.” (vivero)	Mauro y Josefina	C.I.	3
Capacitación “N.A.” (panadería y pastelería)	Candela y Romina	L.B.	3
Total	6	3	9

Cuadro 8- Participantes de cada propuesta en la investigación

En las conversaciones desarrolladas en el marco de las entrevistas, surgieron diversos temas, algunos provocados por la entrevistadora y otros suscitados con espontaneidad. Al transcribir las grabaciones y construir las narraciones, quedaron plasmados relatos de vidas (apéndice V), con espectros de significaciones expresadas con lógicas particulares. Entendiendo a los relatos de vida, como narraciones biográficas acotadas en relación al objeto de estudio de la investigación, pueden abarcar la extensión de toda una experiencia de vida de una persona, o enfocar en un aspecto particular de esa experiencia (KORNBLIT, 2007). En nuestro caso, hablamos de los procesos y experiencias en las prácticas de TO en comunidad – tanto de usuarios/as como de TO– y sus implicancias en los cotidianos y proyectos de vida de las usuarias y los usuarios que participan en dichas propuestas. Por su parte, el procedimiento

de análisis de los datos -con las correspondientes interpretaciones y posteriores discusiones desarrolladas-, significa el desafío de concatenar los sentidos individuales adjudicados a las experiencias, con el contexto socio-comunitario en el que surgen, como único camino de trascender lo particular y generar un saber más profundo sobre las prácticas en comunidad.

Es así entonces que a partir del análisis temático (BRAUN; CLARKE, 2006) categorizamos los siguientes temas:

Nro.	Temas	Autores de los relatos
1.	Lo cotidiano y la esperanza de un “mañana”.	Usuarías/os
2.	El vínculo usuaria/o – TO como alianza de soporte.	Usuarías/os
3.	Las experiencias en las propuestas comunitarias como posibilitadoras de inclusión y empoderamiento.	Usuarías/os y TO
4.	La gestación y supervivencia de las prácticas en comunidad.	TO
5.	La formación de las TO en relación con sus prácticas actuales.	TO

Cuadro 9- Organización de los temas del análisis.

En este capítulo exponemos y desarrollamos entonces, los temas derivados del análisis temático, junto a una discusión, como un modo más directo de poner en diálogo los resultados con otras voces, significando importantes aportes que enriquecen esta construcción.

4.1. Lo cotidiano y la esperanza de un “mañana”

En las descripciones sobre sus cotidianos, se observa cómo las/os participantes valoran poder tener un control sobre la organización de sus tiempos y de los horarios de sus actividades diarias para sentir bienestar. También se percibe que estas propuestas comunitarias, en la mayoría de los casos, son la única actividad social y económica de estas personas y, en ese sentido, se convierten en el eje que articula sus haceres cotidianos: es lo que marca el “antes” y el “después” del día, vale decir, lo que organiza su ocupación diaria. Esto se condice con la responsabilidad con la que varios/as asumen la actividad, situación que se vislumbra en sus comentarios, que marcan un compromiso con la ocupación que desarrollan en estos proyectos.

El asunto del “uso” del tiempo en la vida de las personas, o de la “vivencia” del tiempo (que implica modos diferentes de concebirlo y percibirlo), es sumamente relevante para la

disciplina de la TO en general. Se cuenta con un número considerable de estudios en el tema, fundamentalmente desde la Ciencia Ocupacional, originarios de países del norte (FARNWORTH, 2000; ZEMKE, 2004; HUNT; McKAY, 2015), aunque también existen artículos sudamericanos (RATTERO, 2001; BENASSI, et al. 2016). Al respecto, Zemke (2004) menciona que un estudio demostró que características ocupacionales como la novedad y la complejidad favorecen el compromiso en las actividades. Por su parte, Benassi et al., profundizan sobre “las temporalidades del hacer”, a lo que aludiremos más adelante.

En los siguientes fragmentos de relatos se observan los aspectos señalados:

Me levanto cerca de las 10, o a veces 12 hs, siempre antes de salir me baño, en la mayoría de los turnos de atención entro a las 15 hs. al emprendimiento, algunos días a las 11, depende como ande de ánimo y de cuerpo para sentir que tuve un buen día. De salud, físicamente, ando bastante bien, pero de ánimo no siempre, me cuesta dormir y me levanto cansado. Vengo caminando, me lleva 15 min, llego media hora antes para cumplir con mi turno, si vengo muy justo en el horario tengo que empezar a atender directamente, no me gusta hacer las cosas apuradas. Tengo que llegar antes para acomodar la mercadería. Son 4 hs. de trabajo. Y después me vuelvo a casa. No salgo mucho, no hago otra actividad. Voy al hospital, escribo, un día a la semana me encuentro con la psicóloga [...] (José)

Me levanto y ya desayuno y me vengo para acá a las 8, nos quedamos acá hasta las 12 hs, un poco más a veces. Nos llevamos cosas de acá y les convido a mi mamá y mi papá. Y me quedo en mi casa, la ayudo a mi mamá que tiene un negocio y me quedo ahí [...]. Y a veces me piden que cocine las cosas que aprendo acá. (Candela)

Me despierto cerca de las 6 de la mañana, pero capaz que hasta las 8 me quedo tomando mate en la cama porque como no tengo trabajo²⁰, no tengo otra cosa que hacer. Voy a las reuniones. Después me quedo en mi casa, cocino, como. (Julieta)

Me levanto tipo 6.30 para llegar acá a las 7, acá organizo los compañeros a donde van a salir a vender [...] Estoy acá hasta las 12. Después me voy a la quinta a trabajar y después me voy a la escuela. Estoy terminando, voy a la noche, 19 hs. Trabajo todo el día y después voy a la escuela, entro 18.30. Pero en la quinta no trabajo todos los días, los más fuertes son los lunes y los jueves. (Mauro)

Me levanto temprano porque mis hijos van a la colonia a las 8, después tomo mate con mi hermana, hasta que se hace la hora, y vengo acá hasta las 12, retiro a los chicos y hago mi vida cotidiana. Así todos los días. Por las tardes miro novela, lavo, limpio. Vivo con mi pareja y mis chicos, él trabaja todo el día en el mercado, no tiene horario fijo, ni de entrada ni de salida. Él trabaja

²⁰ Vale aclarar que este relato fue durante el receso del trabajo, momento de reuniones principalmente para organizar y planificar la re-apertura. Por eso el motivo del comentario “como no tengo trabajo, no tengo otra cosa que hacer”.

en descarga de papa. Yo me encargo de los chicos y él trabaja. Yo apporto, pero no es mucho. (Romina)

Un aspecto a destacar en este último caso, es que la joven, que además es madre, demuestra en su relato que sus actividades centrales son dos: la capacitación en panadería y el cuidado de sus hijos y la casa. Asimismo, se observa cierta desvalorización de sus haceres en relación a los de su pareja: si bien se capacita, cuida los hijos y limpia la casa, refiere: “Yo apporto, pero no es mucho”.

En los relatos de las/os participantes se pueden apreciar, también, las repercusiones que estas propuestas van generando en sus vidas cotidianas. Si bien para algunas/os puede resultar complejo visibilizar los cambios, por la habilidad crítica que requiere realizar ese sucinto autoanálisis, en la mayoría de los relatos se ven ejemplos de ello:

Si, si cambió. Me gusta más trabajar en un kiosco [buffet] que lo que estaba haciendo antes, que pintaba carpetas con rodillo, hacía agendas, esto me gusta más, es más lindo, estoy más contenta. También porque es por la tarde, no es por la mañana, antes tenía que venir al hospital temprano, y me quedaba lejos, hacía frío, tenía que tomar el colectivo, ya de tarde me da más ánimo de andar. (Julieta)

Yo antes no hacía nada y esto por lo menos cambió, salgo, ando. Desde que ellos [sus hijos] también empezaron el taller acá, empecé a querer socializar, porque no me gusta, yo soy así, al único lugar que voy es a lo de mi mamá y de mi hermana. [...] Y me da muchos beneficios, hay mucho apoyo del personal [del CAF], los chicos vienen al apoyo [escolar que brinda el CAF], todas esas cosas, y ellos también cambiaron porque yo no salgo mucho [...] Cuando terminamos el año pasado el taller de cocina, fue una emoción, porque nunca recibimos nada. (Romina)

Me he hecho amigos de acá, de todos. [El emprendimiento] me ayudó bastante porque ahora en estos días no conseguís trabajo, nada, y venís para acá y es más fácil [...] (Mauro)

Me gusta venir, aprender, salir, conocer a otra gente, yo a las chicas no las conocía y vivimos en el mismo barrio... A mí me gusta mucho aprender otras cosas, y acá no tenemos otras propuestas. Creo que en el polideportivo hay algunas actividades. No sé si después me dará algún laburo. Y hago cosas que en mi casa no hago, nunca las habría hecho en mi casa. Y ayuda el dinero también, porque yo no tenía nada [...] Del “tercer tiempo”²¹, lo único que tuvimos estuvo bueno porque salís de acá, del barrio y conocés otras cosas, fuimos al camping, estuvimos todas en grupo, tomamos mate, hablamos, nos jodimos, nos olvidamos de todo, nos reímos toda la tarde. Disfrutamos, nos olvidamos de todo, porque acá estamos un rato y empieza la pelea. Sino no

²¹ Como ya explicamos, “tercer tiempo” son encuentros donde se tratan temáticas escogidas con las mujeres, tales como salud sexual y reproductiva, violencia de género, trabajo. El objetivo es fortalecer al grupo y trabajar temas que las mujeres en general no tienen donde tratar y son en relación con su bienestar.

salgo del barrio porque... no sé, no conozco otra cosa que no sea acá.
(Candela)

En casi todos los casos los cambios redundaron en mayor bienestar, tanto por tratarse de una actividad de más disfrute o agrado (ej: *“estoy más contenta”, “es más lindo”, “Me gusta venir, aprender, salir, conocer a otra gente”, “conocés otras cosas”, “disfrutamos”*), por ser en un horario más cómodo sobre el cual tienen control (ej: *“de tarde me da más ánimo de andar”*), por ayudar económicamente (ej: *“ayuda el dinero también, porque yo no tenía nada”*), o por generar improntas positivas en lo subjetivo (ej: *“empecé a querer socializar”, “me da muchos beneficios, hay mucho apoyo del personal”*).

Dos participantes refieren inicialmente que “está todo igual”, no obstante, las narraciones que desenvuelven dan cuenta de que hay modificaciones en sus vidas cotidianas (ej: *“Cambiaron un poco las relaciones sociales, y lo económico también es una ayuda”*).
Expresan:

Sigue todo igual, yo me estoy basando en esa escritura del libro, y algún día quiero presentarla porque para mí es algo importante [...]. A esto [el emprendimiento] también lo valoro, al hospital iba para charlar más que nada, el trabajo a mi mucho no me interesaba, más que por una cuestión social. [...] Cambiaron un poco las relaciones sociales, y lo económico también es una ayuda [...] (José)

Esta todo igual nomás. [...] Acá cuando empezamos nos dieron la ropa para trabajar y nos regalaron la remera, nos dieron el diploma. (Josefina)

En otro momento de la conversación Josefina también decía:

Si acá cobramos una beca, con eso a veces me compro ropa o la medicación. Después de la venta, nos repartimos la plata. [...] Fui cambiando de a poco, fuimos aprendiendo de a poco, primero veíamos a los profesores, después aprendimos. (Josefina)

Así, siendo lo cotidiano ese lugar “donde se realiza el movimiento de producción y de reproducción de las relaciones sociales, donde se da la producción del ser humano, en el curso de su desarrollo histórico” (LIMA, 1983, p.43 apud GALHEIGO, 2003, p.106, traducción nuestra), entendemos que estas pequeñas transformaciones en el cotidiano de las personas, reveladas en sus relatos de vida (KORNBLIT, 2007), no son hechos menores, ya que dan cuenta de algún modo, de un proceso de producción de subjetividad. Estos cambios, a su vez, tienen un significado más profundo en el caso de los participantes que han tenido experiencias de “disciplinamiento, normatización y normalización del cotidiano” y “vigilancia” (GALHEIGO,

2003, p. 106, traducción nuestra) durante sus largas internaciones en el hospital. En relación a este asunto concerniente al área de salud mental, Leão y Moraes Salles, en el libro “Cotidiano, atividade humana e ocupação” (2016), articulan esa noción de cotidiano con la rehabilitación psicosocial en territorio.

Se hace innegable entonces, que el cotidiano y las condiciones de vida de las/os usuarios/as están condicionadas por las (faltas de) políticas públicas y redes de soporte por parte del Estado. Un ejemplo de ello es la realidad que se da cuando personas que padecen alguna problemática psicosocial, quedan internadas por largos períodos en psiquiátricos estatales y no siempre por motivos de salud, sino por cuestiones socio-económicas (ej: no hay una familia con los recursos necesarios para hacerse responsable de los cuidados). Situación que afecta aún más la salud mental y el bienestar en general de estas personas. Esta problemática se vio reflejada en lo expresado por Julieta:

El tema era que cuando me dieron la pensión, el psicólogo quería que me vaya, pero yo no quería por el tema económico, porque si pagaba alquiler no me alcanzaba para mis gastos, no tenía más plata, yo no me quería ir porque no tenía trabajo. Entonces ahí se reunieron todos, se hizo el equipo de externación, con asistente social, de distintos sectores, psicólogos, psiquiatras y ahí surgió. [...] Yo de lo único que tengo miedo es que se corte el plan que nos da la Nación. (Julieta)

Algunos comentarios hechos por Candela también revelan las escasas oportunidades que la sociedad brinda para las personas de sectores desfavorecidos y, especialmente para las mujeres, de un modo naturalizado, dice:

En diciembre dejé de trabajar, estaba trabajando de limpieza, en otro lugar... acá en el barrio no hay nada. Acá solamente salen los hombres a trabajar al mercado, mis familiares todos trabajan en el mercado. (Candela)

Más allá de las actividades del “día de hoy”, en los diálogos mantenidos, las/os participantes también desplegaron proyecciones, *esperanzas*, posibles continuidades en un porvenir de oportunidades. La oportunidad, según Benassi et al., intenta hacer historia de los momentos fragmentados y, “contra el destino, abre y da tiempo para salirse del sendero trazado” (2016, p. 115). Las/os participantes pronunciaron estas posibilidades de las siguientes maneras:

[...] es una herramienta de trabajo en el día de mañana para mí y también porque me gusta. A veces me da ganas de dejar por los conflictos que hay, pero me gusta y yo no lo quiero dejar. El día de mañana puedo trabajar, como yo no termine la escuela... Espero que me aporte un trabajo, que pueda trabajar con esto, con lo que aprendí, que estoy aprendiendo, porque todavía falta. (Romina)

Esta propuesta consiste en aprender algo que vos puedas utilizar después para lograr y llegar a algo que vos quieras. A mí me gusta aprender y me gusta relacionarme más con otra gente, salir un poco de mi casa, y en un futuro capaz me sirva para otra cosa [...] Me gustaría emprender algo yo, que salga de mí, la panadería me gusta. Quisiera poner algo, en mi casa [...] Quiero terminar la secundaria, porque te piden tener eso, entonces tengo que volver un paso atrás y terminar eso. (Candela)

Sí, tener un propio emprendimiento mío [...] con aromáticas y florales [...] [Me sirve] Para hacer una pieza arriba en la casa, ganar más dinero para construir una pieza [...] (Mauro)

Me imagino trabajando con las plantas. Me gusta venir acá. Venís a prender, a despejarte un poco. (Josefina)

No sé, no me imagino nada, por ahora estoy acá. Espero que sí, que no se corte nunca el trabajo. Yo nunca hago proyectos, en ningún aspecto de mi vida proyecto hacer algo, yo vivo el presente y el futuro nunca se lo que puede venir, yo no tenía idea de lo del kiosco, del buffet, fue una sorpresa, no sabía que iba a poder trabajar en otra cosa, esto es más interesante, es otra cosa. (Julieta)

Estamos esperando que esto crezca, pero para que eso suceda tienen que haber una refacción del lugar [...] Yo digo que no se tiene que perder lo que viene generando, porque va bien. La intención que tienen, que no se pierda: la inclusión social, no tomar al paciente como alguien inferior, sino como un igual. Así como estoy con mi memoria, con mi dificultad, no me proyecto por mucho tiempo [...] No sé, si no es por mucho tiempo, estoy dejando el camino a otra persona, a otro paciente. Al proyecto no lo tomo como futuro mío, no pienso seguir mucho, yo ya tengo 43 años, estoy dejando mi apoyo, mi marca a otro, a otros pacientes. (José)

Como vemos, la mayoría de las/os participantes ve en éstas propuestas lo potencial de la experiencia, la construcción de herramientas para un *“mañana”* donde poder concretar sus deseos. En algunos casos, esa posibilidad que esperan tiene que ver con poder tener un trabajo, su propio emprendimiento, o, ver crecer el proyecto para las nuevas personas que se incluirán; en otros no está tan claro, pero parecen confiar en la concreción de un deseo propio, como dice Candela: “para lograr y llegar a algo que vos quieras”.

En consonancia, de un modo claro y casi poético, Bleichmar dice: “Se tiene esperanza no sólo cuando se aspira a que algo cambie en una dirección deseable, sino también cuando se

avizoran las condiciones que lo posibilitan; y más esperanza se tiene cuando se participa de la posibilidad de lograrlo” (2006, p. 35).

- Como fue mencionado previamente, además de las entrevistas y las OP, se realizó una actividad con las usuarias y los usuarios, inspirada en el abordaje *Photovoice* (MAMEDE; ESSER, 2016). Para ello, se acordó que tomarían fotos de situaciones, lugares o cosas que sean significativas en las experiencias que viven en estas propuestas.

Las fotografías, con su lenguaje particular, y siendo capturadas por las/os participantes se tornan aquí narrativas visuales. Muestran, junto a los comentarios, los contextos cotidianos de las propuestas, las producciones de las/os emprendedores, de alguna manera, ilustran los aprendizajes construidos, los cuales se constituyen en herramientas para “un por-venir”:



“Acá se ven los plantines de aromáticas y florales que cuidamos y comercializamos. Me gusta el vivero, después quiero seguir trabajando de esto”. (Josefina)



“Hice panes comunes y de jamón y queso para mi familia. Estas fotos representan el beneficio que este programa me da, que es saber cocinar panes y vender, y así tener un recurso laboral en algún momento, tener un futuro”. (Romina)



“La casita, lugar de encuentro y calidez de todos los días. Esta, como toda casa, es un lugar familiar. Es donde uno también aprende, busca apoyo, convive [...] Eso es para mí lo que representa esa casa de “E.E.” (José)

4.2. El vínculo usuaria/o – TO como alianza que da soporte.

Si bien todos los discursos de las/os participantes muestran que existe una buena relación con las terapeutas ocupacionales y las referencian como una ayuda, en dos de las tres prácticas se denota una valorización positiva muy significativa de la TO, como guía, apoyo, con un trato horizontal y una preocupación por el bienestar de ellas/os:

El trabajo de ellas es importante, porque tenemos que tener a alguien que nos vaya guiando. N.Y. (TO) es la mejor, sin N.Y. no existe el hospital. La veo con más ideas, con más ánimo, la que organiza más. Ella hace años que trabaja en esto y tiene mucha experiencia. Este año se va a jubilar, yo no quisiera que ella se vaya, pero no sé si se puede quedar o no. (Julieta)

L. está todo el tiempo, si hay algún problema lo hablamos con ella, y ella nos ayuda, para mi es importante, es como una guía, ella nos dice ‘esto se hace así’, nos ayuda mucho. (Romina)

Ella da más apoyo psicológico [...] y también tiene autoridad en el grupo [...] Habla con nosotras, nos hace integrar, esta todo el tiempo con nosotras, nos pregunta cómo estamos, nos hace hacer más cosas juntas, nos hace agruparnos. Cuando empecé, L. nos hizo una entrevista a todas. Nos preguntaba que queríamos aprender, por qué queríamos estar acá, qué queríamos hacer, qué nos interesaba del programa, por qué nos habíamos anotado. Mi relación con ella es buena, ella es fundamental, porque nos ayuda a resolver los problemas. En algunas cosas ella está bien con todas, entonces no puede ser estricta con alguien, me gusta que sea así como es porque podés hablar con ella, pero hay cosas que hacen las chicas que no están bien y ella no se pone firme. (Candela)

En el trato, eso es muy importante, más allá de lo que se haga en el taller [...] Son importantes las TO por la parte humana, de ayudar a la persona, cuando las personas se traban ellas siempre están atentas para darles una mano, para que agilicen y vayan aprendiendo.

La TO no es solo la función de estar en el taller, se encargan de la parte humana. Con N.Y., con ella se puede hablar, te trata de igual a igual, se puede charlar. Se desempeñan bien dentro de sus funciones, dan apoyo, organizan. Pero ante mi problema, eso no es suficiente. Las personas además de tener problemas de razonamiento, tienen problemas espirituales, inquietud, sufrimiento, con el trato las personas se sienten aliviadas, siente un momento de alegría, es como una terapia también. Se despejan de los problemas que tienen con la familia y se dispersan, se toma mate, se comparte, se distraen [...] (José)

Si bien al leer estos cuatro fragmentos queda claro la relevancia de la figura de las TO en relación a lo vincular en estos proyectos, veamos con más detalle las características que están estimando:

~ es importante porque tenemos que tener a alguien que nos vaya *guiando*.

- ~ está todo el tiempo, si hay algún problema lo *hablamos* con ella
- ~ nos *ayuda*, para mi es importante
- ~ da más *apoyo* psicológico
- ~tiene *autoridad*
- ~ *Habla* con nosotras, nos *hace integrar*
- ~ está todo el tiempo con nosotras, nos *pregunta cómo estamos*
- ~ Nos preguntaba que *queríamos aprender*, por qué queríamos estar acá, qué queríamos *hacer*, qué nos *interesaba* del programa
- ~ es fundamental, porque nos *ayuda a resolver* los problemas
- ~ el *trato*, eso es muy importante,
- ~ Son importantes las TO por la *parte humana*, de *ayudar* a la persona, cuando las personas se traban ellas siempre están atentas para darles una mano, para que agilicen y vayan aprendiendo.
- ~ te *trata de igual a igual*, se puede *charlar*
- ~ dan *apoyo, organizan*

De acuerdo con estas/os cuatro usuarios/as, lo que es fundamental de las TO es la compañía, el apoyo, la guía, el trato “humano” e igualitario, la palabra, la escucha, el hacer integrar, el ordenar y organizar, la ayuda, el interesarse por el otro. Cualidades que adquieren relevancia al contraponerse a las condiciones que frecuentemente dispone la “moderna sociedad líquida”²² que habitamos, en términos de Bauman y, donde habitualmente hasta los mismos profesionales de la salud suelen “solamente escuchar y empastillar”, como refirió José (y señalamos más adelante).

Asimismo, otras experiencias retratadas en la literatura, como las de Aoki et al. muestran que la actitud de cuidado del profesional hacia el sujeto privilegia la comunicación, el diálogo y, “la promoción de algún grado de emancipación para los participantes del grupo” (2014, p. 154). Esto también es avalado por otros autores que sostienen que los apoyos sociales son vitales para la conservación de la salud mental de las personas (DESSEN; BRAZ, 2000 apud FERRO, 2012).

Por otro lado, cabe retomar del penúltimo fragmento, la característica que menciona Candela sobre la TO, en relación a tener “autoridad” en el grupo. Parece ser un rasgo que ella valora, pero al mismo tiempo presenta cierta ambigüedad o contradicción, se evidencia cuando

²² En las propias palabras del autor: “[...] el habitante de nuestra moderna sociedad líquida- y sus sucesores de hoy- deben amarrar los lazos que prefieran usar como eslabón para ligarse con el resto del mundo humano, basándose en su exclusivo esfuerzo y con la ayuda de sus propias habilidades y de su propia persistencia” (BAUMAN, 2006, p. 2)

dice: “[...] *no puede ser estricta con alguien, me gusta que sea así como es porque podés hablar con ella, pero hay cosas que hacen las chicas que no están bien y ella no se pone firme*”.

Aparentemente está esperando de la TO una figura que no solo concilie sino también que imponga más límites.

En el caso de José, al final de sus comentarios también parece demandar algo más - además del trato, el apoyo, etc.-, al decir “[...] *ante mi problema, eso no es suficiente*”. Aunque finalmente no termina de enunciar qué es lo que espera o desea para tratar “su problema”, podría inferirse, al considerarse su relato completo, que tiene que ver con cuestiones “espirituales”.

Al conversar sobre las terapeutas ocupacionales, las/os usuarios/as también las destacan por su función operativa, organizativa en el trabajo. Así lo describen:

[...] si no fuera por ellas [las TO] no lo podríamos realizar. Ellas ayudan en la parte de los proyectos, cómo organizarlos, cómo armarlos, comunicarse con las autoridades pertinentes, no solo la parte de la salud viene del hospital. Las TOs acompañan, están en las comisiones, son las cabezas de las comisiones, son las que más hablan, explican y nos dan ciertos trabajos para hacer. (José)

[A la TO] La veo con más ideas, con más ánimo, la que organiza más. Ella hace años que trabaja en esto y tiene mucha experiencia. Este año se va a jubilar, yo no quisiera que ella se vaya. (Julieta)

Otro aspecto interesante de las consideraciones de José, es su crítica a los profesionales de la salud que medicalizan sin tener un trato comprometido y de apoyo con los sujetos que atienden:

Un médico para mí, psiquiatra o un psicólogo, tiene que escuchar, apoyar, prevenir y varias cosas más, no solamente escuchar y “empastillar”, tienen que aconsejarlos, orientarlos, hacerle ver la realidad que no puede ver. (José)

Si bien las TO parecen desempeñar un importante rol en las propuestas que estamos tratando, en general las/os usuarias/os no conocían esta profesión previamente. De este modo, el reconocimiento sobre la TO en ellos ha cambiado:

El primer contacto fue con N.Y. en Vital [emprendimiento]. Cuando estaba internada. Antes no había trabajado con otras TOs. (Julieta)

No conocía nada de la TO antes de venir acá. Es como una psicóloga porque nos ayuda, nos enseña, nos hace entender cosas que no entendíamos, nos explica de otras maneras, me gusta que este. (Candela)

Conocí acá a la TO y no entiendo mucho de qué se trata. Me parece que está bueno, que ayuda. Mi relación con ella es re buena, nunca tuve problemas. [...] (Romina)

La más conocida para mi es N.Y. (TO) [...] En el 2006 la conocí a ella por estar internado. [...] Y la TO es una carrera que está en auge, gusta mucho parece esa carrera y ellas también parece que piden mucho venir para acá [a hacer sus prácticas en el hospital] Y transmiten alegría, tienen buen trato. (José)

En una de las propuestas, particularmente, se observa que tanto la usuaria como el usuario entrevistados, no tienen claro la profesión de ninguno del equipo. Lo dicen del siguiente modo:

Ellas, Viviana no habla mucho te dice de las plantas si hay que regar o no, y después la C. tampoco, ni idea, nunca le pregunté cuál es su función. [...] Bien, con Germán y Marcelo tengo una relación más cercana, porque con Viviana y C. son más cerradas para hablar, charlar, son de pocas palabras. (Mauro)

Josefina refiere no saber la profesión de Germán, ni de C. y desconocer la TO, pero reconoce la ayuda:

Ella nos ayuda a veces, anda con nosotros, ahora se llevaron los papeles para cobrar la beca [...] Yo hablo muy poco con la C., a veces hablo con Marcelo o Germán o con Viviana, pero yo no hablo tanto con ellos, muy poco, pero me llevo bien con ellos. (Josefina)

4.3. Las experiencias en las propuestas comunitarias como posibilitadoras de inclusión y empoderamiento.

Términos como empoderamiento y fortalecimiento, vienen siendo desarrollados y discutidos tanto dentro del campo de la TO -más recientemente-, como en otras disciplinas, desde diferentes perspectivas (FREIRE, 1987²³; MONTERO, 2004²⁴; EULER, 2015; SALAS et al, 2015), aunque también utilizados frecuentemente sin fundamentaciones. No haremos aquí una amplia conceptualización al respecto, más bien expondremos desde qué postura lo

²³ Nombramos esta obra entre muchas otras que pueden ser mencionadas de este gran maestro, que ha producido innumerables textos y experiencias. Si bien no tratamos aquí puntualmente sus trabajos, nos parece importante traer una idea fundamental de él: “Nadie libera a nadie, ni nadie se libera solo. Los hombres se liberan en comunión” (FREIRE, 1987, p. 27)

²⁴ Esta autora defiende el concepto de “fortalecimiento” en contraposición al de “empoderamiento”, considerando a éste último como una traducción del anglicismo “empowerment”.

entendemos. Al hablar de empoderamiento nos referimos al proceso que busca apoyar y favorecer a los colectivos más vulnerables, e intentar transformar los desequilibrios existentes en relación al poder (GARLITO et al., 2015). En esta investigación, a partir del trabajo de campo realizado con las usuarias, los usuarios y las TO, fue posible entender que la participación en este tipo de propuestas genera diversos cambios en la cotidianidad de estas personas (como se expuso en el tema 1), promoviendo un proceso que puede ser considerado un camino de empoderamiento y emancipación. Cabe destacar que, al decir proceso, se alude a una actividad en construcción, y así adquiere la característica de la incompletud, es algo que está en tránsito.

Así, la TO N.Y. cuenta, de un modo claro y contundente, cómo ve estas transformaciones que –de un modo rápido o progresivo- van generándose en las vidas de las/os participantes, a partir de las experiencias vivenciadas en estos proyectos instalados en la comunidad:

Claramente el emprendimiento ha modificado la vida cotidiana de los usuarios, ha modificado los ámbitos de circulación, el hecho de no venir al hospital e ir a la institución educativa implica un montón de cambios, tener otros circuitos, implica encontrarse con otras personas, vestirse de otra manera, estar de otra manera. Y eso ha tenido claros efectos positivos. Están distintos, están mejor, tienen otros entusiasmos respecto a la tarea. Eso ha sido notable, la dimensión sobre todo en el plano simbólico, de un pasaje de una condición de usuario de Salud Mental hacia la de un emprendedor, eso se nota que está en proceso, se está produciendo ese tránsito. [...] Ya pasen a ser emprendedores de la economía social para la provincia, y entonces la provincia los registra como monotributistas. A partir de eso, tienen obra social, aportes jubilatorios, pasan a tener otro estatuto como ciudadanos. (TO N.Y.)

Por otro lado, vale resaltar que, los soportes que brinda el Estado a las personas en situación de vulnerabilidad social son mínimos y las posibilidades de conseguir trabajo para estas personas son escasas. Así, las propuestas de los emprendimientos productivos enmarcados en las prácticas de terapeutas ocupacionales y sus equipos, resultan una ayuda económica de relevancia para las/os participantes:

Nosotros contamos con una pensión, pero no nos alcanza para satisfacer las necesidades básicas, no es mucho dinero. [...] y esto nos ayuda porque necesitamos trabajo. [...] Es una ayuda económica bastante importante porque sin eso no podríamos subsistir, no podría pagar el alquiler, hace falta un trabajito. (Julieta)

Si acá cobramos una beca, con eso a veces me compro ropa o la medicación. Después de la venta, nos repartimos la plata. (Josefina)

[El emprendimiento] me ayudó bastante porque ahora en estos días no conseguís trabajo, nada, y venís para acá y es más fácil que estar por ahí, que no se encuentra trabajo, por eso seguí hasta ahora. En otros lugares te piden certificados de escolaridad, de oficio, un listado de cosas, nada de lo que hice yo. También hice carpintería, pero no es fácil trabajar de eso, te piden estudios completos. Así no necesito estar recorriendo todos los lugares donde dejé curriculum y no me llamaron. (Mauro)

De recursos ahora estamos mal, porque no hay nada, pero hay que esperar un mes, que llega más plata. Nosotras vendemos y tenemos plata para comprar [...] azúcar, grasa, dulces, para seguir trabajando. (Romina)

Estas condiciones estructurales desfavorables para las/os usuarias/os, que mencionábamos, también son enunciadas por las terapeutas ocupacionales:

La mayoría de los usuarios de hospital de día no tiene trabajo o tiene trabajo en condiciones de mucha precariedad. [...] El Programa del Ministerio de Trabajo de la Nación, es el P.E.L.²⁵, [...] y es para personas con discapacidad sin trabajo. Porque políticas de Salud Mental vinculadas al trabajo no hay. (TO N.Y.)

En concordancia, un texto interesante que aborda la cuestión del trabajo en el campo de la TO, trayendo aspectos históricos y actuales y su relevancia en la esfera social, es el de las autoras Oliveira Lussi y García Morato (2016). Asimismo, la psicóloga argentina Aguiar (1999) también ha traído este tema de discusión al terreno de la TO en el libro “Terapia Ocupacional. Trabajo y Comunidad” hace muchos años, haciendo foco en los efectos adversos que genera la falta de trabajo. Por su parte, autores como Cantero Garlito, et al. (2015) han presentado también características del contexto más amplio que influye y/o determina las condiciones laborales actuales, en su texto “La globalización y problemas contemporáneos”.

Así, la lucha de los participantes para conquistar condiciones de inclusión en la comunidad y en el mundo del trabajo, fue descrita por ellos:

En ese tiempo tenía otros trabajos y me costaba empezar [la capacitación]. Pero después eso se cortó y empecé. Y cuando empecé no sabía nada de esto, empecé de cero. Te costaba adaptarte, saberte los nombres de las aromáticas, los cuidados. [...] Porque cuando empezamos acá tuvimos que esperar dos meses para cobrar. (Mauro)

Me faltan condiciones... (ríe) Ganas no, yo siempre todo el tiempo busco hacer algo, no me gusta estar quieta. Así, por ejemplo, los 900 pesos que cobré la primera vez, hice una inversión y compré lencería para vender. Así que a esa plata la invertí, todos los meses yo recibo esa plata y la invierto. (Candela)

²⁵ Programa de Entrenamiento Laboral, dependiente del Ministerio de Desarrollo Social para personas con discapacidad.

Tuve la posibilidad de trabajar antes, porque hice un curso de electricista y un amigo, compañero de ese curso, me llamó, pero yo le rechacé el trabajo porque con mis problemas para dormir, todos los días levantarme y trabajar así no podía, se trabaja de 8 a 16 hs. El emprendimiento en cambio eso me facilita.
(José)

Este último fragmento de relato muestra la iniciativa para poder conseguir un trabajo, y cómo los lazos con otros podrían facilitar estos procesos. No obstante, las exigencias laborales del mundo super-productivo y competitivo actual, no contempla las necesidades subjetivas. Los emprendimientos construidos por TO y los equipos interdisciplinarios, en cambio sí tienen esas contemplaciones, y algunas/os usuarios lo reconocen (por ejemplo, al decir: “*El emprendimiento en cambio eso me facilita*”).

La actividad humana –y en este caso el trabajo-, como instancia para generar intercambios materiales y simbólicos, se presenta dentro de estos proyectos como posibilitadora de un cambio desde lo identitario, en contraposición al ser tratado desde la condición de enfermedad o discapacidad. Así lo enuncia una de las terapeutas ocupacionales:

Y la cuestión del trabajo siempre me interesó porque me parece que es un ámbito donde claramente el hacer humano se articula con la posibilidad de intercambio e inclusión social y es un lugar en lo social desde el cual presentarse, que no sea solo desde el padecimiento (TO N.Y.).

Asimismo, este tema en tensión entre el mundo del trabajo y las cuestiones de salud que viene desplegando la TO N.Y. y algunos de los usuarios, es tratado de un modo claro y crítico por la TO brasilera Ghirardi (2015). Se vinculan cuando dice, con respecto a la TO, que: “[...] propone estrategias de facilitación de trayectos participativos que, si son exitosos, deben crear condiciones para que se sobrepase la posición de destinatario de servicios de asistencia y se avance en dirección a la posición de productor de bienes de valores sociales” (p. 72, traducción nuestra)

Además, los discursos de los usuarios y las usuarias muestran la manera en que entienden a los emprendimientos como posibilidad de inclusión social, cambio en las relaciones con los otros, apoyo mutuo, hasta la constitución de amistades impensadas. Lo que se encuentra en sintonía con lo que Townsend y Wilcock, explican, abordando el concepto de justicia ocupacional, sobre cómo la participación en ocupaciones significativas y saludables son esenciales para el bienestar y la inclusión social (2004 apud GARLITO et al. 2015). En palabras de las/os participantes:

Venir acá y seguir trabajando, se apoyan unos a los otros y seguimos adelante. [...] Me he hecho amigos de acá, de todos. (Mauro)

Cuando dio a entender que no tenía problemas en hacer amistad con nosotros, porque venían las vacaciones y no nos íbamos a ver más, "juntémonos", ella dijo. Eso me marcó. (José)

[Ayuda] en el entretenimiento, porque uno se junta con los compañeros, toma mate, se distrae, me gusta, sino uno se deprime, le agarra la depresión, se pone mal. (Julieta)

Los relatos que traemos a continuación evidencian que, a partir de estas experiencias, aprendizajes son construidos, algunos temores y preocupaciones son superados, nuevos desafíos son asumidos. Se pueden leer pequeños cambios positivos en las auto-percepciones, al atravesar procesos satisfactorios y de bienestar dentro de estas propuestas:

Tenía dudas de si podía atender al público, porque soy muy callado. Pero me desarrollé bien y el tema de hacer las cuentas, atención al público, dar cambio me resultó fácil. Antes de empezar tenía dudas, más que nada por mi problema de memoria. Soy sociable, aunque hablo poco, me dicen que soy muy responsable, cumplo los horarios, siempre me toman de ejemplo, dicen "me gusta cómo trabaja José". Me gusta este lugar, este espacio. (José)

Ya me está aportando, porque voy a mi casa y hago [...] unas facturitas y capaz mi mamá la vende ahí en el negocio. El aprendizaje es muy importante, antes no sabía nada, ni tocar la harina, poner agua. Quiero terminar la secundaria, porque te piden tener eso [para trabajar], entonces tengo que volver un paso atrás y terminar eso. [...] Ojalá pueda terminar eso. (Candela)

Llenar macetas, regar las plantas, trasplantar. Fui cambiando de a poco, fuimos aprendiendo de a poco, primero veíamos a los profesores, después aprendimos. (Josefina)

Una de las terapeutas expresa que el objetivo de la propuesta es promover autonomía, emancipación y que ese es el mayor aporte que el emprendimiento hace a los/as usuarios/as:

Sobre todo, autonomía, derechos, poder decidir sobre su vida, hacerse respetar de alguna manera, empoderarse, me parece que esa es la palabra. Que ellos puedan realmente tomar decisiones en su vida general, no solo en relación al trabajo sino también en su vida. Porque en realidad terminan una escuela, traen un C.V. con capacitaciones en huerta, carpintería y queda todo ahí, en el papel. Poder ir un poco más allá, que accedan a un trabajo, darles herramientas para eso, para la vida y para su autonomía (TO C.I.).

Hay que considerar que, si bien las terapistas enuncian estos objetivos, los trabajan comprometidamente con los equipos y se van observando progresivas transformaciones en las vidas de las personas, el proceso es muy paulatino, inestable y complejo, resultando difícil confirmar que los cambios efectivamente quedan instalados.

- En la adaptación de *Photovoice*, las fotografías tomadas por las/os participantes y los comentarios que realizaron sobre ellas, cuentan también sobre sus lugares de trabajo y afecto, las relaciones y amistades tejidas, las alegrías vividas, todas conquistas a ser mostradas y compartidas por ellas/os. Y presentan a los espacios de las propuestas como verdaderos promotores de inclusión:



“Este es nuestro lugar de trabajo, donde aprendemos todos los días con los Compañeros y hacemos amigos” (Mauro)



“Los bancos se relucen con la amistad y el compartir con lo desconocido. Los usamos para las reuniones del emprendimiento. Para charlas entre conocidos y gente por conocer. Forman parte de nuestras nuevas relaciones”. (José)



“Esta foto surgió de un día más en que nos sentíamos contentos. Fue fijar en el recuerdo un día de afecto. [...] Nuestro emprendimiento se basa en la inclusión social, ahí está con nosotros una estudiante. Elegí esta foto porque esa estudiante fue la primera en ofrecerme su amistad, aparte de los usuarios” (José)

De este modo, la propuesta (adaptada) de *Photovoice* permitió acceder a otra información, no sólo acrecentando detalles sobre las experiencias de las/los participantes, sino

aportando otro “tipo” de información, basada en una elección personal, desde su particular forma de mirar el mundo. Ya que como dice Galheigo, “Si aprehender el cotidiano implica entender cómo se da la relación sujeto-cotidiano-historia-sociedad, las metodologías más adecuadas son aquellas de carácter cualitativo, que posibilitan la comprensión subjetiva de la realidad social [...]” (2003, p. 108, traducción nuestra).

4.4. La gestación y supervivencia de las prácticas en comunidad.

Puede que llame la atención esta nominación -acaso sea ese el motivo-, pero queremos hacer comprensible este término en el sentido descrito por Bleichmar: “la supervivencia es una combinación de creatividad y azar”, que aunque en este caso mejor se podría sustituir ese “azar” por “voluntad de muchos”. Se trata de la idea de que se está “obligado a dar cuenta ante sí mismo de la validez de su conservación con vida, y ante los demás del sentido de esta vida” [...] (2006, p. 208). Y cuando decimos “ante los demás” queremos referirnos fundamentalmente al Estado, que frecuentemente suele “dar la espalda” a este tipo de propuestas, como veremos a continuación.

Las tres propuestas estudiadas, que se tratan de dos emprendimientos soio-productivos y una capacitación para construir emprendimientos productivos, se vinculan fuertemente con el campo de la economía solidaria. Esta modalidad de trabajo no es nueva y tampoco son escasas las experiencias dentro de la TO (NARVAEZ; SPAMPINATO; TESTA, 1999; RUBINSTEIN, 1999; NARVAEZ, 2015; LUSI; MORATO, 2016; TESTA; SPAMPINATO, 2016; YUJNOVSKY, 2016). Al respecto, concordamos con los autores que sostienen que se han ido consolidando “lógicas que buscan resituar la dimensión del trabajo como producción colectiva, cooperativa y sustentable de valor social. En los últimos años se ha producido un resurgimiento de la economía social y solidaria [...]” (PASTORE, 2010 apud YUJNOVSKY, 2016, p. 29).

Al entrevistar las terapeutas ocupacionales, por su parte, se prestaron al desafío de la reconstrucción de sus prácticas y de las propuestas armadas junto a los equipos, a través de la palabra. A continuación, se encuentra el detalle de dichos procesos:

I. Prácticas en el emprendimiento “E.E.”, en los relatos de la terapeuta ocupacional N.Y.

La TO cuenta los orígenes, algunos fundamentos y antecedentes, y cómo son las diversas propuestas que se han construido a lo largo de los años, hasta llegar al emprendimiento actual. En el relato, enuncia la perspectiva de derechos desde la cual las prácticas se enmarcan, y al trabajo, como uno de esos derechos en los servicios de atención:

Con algunos compañeros veníamos sosteniendo distintas prácticas que tenían que ver con integrar la dimensión del trabajo en el marco de los procesos de atención, entendiendo al trabajo como un derecho y entendiendo a las prácticas del hospital de día como una práctica que se inscribe en un paradigma de salud y salud mental que se enfoca en los derechos humanos. [...] El hospital de día venía teniendo emprendimientos desde hacía ya varios años, que funcionaban acá, donde se sumaban los distintos usuarios en relación con los procesos y momentos en los que estaban. Entonces surgió el proyecto que se llama “prácticas laborales en comunidad”. [...] Con ellos empezamos a sostener también, y con otros como los del hospital de día, el espacio de la asamblea para hablar del trabajo, con el que tiene, el que no, las experiencias, que asociaciones podían surgir en esos encuentros. Fue un espacio muy rico y en el marco de esas asambleas, que eran una vez a la semana, una usuaria artista plástica, plantea que ella quiere poder ofrecer su producción en algún ámbito que no sea en la calle, dijo “yo tengo un proyecto para acá”. [...] Se generó todo un interés en el grupo [...]. Ahí surge la posibilidad del buffet en *la institución educativa*.

Con respecto a la perspectiva de derechos que nombra la terapeuta, son varios los autores que destacan como fundamental conocer, promover y orientar las prácticas de TO en función de los derechos humanos, concordando con lo expuesto (SILVA, 2014; SALAS et al., 2015; ALGADO et al, 2016)

En su relato, la TO recapitula sobre los primeros pasos, preparativos y organizaciones previas para crear el emprendimiento. En los comentarios de N. se leen particularidades sobre los lazos con los otros actores (estudiantes, institución educativa, ministerio) y el intenso trabajo plural para conseguir abrir E.E:

[a la institución educativa] le interesó generar un espacio que tenga una práctica concreta de inclusión. Y ahí empezamos a movilizarnos para organizar el grupo, quienes iban a trabajar, de qué modo, hubo que hacer un trabajo con el centro de estudiantes porque es un trabajo asociativo entre el centro de estudiantes y los usuarios. Definir qué equipo iba a trabajar en eso, quien lo iba a coordinar. [...]. Para llegar a abrir hubo que hacer todo un trabajo previo, de gestiones en el ministerio, habilitar los planes, armado del lugar, armado del equipo de trabajo. Un tiempo de mucho trabajo en la asamblea [...].

Los co-constructores de estas prácticas, la relación con las políticas públicas y la potencia del trabajo intersectorial, especialmente con la economía solidaria, también fueron descritas:

[economía social] es muy interesante como se incluye en el proyecto, porque uno de los usuarios, Jerónimo, va al ministerio a contar lo que estábamos haciendo y ver de qué manera el ministerio de desarrollo, la secretaría de economía social, podía sumarse para colaborar, apoyar. Dos actores claves [...] se comprometieron con el proyecto. La secretaría de economía social lo toma como una política al "E.E." y a partir de esto empezó a involucrarse con salud mental, hay una decisión política de trabajar economía social y salud mental [...] El trabajo intersectorial con economía social es muy potente, con economía social como oficina del Estado, pero de la economía social como campo discursivo y de práctica, sobre todo, es muy rico para articular con salud mental. Entonces "E.E." quedó armado con esos tres sectores, por eso decimos que surge intersectorial, decimos que lo diferencia de otros emprendimientos.

La TO detalla los recursos económicos, edilicios y humanos que colaboran en el sustento del emprendimiento, y cuenta, además, algunas características del trabajo en equipo.

Economía social está comprometida con el proyecto, aportó el micro crédito, para dar inicio al proyecto [...] El crédito hubo que devolverlo después. Los PEL son un modo de subsidiar el inicio del proyecto, hasta que el proyecto pueda auto-sustentarse. El otro apoyo económico es una donación de la Residencia. La institución educativa da el espacio y la cobertura de los servicios. Ese lugar, la "casita" cómo le decimos, la ceden, el Centro de Estudiantes, que ellos son socios con los usuarios. La otra fuente de capitalización ha sido el concurso que ganamos de la fundación del banco de Entre Ríos [...]

Somos siete personas involucradas. De las cuales cinco son de la residencia, es decir que su permanencia es transitoria y están en un proceso formativo. Es un equipo muy horizontal, no hay definida una jefatura o coordinación, yo tengo que asumir que tengo un liderazgo, que tiene que ver con mi recorrido acá, el tiempo de trabajo. Pero no está inscripto como una jefatura, es un lugar de coordinación. Pero es una distribución muy equitativa del poder y de las tareas, siento que es así.

N.Y. entiende a los proyectos compartidos, construidos desde el deseo y las experiencias de quienes están involucrados, como productores de salud, tanto en relación con los/as usuarios/as, como con cualquier trabajador:

En mi trayecto por el hospital siempre estuve involucrada con los procesos del hacer de los usuarios, trabajando en proyectos, sabiendo que ahí también se jugaba la producción de salud [...] También implica repensar la cuestión de

trabajar qué, y trabajar en qué condiciones. Pero claramente lo que estas experiencias nos devuelven es la posibilidad de tener un proyecto compartido con otros, que tenga que ver con el propio deseo y la historia de cada uno, es productor de salud. La gente empieza a estar mejor cuando tiene proyectos con otros. Esto ha sido algo que yo he aprendido en el trabajo con los usuarios, no solo con los usuarios, sino también yo como trabajadora.

De acuerdo con los relatos de N.Y., está claro el papel del/a TO en estos emprendimientos. Si bien históricamente ha sufrido cuestionamientos respecto a la inclusión de la TO en sus diversos abordajes, en este proyecto parece no haber dudas de que es un lugar pertinente para que la TO participe. Ella lo explica de la siguiente manera:

Ahí está muy claro un ámbito para el TO, la construcción de proyectos colectivos como ámbito de producción de vida también, en ese sentido de salud. Y después hay una valoración que escucho mucho en el equipo, de cómo las TO sabemos organizar la actividad, sabemos llevar adelante determinadas dinámicas o tareas del día a día, de lo cotidiano del emprendimiento, una valoración de parte de los compañeros del equipo y de parte de los usuarios también que es interesante porque a mí me parece que durante mucho tiempo y aun todavía, era fuerte, pesado tener que estar explicando qué es la TO, qué hace, por qué TO acá. En este proyecto no es necesario explicar nada, en el sentido que está identificado un lugar, hay un reconocimiento de la función, pertenencia y pertinencia interesante que es para irlo pensando. Somos tres TO en el emprendimiento.

Y al reconocimiento también lo están teniendo otros actores con el emprendimiento:

A fin de año hubo un encuentro de economía social de la provincia, y nos sorprendió que fuimos y todos sabían quiénes éramos, adquirimos una visibilidad a la que no estamos acostumbrados, siempre andamos en los márgenes, todo un reconocimiento y valoración.

N.Y. reflexiona sobre lo que cree que todavía le falta al proyecto, lo que se precisa construir. En estas etapas iniciales, donde se ha construido mucho, aún falta la ganancia de más dinero por parte de los/as usuarios/as, para mejorar ciertos aspectos del cotidiano y que redunde en mayor bienestar para ellos/as. Así lo expresa:

Lo que me parece que estamos necesitando es fortalecer la dimensión material de ese cambio para que realmente E.E. funcione como negocio y se pueda ganar dinero, que viene siendo una preocupación. No es que no funciona como negocio, estamos iniciando, la preocupación fundamental es que esto sea un proyecto sustentable, rentable, que pueda mejorar significativamente sus vidas a partir de tener un ingreso que permita vivir mejor. Si eso no está, nada de lo otro tiene mucho sentido.

II. Prácticas en el programa “N.A.”, en los relatos de la terapeuta ocupacional L.B.

La TO se remonta a las propuestas previas para contar algunos antecedentes y las diferencias con el proyecto actual. Se observa que existe una gran iniciativa y voluntad por parte del personal para presentar y trabajar cuestiones que favorezcan el cotidiano de las mujeres del barrio (taller de cocina, tejido, tratar sobre situaciones de violencia, etc.), aparentemente, debido a la falta de propuestas creadas desde la institución:

Las propuestas del CAF generalmente son internas e informales, no se da certificación, en muchos casos las llevan adelante el personal del CAF, donde por ejemplo, la cocinera tiene el saber del cotidiano, es idónea para hacerlo pero ella no tiene un título de cocinera, ella comparte ese saber con las chicas del taller, pero no es un taller formal como el de “N.A.”, donde la capacitadora si tiene un título de chef y cumple con algunos requisitos, se da el certificado del Ministerio de Trabajo, están capacitadas para realizar una actividad. El año pasado, por ejemplo, hicimos el de cocina que lo daba la cocinera, porcelana fría y tejido al crochet [...] las chicas del personal, hace años estaban queriendo crear un espacio para las mujeres. La idea es crear un espacio donde se puedan conversar ciertos temas como violencia de género, una manera de trabajar este tipo de cuestiones que no suelen ir a hablarlas a otros espacios.

L.B. cuenta brevemente sobre los orígenes del programa y sobre cómo aceptaron su implementación, a pesar de encontrarse en un panorama institucional complejo y la dificultad que implicó la tarea:

Nos propusieron, no era obligatoria la implementación [del programa]. En ese momento estábamos complicados, con varios problemas institucionales, como para embarcarnos en semejante “baile”. Pero decidimos implementarlo igual, era también una nueva oportunidad para nosotros para ofrecer algo nuevo en la comunidad, por eso lo pusimos en marcha [...] Fuimos armándolo juntos con Sebastián [director], él firmaba como encargado de la institución y yo como coordinadora. [...] Fue un caos. Fue mucho stress armar ese proyecto.

La TO describe el objetivo y los destinatarios iniciales de la propuesta del programa “N.A.”:

[...] la idea es convocar a las personas que se encuentran en situación de desafiliación con las instituciones, poder acercar a la gente lo público, lo que tiene para ofrecerle. Por eso estaba más orientada a hombres jóvenes. Para que tengan una nueva oportunidad en la vida, por eso son procesos de capacitación, para que generen conocimiento y puedan buscar un trabajo, generar un micro emprendimiento.

Respecto a lo que menciona del programa, de haber estado inicialmente pensado para hombres jóvenes, vale aclarar que esa intención luego fue modificada ya que, al acercarse a las familias del barrio y conversar, entendieron que había un mayor interés y disposición para participar por parte de las mujeres.

L.B. cuenta, además, sobre los cambios recientes en la institución, sobre el pasaje de un equipo de trabajo a otro y sus resistencias:

Antes hubo un equipo con trabajadora social, antes funcionaba una sede de justicia, con abogado, antes era más para hacer trámites y consultar algo puntual por ej. ‘me dejaron sin vivienda’, y se trabajaba eso. Y se trabajaba en conjunto con salud. El cargo mío fue creado, no llegué en lugar de otro. A partir de esta nueva idea de coordinación, de jerarquizar y profesionalizar más el trabajo, cambió mucho y generó muchísimas resistencias, que se sostienen algunas, otras fueron cediendo. Para mí fue bastante difícil poder meterme en mi función porque también tengo que asesorar al personal. Y también me han transmitido o dejado ver que hay gente que está ocupando lugares de más jerarquía hace muchísimos años, y por cuestiones que no son de idoneidad [...]. Y entonces proponía cosas y todo era “no”, ponían todas las trabas.

En el discurso de L.B. se nota que esa resistencia se trasladaba en gran medida a la relación del personal con ella, y aquí cuenta también sus intentos de generar una integración, sumar las diferencias en un sentido positivo:

Y te tratan diferente, vos ‘sos diferente’, venís de otro lugar, como te vestís, como hablás. Recuerdo de tener conversaciones y decirles ‘nosotros nos tenemos que nutrir acá mutuamente, yo te puedo contar lo que sé porque estudié y vos me podés contar lo que vivís a diario, como es la realidad que no la conozco y de ahí podemos armar algo entre los dos, tus conocimientos son tan importantes o más de los que uno trae por el estudio’, pero cuesta verlo de esa manera.

Y también, no faltan dificultades con los recursos económicos:

Con eso [recursos] nos estamos manejando hasta ahora, a veces nos faltan algunas cosas y le pedimos prestando a la ecónoma de la partida del CAF, pero nos están faltando algunas cosas, porque se están pudriendo algunas cosas también.

La TO reconoce que aún no ha podido enfocarse estrictamente en su rol profesional debido a las múltiples demandas que debe atender en la institución, pero tiene intenciones de asumir nuevas tareas:

Lo que creo que puedo aportar, porque todavía no he logrado ponerme con eso, porque estuve con muchas otras cosas, pero en lo que creo que más puedo aportar es en los hábitos laborales, el tema de la higiene, de dar continuidad, cumplir con hora de ingreso y salida, si salen a atender a su bebé después volver y lavarse las manos. Hicimos las cofias y los delantales y no los traen nunca, que es la indumentaria de trabajo básica para un taller de cocina. Creo que eso debería estar apoyando más, pero por estar atendiendo a muchas otras cosas, ahora no puedo.

No obstante, más allá de esta intervención de cierto cuño “higienista”, la TO pretende atender, además, a una necesidad emergente y sumamente relevante en este colectivo, la violencia de género:

Dentro de lo que llamamos “tercer tiempo” habíamos pensado en hacer con la psicóloga del otro CAF en conjunto, [...] por ej. detectamos que hay tres o cuatro casos de violencia de género y ellas tienen ganas de trabajar esa temática, poder convocar a gente de afuera que esté especializada en el tema para que venga a dar una charla.

Y también, generar algunos cambios respecto a la posición de las mujeres en el sistema patriarcal, brindando nuevas experiencias:

[...] se podría hacer algún tallercito muy dinámico para trabajar diferentes cuestiones, y podríamos hacerlo en otros lugares, plaza, camping, para que sean actividades más descontracturadas, más recreativas, eso es algo que a las chicas les gusta mucho, por eso tratamos de hacerlo, porque es un momento para ellas, de salir un poco de ese rol materno que las absorbe casi por completo, el rol de ama de casa. Lo hemos charlado mucho con ellas para que lo aprovechen, al principio les costó un poco y después uno lo ve en la práctica que aprovechan ese momento para ellas [...] Ellas están muy en mujer como objeto, en su casa.

Conforme se fue avanzando en la propuesta, y de un modo relativamente rápido (cuatro meses aproximadamente), puede comenzar a vislumbrarse algunos cambios:

Cuando hicimos la entrevista inicial había un montón de inscriptas [...] y nosotros les preguntábamos ¿te interesa aprender y después poder trabajar de algo similar? Y muchas decían ‘no, no me interesa, yo quiero para poder hacerle una torta frita a mi marido’ y ahora con el transcurrir del curso sí puede ser una opción, se van entusiasmando y con esto de practicar vender, ir ofreciendo lo que hicieron, lo pueden ver distinto a lo que veían antes. Pero también es esta idea de encontrarse que pueden hacer algo que les gusta, por ellas mismas, saliendo de lo cotidiano, poderse ver desde otro lugar, el tema

de la autoestima. [...] Cuando empezaron para ellas era reforzar esto que ya hacían de ser ama de casa. Ahora se ven desde otro lugar.

III. Prácticas en el emprendimiento “S.S.”, en los relatos de la terapeuta ocupacional C.I.

La TO define y explica cómo se fue conformando la propuesta. Primero comenta sobre los organismos que proveen los recursos, luego sobre el inicio del programa y las transformaciones iniciales y el funcionamiento:

La propuesta sale de la Subsecretaría de Inclusión, de formar la red de viveros, con un convenio que se hace, en el 1er momento con: el ministerio de trabajo, el ministerio de producción y el ministerio de salud. Después se incluyó el ministerio de desarrollo social. El ministerio de trabajo daba algunas herramientas, el de producción da el espacio y algunas herramientas más, y un profesional, que es el ingeniero. Y salud da los profesionales. [...]

En 2011 empezó la capacitación, que era por un año. [...] En 2012 empezó otra capacitación por dos años, porque se vio que con un año no alcanzaba para afianzar algunos conocimientos, por eso se decide extender a dos años. En ese momento se vio la problemática de que el objetivo de conseguir algún destino laboral, luego de la capacitación, no se lograba, [...] Se empezó esa capacitación nueva y con este armado, el emprendimiento. Lo del emprendimiento surgió frente a las dificultades a la hora de encontrar algún destino laboral para los concurrentes [...] Luego de la capacitación se piensa y acompaña algún destino laboral: formar parte del emprendimiento, armar su propio emprendimiento, búsqueda de otros intereses. El grupo de emprendedores ahora ya está formado y ellos son los que en las asambleas deciden si se incorpora alguno/a de los que haya terminado la capacitación.

En relación al cambio de equipo y las diferentes lógicas de trabajo, explica:

Creo que repensamos la forma, antes tenía una mirada, la TO, más de la formación profesional, no tanto desde la salud mental, con otra metodología. Creo que cuando empezamos a formar ese equipo re pensamos desde otra lógica que tiene que ver más con un saber colectivo, no tanto desde la profesión de cada uno. Si bien cada uno trae un bagaje de conocimiento que aporta, la idea era poder generar saberes colectivos que tienen que ver con la educación popular, agroecología, con la convención de los derechos de personas con discapacidad, y pensar desde otro lugar, y desde la salud mental. Ahora, el equipo, que está conformado por Marcelo, que es ingeniero, Germán, que es psicólogo, Viviana, viverista y yo. Recién a mitad del año pasado se logró afianzar, porque éramos tres que sólo nos juntábamos una vez por semana, sino eran dos por día.

Asimismo, la terapeuta revela que los/as trabajadores de estos proyectos no tienen seguro contractual, que los contratos son irregulares, siendo muy difícil prever quien será o no contratado, generando una inestabilidad e incertidumbre laboral.

C.I, explicita su trabajo como TO dentro del equipo, la labor particular que imprime en la propuesta:

Creo que poder acompañar procesos de validación de derechos y empoderamiento de las personas con discapacidad y de padecimiento subjetivo. Poder empoderarlos de alguna manera... poder acompañar esos procesos de producción personal, y como colectivo de trabajo, acceso al derecho al trabajo, a la cultura, a la comunidad. No me gusta la palabra inclusión, pero poder acompañar en eso. [...]. Ocupación que sea significativa y que valide derecho más que nada, desde un lugar más emancipatorio. Trabajar la autonomía de cada uno, el empoderamiento para la vida de ellos. También al momento de ingresar parte de la entrevista, es que sea una actividad de su interés. Y después otras cuestiones que son más parte del trabajo.

Como todo proceso en permanente construcción, es incompleto, hay aspectos a fortalecer, a cambiar, replantearse. Así enuncia la TO lo que falta en el emprendimiento del que forma parte:

Me parece que falta como... que el equipo se termine de conformar bien, con algunas horas más. [...] Y falta un poco de acompañamiento de la subsecretaría, un trabajo en conjunto. Está bien que es una política pública, y demás, pero a la hora de acompañar, estar y re pensar cosas juntos, falta, el camino está cortado, hay que hacer un camino ahí. Se toman algunas decisiones allá sin consultar y los que estamos acá somos nosotros. Falta más comunicación y trabajar en conjunto. Si bien se hacen cosas falta trabajo conjunto, no desde la suposición, trabajamos con personas, para hacerlos parte a ellos también de ese proceso. Intentamos nosotros desde acá hacer eso siempre, tomar decisiones con ellos.

4.5. La formación de las TO en relación con sus prácticas actuales.

Las tres profesionales entrevistadas son egresadas de la carrera de TO de la Escuela Superior de Sanidad “Ramón Carrillo”, de la Universidad Nacional del Litoral (UNL). No obstante, corresponden a diferentes cohortes, siendo una de ellas Terapeuta Ocupacional (plan de carrera técnica) y dos, Licenciadas en Terapia Ocupacional. Asimismo, una de las terapeutas es profesora de dicho curso.

En las entrevistas realizadas conversamos sobre cómo fueron sus trayectos de formación hasta la actualidad. Con respecto a los estudios universitarios de TO cursados, cuentan:

Mi formación no tiene nada que ver con esto que estoy diciendo y haciendo. Vos sabes que nuestra formación fue más desde un paradigma funcionalista, biomédico. [...] Mi formación en la TO fue insuficiente, hace tanto que me recibí... (TO N.Y.)

No, no [me resultó suficiente] porque cuando yo me formé... yo soy de la primera camada de la licenciatura, se estaba recién empezando a transitar, éramos los primeros en transitar la práctica seis, en comunidad, y fue la época de la inundación, entonces íbamos a distintos lugares, no hubo una línea clara, digamos. (TO L.B.)

Da herramientas... pero le fui encontrando la vuelta. Desarmar lo que uno aprendió (risas), yo lo siento así... que hay herramientas que te sirven, pero te encontrás en lo cotidiano con personas, situaciones, historias que traen, que a uno lo hacen repensar siempre, pensar el trabajo constantemente. En las prácticas profesionales que tuvimos, que son muchas y eso está bueno, en la mayoría aprendí lo que no quiero hacer, esto no... por acá me parece que no va... más allá de que este bien o mal. (TO C.I.)

Como se puede evidenciar, ninguna de las tres profesionales presenta conformidad con los contenidos del curso de TO que transitaron, coinciden en que fue insuficiente. N.Y. además refiere que la formación respondía a una perspectiva funcionalista y biomédica, L.B. añade que no había una “línea clara” y C.I. que aprendió “lo que no quería hacer”. A partir de ello conversamos sobre los estudios, cursos, que hicieron luego, ya recibidas, para poder construir aprendizajes significativos y lograr una formación con mayor idoneidad. Las TO relatan:

Yo fui después haciendo mis propias búsquedas, encontrándome con otras líneas de la TO, construyendo una práctica del hacer humano como un hacer que tiene que ver con ese paradigma más vinculado a la idea del hacer transformador de lo social y de cada uno, entendiendo que la salud no tiene que ver con la adaptación, sino con la posibilidad de transformar. Las formaciones que fui haciendo tuvieron que ver con mi tránsito por la salud mental. [...] fue más desde un esfuerzo personal, grupos de estudio, cursos, nunca hice una formación de posgrado de tipo maestría, por distintas cosas, circunstancias de la vida, por lo inaccesible que son para nosotros acá.

Formación en psicoanálisis, en ciencias sociales, todo eso lo fui haciendo por mi cuenta después.

Actualmente a partir de “E.E”, el campo nuevo en el que me encuentro y veo que tenemos que formarnos y empecé a formarme es el de la economía social, me parece un campo muy interesante para la TO. (TO N.Y.)

Yo tenía experiencia en el ámbito público, pero más desde salud.

A mí me ayudo para esto la TO que está ahora en el CAF 18, que me dio material y la red y mesa de infancia, que es un apoyo, si bien son de otras disciplinas.

Posibilidad de hacer capacitación en esta temática hay, desde los gremios, por ejemplo, [...] es optativo, son gratuitas para el personal que trabajamos en lo público. Hay una capacitación que es de dos años en Salud Mental, que cuando la hice ya sabía que iba a ingresar acá [...] después había un espacio para profesionales ‘espacio de pensamiento’, que coordinaba una coordinadora del CAF. Era una vez al mes y ahora se suponía que empezábamos, pero todavía no arrancamos. No son espacios de capacitación formal, [...] aprendemos mucho de la experiencia del otro, exponiendo lo que hacemos en cada trabajo, es muy importante. Hicimos un encuentro inter-CAF, en el año 2015 [...]. Era solo para el personal, fuimos todos, fueron 5 CAF. Eran juegos y actividades [...] y después se hacía una puesta en común [...]. Es interesante, porque las problemáticas diarias van consumiendo engrías y te das cuenta que hay otros a quienes le está pasando lo mismo y la idea es nutrirse entre nosotros, apoyarnos. (TO L.B.)

Buscando también este lugar de la salud mental, la salud colectiva, más desde ahí. Ahora no estoy haciendo cursos, pero si leyendo y hablando con profesores para ir leyendo sobre estos temas: salud colectiva, derechos, salud mental, desde esa mirada. Ahora no estoy haciendo mucho, tampoco encuentro muchas capacitaciones que se acerquen a esta lógica, que tengan que ver con este trabajo. Por ahí algunos talleres o capacitaciones de economía social, sí. Después ir pidiendo material a algunas docentes que van por la misma rama, misma lógica, y queriendo supervisar también algunas cosas desde esta lógica. Acá no se encuentra mucho en relación a esto, si afuera, en otros lugares. (TO C.I.)

Los relatos de las terapeutas ocupacionales muestran una diversidad y divergencia en los recorridos de cada una, realizados principalmente desde una búsqueda personal. Un tema de estudio en el que coinciden las tres es sobre salud mental y, a su vez, N.Y. y C.I. coinciden en haber hecho o estar realizando capacitación en economía social. Otras temáticas y líneas teóricas que mencionaron son:

“otras líneas de la TO”, psicoanálisis, ciencias sociales (N.Y.), salud colectiva, derechos humanos (C.I.). L.B. menciona el taller “espacio de pensamiento”, que es una propuesta coordinada desde el CAF para compartir y aprender desde las experiencias.

Una cuestión importante que queda claro también es que en esa ciudad (Santa Fe) y/o región, no se cuenta con ofertas de formación en las temáticas que requieren. Si bien L.B.

menciona que existen posibilidades de realizar capacitaciones en el área, luego nombra solo una en salud mental y el espacio para trabajar desde las experiencias (de frecuencia mensual).

Así, al realizar una rápida búsqueda de literatura sobre la formación en TO en el área comunitaria en general y en economía social y solidaria en particular, no hemos encontrado artículos sobre ello. No obstante, hay cuatro textos que nos interesa citar aquí (GIUGGIA; CORTI, 2011; WESTMAN, 2011; PAGANIZZI, 2014; BOTTINELLI; NABERGOI; ALBINO 2016), por tratarse de la formación y carrera de TO en relación al contexto santafesino (en las dos primeras referencias) y argentino (en las dos segundas), reconociendo que, la profesión como construcción social, debe ser considerada en su contexto socio-histórico (CLOUSTON; WHITCOMBE, 2008). Según Botinelli, Nabergoi y Albino (2016) la formación del TO debe ser sólida tanto en lo teórico-conceptual como en la elaboración de estrategias de intervención para la construcción de conocimiento y los trabajos interdisciplinarios. No obstante, sabemos que la formación no se reduce a hacer cursos, estudiar teorías, asistir a clases, sino que comprende al aprendizaje como “construcción intra-inter-transubjetiva” que capitaliza las experiencias de la persona, su historia y problematización de su realidad (p. 279). En este sentido, los recorridos descritos por las TO no sólo refieren a los estudios realizados, sino también a la construcción de experiencias singulares y transformadoras, y a reflexiones y cuestionamientos sobre dichos procesos.



CAPÍTULO V:

Consideraciones finales



5.1. Una revisión de la metodología utilizada.

Recordemos que lo que ha orientado este trabajo de investigación fue la intención de conocer los procesos y las experiencias tanto de las personas que participan en propuestas de TO en comunidad, como de quienes las promueven, es decir, las/os terapeutas ocupacionales (junto a los equipos interdisciplinarios que constituyen). Específicamente, los objetivos fueron: describir y analizar los procesos y las experiencias de las usuarias, los usuarios y terapeutas ocupacionales que participan en propuestas de TO en comunidad, en la ciudad de Santa Fe y alrededores, y conocer cómo las TO construyen y definen estas prácticas.

Realizando un análisis sobre el proceso de investigación concluido, podemos sostener que, a partir de la metodología escogida, los objetivos fueron alcanzados.

En la primera etapa, la revisión panorámica de la literatura o *Scoping review*, fue una estrategia útil para concretizar una reunión, sistematización y caracterización de las producciones latinoamericanas sobre las prácticas de terapia ocupacional en comunidad, área que acusa escasez de producción teórica, y con difícil accesibilidad a dichos estudios (GUAJARDO, 2015; MORÁN; CEBALLOS; HERNÁNDEZ, 2015; PAGANIZZI, 2015). Por tratarse de una revisión que no discrimina la calidad de los trabajos científicos, permitió incluir una vasta cantidad y diversidad de estudios. Asimismo, desarrollar este procedimiento con otra revisora, tuvo la potencialidad de poder abarcar una cantidad mayor de artículos y, la condición de tener que pautar reuniones, dedicar tiempo a discusiones, lo que enriquece el trabajo, a la vez que ocupa tiempo dentro de un lapso temporal considerablemente escaso (dieciocho meses aproximadamente para realizar la maestría completa).

La orientación cualitativa de la investigación permitió un acercamiento óptimo a la realidad estudiada, pudiendo conocer y comprender en profundidad y de un modo global y flexible, las/os participantes y las diferentes situaciones de cada una de las tres propuestas investigadas, con la posterior descripción en detalle de estos procesos y experiencias. Posibilitó, a su vez, cuestionar circunstancias, contextos, con apoyo en la postura socio-crítica con la que abordamos y sustentamos el estudio. La modalidad de investigación colaborativa, fue una alternativa eficaz ante la imposibilidad de realizar una investigación acción participativa, como inicialmente se deseaba y se considera más participativo y de mayor impacto en el terreno de trabajo. No obstante, el tipo de investigación utilizada fue apto para desenvolver un proceso de participación mutua (maestranda-sujetos participantes de la investigación), y en ese sentido democrático, posibilitando hacer/trabajar junto a las/os emprendedores/as, usuarias/os y

equipos de profesionales. Esta oportunidad de compartir las actividades -también propuesto por la modalidad de OP, y fundado en una postura ético política-, facilitó conocer las propuestas desde un rol activo, como también establecer relaciones de una cierta confianza con las/os participantes. Además, así, uno se torna un recurso más, un apoyo, un colaborador, en estas prácticas comunitarias, donde lo colectivo, participativo y diverso, significan aportes valiosos. Tal fue el caso ocurrido en una jornada de trabajo en la capacitación de panadería, donde tras varios días de conflictos entre las jóvenes, la maestranda pautó con la TO coordinadora un encuentro de charla y consenso con el grupo. Se actuó como facilitadora/articuladora para llegar a resoluciones y acuerdos, instancia que fue valorada como positiva por el colectivo en su conjunto.

Con esa mirada y mediante la utilización de las entrevistas focalizadas, las observaciones participantes y la propuesta adaptada de *Photovoice*, conseguimos reconocer y visibilizar discursos hegemónicos, situaciones de injusticia en ocasiones naturalizadas por los sujetos (como en el caso de Candela que comenta que en su barrio “solo los hombres trabajan”, visibilizando el modelo patriarcal, la falta de oportunidades para las mujeres; Julieta mencionaba que no “quería” irse del hospital, ya que no tenía un sustento económico, dejando conocer la falta de apoyo del Estado en estas situaciones, etc.), y en otras no (por ejemplo, cuando José (d)enuncia que algunos profesionales de la salud sólo medicalizan, sin escuchar ni dar un apoyo). En esta experiencia valorizamos la teoría crítica como una “lente” adecuada para hacer foco en estas realidades que podríamos considerar marginalizadas, y a partir de eso revelar y denunciar situaciones disímiles, ávidas de transformación.

La propuesta inspirada en la metodología *Photovoice*, constituyó una herramienta muy positiva en el proceso. Si bien se considera que hubiera sido más productivo dedicar un tiempo mayor para desenvolver la actividad progresivamente: dado el acotado tiempo que se dispuso -aunque intenso-, no fue posible explorar detenidamente las habilidades de las/os participantes para tomar fotos, hacer un “ensayo” de la actividad, como dar más tiempo para que tomen las diversas fotografías.

Por otro lado, resultó importante contar con un cuaderno de campo donde hacer el registro diario y detallado de los hechos que sucedían “*in situ*”. Con este recurso se recolectaron datos sueltos obtenidos al pasar, y se construyeron narrativas a partir de diálogos escuchados o interactuados y de las OP, que luego integraron el texto del trabajo. Se trata de una herramienta clave tanto para planificar algunos pasos, como para reconstruirlos, en caso contrario -de contar con este recurso- se peligró perder información de relevancia, tal vez un aprendizaje. Con todo

esto descripto confirmamos haber construido una metodología adecuada y satisfactoria para abordar y alcanzar los objetivos de la investigación propuestos.

5.2. Limitaciones y fortalezas del estudio.

Reconocer las limitaciones y/o debilidades del propio trabajo, habla de una postura ética y de poder atravesar un proceso crítico y reflexivo. Permite advertir tanto a otros investigadores como a uno mismo, procedimientos, condiciones, estrategias, acciones que sería mejor evitar, fortalecer o cuidar.

En el presente estudio se trabajó únicamente con tres propuestas de TO en comunidad, localizadas en una recortada región, la ciudad de Santa Fe y alrededores, y el trabajo de campo se desarrolló en un periodo acotado de tiempo (seis semanas). Si bien a pesar de estas condiciones se consiguió alcanzar satisfactoriamente los objetivos, sería importante, en investigaciones futuras, poder abarcar un territorio mayor, con más propuestas de TO a ser estudiadas. Sin necesidad de incluir un número muy grande de unidades de análisis, para poder hacer un estudio en profundidad, resultaría importante conocer más prácticas comunitarias, e intervenciones de otras localidades, ya que, con la escasez de producciones y poca disponibilidad, muchas permanecen ocultas, desconocidas.

Asimismo, por limitaciones temporales también, sólo se incluyó a usuarias, usuarios y terapeutas ocupacionales para hacer las entrevistas, observaciones participantes y *Photovoice*. Significaría un aporte relevante, a partir de estudios futuros, conocer y analizar los discursos, intervenciones y/o experiencias de otros actores, como: familias de las/os usuarias/os, profesionales del equipo de otras disciplinas, directivos de las instituciones, clientes de los ESs (en el caso de los emprendimientos).

Al momento de armar el proyecto de investigación, se pretendía también realizar un relevamiento y registro de las prácticas de TO en comunidad en la ciudad de Santa Fe, a los fines de construir una sistematización y mapeamiento que pudiese servir al cuerpo de profesionales de TO, tanto a instituciones de TO (colegios y asociaciones), como a docentes de cursos de TO, equipos de investigación y profesionales individuales para conocer más el campo y posibles lugares de trabajo. Sin embargo, esta acción no fue factible, dado la falta de registros de éstas prácticas, tanto ministerio, municipalidad como colegio de TO no contaban con ningún documento que presente información sobre éstas propuestas. Al intentar hacerlo de un modo más “artesanal”, investigando y reuniendo particularmente cada propuesta, las comunicaciones

con las instituciones que las sustentan no tuvieron la reciprocidad necesaria para poder concretizarlo. De este modo sería sumamente importante que investigadores de la temática pudieran asumir esa tarea, un tanto más cuantitativa.

Así, una limitante que se percibió al momento de hacer el mapeamiento de las propuestas de TO en comunidad en Santa Fe, fue el no estar en el territorio donde éstas se desarrollan. Se establecieron contactos vía correo electrónico y algunas llamadas, pero las respuestas demoraban o no llegaban, en algunos casos. Residir en la misma ciudad hubiera permitido hacer visitas, reuniones, facilitando y agilizando la localización de las prácticas y el inicio del trabajo de campo. Sin embargo, esta condición de residir y elaborar el proyecto de investigación en Brasil para estudiar prácticas argentinas, también puede valorárselo como una potencialidad, ya que posibilita, a partir del distanciamiento, otra mirada de la historia y realidades de la TO argentina en general y comunitaria en particular. Una mirada tal vez “extranjera”, desde afuera, que implica otras percepciones, valoraciones y así, otras construcciones (en todos los aspectos: epistémicos, teórico-metodológicos, prácticos).

Así al pensar las fortalezas de esta producción científica, re-pensamos el proceso. Para cumplir los propósitos planteados fue necesario imaginar los caminos, proyectar estratégica y conjuntamente los tiempos y las intensidades, escoger los instrumentos para mirar de “lejos” y de “cerca”, elegir los recursos y herramientas más apropiadas para recolectar, escribir y construir, co-construir, de-construir. Se considera, tal como se describió en el apartado anterior (una revisión de la metodología utilizada), que la perspectiva, metodología, técnicas e instrumentos fueron acertadas. En ese sentido, valoramos que la diversidad de métodos utilizados es un punto fuerte del trabajo, ya que facilitó aportar tanto una amplitud como una profundidad en la construcción de los datos del recorte de estudio hecho. Puntualmente, el abordaje realizado con la adaptación de *Photovoice*, permite traer una información de otra cualidad, otro lenguaje, como si los propios usuarios abriesen una pequeña ventana a su cotidiano, desde la cual ellos miran.

Este trabajo constituye el primer estudio específico sobre las prácticas de terapia ocupacional en comunidad de Argentina, como también la primera revisión de literatura de dichas prácticas en América Latina (al menos dentro de la literatura publicada). De este modo esta disertación presenta una historización, sistematización y conocimiento científico basado en una praxis, de gran relevancia para la disciplina de TO en general, y para el área comunitaria en especial.

A la hora de ponderar los aportes específicos que brinda esta investigación, puede organizárselos desde varias aristas, que sintetizamos a continuación.

~ Investigación: por lo que mencionábamos con anterioridad, esta tesis sienta las bases para próximos estudios que pretendan ampliar y profundizar sobre las prácticas de TO en comunidad. A partir de la revisión panorámica de literatura puede conocerse antecedentes del campo, fundamentalmente de Argentina, pero también de Brasil, y en menor medida de Chile y Colombia. Permite advertir las lagunas en la literatura y los interrogantes que precisan ser abordados.

~ Prácticas e intervenciones: la presentación de las intervenciones relevadas en la revisión de la literatura muestran un panorama de las metodologías, las estrategias y los recursos que están siendo utilizados por las/os terapeutas ocupacionales en los últimos diez años en Argentina, y más en profundidad sobre tres prácticas de Santa Fe y alrededores. Este conocimiento puesto a disposición abre posibilidades tanto para conocer nuevas líneas y herramientas de trabajo a ser implementadas, repensar las propias prácticas, como para entrar en contacto e intercambiar informaciones, formar redes con colegas, generar inquietud para emprender capacitaciones en nuevas temáticas afines.

~ Formación: ofrece una noción general sobre lo producido en el área, tanto a nivel de experiencias como de producción científica, fundamentalmente de Sudamérica, brindado un listado de gran cantidad de referencias bibliográficas para estudiar e incluir en la docencia. También da a conocer algunas carencias de formación tanto a nivel de los currículos de los cursos de grado, como escaséz de ofertas accesibles de capacitación y especialización sobre la temática en la región. Finalmente, de modo general, creemos que construir relatos, producir conocimiento desde esta perspectiva latinoamericana y crítica, alimenta un cúmulo de literatura que intenta promover procesos de emancipación social.

~ Formulación de políticas en el área comunitaria: provee información confiable para poder generar políticas públicas que promuevan la ampliación y mejoramiento de dichas prácticas, al dar a conocer los recursos que estas propuestas utilizan y requieren, qué problemáticas atienden, cuáles son los efectos positivos que generan en la población, etc.

5.3. Conclusiones.

Cerrar un proceso que aún está en pleno movimiento requiere algunos esfuerzos para poder hacer síntesis y exponer con claridad algunas ideas finales. Los esfuerzos, a veces, permiten mostrar aspectos subyacentes, potencialidades latentes de un determinado ser/hacer. Es entonces que, sosteniendo esa validez, presentamos las últimas reflexiones.

Comprendemos que la investigación, ante todo requiere una postura política y ética, que se refleja en las preguntas: ¿por qué motivos y hacia qué destinos? ¿En favor de qué/quienes? ¿Con qué medios y procedimientos? Importa entender, además, desde una mirada más global, que la ciencia es histórica, social y está condicionada por pujas de poder, por intereses de diversos tipos. Implica tener un objetivo claro, instruirse y seguir un pensamiento estratégico para la construcción metodológica. Delinear un mapa para llegar a destino, que estará siempre a merced de diversos avatares.

Vale decir entonces, que nuestro estudio se orientó, desde una TO latinoamericana, hacia la construcción de un saber que pueda contribuir a la disciplina en general y el área comunitaria en particular, atravesando un proceso colaborativo y democrático. En este trabajo se visibilizan prácticas, experiencias, actores que suelen permanecer en los márgenes, pero que se esfuerzan por resistir en la realidad actual. Pues, nos encontramos en un contexto donde la democracia flaquea, la justicia falla (todos los días), la inestabilidad económica se hace permanente, el desempleo y el desánimo social aumentan. Panorama que presenta una gran dificultad para estos proyectos que enlazan trabajo, inclusión y empoderamiento, destinados a colectivos en situación de gran vulnerabilidad social, y contando con escasos apoyos de políticas públicas. Sin embargo y contra toda verosimilitud, en estos escenarios donde situaciones de vulneración de derechos se multiplican, ocurre también que, prácticas promotoras de empoderamiento y emancipación se establecen y avanzan, posibilitando a las personas y grupos, que vivencien experiencias de participación y creación de herramientas para actuar y transformar sus realidades cotidianas.

Significó también un recorrido por la literatura de numerosos terapeutas ocupacionales, una búsqueda permanente de nuestras voces auténticas, nuestras propias perspectivas y experiencias. Implicó adentrarnos en las actividades cotidianas de diversas personas (usuarias/os y TO) y, “en la medida en que la crítica a la vida cotidiana permite aprehender las creaciones humanas, las ideas, los valores y sentimientos” (LEFÈBVRE apud GALHEIGO, 2003, p.106), nos transformamos a partir de ello.

Y finalmente, es inevitable concluir este trabajo sin traer las palabras emergidas de la afectación de procesos intensos como éstos, movilizadas por las experiencias fecundas. Satisface haber encontrado “parceiros” y construido un colectivo singular para compartir este trabajo. Digo singular, por encontrarse urdido con la hibridez del “portuñol²⁶”, con improntas argentino-brasileras y vice-versa, con hermandad latinoamericana. Y donde, **los otros**, se transformaron en **nosotros**, **lo otro** se volvió también **propio** y, **lo singular de uno**, trascendió a **lo compartido**.

²⁶ Cuando decimos *portuñol* no es desde la idea de un idioma “mal hablado”, sino de la de una fusión de dos lenguas, la *mistura* de dos lenguajes, que si bien es imperfecto, le encontramos una riqueza.

REFERENCIAS

AGUIAR, E. ¿Inestabilidad laboral, inestabilidad conyugal y familiar? In: COLTOA. *Terapia Ocupacional*. Trabajo y comunidad. Serie Compilaciones 3. Buenos Aires: COLTOA Grupo Editor, 1999, p. 11-24.

ALBERT-GÓMEZ, M. J. *La investigación educativa: claves teóricas*. Madrid: McGraw-Hill Interamericana de España. S.L, 2007.

ALGADO, S. S. et al. *Terapias Ocupacionales desde el Sur*. Derechos humanos, ciudadanía y participación. Chile: Ed. USACH, 2016.

AOKI, M.; OLIVER, F. C. Pessoas com deficiência moradoras de bairro periférico da cidade de São Paulo: estudo de suas necessidades. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, São Carlos, v. 21, n. 2, p. 391-398, 2013.

AOKI, M. et al. Grupo de Convivência Família Mosaico: participação de pessoas com deficiência na comunidade. *O Mundo da Saúde*, São Paulo, v. 38, n. 2, p.149-158, 2014.

ARAÚJO, K. R.A. et al. Experiências da Terapia Ocupacional em um Núcleo de Apoio à Saúde da Família (NASF) do Distrito Federal. *Revista Eletrônica Gestão & Saúde*, v. 4, n. 3, p. 63-71, 2013.

ARENAZA, M. V.; PRADOLINI, V.; SERRA, C. Volver a la escuela: una puerta de entrada. In: CONGRESO ARGENTINO, 7; CONGRESO LATINOAMERICANO DE TERAPIA OCUPACIONAL, 7, 2007. Mar del Plata.

ARÉVALO H., M.; YÁÑEZ A., J. Factores contextuales que influyen en la participación comunitaria en actividades de ocio y tiempo libre en personas en situación de discapacidad física. *Revista Chilena de Terapia Ocupacional*, Santiago, v. 16, n 2, p. 163-173, 2016.

ARGENTINA. *Ley de Educación Superior Nro. 24.521, de 20 de Jul. de 1995*. Sitio web oficial del Gobierno Argentino, Cap. Federal. Disponible en: www.educ.ar. Acceso: 6 enero 2018.

ARIÑO, R. V. et al. Preparación para la intervención de terapeutas ocupacionales en desastres. Una propuesta de investigación y capacitación de posgrado para Latinoamérica. In: CONGRESO ARGENTINO DE TERAPIA OCUPACIONAL, 9°. 2015. Paraná.

ARKSEY, H; O 'MALLEY, L. Scoping studies: towards a methodological framework. *International Journal of Social Research Methodology*, v. 8, n. 1, p. 19-32, 2005.

BALDANI A. C.; CASTRO E. D. Construindo espaços de habitar: ações de terapia ocupacional com uma criança em situação de risco social. *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo*, v. 18, n. 1, p. 1-10, 2007.

BARROS, D. D.; LOPES, R. E.; GALHEIGO, S. M. Novos espaços, novos sujeitos: a Terapia Ocupacional no trabalho territorial e comunitário. In: CAVALCANTI, A.; GALVÃO, C. *Terapia ocupacional: Fundamentação e prática*. São Paulo: Guanabara Koogan, 2007, p. 353-358.

BARROS, D. D. et al. Cultura, economía, política e saber como espaços de significação na Terapia Ocupacional Social: Reflexões sobre a experiência do Ponto de Encontro e Cultura. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, São Carlos, v. 21, n. 3, p. 583-594, 2013.

BAUMAN, Z. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

BAUMAN, Z. *Amor Líquido, acerca de la fragilidad de los vínculos humanos*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2006.

BAUMAN, Z. *Comunidad: en busca de seguridad en un mundo hostil*. Traducción de Jesús Alborés. 3er. ed. Madrid: Siglo XXI, 2006.

BENASSI, J. et al. Procesos del hacer aspectos temporales de la actividad humana. In: ALGADO, S. S. et al. *Terapias Ocupacionales desde el Sur*. Derechos humanos, ciudadanía y participación. Chile: Ed. USACH, 2016, p. 113-127.

BETTENDORFF, M. E. Investigación y puesta en discurso: de la polifonía al grano de la voz. In: JORNADAS DE REFLEXION ACADEMICA. FACULTAD DE DISEÑO Y COMUNICACIÓN. 1998. Buenos Aires.

BIANCHI, P. C. *Terapia ocupacional e a questão social: Retratos da formação graduada a partir de um Recorte latino-americano*. 2016. 198 f. Dissertação (Mestrado em Terapia Ocupacional), Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2016.

BLEICHMAR, S. No me hubiera gustado morir en los 90. Buenos Aires: Taurus, 2006.

BOTTINELLI, M.; NABERGOI, M.; ALBINO, A. Desafíos pedagógicos en la producción de conocimientos en la Terapia ocupacional. Experiencias de formación en metodología de la investigación de terapeutas ocupacionales en Argentina. In: ALGADO, S. S. et al. *Terapias Ocupacionales desde el Sur*. Derechos humanos, ciudadanía y participación. Chile: Ed. USACH, 2016, p. 267

BRASIL. *Resolução nº 466, de 12 de Dezembro de 2012*. Aprova as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Brasília, DF: Conselho Nacional de Saúde, 2012a. Disponible en: <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>>. Acceso: 10 oct. 2016.

BRAUN, V; CLARKE, V. Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, Reino Unido, v. 3, n. 2. p. 77-101, 2006.

BRIGLIA, J.; GARCÍA, A. Aspectos contextuales del surgimiento de terapia ocupacional en la Argentina. *Revista Chilena de Terapia Ocupacional*, [S.l.], v. 13, n. 1, p. 33-41, 2013.

BRIGLIA et al. Silvia Rivadera, la huella de una colega desaparecida en la última dictadura argentina. Aportes a la memoria y a la perspectiva histórica-ética-política de la Terapia Ocupacional. *Revista Argentina de Terapia Ocupacional*, [S.l.] v. 3, n. 1, p. 25-34, 2017.

BRUNELLO, M. I. B. et al. A criação de um espaço para a existência: o Espaço Lúdico Terapêutico. *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo*, v. 17, n. 1, p. 49, 2006.

BRUNELLO, M. I. B.; MURASAKI, A. K.; NÓBREGA, J. B. G. Oficina de construção de jogos e brinquedos de sucata: ampliando espaços de aprendizado, criação e convivência para pessoas em situação de vulnerabilidade social. *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo*, v. 21, n. 1, p. 98-103, 2010.

CARLSON, J. A. Avoiding traps in member checking. *The Qualitative Report*, [S.l.] v. 15, n. 5, p. 1102-1113.

CARPINTERO, E.; VAINER, A. La salud mental entre las comunidades terapéuticas, la psiquiatría social y la antipsiquiatría. In: CARPINTERO, E.; VAINER, A. *Las huellas de la memoria*. Psicoanálisis y Salud Mental en la Argentina de los '60 y '70. Tomo II (1970-1983). Buenos Aires: Topia, 2005, p. 149-224.

CASTRO, E. D. de; SILVA, D. de M. Atos e fatos de cultura: territórios das práticas, interdisciplinaridade e as ações na interface da arte e promoção da saúde. *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo*, v.18, n. 3, p. 102-112, 2007.

CASTRO, E. et al. Agenciamentos coletivos na experimentação do PACTO Trabalho. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, São Carlos, v. 21, n. 1, p. 163-170, 2013.

CELLA, A; POLINELLI, S. Nuevos desafíos en Terapia Ocupacional Comunitaria. *Terapia-Ocupacional.com*: El portal en español de Terapia Ocupacional. Set. 2008. Disponible en http://www.terapia-ocupacional.com/articulos/Nuevos_desafios_Terapia_ocupacional_comunitaria.shtml. Acceso: 2 jun. 2017.

CHAURA, L. E. Implicancias profesionales de Salud Mental en contextos rurales. Determinantes sociales, territorio y salud mental. In: CONGRESO ARGENTINO DE TERAPIA OCUPACIONAL, 9. 2015. Paraná.

CIERI, P. et al. Rehabilitación con base en la comunidad. In: COLTOA. *Terapia Ocupacional*. Trabajo y comunidad. Serie Compilaciones 3. Buenos Aires: COLTOA Grupo Editor, 1999, p. 27-40.

CIERI, P. Historia, Evolución y Estado Actual de la RBC y la APS en la Argentina Desde la Perspectiva de Terapia Ocupacional. *WFOT Bulletin*, [S.l.] v. 51, p. 35-46, 2005.

CLOUSTON T, J.; WHITCOMBE, S. W. The Professionalisation of Occupational Therapy: a Continuing Challenge. *British Journal of Occupational Therapy*, v. 71, n. 8, p. 314-320, 2008.

CORREIA, R. L.; AKERMAN, M. Desenvolvimento local participativo, rede social. *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo*, v. 26, n. 1, p. 159-65, 2015.

COSTA, S. L. Terapia Ocupacional Social: dilemas e possibilidades da atuação junto a Povos e Comunidades Tradicionais. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, São Carlos, v. 20, n. 1, p. 43-54, 2012.

COUTINHO, S. et al. Ações de Terapia Ocupacional no território da cultura: a experiência de cooperação entre o Museu de Arte Contemporânea da USP (MAC USP) e o Laboratório de Estudos e Pesquisas Arte e Corpo em Terapia Ocupacional. *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo*, v. 20, n. 3, p. 188-192, 2009.

D'ANGELO, M. De los niños con discapacidad y sus familias, al acompañamiento a familias de los sectores populares. In: CONGRESO ARGENTINO DE TERAPIA OCUPACIONAL, 7º. CONGRESO LATINOAMERICANO DE TERAPIA OCUPACIONAL, 7º. 2007. Mar del Plata.

DENMAN, C. A.; HARO, J. A. Trayectoria y desvaríos de los métodos cualitativos en la investigación social. In: MERCADO, J.F.; GASTALDO, D.; CALDERÓN, C. Comp. *Investigación cualitativa en salud en Iberoamérica*. Métodos, análisis y ética. Guadalajara: Universidad de Guadalajara, 2002, p. 35-72.

DESGAGNÉ, S. O conceito de pesquisa colaborativa: a idéia de uma aproximação entre pesquisadores universitários e professores práticos. *Revista Educação em Questão*, Natal, v. 29, n. 15, p. 7-35, 2007.

EULER, P. Emancipação nas condições sociais do capitalismo: a formação em contradição. In: LASTÓRIA, L.A.C.N. et al. Orgs. *Teoria Crítica: Escritos sobre educação*. Contribuições do Brasil e Alemanha. São Paulo: Nankin. 2015.

FARNWORTH, L. Time use and leisure occupations of young offenders. *American Journal of Occupational Therapy*, v. 54, p. 315-325, 2000.

FERRO, L. F. et al. Grupo de Convivência em Saúde Mental: perspectivas de usuários e a experiência do curso de Terapia Ocupacional da Universidade Federal do Paraná *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo*, v. 23, n. 2, p.146-152, 2012.

FLICK, U. *Introdução á pesquisa qualitativa*. 3ª. ed. Porto Alegre: Artmed. 2009.

FLORES, M. C.; LOPES, G., T. La investigación colaborativa: una experiencia en el desarrollo de un proyecto educativo. *Revista Ciencia Administrativa*. Veracruz, v. 1, p. 61-67, 2010.

FRANSEN, H. Los desafíos de la terapia ocupacional en la rehabilitación basada en la comunidad. In: KRONENBERG, F.; ALGADO, S. S.; POLLARD, N. (Comp.) *Terapia Ocupacional sin Fronteras*. Aprendiendo del espíritu de supervivientes. Madrid: Médica Panamericana, 2007. Cap. 13.

FREIRE, P. *Pedagogía del oprimido*. Lima: Tipo-Offset. 1987

GALHEIGO, S, M. O cotidiano na terapia ocupacional: cultura, subjetividade e contexto histórico-social. *Revista Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo*, v. 14, n. 3, p. 104-9, 2003.

GALHEIGO, S. What needs to be done? Occupational therapy responsibilities and challenges regarding human rights. *Australian Occupational Therapy Journal*, Australia, v. 58, p. 60–66, 2011.

GARCÍA-RUIZ, S., QUINTANA, P. Las redes de los afectos: aprendizajes en la Red de Rehabilitación Basada en Comunidad de las Américas. *Revista Facultad de Medicina*, v. 63, S.1, p. 161-168, 2015.

GARLITO, C. P. A. et al. Aproximación a la Sociedad y a la Comunidad desde la Terapia Ocupacional. In: NAVARRETE SALAS et al. *Terapia Ocupacional y Exclusión Social*. Ed. Segismundo Spa, 2015. p.15-18.

GARRARD, J. *Health sciences literature review made easy*. The Matrix Method. Jones & Bartlett Publishers, 2016.

GHIRARDI, M.I.G. Terapia Ocupacional e processos econômicos-sociais. In: LOPES, R. E.; MALFITANO, A. P. S. (Orgs). *Terapia ocupacional social: desenhos teóricos e contornos práticos*. São Carlos: Edufscar, 2016. p.117-133.

GIUGGIA, M. G.; CORTI, M. R. La carrera de Terapia Ocupacional en clave histórica. In: 1986-2011, 25 años de la Terapia Ocupacional en la Universidad Nacional del Litoral. Buenos Aires: Bibliográfica de Voros S.A. 2011, p. 83-86.

GÓMEZ, G. R.; FLORES, J., G; JIMÉNEZ, E. G. *Metodología de la investigación cualitativa*. Granada: Ediciones Aljibe, 1996.

GOMES, J. A, DRUMOND de BRITO, C. M. Apoio matricial e terapia ocupacional. *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo*, v. 24, n.1, p. 81-6, 2013.

GUAJARDO, A. Prefacio. In: DOS SANTOS, V.; DONATTI, G. A (Orgs.). *Questões contemporâneas da Terapia Ocupacional na América do Sul*. Curitiba: CRV, 2014. p.13-15.

GUAJARDO, A. et al. Evaluación de la estrategia de rehabilitación de base comunitaria (RBC) desde la perspectiva de la comunidad y los equipos locales de rehabilitación. *Revista Facultad de Medicina*, v. 63, S.1, p. 41-50, 2015.

HUNT, E; McKAY; E. A scoping review of time-use research in occupational therapy and occupational science. *Scandinavian Journal of Occupational Therapy*, n. 22, p. 1-12, 2015.

JARDIM, T. A. de; AFONSO, V. C.; PIRES, I. C. A. Terapia Ocupacional na Estratégia de Saúde da Família – evidências de um estudo de caso no município de São Paulo. *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo*, v. 19, n. 3, p. 167-175, 2008.

KINCHELOE, J. L.; MCLAREN, P. Repensando a teoria critica e a pesquisa qualitativa. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y.S. *O planejamento da pesquisa qualitativa*. Teorías e abordagens. 2 ed. Porto Alegre: Artemed, 2006, p. 281-307.

KORNBLIT, A. L. Historias y relatos de vida: una herramienta clave en metodologías cualitativas. In: KORNBLIT, A. L. (Coord.). *Metodologías cualitativas en ciencias sociales*. Buenos Aires: Editorial Biblos, 2007, p. 9-33.

KRONENBERG, F.; ALGADO, S. S.; POLLARD, N. (Comp.) *Terapia Ocupacional sin Fronteras*. Aprendiendo del espíritu de supervivientes. Madrid: Médica Panamericana, 2007.

LEÃO, A.; SALLES, M. M. Cotidiano, reabilitação psicossocial e território: reflexões no campo da terapia Ocupacional. In: MATSUKURA, T. S. SALLES M.M. (Orgs.). *Cotidiano, atividade humana e ocupação*. Perspectivas da terapia ocupacional no campo da saúde mental. São Carlos: EDUFSCar, 2016, p. 61-76.

LEIBMAN, M. La Fragmentación Política Argentina: Presidentes y Antinomias. 2009 Disponible en: <https://books.google.com.br/books?id=aUTGAgAAQBAJ&pg=PA74&lpg=PA74&dq=desperonizaci%C3%B3n+en+argentina&source=bl&ots=Si6P98WGiV&sig=qhwAxIpmdLdhOJmRRMNxljvLTc&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwiqwrqAiv3YAhWBQpAKHSXyAqEQ6AEIeDAJ#v=onepage&q=desperonizaci%C3%B3n%20en%20argentina&f=false>. Acceso: 20 enero 2018.

LIMA, E. M. A. et al. Ação e criação na interface das artes e da saúde. *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo*, v. 20, n. 3, p. 143-148, 2009.

LOPES, R. E. et al.. XI Encontro Nacional de Docentes de Terapia Ocupacional: refletindo sobre os processos de formação acadêmica e profissional. *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo*, v. 19, n. 3, p. 159-166, 2008.

LOPES, R. E, et al. Acompanhamento individual e articulação de recursos em terapia ocupacional social: compartilhando uma experiência. *O Mundo da Saúde*, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 233-238, 2011.

LOPES, R. E, et al. Oficinas de atividades com jovens da escola pública: tecnologias sociais entre educação e terapia ocupacional. *Interface: Comunicação, Saúde Educação* v.15, n.36, p.277-88, 2011.

LUSSI, I. A. O. de; MORATO G.G. Terapia Ocupacional e trabalho: perspectivas históricas possibilidades atuais no campo da saúde mental. In: MATSUKURA, T. S. SALLES M. M. (Orgs.). *Cotidiano, atividade humana e ocupação*. Perspectivas da terapia ocupacional no campo da saúde mental. São Carlos: EDUFSCar, 2016, p. 77-90.

MALFITANO, A. P. Contexto social e atuação social: generalizações e especificidades na terapia ocupacional. In: LOPES, R. E.; MALFITANO, A. P. S. (Orgs). *Terapia ocupacional social: desenhos teóricos e contornos práticos*. São Carlos: EDUFSCar, 2016, p.117-133.

MAMEDE, F. V.; ESSER, M. A. M. S. Photovoice: uma proposta para pesquisa qualitativa. In: LACERDA, M.R.; COSTENARO, R.G.S. *Metodologias da pesquisa para enfermagem e saúde*. Da teoria a pratica. Porto alegre: Moirá, 2016, p. 451-461.

MÁRQUEZ, G. G. La Soledad de América Latina. LECTURA NOBEL. [S.l.]. Dic. 1982. Disponible en: https://www.nobelprize.org/nobel_prizes/literature/laureates/1982/marquez-lecture-sp.html. Acceso: 6 sept. 2017.

MARTÍNEZ, A. M. R. La Actividad y la Ocupación. *Materia Prima Primera Revista Independiente de Terapia Ocupacional en Argentina*, Buenos Aires, v. 4, n. 13, p. 9- 12, 2000.

MENGELBERG, G. E. Referentes históricos de la utilización de actividades en Sudamérica. In: PAGANIZZI, L. et al. *Terapia Ocupacional Psicosocial*. Escenarios clínicos y comunitarios. Buenos Aires: Polemos, 2007.

MENGELBERG, G. E. Intervención de Terapia Ocupacional con familiares de usuarios de servicios psiquiátricos. *WFOT Bulletin*, v.67, p. 17-20, 2013.

METZ, M., I. Análisis situacional y propuestas de acción en contextos vulnerables desde la terapia ocupacional comunitaria. In: CONGRESO INTERNACIONAL DE INVESTIGACIÓN Y PRÁCTICA PROFESIONAL EN PSICOLOGÍA, 5.JORNADAS DE INVESTIGACIÓN NOVENO ENCUENTRO DE INVESTIGADORES EN PSICOLOGÍA DEL MERCOSUR, 20°. Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires, 2013. Disponible en: <http://www.academica.org/000-054/894>. Acceso: 6 sept. 2016.

MINAYO, M. C. S. (Org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

MONTERO, M. *Introducción a la psicología comunitaria*. Desarrollo, conceptos y procesos. Buenos Aires: Paidós. 2004.

MORÁN, P. J.; CEBALLOS, M. Terapia ocupacional comunitaria y rehabilitación basada en la comunidad: hacia una inclusión socio-comunitaria. *Revista Chilena de Terapia Ocupacional*, Santiago, v. 15, n. p. 2015.

MORAN, P. J.; CONCHA, C. M.; HERNÁNDEZ, S. R. Terapia ocupacional comunitaria crítica: diálogos y reflexiones para iniciar una propuesta colectiva. *TOG.A* Coruña, v. 12, n. 22, p. 1-20, 2015.

MOREIRA, A. B. Terapia Ocupacional: história crítica e abordagens territoriais/comunitárias. *Vita et Sanitas*, Trindade/Go, v. 2, n. 2, 2008.

MORIN, E.; CIURANA, E. R.; MOTTA, R. D. *Educar na era planetaria: o pensamento complexo como metodo de aprendizagem pelo erro e incerteza humana*. São Paulo: Cortez, 2003.

MORIN, E. *Ciência com consciência*. 16 ed. Rio de Janeiro: Bertrad, 2014.

MUÑOZ, M., C. G. La labor de la terapia ocupacional en el marco de los determinantes sociales de la salud en Chile. *Revista Chilena de Terapia Ocupacional*, Santiago, v. 14, n. 1, p. 73 – 80, 2014.

NABERGOI, M. et al. Cooperación internacional y Asistencia técnica en Rehabilitación. Marcas y Singularidades en los comienzos de la formación de terapeutas ocupacionales en Argentina. In: CONGRESO INTERNACIONAL DE INVESTIGACIÓN Y PRÁCTICA PROFESIONAL EN PSICOLOGÍA, 5. JORNADAS DE INVESTIGACIÓN NOVENO ENCUENTRO DE INVESTIGADORES EN PSICOLOGÍA DEL MERCOSUR, 20°. Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires, 2013. Disponible en: <http://www.aacademica.org/000-054/894>. Acceso: 6 sept. 2017.

NABERGOI, M. *El proceso de transformación de la atención psiquiátrica hacia el enfoque de cuidados en salud mental en Argentina. Participación de Terapia Ocupacional en la construcción del campo de la salud mental en la Ciudad de Buenos Aires (1957-1976)*. 2013. 300 f. Tese (Doutorado em Saúde Mental Comunitária). Universidade Nacional de Lanús, Buenos Aires, 2013.

NABERGOI, M.; BOTINELLI, M. Terapia ocupacional en Argentina. In: ALGADO, S. S. et al. *Terapias Ocupacionales desde el Sur*. Derechos humanos, ciudadanía y participación. Chile: Ed. USACH, 2016, p. 63-68.

NARVAEZ, S.; SPAMPINATO, S.; TESTA, D. E. De incertidumbres y posibilidades. In: COLTOA. *Terapia Ocupacional*. Trabajo y comunidad. Serie Compilaciones 3. Buenos Aires: COLTOA Grupo Editor, 1999, p. 79-90.

NARVAEZ, S. Emprendimientos sociales. El trabajo como posibilidad de inclusión social. In: CONGRESO ARGENTINO DE TERAPIA OCUPACIONAL, 9º, 2015. Paraná.

NIGENDA, G.; LANGER, A. Métodos cualitativos para la investigación en salud pública. Situación actual y perspectivas. In: MERCADO, J. F.; GASTALDO, D.; CALDERÓN, C. (Comp.). *Investigación cualitativa en salud en Iberoamérica*. Métodos, análisis y ética. Guadalajara: Universidad de Guadalajara, 2002, p. 191-207.

OLIVER F. C, BARROS, D. D. Reflexionando sobre desinstitutionalización y terapia ocupacional. *Materia Prima*. Primera Revista Independiente de Terapia Ocupacional en Argentina, v. 4, n. 13, p.17-20, 1999.

OLIVER, F. C. et al. Terapia Ocupacional en la Comunidad: desafíos para el acceso a los derechos. In: SIMÓ ALGADO, S. et al. *Terapias Ocupacionales desde el Sur*. Derechos humanos, ciudadanía y participación. Chile: Ed. USACH, 2016, p. 341-356.

ORGANIZACIÓN MUNDIAL DE LA SALUD. Rehabilitación Basada en la Comunidad. Guías para la RBC, [S.l.]. 2012. Disponible en: http://apps.who.int/iris/bitstream/10665/44809/3/9789243548050_Salud_spa.pdf. Acceso en: 11 dic. 2016.

OSSANDÓN, M. P. Rehabilitación basada en la comunidad frente a la realidad chilena. *Revista Chilena de Terapia Ocupacional*, Santiago, v. 14, n. 2, p. 219-230, 2014.

OYARZUN S., N et al. Hacia la construcción de las prácticas comunitarias de terapeutas ocupacionales en Chile, desde una mirada socio histórica, desde 1972 hasta la actualidad. *Revista Chilena de Terapia Ocupacional*, Santiago, n. 9, p. 149 - 165, 2009.

PAGANIZZI, L. Sobre la recuperación de personas con trastorno mental. In: CONGRESO LATINOAMERICANO, 8º, CONGRESO PERUANO, 1º, DE TERAPIA OCUPACIONAL. 2009. Perú.

PAGANIZZI, L., MENGELBERG, G. E. Argentina: social participation, activities, and courses of action. In: KRONENBERG, F., POLLARD, N., SAKELLARIOU, D. (Eds) *Occupational Therapies Without Borders: Volume 2. Towards an Ecology of Occupation-Based Practices*. Elsevier Ltd, 2011.

PAGANIZZI, L. Sobre la emergencia de los fundamentos sociales: notas sobre las prácticas comunitarias en Argentina 1980-2010. In: DOS SANTOS, V.; DONATTI, G. A (Orgs.). *Questões contemporâneas da Terapia Ocupacional na America do Sul*. Curitiba: CRV, 2014. p. 123-140.

PAGANIZZI, L. Sobre la emergencia de los fundamentos sociales de nuestra profesión: producciones argentinas de los años '80. In: CONGRESO ARGENTINO DE TERAPIA OCUPACIONAL, 9º, 2015. Paraná.

PAGANIZZI, L. TO en Comunidad - Comunidad en TO. In: CONGRESO ARGENTINO DE TERAPIA OCUPACIONAL, 9º, 2015. Paraná.

PAIVA, L. F. A. et al. A Terapia Ocupacional na Residência Multiprofissional em Saúde da Família e Comunidade. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, São Carlos, v. 21, n. 3, p. 595-600, 2013.

PALACIOS, M. Investigación Acción Participativa Respecto a Ocupaciones Colectivas y Territorio Con Jóvenes Transgresores. *Revista Terapéutica*. Ciencia, Tecnología y Arte, Costa Rica, v. 9, p. 15-20, 2016.

PALACIOS, M; MORAN, P. J. Reconstrucción del sentido de comunidad y ocupaciones colectivas: experiencia de transformación de prácticas de salud primaria rural. In: ALGADO, S. S. et al. *Terapias Ocupacionales desde el Sur*. Derechos humanos, ciudadanía y participación. Chile: Ed. USACH, 2016, p.26-27.

PALACIOS, M., Reflexiones sobre las prácticas comunitarias: aproximación a una Terapia Ocupacional del Sur. *Revista Ocupación Humana*, v. 17, n. 1, p. 73-88, 2017.

PELLEGRINI, M. Terapia ocupacional en la rehabilitación basada en la comunidad –RBC. *Terapia-Ocupacional.com*: El portal en español de Terapia Ocupacional. Março 2006. Disponible em: http://www.terapia-ocupacional.com/articulos/Rehabilitacion_comunidad_terapia_ocupacional_Pellegrini.shtml. Acceso em: 23 abr. 2017.

PRADOLINI, V. A. Las políticas sociales territorializadas en un barrio popular de Villa María, Córdoba. In: CONGRESO ALAS, 28, 2009, Buenos Aires.

PRADOLINI, V. A. Promoción de derechos humanos “en” y “con las” familias. *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo*, v. 21, n. 3, p. 255-262, 2010.

- PRADOLINI, V. A. Políticas y prácticas para el fortalecimiento familiar. *WFOT Bulletin*, v. 67, p. 30-32, 2013.
- RAMUGONDO, E. L.; KRONENBERG, F. Explaining Collective Occupations from a Human Relations Perspective: Bridging the Individual-Collective Dichotomy. *Journal of Occupational Science*, Londres, v. 22, n. 1, p. 3-16, 2015.
- RATTERO, C. Del cansancio educativo al maestro antidesestino. *Revista El Cardo*. Entre Maestros y maestros. Área didáctica. FCE. UNER. Año 4, 2001. Disponible en: <http://elaine-difapr-devargas.blogspot.com.br/2011/12/de-maestros-antidesestinos.html>. Acceso en: 2 jun.2016
- ROBLES, G.O; SALES S., CARAFFA, M. J. Aportes de terapia ocupacional en la comunidad dirigidos a los matriculados en el “CBU” para alumnos con necesidades educativas elementales. In: CONGRESO ARGENTINO, 7º; CONGRESO LATINOAMERICANO DE TERAPIA OCUPACIONAL, 7º, 2007. Mar del Plata.
- RUBINSTEIN, S. Microemprendimiento Productivo en Tercera edad. In: COLTOA. *Terapia Ocupacional*. Trabajo y comunidad. Serie Compilaciones 3. Buenos Aires: COLTOA Grupo Editor, 1999, p. 91-100.
- SABINO, C. *El proceso de investigación*. Caracas: Panapo, 1992. Disponible en: http://catedranaranja.com.ar/wp/wp-content/uploads/El_proceso_de_investigacion-Sabino-2.pdf. Acceso: 22 nov. 2016.
- SALAS, E. et al. *Terapia Ocupacional y Exclusión social*. Chile: Sigismundo Spa, 2015.
- SANTACRUZ, G. M. L. Calidad de vida, un reto para el terapeuta ocupacional en salud mental comunitaria. *Revista Ocupación Humana*, v. 1, n. 3-4, p. 33-50, 2006.
- SANTOS, B.S. Um discurso sobre as Ciências na transição para uma ciência pós-moderna. *Estudos avançados*, São Paulo, v. 2, n. 2, 1988.
- SANTOS, B.S. *A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência*. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2005.
- SÁ-SILVA, J. R.; ALMEIDA, C. D.; GUINDANI, J. F. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. *Revista brasileira de história & ciências sociais*. v. 1 n.1, p.1-14, 2009.
- SCAFFA, M. E.; REITZ, S. M. *Occupational therapy community-based practice settings*. 2. ed. Filadelfia: F.A. Davis, 2014
- SILVA, G. R. F. et al. Interview as a technique of qualitative research - a literature review. *Online Brazilian Journal of Nursing*, [S.l.], v. 5, n. 2, 2006. Diponible en: <<http://www.objnursing.uff.br/index.php/nursing/article/view/382/88>>. Acceso: 9 sept. 2016
- SILVA, R.A.S; MENTA, S. A. Abordagem de terapeutas ocupacionais em Núcleos de Apoio à Saúde da Família (NASF) no estado de Alagoas. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, São Carlos, v. 22, n. 2, p. 243-250, 2014.

SILVA, V. O. El análisis del discurso según Van Dijk y los estudios de la comunicación. *Revista Virtual RAZÓN Y PALABRA*, v. 7, n. 26, 2002. Disponible en: <http://www.razonypalabra.org.mx/antiores/n26/osilva.html>. Acceso: 29 sept. 2016.

SOUZA, J.; LUIS, V. M. A.; KANTORSKI, P. L. Análise documental e observação participante na pesquisa em saúde mental. *Revista Baiana de Enfermagem*, Salvador, v. 25, n. 2, p. 221-228, 2011.

SPAMPINATO, S. B.; TESTA, D. E. Emprendimientos Sociales en Salud Mental. Transformar desde “abajo”. *Revista Argentina de Terapia Ocupacional*, v. 2, n. 2, p. 19-27, 2016.

TESTA, D. E. ENTREVISTA. In: CONGRESO ARGENTINO DE TERAPIA OCUPACIONAL, 9º, 2015. Paraná. Disponible em: <http://www.congresoto2015.com.ar/invitado.php?id=69>

TESTA, M. Atención ¿primaria o primitiva? De salud. In: JORNADAS DE APS - CONAMER (Comisión Argentina de Residentes del Equipo de Salud), 2. 1988. Buenos Aires.

TSZESNIOSKI, L. S. et al. Construindo a rede de cuidados em saúde mental infanto juvenil: intervenções no território. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 20, n. 2, p. 363-370, 2015.

TUNDIDOR, M. Puntos de encuentro entre justicia ocupacional y social, exclusión de oportunidades, pobreza y salud mental. *Margen*, n. 69, p. 1-9, 2013.

VAISMORADI, M.; TURUNEN, H; BONDAS, T. Content analysis and thematic analysis: Implications for conducting a qualitative descriptive study. *Nursing and Health Sciences*. 15, p. 398–405, 2013.

VAN DIJK, T.A. *Ideología y discurso*. Barcelona: Ariel, 2003.

VEGA, M. C. et al. Contribuciones de una investigación participativa a las políticas sociales y de salud. Reflexiones desde los Centros de Desarrollo Infantil. In: JORNADAS NACIONALES DE DEBATE INTERDISCIPLINARIO EN SALUD Y POBLACIÓN. ÁREA SALUD Y POBLACIÓN, 8, 2009, Buenos Aires.

VEGA, M. C. et al. El derecho a la salud. Concepciones, representaciones, prácticas y participación social. Reflexiones en Terapia Ocupacional. In: CONGRESO INTERNACIONAL DE LA FEDERACIÓN MUNDIAL DE TERAPEUTAS OCUPACIONALES, 15, 2010, Santiago de Chile.

VEGA, M. C. et al. Aportes a la construcción de prácticas de Terapia Ocupacional en el fortalecimiento de la participación y los derechos ciudadanos a partir del impacto de la Asignación Universal por Hijo en Argentina. In: CONGRESO LATINOAMERICANO DE TERAPIA OCUPACIONAL, 10. CONGRESO VENEZOLANO DE TERAPIA OCUPACIONAL, 5, 2013, Caracas.

VEYRA; M. E.; CEIN, E. G. Algunas reflexiones sobre el rol actual del Terapeuta Ocupacional en la comunidad. *Contexto Psicológico*. v. 2, n. 6, p. 12-14, 2005.

WESTMAN, S. 25 años de la Terapia Ocupacional en la Universidad Nacional del Litoral (Santa Fe – Argentina). In: 1986-2011, 25 años de la Terapia Ocupacional en la Universidad Nacional del Litoral. Buenos Aires: Bibliográfica de Voros S.A. 2011, p. 147-151.

YUJNOVSKY, N. Emprendimientos productivos en Salud Mental. Del hospital monovalente a la comunidad. *Revista Argentina de Terapia Ocupacional*, v. 2, n. 2, p. 25-34, 2016.

ZALDÚA, G. Coord. *Intervenciones en psicología social comunitaria*. Territorios, actores y políticas sociales. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Teseo, 2016.

ZEMKE, R. Time, Space, and the Kaleidoscopes of Occupation. *American Journal of Occupational Therapy*, v. 58, n.6, p. 608-620, 2004.

ZORZOLI; F. J. M.; CHAURA, L. E. Reflexiones sobre los derechos de participación Social, y el proceso de Televisión Digital en Argentina y Latinoamérica. In: CONGRESO LATINOAMERICANO DE TERAPIA OCUPACIONAL, 10. CONGRESO VENEZOLANO DE TERAPIA OCUPACIONAL, 5. 2013. Caracas.

ZORZOLI, F. J. M.; CHAURA, L. E.; PAGANIZZI, L. Contextos habitados por sujetos, desafíos de la terapia ocupacional: diversidad, organización y movimientos actuales. In: DOS SANTOS, V.; DONATTI, G. A (Orgs.). *Questões contemporâneas da Terapia Ocupacional na America do Sul*. Curitiba: CRV, 2014, p. 19-34.

ANEXOS.

Anexo I: Autorización instituciones de las prácticas de TO en Argentina.

Anexo II: Parecer consubstanciado favorable del Comité de Ética en Investigación en Seres Humanos de la Universidad Federal de São Carlos (CEP/UFSCar).



São Carlos, 15 de noviembre de 2016.

Buffet cultural "El entrevero",
Hospital Escuela de Salud Mental,
Centro de Estudiantes Fac. de Trabajo Social (UNER),
Ministerio de Desarrollo Social (E. Ríos)
A quien corresponda:

Por medio de la presente, solicitamos su autorización para realizar tareas de investigación relativas al proyecto: "Procesos y experiencias a partir de las prácticas de Terapia Ocupacional en comunidad. La perspectiva de los sujetos que co-construyen las propuestas", en el Buffet cultural "El entrevero". Dicho estudio, se está desarrollando en el marco de la maestría en Terapia Ocupacional (T.O.), en la línea "Redes Sociales y Vulnerabilidad", de la Universidad Federal de São Carlos (UFSCar), Brasil. La autora es la Lic. en T.O. Valentina Vinzón, egresada de la Universidad Nacional del Litoral (2011), y cuenta con la orientación de la Dra. Lillian Magalhães, profesora de la maestría en T.O., UFSCar.

Los objetivos de la investigación son los siguientes:

Objetivo general:

- Describir y analizar las experiencias que vivencian las personas que se encuentran en contextos de vulnerabilidad social, en relación a su participación en propuestas de Terapia Ocupacional comunitaria.

Objetivos específicos:

- Describir las experiencias de las personas que se encuentran en contextos de vulnerabilidad social, en relación a su participación en propuestas de T.O. comunitaria.

- Analizar las experiencias que vivencian las personas en su participación en las propuestas de T.O. comunitaria, en relación a los procesos de cambio que éstas generan en su cotidiano y proyectos de vida.
- Conocer y relevar los servicios y propuestas de las prácticas de terapia ocupacional en comunidad de la ciudad de Santa Fe y alrededores (Argentina).

Para alcanzar dichos objetivos, las actividades a desarrollar son: entrevistas semi-estructuradas, observaciones y participación en la propuesta de la terapeuta ocupacional a cargo del servicio. Dado que la maestranda Valentina Vinzón se encuentra residiendo en la ciudad de São Carlos, para realizar dicha formación académica, se planea desenvolver el campo de acción entre los meses diciembre 2016 - marzo 2017, período sin clases en la UFSCar.

Cabe destacar, que en la realización de dichas actividades, la autora se compromete a respetar las relaciones interpersonales, valorando a cada persona involucrada como un sujeto particular con sus valores e idiosincrasia. Al realizar la convocatoria a los participantes del servicio de TO, se dará a conocer que su participación es voluntaria, factible de ser interrumpida si lo requieren, y se garantizará confidencialidad. Se establecerán consentimientos informados, y se dará a conocer los objetivos de la investigación. Finalmente, como se trata de una Investigación participativa, se colaborará con el grupo participante, en las problemáticas que se planteen en dicho periodo de trabajo.

Sin otro particular, saludamos con atenta consideración

Lic. Valentina Vinzón.

Lilian Magalhães
 Prof. Lilian Magalhães lmagalhaes@ufscar.br

*Vale, para o Curso de Doutorado e
 Investigaci*
Lilian Magalhães



Visto lo solicitado por Nota N° 1791 del 15 de noviembre de 2016, mediante la cual la Lic. Valentina Vinzón y la Prof. Lillian Magalhaes, solicitan autorización para realizar tareas de investigación en el marco del Bufet "El Entreviro" y considerando pertinente el tema a investigar, este Comité autoriza el desarrollo de las actividades, previa firma del Acuerdo de Confidencialidad por parte de la investigadora y los correspondientes Consentimientos Informados por parte de los usuarios que participarán.

Pase al equipo de "El Entreviro" para que tome conocimiento.

Paraná, 29 de noviembre de 2016.



Silvana Suppo
SILVANA SUPPO
CODEI

Comité de Docencia
e Investigación
Hospital "Escuela de Salud Mental"

Visto, desde el equipo de "El Entreviro" se autoriza la realización del estudio

Natalia Vinovsky
NATALIA VINOVSKY
H.P. 7883 -



UFSCAR - UNIVERSIDADE
FEDERAL DE SÃO CARLOS



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Processos e experiências das práticas de Terapia Ocupacional em comunidade, Santa Fé, Argentina

Pesquisador: Valentina Vinzón

Área Temática:

Versão: 3

CAAE: 64744316.7.0000.5504

Instituição Proponente: Programa de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional - PPGTO

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.226.602

Apresentação do Projeto:

Pesquisa Qualitativa de natureza participativa, com entrevistas, grupos focais e documentação fotográfica. Como todo campo de saber, e toda profissão, a Terapia Ocupacional se encontra em constante revisão e transformação. O terapeuta ocupacional, atuando na sociedade, deve dedicar-se a promover ações que gerem possibilidades de inclusão e participação na vida social das pessoas, conciliando "as necessidades individuais, coletivas e institucionais" (MALFINATO, 2016, p. 121). Este projeto, pretende, portanto, descrever e analisar as experiências que as pessoas que se encontram em contextos de vulnerabilidade social vivenciam, em relação à sua participação em propostas de Terapia Ocupacional comunitária, na província de Santa Fé e arredores, Argentina.

Objetivo da Pesquisa:

Descrever e analisar as experiências que as pessoas que se encontram em contextos de

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235

Bairro: JARDIM GUANABARA

CEP: 13.565-905

UF: SP

Município: SAO CARLOS

Telefone: (16)3351-9683

E-mail: cephumanos@ufscar.br



Continuação do Parecer: 2.226.602

vulnerabilidade social vivenciam, em relação à sua participação em propostas de Terapia Ocupacional comunitária, na cidade de Santa Fé e arredores, Argentina.

Objetivo Secundário:

- 1-) Descrever as experiências das pessoas que se encontram em contextos de vulnerabilidade social, em relação à sua participação em propostas de T.O. comunitária.
- 2-) Analisar as experiências das pessoas que co-constroem propostas de T.O. comunitária, em relação aos processos de mudança que estas geram no seu cotidiano e projetos de vida.
- 3-) Conhecer e refletir sobre as propostas das práticas da terapia ocupacional comunitária, na cidade de Santa Fe e arredores (Argentina).

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Os possíveis riscos que os participantes podem sofrer, de modo imediato ou tardio, são mínimos: desconforto emocional ou alguma outra sensação emocional adversa ao responder perguntas ou realizar suas atividades na presença da pesquisadora. Não obstante, na presente pesquisa, durante todo o processo se manterá um compromisso com o respeito nas relações interpessoais, valorizando cada pessoa como um sujeito particular com seus valores e idiossincrasias. Assim, ao recrutaros participantes, se dará a conhecer que sua participação é voluntária e factível de ser interrompida a qualquer momento. Consentimentos informados serão assinados, e se dará a conhecer os objetivos da investigação, bem como as prerrogativas dos participantes.

Benefícios:

Não ha benefícios individuais advindos da participação neste projeto. Entretanto, o projeto devera produzir informação relevante para a construção de novos projetos, a formação de terapeutas mais bem qualificados para o trabalho com populações vulneráveis, bem como a construção de modelos comunitários de intervenção na área.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Pesquisa de relevância científica.

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235

Bairro: JARDIM GUANABARA

UF: SP

Município: SAO CARLOS

CEP: 13.565-905

Telefone: (16)3351-9683

E-mail: cephumanos@ufscar.br



Continuação do Parecer: 2.226.602

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

- A folha de rosto confere com o título do projeto de pesquisa e apresenta a assinatura do pesquisador responsável e do responsável pela instituição conforme a resolução 466/12 do CNS/MS.
- Foram anexados os seguintes documentos obrigatórios: folha de rosto assinada, autorização do responsável legal pelo local onde a pesquisa será realizada (carimbada e assinada), TCLE do participante, projeto de pesquisa e Informações básicas.
- As recomendações para correção do TCLE foram atendidas.

Recomendações:

sem novas recomendações.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Após atender a todas as pendências, o projeto segue a normativa 466/12.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_842595.pdf	27/06/2017 10:20:51		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLEC.docx	27/06/2017 10:18:59	Valentina Vinzón	Aceito
Declaração de Pesquisadores	Resposta.pdf	08/05/2017 16:41:09	Valentina Vinzón	Aceito
Folha de Rosto	folha.pdf	31/01/2017 18:56:54	Valentina Vinzón	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	ProjetoMestradoValentinaVinzon112016final.pdf	13/12/2016 14:06:38	Valentina Vinzón	Aceito
Outros	HESMfinal.jpg	13/12/2016 12:41:11	Valentina Vinzón	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235

Bairro: JARDIM GUANABARA

CEP: 13.565-905

UF: SP

Município: SAO CARLOS

Telefone: (16)3351-9683

E-mail: cephumanos@ufscar.br



UFSCAR - UNIVERSIDADE
FEDERAL DE SÃO CARLOS



Continuação do Parecer: 2.226.602

SAO CARLOS, 18 de Agosto de 2017

Assinado por:
Priscilla Hortense
(Coordenador)

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235
Bairro: JARDIM GUANABARA **CEP:** 13.565-905
UF: SP **Município:** SAO CARLOS
Telefone: (16)3351-9683 **E-mail:** cephumanos@ufscar.br

Página 04 de 04

APÉNDICES.

APÉNDICE I: Cuestionario para informantes clave.

APÉNDICE II: Guías para las entrevistas usuarias y los usuarios y T.O.

APÉNDICE III: Guion de observación.

APÉNDICE IV: Consentimiento informado de los participantes.

APÉNDICE V: Relatos de vida de las/os participantes.

APÉNDICE I: Cuestionario para informantes clave.

Práctica profesional que desarrolla y lugar (ej. Emprendimiento socio-laboral para personas en contextos de vulnerabilidad social - equipo interdisc.- Centro de salud-Paraná)

1. ¿**Cuenta** usted con alguna investigación, o artículo de **su autoría** presentado en algún congreso/simposio, libro o revista de Terapia Ocupacional que comprenda: Terapia Ocupacional y prácticas comunitarias, en la última década (2006-2016)?

SI	<input type="checkbox"/>
NO	<input type="checkbox"/>

En caso afirmativo, por favor, agregue los datos del mismo en el cuadro de abajo:

Autor/a/es	Título del trabajo	Mes y año publicado/presentado	Lugar de publicación/presentación (congreso, etc)

2. ¿**Conoce** usted alguna investigación, o artículo de **un/a colega de su país** presentado en algún congreso/simposio, libro o revista de Terapia Ocupacional que comprenda: Terapia Ocupacional y prácticas comunitarias, en la última década (2006-2016)?

SI	<input type="checkbox"/>
NO	<input type="checkbox"/>

En caso afirmativo, por favor, agregue los datos del mismo en el cuadro de abajo:

Autor/a	Título del trabajo	Mes y año publicado/presentado	Lugar de publicación/presentación (congreso, etc.)

3. ¿Estaría usted dispuesta/o a compartir dichos trabajos con la maestranda, a fin de colaborar con la revisión de la literatura de su proyecto de tesis?

SI	<input type="checkbox"/>
NO	<input type="checkbox"/>

En caso afirmativo, por favor, adjunte dicho/s trabajo/s, o detalle el lugar o contacto donde sea factible conseguirlo/s:

Solicitar en/a:@.....

Buscar en el sitio web: www.....

Sugerencias:.....
.....

APÉNDICE II: Guías para las entrevistas usuarias y los usuarios y T.O.

Preguntas guía para entrevistas con usuarias/os:

1era. fase:

- ¿Cómo llegaste a este proyecto? (quien convocó y quien recibió)
- ¿Qué expectativas tenías sobre el emprendimiento antes de comenzar? ¿Cómo fuiste recibido?
- ¿Recordás cuáles fueron tus primeras experiencias acá?
- ¿Qué actividades o funciones has desarrollado en el tiempo que llevás acá?
- ¿Me contás como es un día de tu vida?
- ¿Qué considerás que aportás vos al grupo y al proyecto?
- Contame sobre tus experiencias más significativas en este emprendimiento.
- ¿Creés que tu vida (cotidiano, proyectos) cambió desde que participás acá?
- ¿Considerás que te brinda algún beneficio? ¿Cuál/es?
- Me gustaría que me contaras cómo este emprendimiento influyó tus proyectos de vida.

2da fase:

- ¿Creés que la participación de la TO es importante en el emprendimiento? ¿Qué considerás que aporta ella?
- ¿Cómo es tu relación con la TO?
- ¿Qué crees que facilita/ayuda en el emprendimiento?
- ¿Creés que obstaculiza algo, o que su participación genera alguna dificultad/ problema?
- ¿Desde tu punto de vista, qué te parece que debería cambiar? (la TO)
- ¿Conocías la terapia ocupacional antes de empezar acá? ¿Qué sabías sobre la TO? ¿Qué aprendiste sobre TO después que viniste para acá?
- Si vos pudieras cambiar algo de este proyecto ¿qué sería? ¿Qué falta? ¿Qué te gusta que no cambiarías?
- ¿Como esperás que este proyecto influya tu vida en un futuro?

Preguntas guía para entrevistas con TO:

- ¿Cómo surge esta propuesta?
- ¿Cuál es el objetivo?
- ¿Qué políticas públicas colaboraron en la generación y sostenimiento del proyecto?
- ¿Con qué recursos cuentan? ¿Cómo los obtienen?
- ¿Cómo fue la constitución del equipo? ¿siempre fue así?
- ¿Qué cambios introdujo la nueva constitución del equipo?
- ¿Cómo funciona el equipo en términos de organización, toma de decisiones, jerarquías?
- ¿Vos, como TO, qué función cumplís?
- ¿Qué crees que aporta la TO a la propuesta?
- ¿Qué consideras que aporta la propuesta a las/os usuarias/os para su cotidiano y proyectos de vida?
- ¿Qué considerarás que falta al proyecto? ¿Qué hay que modificar del proyecto?
- ¿Cómo te formás/preparás para este trabajo? ¿cómo fue tu formación?

APÉNDICE III: Guion para la observación-participante.

Preguntas para orientar la mirada:

- ¿Cómo llegan los emprendedores al lugar? (estados de ánimo, saludos, comentarios)
- ¿Cómo es su estado anímico durante las actividades? Muestran entusiasmo/compromiso en lo que hacen?
- ¿Cómo se relacionan las/os usuarias/os entre sí, con la TO, con los demás?
- ¿Con qué nivel de autonomía/confianza se desenvuelven?
- ¿Qué tipo de participación muestran en las actividades?
- ¿Realizan comentarios sobre su vida cotidiana durante la jornada? ¿Qué cuentan? ¿Sobre sus proyectos?
- ¿Cómo se van? (ánimos, comentarios, expresiones)
- ¿Muestran deseos/ganas de volver al trabajo al día siguiente?

- ¿Qué tareas/actividades realizan las TO?
- ¿Qué aportan al emprendimiento?
- ¿Qué tipo de participación presentan?
- ¿Cómo participan en la toma de decisiones?
- ¿Cómo se relacionan con los emprendedores y el resto del equipo?
- ¿Cómo es el “clima/ambiente” de trabajo?

APÉNDICE IV: Consentimiento informado para las/os participantes.

Estimado/a Señor/a:

Usted ha sido invitado/a a participar en el estudio “**Procesos y experiencias a partir de las prácticas de Terapia Ocupacional en comunidad. La perspectiva de los/las usuarios/as, quienes co-construyen las propuestas**”, bajo la responsabilidad de la Licenciada en Terapia Ocupacional Valentina Vinzón, matriculada en el Programa de Posgrado en Terapia Ocupacional de la Universidad Federal de San Carlos – PPGTO/UFSCar (Brasil), y bajo la orientación de la Prof. Dra. Lilian Magalhães.

Este estudio tiene como objetivo describir los procesos y las experiencias de las personas que se encuentran en contexto de vulnerabilidad social, en relación a las propuestas de la Terapia Ocupacional (TO) comunitaria en las que participan. Se espera conocer si existen procesos de cambio en su cotidiano y proyectos de vida, a partir de la participación en dichos servicios de TO. El estudio se está realizando en diferentes instituciones donde se desarrollan propuestas de TO comunitaria, en la ciudad de Santa Fe y alrededores.

Si Usted acepta participar en este estudio, se le realizarán entrevistas, donde se conversará sobre sus experiencias en relación a su participación en las propuestas de TO, y se observarán las actividades que se realizan en el servicio de turno a ellas. Por tratarse de una investigación colaborativa, la Srta. Valentina Vinzón, participará también de dichas actividades y cooperará en las actividades y problemáticas que surjan durante el período en el que forme parte de estas propuestas. Vale mencionar, que si Usted lo autoriza, las tareas mencionadas serán grabadas (audio y/o fotos), para recolectar registros que permitan un posterior análisis.

Este estudio pretende brindar beneficios, contribuyendo con los/las usuarios/as y las/los coordinadores de los servicios de TO comunitaria, a partir de la colaboración en las actividades que allí se desarrollan. A su vez, puede generar un aporte positivo, promoviendo una mirada crítica sobre estas propuestas, en las/los terapeutas ocupacionales que las coordinan. Si usted acepta participar, estará colaborando con la profesión de Terapia Ocupacional para acrecentar los conocimientos sobre los efectos de las prácticas de TO en comunidad.

Toda la información que Usted nos brinde para el estudio será de carácter estrictamente confidencial, será utilizada únicamente por las investigadoras y no estará disponible para ningún otro propósito. Usted quedará identificado(a) con un nombre ficticio. Los resultados de este estudio serán publicados con fines científicos, pero se presentarán de tal manera que no podrá ser identificado(a).

Los riesgos potenciales que implican su participación en este estudio son mínimos. Si alguna de las preguntas u observaciones le hicieran sentir un poco incómodo(a), tiene el derecho de no responder, y enunciar su disconformidad para el cese de la actividad (entrevista u observación). La investigadora esclarecerá las dudas que surjan y brindará apoyo si estas tareas lo requieren. Usted no recibirá ningún pago por participar en el estudio, y tampoco implicará ningún costo para usted.

Su participación no es obligatoria y en cualquier momento que usted lo requiera podrá desistir de participar y retirar su consentimiento.

Si usted tiene alguna pregunta, comentario o preocupación con respecto al proyecto, por favor comuníquese con la investigadora responsable del proyecto, Valentina Vinzón, al siguiente número de teléfono +54 9 342 406-2654, en el horario de 16 a 20 hs, o escriba un e-mail a: vinzonvalentina.88@gmail.com

Yo, _____, declaro que entendi los objetivos, riesgos y beneficios de mi participación en la investigación y acuerdo en participar. La investigadora me informó que el proyecto fue presentado al Comité de Ética en Investigación en Seres Humanos de la UFSCar, que funciona en la Pró-Reitoria de Pós-Grado e Investigación de la Universidad Federal de São Carlos, localizada en la Rodovia Washington Luiz, Km. 235 - Caja Postal 676 - CEP 13.565-905 - São Carlos-SP – Brasil. Teléfono (16) 3351-8110.

Correo electrónico: cephumanos@power.ufscar.br

Si usted acepta participar en el estudio, le entregaremos una copia de este documento que le pedimos sea tan amable de firmar

Santa Fe, _____ de _____ de _____.

Firma del/la participante de la investigación.

APÉNDICE V: Relatos de vida de las/os participantes.

El relato de José

Pautamos entrevista.

José, de 43 años, es uno de los emprendedores del Buffet “E.E”, y trabaja en él desde los inicios.

Hoy es otro lunes de asamblea, momento de compartir las experiencias, discutir, y tomar decisiones conjuntas. Al terminar, nos despedimos y converso un momento con José, a quien le comento sobre el trabajo de investigación que estoy desarrollando. Le propongo reunirnos otro día para entrevistarle y que me relate más sobre el emprendimiento y su participación en él. José, gentilmente, acepta de inmediato.

Primera parte de la entrevista.

Tal como acordamos por teléfono, el siguiente lunes nos encontramos con José, al terminar la asamblea, para realizar la entrevista.

Para empezar, leemos juntos el Consentimiento Informado, y explico cada uno de los puntos descritos en él. José es un hombre tranquilo, escucha con atención, acuerda y firma.

Comenzamos a conversar sobre el emprendimiento, sus orígenes, su inclusión en este emprendimiento, lo que significa para él. Voy haciendo algunas preguntas, él relata con bastante detalle y a un ritmo rápido, como suele hablar. Cuenta que el buffet, para él, no es un trabajo, que un trabajo como tal es cuando tiene que asistir todos los días en un mismo horario, y cuando tiene muchas exigencias por cumplir. Considera a este emprendimiento, un lugar de socialización, que no le implica tanta exigencia. Recuerda que un día dijeron “*vamos a la facultad*”, y él pensó en las nuevas relaciones que allí establecería, pero no había contemplado que iba a encontrar estudiantes tan jóvenes (de 18-25 años) como compañeros de trabajo.

Cuenta que se trata de un proyecto multisectorial, donde trabaja gente de: economía social, salud mental y de la facultad de trabajo social. Señala que se comenzó a organizar hace dos años atrás aproximadamente, y que la propuesta surgió porque había una mujer, usuaria, que quería un lugar cultural. A partir de eso, *Lautaro*, el psicólogo, recibió la novedad de que en la institución educativa, se necesitaba un buffet. Luego se habló con el centro de estudiantes, y ellos aceptaron desarrollar el emprendimiento.

Expresa, *“empezamos allá, a reunirnos en el hospital, para ver como podíamos organizarnos, ver qué era un kiosco... teníamos muchas dudas, no sabíamos si lo íbamos a poder atender”*.

Le pregunto sobre cómo fue que él comenzó a trabajar ahí, su llegada al emprendimiento y sus primeras experiencias y expectativas. José responde sin titubeos, *“la TO N.Y. convocó a todos, a los que estaban en los talleres del hospital de día, y ahí surgieron los que querían ir y cambiar de emprendimiento, incluyendo los del emprendimiento Vital, que es el mayor taller de ahí en el hospital de día. Y ahí cada uno eligió si quería participar.”*

Él reconoce que no sabía que era un buffet, y que cuando le dijeron que era de elaboración y venta de comidas, *“tenía dudas de si podía atender al público, porque soy muy callado”*. Aunque luego advierte: *“pero me desarrollé bien, y el tema de hacer las cuentas, atención al público, dar cambio me resultó fácil. Antes de empezar tenía dudas, más que nada por mi problema de memoria”*. En las asambleas al principio se le presentaba esa dificultad, dice, *“porque no podía retener la información, yo pregunto para entender bien y ellos me repiten”*.

José tiene claro cuáles son sus funciones y tareas, está en la comisión de comercialización, y en la de acondicionamiento del espacio (que implica: pintar y arreglar el lugar, según cuenta, él fue quien confeccionó la repisa para exponer los alimentos), y también atiende al público.

Con relación a su cotidiano, cuenta también que tiene problemas para dormir, que hace un esfuerzo para cumplir con este proyecto, y los días libres aprovecha para no levantarse muy temprano. Relata, *“me levanto cerca de las 10, o a veces 12 hs, siempre antes de salir me baño, en la mayoría de los turnos de atención entro a las 15 hs al emprendimiento, algunos días a las 11, depende como ande de ánimo, y de cuerpo para sentir que tuve un bien día.. de salud, físicamente, ando bastante bien, pero de ánimo no siempre, me cuesta dormir y me levanto cansado. Vengo caminando, me lleva 15 min, llego media hora antes para cumplir con mi turno, si vengo muy justo en el horario tengo que empezar a atender directamente, no me gusta hacer las cosas apuradas. Tengo que llegar antes para acomodar la mercadería. Son 4 hs de trabajo. Y después me vuelvo a casa. No salgo mucho, no hago otra actividad. Voy al hospital, escribo, un día a la semana me encuentro con la psicóloga y ella me corrige el escrito”*. Además, dice que para sostenerse económicamente cuenta con una pensión, y que vive con su padre y dos hermanas.

Conversamos sobre el aporte singular que él realiza al emprendimiento, describe: *“soy sociable, aunque hablo poco, me dicen que soy muy responsable, cumplo los horarios, siempre me toman de ejemplo, dicen “me gusta cómo trabaja José”: Me gusta este lugar, este espacio.*

A veces soy un poco haragán con algunas cosas de mi casa, me falta un poco de voluntad, hay algunas discusiones allá y algunas situaciones me sacan las ganas. Pero cuando tengo que hacer algo fuera lo hago”, afirma.

Lo invito a pensar sobre los cambios que se han producido en su vida, en su cotidiano, a partir de su trabajo en el buffet. Él refiere que desde que comenzó *“sigue todo igual, yo me estoy basando en esa escritura del libro, y algún día quiero presentarla porque para mí es algo importante, que algún día se sepa que escribí, y es importante también para mi tratamiento. A esto (emprendimiento) también lo valoro, al hospital iba para charlar más que nada, el trabajo a mí mucho no me interesaba, más que por una cuestión social. Pastilla no tomaría, tomo una sola”*. Continúa *“cambiaron un poco las relaciones sociales, y lo económico también es una ayuda, tenemos el PEL²⁷, que es casi el mismo valor de la pensión, si el buffet no da ganancias el PEL ayuda mucho”*.

En cuanto a sus proyecciones en el emprendimiento, confiesa *“así como estoy con mi memoria, con mi dificultad, no me proyecto por mucho tiempo. Pero sí con mi escritura, lo que pasa es que tienen que creerme, si me creen lo que escribí. Una cosa es que este catalogado de enfermo, y lo que escribí, que puede dar pruebas de ese errado diagnóstico, aparentemente no es un delirio. Tengo pruebas actualmente por bocas de otros, pues no soy el único que lo dice, antes si, en el '94 era el único, contarle derivo en el diagnóstico médico. Eso sería mi salida para el futuro, eso que yo deduje, eso que yo descubrí. Si llego a eso ya está”*.

En relación con sus experiencias laborales, luego agrega: *“tuve la posibilidad de trabajar antes, porque hice un curso de electricista, y un amigo, compañero de ese curso me llamó, pero yo le rechacé el trabajo porque con mis problemas para dormir, todos los días levantarme y trabajar así no podía, se trabaja de 8 a 16 hs. El emprendimiento en cambio eso me facilita. Me gustaría más dedicarme a lo otro, a lo que escribí, del libro, porque es importante, no solo para mí. Llamaron a lo mío un delirio y después otros escuchando se dieron cuenta que el delirio estaba en otro lado, pues se escriben y creen cosas como sabias y son delirios, o ignorancia. Se desconocen o se niegan realidades sin un análisis científico”*.

Por otro lado, vuelve a remarcar la importancia de este espacio, sobre todo por las relaciones sociales, expresa que le gustan las reuniones, porque sino *“queda mucho tiempo solo”*, y en el buffet, hace amigos. José valora mucho la amistad, comenta una experiencia importante para él con una estudiante, *“cuando dio a entender que no tenía problemas en hacer*

²⁷ Programa de Entrenamiento Laboral, dependiente del Ministerio de Desarrollo Social para personas con discapacidad.

amistad con nosotros, porque venían las vacaciones y no nos íbamos a ver más, "juntémonos"; ella dijo. Eso me marcó". Finalmente, refiere que no tiene seguridad en proyectarse por mucho tiempo en el emprendimiento, y concluye: "no sé, si no es por mucho tiempo, estoy dejando el camino a otra persona, a otro paciente".

Al pasar una media hora de entrevista aproximadamente, decidimos combinar otro momento para continuar. Nos despedimos afectuosamente, hasta el jueves siguiente, que se realiza otra reunión.

Segunda parte de la entrevista.

Hoy es un día de trabajo en el buffet, a pesar del paro docente y por ello, de la escasa circulación de personas en la institución, todos los emprendedores están desarrollando sus funciones. Primero se realizó una reunión con representantes del ministerio de economía social a nivel provincial y nacional, quienes se vieron interesados en el proyecto y con intenciones de contribuir de alguna manera para su sostenimiento y crecimiento.

Más tarde, acordamos con José ir a una sala contigua para poder desarrollar la entrevista con tranquilidad. Él vuelve a mostrar gran predisposición y gusto por continuar la conversación.

Me cuenta más sobre la organización del emprendimiento, *"los coordinadores son varios: psicólogo, residentes y terapeutas ocupacionales. La más conocida para mí es N.Y. (TO), que la conozco desde el 2006, del emprendimiento en el hospital. Y ahora pasamos acá al emprendimiento y ella siguió. En el 2006 la conocí a ella por estar internado. Con ella me llevo muy bien, es muy amable, compañera, hasta le dije de ir a la casa a visitarla, pero ella me respondió "ahora no José, que la están arreglando", a la casa. Después no le pedí más porque, no sé, me dio vergüenza, pensé que estaba metiendo la pata. Después están las otras residentes que son, Micaela, que es TO, Nadia, que es psicóloga, Lautaro, que es psicólogo, Anabela, después las practicantes, estudiantes que son macanudas: Lucrecia, Carmen, la Pepi, su nombre es Lorena, y quedó Susana, y ahora empieza una chica nueva, también macanuda",* expresa.

Le pido que describa un poco más sobre el papel de la terapeuta ocupacional en el emprendimiento y su relación con ella, él comenta: *"a NY la conozco hace mucho, pero para mí son todas iguales, ella es una de las más antiguas en el hospital de día, es casi la...no es la jefa pero está ahí, es la coordinadora de las TOs"*.

Refiere que vienen varias estudiantes de TO de la ciudad de Santa Fe, y respecto a la TO: *"es una carrera que está en auge, gusta mucho parece esa carrera, y ellas también parece que*

piden mucho venir para acá. Y transmiten alegría, tienen buen trato”. Ante mi pregunta sobre el particular aporte que hace la TO, él cuenta: “en el trato, eso es muy importante, más allá de lo que se haga en el taller, porque para mí en el taller se hacen cosas manuales más sencillas, yo podría hacer cosas mejores, pero no tengo como, y además no me da mucho el cerebro para rendir en muchas horas de trabajo exigente. Yo soy electricista y podría trabajar de eso pero no me da, si mi cerebro estaría un poco mejor.... Son importantes las TO por la parte humana, de ayudar a la persona, cuando las personas se traban ellas siempre están atentas para darles una mano, para que agilicen y vayan aprendiendo”.

Ante la valoración que desarrolla, cuestiono entonces, qué considera él que debería cambiar, qué punto débil encuentra para que sea trabajado en el emprendimiento, él dice: *“nadie sabe de negocios y se está aprendiendo sobre la marcha, sino fuera por ellos (los coordinadores), yo no puedo hacerlo por mi memoria, porque no retengo, yo me tengo que apoyar en ellos. Lo más importante, los trámites y todo eso que se necesita, los subsidios y microcréditos. Yo a Paraná no la conozco, sólo algunos lugares, porque no retengo. Si no fuera por ellos, que se organizan de esa forma, y se ponen de acuerdo cada uno en su lugar, formaron las comisiones, así se vuelve más sencillo, porque antes era menos organizado, se decidía cada día quien hacia cada cosa. En las asambleas generales se ponen de acuerdo. Si no fuera por los coordinadores no podríamos hacer nada de esos trámites. Lo que mayormente hacemos nosotros (usuarios) es atención al público, mantenimiento, limpieza, acompañar a quienes efectúan los trámites necesarios para el buffet”. Refiere que tienen que aprender más sobre el manejo de la caja, en sus palabras: “la compra de materiales, la competencia, tener buenos precios, que no sean ni tan caros, ni tan baratos. Competencia con respecto a los negocios de acá alrededor. Eso todavía no sabemos bien cómo manejar. Sí, ellas aportan (las TO), si no fuera por ellas no lo podríamos realizar. Ellas ayudan en la parte de los proyectos, cómo organizarlos, como armarlos, comunicarse con las autoridades pertinentes, no solo la parte de la salud viene del hospital”.*

Le pregunté luego, si él ya conocía la terapia ocupacional, y si tenía claro cuál es la función de esta disciplina, él refiere: *“conocí la TO en la internación, antes no sabía nada, a veces se me olvida lo que es, pero siempre voy al diccionario, ellas se encargan de la parte... por medio del trabajo que la persona encuentre una manera de despejarse de sus problemas, más que nada. A mí en parte me sirve, y en parte no, yo no me considero un enfermo, y yo estoy escribiendo sobre eso, para demostrar que lo mío no es una enfermedad, porque yo no lo considero una enfermedad, porque en todas partes del mundo está dicho que lo mío es*

esquizofrenia y yo digo que lo mío no lo es, yo voy al hospital de día más en relación al trato, las cosas que ahí hacen para mí son sencillas, lo que yo necesito es socializar y que escuchen lo que yo estoy diciendo, hasta que no me escuchen, y crean lo que escribí, el tratamiento para mí es en vano. El trato que ellos tienen conmigo es bueno, pero no me serviría para nada si no me creen, porque lo que yo escribí no es delirio, esquizofrenia, mis escritos lo aclararán, hay cosas que son verdades y otras que son ilusión, hay muchos mitos, el cristianismo se basa en eso. Y mi problema también viene desde chico, desde que tengo 8 años”. Prosigue: “la TO no es solo la función de estar en el taller, se encargan de la parte humana. Con NY, con ella se puede hablar, te trata de igual a igual, se puede charlar. Se desempeñan bien dentro de sus funciones, dan apoyo, organizan. Pero ante mi problema, eso no es suficiente. Las personas además de tener problemas de razonamiento tienen problemas espirituales, inquietud, sufrimiento, con el trato las personas se sienten aliviadas, siente un momento de alegría, es como una terapia también. Se despejan de los problemas que tienen con la familia y se dispersan, se toma mate, se comparte, se distraen.

En el emprendimiento las TOs acompañan, están en las comisiones, son las cabezas de las comisiones, son las que más hablan, explican y nos dan ciertos trabajos para hacer. En lo que mayormente no trabajan en el buffet, es en la atención al público, pero a veces sí, para anotar cosas, y no perder el control de lo que se vendió”.

Además, José cuenta sus expectativas: “estamos esperando que esto crezca, pero para que eso suceda tienen que haber una refacción del lugar que es un proyecto que tiene la facultad. Tenemos muchas herramientas de trabajo pero no tenemos espacio, es muy chiquito por eso no tenemos tanta mercadería y también porque no hay mucho dinero”. “Yo digo que no sé tiene que perder lo que viene generando, porque va bien. La intención que tienen, que no se pierda: la inclusión social, no tomar al paciente como alguien inferior, sino como un igual. Al que llaman loco no es loco, a veces los locos están afuera, no?, el loco para mí es, por ejemplo, el que estudió para desempeñarse de una forma y hace lo contrario a lo bueno, se niega a hacer lo que realmente tiene que hacer como humano y ser útil para los demás. Yo tengo problema de inseguridad en confiar en los demás por lo que me pasó. “Otras personas tienen delirios, pero en parte es por su ignorancia en ver la realidad ante su problema, acompañado de sufrimientos, desesperanzas. Según lo que la persona ve, razona, siente, piensa, y cree, le surgen problemas y se desespera por encontrar la solución, ante tantos problemas, se enferma. En los problemas mentales, es el alma lo que se enferma, si es que el cerebro no está dañado. La carne para mí (cerebro) controla sólo la parte inconsciente y el alma es quien controla la razón. La memoria está en el alma, y los

problemas cerebrales impiden que los sentidos funcionen bien y por ello el alma no memoriza, sin memoria no hay conocimiento”.

Un médico para mí, psiquiatra o un psicólogo, tiene que escuchar, apoyar, prevenir, y varias cosas más, no solamente escuchar y “empastillar”; tienen que aconsejarlos, orientarlos, hacerle ver la realidad que no puede ver”. Continúa: “todo esto está en mi libro, y también hablo de la religión, la creencia de Dios, de Jesús (Emmanuel), de la fe de los judíos, de la mahometana no incluí porque no encontré relación con lo que me pasaba. Me confirmé a los 22 años, para ver si se me pasaba lo que tenía, pero no me alivió nada, eso fue cuando tenía 21 años, hasta que en el 2000 quedé internado. No me llamo ni católico, ni evangelista. Soy cristiano por lo que es para mí Emmanuel, su verdadero nombre profetizado y no Jesús como lo conocen, creo en Él, creo en Dios. Estoy escribiendo sobre las profecías de Nostradamus que concuerda con las profecías del antiguo testamento. A lo mejor lo termino este año. Esto es importante también, es parte de mi salud”.

Finalmente, me intereso por conocer un poco más sobre cómo el emprendimiento influenció su vida, si considera que promovió cambios, él me dice: *“yo estoy pensando en ese libro más que nada. Mi intención de venir al emprendimiento es más que nada para relacionarme, hacer amigos, conocer gente que me quiera, para poderles dar ese mensaje. Al proyecto no lo tomo como futuro mío, no pienso seguir mucho, yo ya tengo 43 años, estoy dejando mi apoyo, mi marca a otro, a otros pacientes”.*

Para cerrar, le agradezco mucho su tiempo dedicado, su interés y todos sus relatos. Refiere no tener nada más para agregar. Como ya le había adelantado, le explico un poco sobre la metodología Photovoice (adaptación), y acordamos que me enviaría las fotos en los próximos días. Volvemos al trabajo en el buffet.

El relato de Julieta

Primera parte de la entrevista.

Julieta es emprendedora, y usuaria del servicio del hospital²⁸-SM. Tiene 37 años, y está trabajando en el buffet desde sus inicios (año 2015).

Hoy se desarrolló una reunión para avanzar con la organización del buffet, y re-abrir en una semana. Al terminar, convoco a Julieta para hacerle la entrevista y conocer sobre su participación en “E. E.” el emprendimiento y sus experiencias allí. Julieta acepta sin dudar, se muestra dispuesta. Elegimos juntas una sala para conversar.

Introduzco el trabajo que me encuentro realizando y recuerdo el porqué de mi participación en el emprendimiento, ella refiere saberlo. Leemos juntas el documento Consentimiento Informado, y voy aclarando algunos puntos, Julieta no presenta inquietudes y firma.

Comenzamos a conversar sobre “E.E”, ella me cuenta que: *“es una ayuda para aquellas personas que quedan internadas en el Hospital. Nosotros contamos con una pensión, pero no nos alcanza para satisfacer las necesidades básicas, no es mucho dinero. Por ahí hay gente que necesita alquilar como yo, por ejemplo, y eso nos ayuda porque necesitamos trabajo”*. Refiere estar hace aproximadamente un año en “E. E.”, y observa que en su origen, eran los mismos integrantes que ahora: *“TO, psicólogos, éramos más o menos las mismas personas. Gisela (administrativa del hospital) está de vacaciones, pero en cualquier momento viene”*.

Ante mis preguntas, ella va recuperando su historia, reciente, respecto a su participación en los emprendimientos creados desde el hospital. *“Yo estaba trabajando en Vital (emprendimiento de papelería), nos dijeron a algunas personas, porque no podían ir todos. Pero a mí me invitó NY (TO), me dijo que íbamos a trabajar en un kiosco, que me veía capaz de trabajar ahí. En la atención al público y que iba a ganar un dinero”*, recuerda con entusiasmo.

Le pregunto sobre sus expectativas al momento de ser invitada para trabajar en el buffet, como pensaba que sería, ella cuenta: *“yo me imaginé un kiosco como cualquier kiosco. Lo que si me gustaría es poner un cartel para que entre gente de afuera, sino trabajamos solo con gente de la institución educativa acá. Y hay ciertas personas de la institución educativa que tienen preferencia con el negocio de la competencia, y nos hace falta más ganancia. Me había imaginado así, pero quiero que venga más gente de afuera, porque los que atendemos somos*

varias personas, y si nos sacan el PEL²⁹ no va a alcanzar para dividir entre todos, incluso con las estudiantes que hay”.

Relata también sobre su trabajo en particular, a partir de mis preguntas sobre sus funciones dentro del emprendimiento, *“hago atención al público, y después estoy en la comisión de proyectos, que por ejemplo el año pasado visitamos Fravega³⁰, para conseguir donaciones, pero no tuvimos resultado. Y fuimos al BERSA³¹ y ganamos un concurso donde participaron de todo el país, y solo fuimos elegidos seis proyectos, y gracias a eso, que fueron 70 mil pesos pudimos comprar heladera, aire acondicionado, electrodomésticos, horno eléctrico, de todo un poco”*, explica con orgullo.

Manifiesto mi interés por conocer más sobre su cotidiano, su día a día, ella relata: *“a veces me toca venir a reuniones acá al hospital o a la facultad, a veces salgo a hacer mandados por el barrio, no salgo demasiado. Yo vivo cerca, a diez o doce cuadras. Me queda bien el colectivo, re bien. Me despierto cerca de las 6 de la mañana, pero capaz que hasta las 8 me quedo tomando mate en la cama porque como no tengo trabajo, no tengo otra cosa que hacer. Voy a las reuniones. Después me quedo en mi casa, cocino, como. Ahora se me rompió el celular y me tengo que comprar uno. Por eso trato de venir siempre, de no faltar. Lo que pasa que este mes de febrero se cortó el plan, por este mes, pero por suerte no duró mucho tiempo en renovarse. Yo vivo en una pensión con muchas personas, no es un lugar feo porque es un lugar donde estamos solo mujeres, y hay una persona que limpia, porque he visto lugares bastante feos”*, describe.

Al hablar nuevamente sobre el emprendimiento, cuenta sobre su participación y aporte: *“Yo, lo que me gusta mucho es la atención al público, y después doy alguna idea, como que vengan personas de afuera, como dijo NY (TO) en un principio, yo eso lo sigo sosteniendo, también porque no progresaríamos solo con gente de la facultad, por ahí van a comprar a otro lado o traen cosas de su casa”*. Y sobre el aporte que “E.E” significa en su vida, dice: *“Es una ayuda económica bastante importante porque sin eso no podríamos subsistir, no podría pagar el alquiler, hace falta un trabajito. En el entretenimiento, porque uno se junta con los compañeros, toma mate, se distrae, me gusta, sino uno se deprime, le agarra la depresión, se pone mal”*, confiesa. Y luego relata una experiencia que fue muy significativa en el tiempo que lleva en el emprendimiento: *“Ganamos el concurso que nos dieron 73 mil pesos en*

²⁹ Programa de Entrenamiento Laboral, dependiente del Ministerio de Desarrollo Social para personas con discapacidad.

³⁰ Casa de venta de electrodomésticos

³¹ Banco Entre Ríos Sociedad Anónima.

electrodomésticos. La experiencia importante fue que fueron los chicos del BERSA a vernos, fueron a ver el lugar, hablaron con la psicóloga, después ella presentó el proyecto. Lo ganamos y después ellos cuando se hizo la compra fueron a ver, se sacaron fotos con nosotros”, cuenta contenta.

Entonces le pregunto por el cambio que está promoviendo en su vida, su nuevo trabajo: *“Si, si cambió. Me gusta más trabajar en un kiosco que lo que estaba haciendo antes, que pintaba carpetas con rodillo, hacía agendas, esto me gusta más, es más lindo, estoy más contenta. También porque es por la tarde, no es por la mañana, antes tenía que venir al hospital temprano, y me quedaba lejos, hacía frío, tenía que tomar el colectivo, ya de tarde me da más ánimo de andar”.*

En cuanto a sus proyecciones, manifiesta no tener nada planeado, ella dice: *“no sé, no me imagino nada, por ahora estoy acá. Espero que sí, que no se corte nunca el trabajo. Yo nunca hago proyectos, en ningún aspecto de mi vida proyecto hacer algo, yo vivo el presente, y el futuro nunca se lo que puede venir, yo no tenía idea de lo del kiosco, del buffet, fue una sorpresa, no sabía que iba a poder trabajar en otra cosa, esto es más interesante, es otra cosa”, aclara.*

Concordamos en que la conversación fue interesante, y que podíamos continuarla en otro momento para detenernos más en cuestiones del grupo, la TO, y el funcionamiento del emprendimiento.

Segunda parte de la entrevista.

Nos encontramos en “E.E”, como acordamos, hace pocos días que reabrió, por lo que hay bastante trabajo y cosas a organizar. No obstante, hoy hubo paro docente y la atención al público es escasa, hay pocas personas en la facultad. Aprovechando la tranquilidad, vamos con Julieta a una sala contigua para continuar la entrevista.

Julieta se muestra abierta al diálogo, con muy buena predisposición. Le pregunto si cuentan con una coordinación del emprendimiento, y quien lo conforma en caso de que exista. Ella me dice que en la coordinación está: *“NY, que es TO, Lautaro, que es psicólogo, Gisela que está de vacaciones, ella no sé si es TO, o que función tiene. Después esta Anabela, que se fue de licencia, es TO también. Antes estuvo Paula, que es psicóloga, pero ahora no está más”.* Acerca de las terapeutas ocupacionales, refiere: *“tienen ideas, de buscar créditos, de ir a instituciones como: BERSA, IAFAS, Rotary Club. Aportan esas ideas para seguir mejorando el emprendimiento. El trabajo de ellas es importante, porque tenemos que tener a alguien que nos*

vaya guiando”. Prosigue: “N.Y. (TO) es la mejor, sin N.Y. no existe el hospital. La veo con más ideas, con más ánimo, la que organiza más. Ella hace años que trabaja en esto y tiene mucha experiencia. Este año se va a jubilar, yo no quisiera que ella se vaya, pero no sé si se puede quedar o no. Yo no sé de qué otra cosa se encarga, esta acá con nosotros acompañándonos en este proyecto, no le he preguntado qué otras cosas hace”, explica.

Le pregunto sobre las dificultades que se les presentan, y como las resuelven, Julieta expresa: “hasta ahora no hemos tenido problemas. Bueno, Lo único que cuando hicieron la parte contable el año pasado, que faltaron 1200 pesos. Pero a eso ya me lo veía venir, porque dejábamos siempre 440 pesos, como cambio, y lo que se iba recaudando, se iba dejando en otra caja, y eso no se contaba, solo se iba agregando. Y siempre estaba todo desparramado. Entonces yo pensé que algún día ya alguien se iba a llevar algo, porque no se contaba día a día. Así fue el problema de la pérdida de los 1200 pesos”.

Volviendo al tema de la TO, le pido que me cuente qué le parece que habría que cambiar, para mejorar, ella dice: “No encuentro nada negativo, nada. Siempre esta con buena predisposición para el trabajo, siempre sonriente, siempre de buen humor.

Lo que nos falta ahora es más producción de comida, empanadas, sándwiches, ensaladas, licuados. Veo que empezamos hace varios meses y ya deberíamos agregar más cosas, pero claro tenemos que ir a instituciones como: Iafas, Rotary Club. No contamos con los recursos necesarios para agrandar las ventas, para tener más ventas. Falta un poco de recursos económicos”, concluye.

Le comento que me gustaría saber cómo fue que conoció la Terapia Ocupacional, cuando se encontró con esta disciplina por primera vez, ella relata: “el primer contacto fue con NY en Vital (emprendimiento). Antes trabajábamos allá en el hospital. Cuando estaba internada. Antes no había trabajado con otras TOs. El tema era que cuando me dieron la pensión, el psicólogo quería que me vaya, pero yo no quería por el tema económico, porque si pagaba alquiler no me alcanzaba para mis gastos, no tenía más plata, yo no me quería ir porque no tenía trabajo. Entonces ahí se reunieron todos, se hizo el equipo de externación, con asistente social, de distintos sectores, psicólogos, psiquiatras y ahí surgió. Y yo creo que era Anabel (TO) la que me invitó a pintar carpetas. Primero era por hora, yo estaba internada, no me podían pagar un sueldo, entonces ahí pagaban poquito, eran 6 pesos la hora, porque estaba internada. Cuando empecé estuve a prueba y después si me tomaron. Ganábamos la mitad de lo que ganamos ahora acá. NY me invitó a venir acá, me dijo ‘vení’. Resulta que ella me dijo el otro día, que al principio yo no quería, pero yo no me acuerdo de eso, yo por ahí hay cosas

que me olvido”, comenta. Y continuamos conversando sobre la TO: “Ayuda a proyectos de trabajo, organiza los trabajos. Antes estábamos haciendo otra cosa allá en el hospital y surgió esto que es como un proyecto nuevo, genera más trabajo. Ellas tratan de ubicar a la gente, de darle trabajo, de ayudarlos”, me explica.

Entonces le pido que me cuente sobre cómo considera que este trabajo está influenciando su vida, Julieta expresa: *“Yo de lo único que tengo miedo es que se corte el plan, que nos da la Nación que son 3600 pesos por mes, que eso no es ganancia del kiosco, pero algún día se va a cortar. Yo no sé, somos diez, once personas con los estudiantes incluidos, no creo que alcance a 3 mil, 4 mil pesos de ganancia para cada uno, deberíamos incorporar más mercadería, y traer gente de afuera, poner un buffet, fotocopias, que pase gente de afuera. Porque hay gente de acá que va a comprar a otro lado. Tenemos que poner un cartel afuera en la calle, kiosco. Eso decía NY también, que yo coincidía. Abrir la puerta que da a calle Ramírez, pero la decana dijo que no, que tiene que haber una sola puerta de ingreso. Porque somos muchas personas, y yo no creo que llegemos a los 3 - 4 mil pesos por mes. Con los créditos y donaciones del Rotary o Iafas, con esa ayuda si, esas son instituciones muy importantes”, me aclara.*

Agradezco mucho su disposición, y todo el aporte que significan estas conversaciones para el trabajo de investigación. Ella me agradece también. Retomamos el trabajo en el buffet.

El relato de la TO N.Y.

Llegamos juntas al hospital y ella propone hacer la entrevista en ese momento ya que había tiempo antes de comenzar la reunión.

Con el mate en mano, leemos juntas el Consentimiento informado, y ella firma. Comenzamos a conversar sobre el surgimiento del proyecto “E.E.”, desde qué problemática, con qué actores, en qué circunstancias se origina. Ante mis preguntas, N. relata: *“E.E. surge en el marco de las prácticas que desde el dispositivo hospital de día veníamos sosteniendo en relación al trabajo de los usuarios del hospital. El hospital de día funciona en el predio de un hospital que brinda atención a personas adultas con problemas de salud mental. La mayoría de los usuarios no tiene trabajo o tiene trabajo en condiciones de mucha precariedad. Con algunos compañeros veníamos sosteniendo distintas prácticas que tenían que ver con integrar la dimensión del trabajo en el marco en los procesos de atención, entendiendo al trabajo como un derecho, y entendiendo a las prácticas del hospital de día como una práctica que se inscribe*

en un paradigma de salud y Salud Mental que se enfoca en los derechos humanos. Veníamos viendo que es insoslayable la dimensión del trabajo en esa línea de prácticas.

El hospital de día venía teniendo emprendimientos desde hacía ya varios años, que funcionaban acá, donde se sumaban los distintos usuarios en relación a los procesos y momentos en los que estaban. Para trabajar en esos emprendimientos, se articuló con un programa del ministerio de trabajo, para personas con discapacidad. Y a partir de esa articulación surgió la idea de algunos de estos trayectos formativos, que implica estar en esos programas, para que algunos usuarios los puedan hacer en otros espacios que no sea el hospital. Entonces surgió el proyecto que se llama "prácticas laborales en comunidad". Algunos emprendedores pasaron a otra instancia y empezaron su práctica en ámbitos de la comunidad. Puntualmente hubo una experiencia que fue muy significativa, de unos usuarios que van a una empresa gastronómica, eso significó muchos cambios en sus procesos, lo que nos entusiasmó a seguir en esa línea de acción. Empezamos a hacer en el hospital encuentros con todos los usuarios que estaban queriendo compartir algo en relación con su trabajo: experiencias, proyectos. Empezamos a hacer reuniones abiertas, y las llamamos asambleas laborales. Ahí surge "E.E" como proyecto.

El Programa del Ministerio de Trabajo de la Nación, es el PEL³², que fue cambiando de nombre, y es para personas con discapacidad sin trabajo. Porque políticas de salud mental vinculadas al trabajo no hay. La mayoría de los usuarios tiene su certificado de discapacidad y puede acceder a ese programa.

En los emprendimientos yo siempre estuve involucrada, eso reconstruyo en el artículo de la Revista Argentina de TO. Y con lo de las prácticas laborales en la comunidad, empezamos a hacerlo con algunas compañeras, pero no lo pudimos sostener por mucho tiempo porque estábamos comprometidas con otras cosas. Y toma más fuerza a partir de la inclusión de dos residentes de la residencia interdisciplinaria en salud mental, en el año 2014, Lautaro (psicólogo) y Analía (TO). Con ellos empezamos a sostener también, y con otros como los del hospital de día, el espacio de la asamblea para hablar del trabajo, con el que tiene, el que no, las experiencias, que asociaciones podían surgir en esos encuentros. Fue un espacio muy rico y en el marco de esas asambleas, que eran una vez a la semana, una usuaria artista plástica, plantea que ella quiere poder ofrecer su producción en algún ámbito que no sea en la calle, dijo "yo tengo un proyecto para acá". Ella se imaginaba un lugar donde la gente quiera ir a

³² Programa de Entrenamiento Laboral, dependiente del Ministerio de Desarrollo Social para personas con discapacidad.

ver arte y quiera comprar alguna producción, que los usuarios que son artistas tengan un ámbito donde ir, que en ese lugar haya una mesita donde tomar un café, un mate, comer una torta, donde haya un servicio de cocina, libros para leer, juegos, que se alquilen. Algunos podrían alquilar los juegos, otros ocuparse de los libros. Se generó todo un interés en el grupo, entonces empezamos a pensar cómo se podía viabilizar algo de esto. Ahí surge la posibilidad del buffet en la institución educativa. Fue Marcela, quien tiró la idea, pero ella no quiso estar en “E.E”. Un par de veces quedó en ir a llevar sus tarjetas, pero quedó pendiente, ahora está estudiando, está en otras cosas.

Coincide esa idea de esta usuaria con que el hospital tiene una relación muy fluida con esta institución³³, hay muchos compañeros que se formaron ahí, que trabajan ahí. Entonces una de ellas que es trabajadora de acá, plantea la posibilidad de que hablemos con las autoridades. Y a su vez, Lautaro, residente, dijo “acá no hay ningún lugar donde sentarse a tomar un café, no tiene buffet este espacio”. Esa institución estaba en un proceso de mudanza, hacia un edificio nuevo que si tenía previsto un lugar para un buffet. Entonces se le comenta a la directora, ella se muestra muy interesada, dice que ese espacio estaba pensado para el centro de estudiantes, pero que se podía hablar. Se hizo una reunión, que fue muy buena, se le pudo contar cual era la idea y les interesó generar un espacio que tenga una práctica concreta de inclusión. Eso fue diciembre de 2015, esa reunión.

Y ahí empezamos a movilizarnos para organizar el grupo, quienes iban a trabajar, de qué modo, hubo que hacer un trabajo con el centro de estudiantes porque es un trabajo asociativo entre el centro de estudiantes y los usuarios. Definir qué equipo iba a trabajar en eso, quien lo iba a coordinar. Y en 2015, abre “E.E”. Para llegar a abrir hubo que hacer todo un trabajo previo, de gestiones en el ministerio, habilitar los planes, armado del lugar, armado del equipo de trabajo. Un tiempo de mucho trabajo en la asamblea, con los usuarios y con los estudiantes, definición de qué estudiantes, definición del proyecto.”, concluye.

Le consulto por las políticas públicas que colaboraron en la generación y/o sostenimiento del emprendimiento, si es que existen. N. refiere: “E.E” tiene tres patas: hospital escuela de salud mental, centro de estudiantes y facultad, y ministerio de desarrollo social, secretaría de economía social. Esa tercera pata es muy interesante como se incluye en el proyecto, porque uno de los usuarios, Jerónimo, va al ministerio a contar lo que estábamos haciendo y ver de qué manera el ministerio de desarrollo, la secretaría de economía social podía sumarse para colaborar, apoyar. Dos actores claves, que son María y Esteban se comprometieron con el

³³ Universidad Nacional de Entre Ríos (UNER)

proyecto. A mí me gusta recuperar que esto no fue casual. La secretaría de economía social lo toma como una política, a E.E y a partir de esto empezó a involucrarse con Salud Mental, hay una decisión política de trabajar economía social y Salud Mental, de hecho, a partir de esto, economía social va a empezar a hacer un espacio de formación para la residencia interdisciplinaria. La secretaría de economía social también empieza a comprometerse con otros proyectos. Lo que digo es que esta bueno recuperar los procesos porque había habido un intento anterior con otro director de economía social de un trabajo conjunto de economía social y Salud Mental, que había quedado truncado, pero del cual María había tenido noticia. Fue muy frustrante esa experiencia truncada, que yo no había entendido, las experiencias todas dejan algo, aunque parezca que no pasó nada, pasó.

El trabajo intersectorial con economía social es muy potente, con economía social como oficina del Estado, pero de la economía social como campo discursivo y de práctica sobre todo, es muy rico para articular con salud mental. Entonces “E.E” quedó armado con esos tres sectores, por eso decimos que surge intersectorial, decimos que lo diferencia de otros emprendimientos. Eso ya se funda de un modo intersectorial. Creo que eso también es lo que le da la potencia que tiene”, afirma.

Conversamos sobre el aporte concreto que el ministerio de desarrollo está haciendo a través de economía social, ella explicita: “economía social está comprometida con el proyecto, aportó el micro crédito, para dar inicio al proyecto, lo que supuso además, al ser los usuarios los beneficiarios del micro-crédito, que ya pasen a ser emprendedores de la economía social para la provincia, y entonces la provincia los registra como monotributistas. A partir de eso, tienen obra social, aportes jubilatorios, pasan a tener otro estatuto como ciudadanos. Entonces, tal vez el dinero no fue tanto, el micro-crédito, pero si en lo que ha representado en los usuarios que ahora pueden emitir una factura, tienen obra social, aportes jubilatorios, eso ha sido re importante. Creemos y queremos que economía social, vaya aportando otras cosas, ahora hicieron las remeras para los emprendedores, a fines del año pasado cubrieron los gastos de la despedida que se hizo (comida, bebida, etc.). La presencia de María tiene mucho peso porque es una persona súper dinámica, siempre tiene ideas y contactos y se le ocurren cosas”.

N. continúa relatando: “A fin de año hubo un encuentro de economía social de la provincia, y nos re sorprendió que fuimos y todos sabían quiénes éramos, adquirimos una visibilidad a la que no estamos acostumbrados, siempre andamos en los márgenes, todo un reconocimiento y valoración. Me gustaría que sea más concreta en materia de apoyo económico, pero por ahora estamos construyendo. El crédito hubo que devolverlo después. Los PEL son un modo de

subsidiar el inicio del proyecto, hasta que el proyecto pueda auto-sustentarse. El otro apoyo económico es una donación de la residencia, que dona 5.000 pesos para la compra inicial, que no significa mucho para un proyecto de estas características, pero tiene también mucho peso porque es la primera vez que la residencia puede y decide apoyar un proyecto así. La institución educativa da el espacio y la cobertura de los servicios. Ese lugar, la "casita" cómo le decimos, es cedida al Centro de Estudiantes, que ellos son socios con los usuarios. La otra fuente de capitalización ha sido el concurso que ganamos de la fundación del banco de Entre Ríos, que fue una compra de electrodomésticos por un valor de 70.000 pesos, por eso tenemos heladera, frízer, pc, en lo económico fue lo más fuerte", refiere.

Le pregunto por la conformación del equipo completo de trabajo, cómo está constituido, cómo funciona y se organizan. La terapeuta me explica: *"de las tres patas del "E.E", la de salud mental, el equipo de trabajo está conformado por: Gisela que es secretaria administrativa, Analía, Lautaro (residentes de TO y psicología), Martina (comunicación social residente), Nadia, que es psicóloga residente y Micaela (TO residente), y yo que soy TO de planta del hospital, somos siete personas involucradas. De las cuales cinco son de la residencia, es decir que su permanencia es transitoria y están en un proceso formativo. Inicialmente estuvimos involucrados en este proyecto Lautaro, Analía, Gisela y yo. Y después se abrió un espacio de rotación de la residencia, donde van rotando residentes. Quiénes, qué cantidad, es algo que se acuerda con la residencia, pueden venir hasta tres, las tres personas que quisieron voluntariamente participar son los que están".* Continúa: *"es un equipo muy horizontal, no hay definida una jefatura o coordinación, yo tengo que asumir que tengo un liderazgo, que tiene que ver con mi recorrido acá, el tiempo de trabajo. Pero no está inscripto como una jefatura, es un lugar de coordinación. Pero es una distribución muy equitativa del poder y de las tareas, siento que es así",* revela.

Le pido que me cuente sobre su función como terapeuta ocupacional dentro del emprendimiento, su singular aporte o contribución desde la TO, más allá del trabajo horizontal e interdisciplinario que se realiza. N. reflexiona: *"a mí me parece que no es casual que yo haya llegado hasta acá. En mi trayecto por el hospital siempre estuve involucrada con los procesos del hacer de los usuarios, trabajando en proyectos, sabiendo que ahí también se jugaba la producción de salud, en lo que cada uno pudiese generar y plantear como proyecto. Y la cuestión del trabajo siempre me interesó porque me parece que es un ámbito donde claramente el hacer humano se articula con la posibilidad de intercambio e inclusión social, y es un lugar en lo social desde el cual presentarse, que no sea solo desde el padecimiento. Entonces me*

interesaron los emprendimientos por eso, pero no solo he estado en eso, sino también en talleres que tienen otro tipo de experiencias ligadas a lo artístico, estético. Entonces me parece que los espacios de emprendimiento son ámbitos privilegiados para la práctica del TO. También implica repensar la cuestión de trabajar qué, y trabajar en qué condiciones. Pero claramente lo que estas experiencias nos devuelven es la posibilidad de tener un proyecto compartido con otros que tenga que ver con el propio deseo y la historia de cada uno, es productor de salud. La gente empieza a estar mejor cuando tiene proyectos con otros. Esto ha sido algo que yo he aprendido en el trabajo con los usuarios, no solo con los usuarios, sino también yo como trabajadora. Ahí está muy claro un ámbito para el TO, la construcción de proyectos colectivos como ámbito de producción de vida también, en ese sentido de salud. Y después hay una valoración que escucho mucho en el equipo, de cómo las TO sabemos organizar la actividad, sabemos llevar adelante determinadas dinámicas o tareas del día a día, de lo cotidiano del emprendimiento, una valoración de parte de los compañeros del equipo y de parte de los usuarios también que es interesante porque a mí me parece que durante mucho tiempo y aun todavía, era fuerte, pesado tener que estar explicando qué es la TO, qué hace, por qué TO acá. En este proyecto no es necesario explicar nada, en el sentido que está identificado un lugar, hay un reconocimiento de la función, pertenencia y pertinencia interesante que es para irlo pensando. Somos tres TO en el emprendimiento”, expresa.

Me intereso por su formación, desde lo académico y por fuera de ello, cuáles fueron sus recorridos teóricos para construir sus fundamentos y prácticas actuales. Ella cuenta: *“mi formación no tiene nada que ver con esto que estoy diciendo y haciendo. Vos sabes que nuestra formación fue más desde un paradigma funcionalista, biomédico, yo fui después haciendo mis propias búsquedas, encontrándome con otras líneas de la TO, construyendo una práctica del hacer humano como un hacer que tiene que ver con ese paradigma más vinculado a la idea del hacer transformador de lo social y de cada uno, entendiendo que la salud no tiene que ver con la adaptación, sino con la posibilidad de transformar. Las formaciones que fui haciendo tuvieron que ver con mi tránsito por la salud mental. Actualmente a partir de “E.E”, el campo nuevo en el que me encuentro y veo que tenemos que formarnos y empecé a formarme es el de la economía social, me parece un campo muy interesante para la TO. Mi formación en la TO fue insuficiente, hace tanto que me recibí... Mi formación fue más desde un esfuerzo personal, grupos de estudio, cursos, nunca hice una formación de posgrado de tipo maestría, por distintas cosas, circunstancias de la vida, por lo inaccesible que son para nosotros acá.*

Formación en psicoanálisis, en ciencias sociales, todo eso lo fui haciendo por mi cuenta después”, aclara.

La convoco a pensar sobre lo que el emprendimiento le está aportando a los usuarios/as emprendedores/as, si considera que está promoviendo cambios en sus cotidianos y proyectos de vida. N. responde con seguridad: *“claramente el emprendimiento ha modificado la vida cotidiana de los usuarios, ha modificado los ámbitos de circulación, el hecho de no venir al hospital e ir a la institución educativa implica un montón de cambios, tener otros circuitos implica encontrarse con otras personas, vestirse de otra manera, estar de otra manera. Y eso ha tenido claros efectos positivos. Están distintos, están mejor, tienen otros entusiasmos respecto a la tarea. Eso ha sido notable, la dimensión sobre todo en el plano simbólico, de un pasaje de una condición de usuario de Salud Mental hacia la de un emprendedor, eso se nota que está en proceso, se está produciendo ese tránsito”.*

Para finalizar, le pregunto sobre qué cree ella que está faltando en el proyecto, qué habría que modificar o mejorar, la terapeuta expresa: *“lo que me parece que estamos necesitando es fortalecer la dimensión material de ese cambio para que realmente “E.E” funcione como negocio y se pueda ganar dinero, que viene siendo una preocupación. No es que no funciona como negocio, estamos iniciando, la preocupación fundamental es que esto sea un proyecto sustentable, rentable, que pueda mejorar significativamente sus vidas a partir de tener un ingreso que permita vivir mejor. Si eso no está, nada de lo otro tiene mucho sentido”,* concluye, desde la mirada crítica que la caracteriza.

Mientras tomamos el último mate, le doy las gracias por la gran ayuda que ha brindado desde el comienzo de la planificación del trabajo de campo hasta ahora. Le agradezco su disposición y tiempos dedicados, sin dudas aportes de gran valor.

El relato de Romina.

Primera parte de la entrevista.

Romina es una de las jóvenes que participa del programa “N.A.”, y además es madre de 4 hijos.

En la jornada de hoy elaboramos biscochos, con Romina hacemos un intervalo y vamos a otra sala para hacer la entrevista. Le pido autorización a Romina por medio del Consentimiento Informado, explico los principales puntos, ella lee y firma.

Iniciamos nuestra conversación sobre la propuesta “N.A.”, de la que forma parte: en qué consiste, cómo fue que llegó y se integró en la misma. Romina me cuenta: *“yo venía al CAF a un taller de cocina a la tarde el año pasado, con Antonia, y estuve como 4 meses. Después hubo esta propuesta, que yo no entraba por mi edad, pero se hizo una excepción y yo tenía que buscar una chica nomás para que cobre mi beca. Es hasta los 30, yo no entraba por un par de meses, entonces hicieron esa excepción. Porque me gusta. A mí me invitó Sebastián (director, psicólogo) y L., empecé con ellos, y Norma (capacitadora). Empecé en noviembre, hasta ahora sigo. Supuestamente si mandan plata sigue 9 meses, hasta agosto. Yo le doy mucho valor porque me gusta”*.

Le pregunto por las expectativas que tenía, antes de comenzar, cómo se había imaginado que sería o como quería que fuese. Ella expresa: *“me gustaba la idea porque es una herramienta de trabajo en el día de mañana para mí y también porque me gusta. A veces me da ganas de dejar por los conflictos que hay, pero me gusta y yo no lo quiero dejar. El día de mañana puedo trabajar, como yo no termine la escuela...”*, refiere.

Le propongo que detalle un poco más las actividades que realizan en la capacitación. La joven describe: *“Panadería, lo que hicimos todas las clases: pasteles, pizzas, panes saborizados, bizcochos... Y el ‘tercer tiempo’. Hace dos semanas fuimos a CILSA, a un camping, pero no fuimos todas. Es para tratar temas de mujeres, todas esas cosas. Y el otro día fuimos al circo, pero nunca tenemos oportunidad de conocernos todas porque no van. No podemos conocernos todas y algunos nombres no me los sé, y la mayoría somos tías, sobrinas, primas. Somos todas de acá del barrio. En total somos 20”*.

Le pido que me cuente cómo es su cotidiano, Romina relata: *“me levanto temprano porque mis hijos van a la colonia a las 8, después tomo mate con mi hermana, hasta que se hace la hora y vengo acá hasta las 12, retiro a los chicos y hago mi vida cotidiana. Así todos los días. Por las tardes miro novela, lavo, limpio. Vivo con mi pareja y mis chicos, él trabaja todo el día en el mercado, no tiene horario fijo, ni de entrada ni de salida. Él trabaja en descarga de papa. Yo me encargo de los chicos y él trabaja. Yo apporto pero no es mucho. Ahora mi tía, que me cobraba la beca, quiso entrar, la dejaron, entonces ahora por este mes me tiene que dar la mitad de la plata y para ella la otra mitad, y es todo un tema que a mí me angustió mucho y yo estaba por dejar. Y L.(TO) me dijo, que no deje, que se puede arreglar. Pero no era tanto por la plata era por la acción, porque yo confié en ella para que me cobre y ella después también necesitaba supuestamente. Esto es hasta que ingrese la otra chica, el mes que viene.*

El otro día vendimos un montón de tortas fritas que a veces tampoco se ponen de acuerdo y todas se quieren llevar. Y ese día hubo un montón de revuelo, iban a dividir y algunas ya querían comprar y no quedaron. Entonces Norali las repartió. Vienen del dispensario de acá al lado y por ahí nos hacen encargos para comprarnos. Y ahora llevamos una docena de bollitos para vender. Es para comprar las cosas que faltan, tenemos que hacer la lista de lo que necesitamos y comprar, lo que queremos hacer”

Le propongo que piense y me cuente qué cree que ella aporta al grupo y qué considera que el grupo y la propuesta le aportan a ella. La joven refiere: *“yo no apporto mucho porque soy muy tímida, no hablo mucho, pero hago. El jueves pasado no pude ir porque los chicos tenían la fiesta del agua y los tenía que llevar, es raro cuando yo no vengo”,* dice. Y continúa: *“yo antes no hacía nada y esto por lo menos cambió, salgo, ando. Desde que ellos también empezaron el taller acá empecé a querer socializar; porque no me gusta, yo soy así, al único lugar que voy es a lo de mi mamá y de mi hermana. Ni a lo de mi tía, nada. No me gusta socializar con nadie. Y me da muchos beneficios, hay mucho apoyo del personal (del CAF), los chicos vienen al apoyo, todas esas cosas, y ellos también cambiaron porque yo no salgo mucho. Hacen apoyo escolar y taller de manualidades. Mis hijos tienen 14, 13, 7, 10 años, ya están grandes.*

Con el tercer tiempo fuimos a CILSA y nada más por ahora porque dicen que es cada 15 días. Pero no han hecho nada más, porque no hay mucha conexión, hay mucho conflicto, porque somos todas familiares. No quieren compartir, no quieren limpiar y todo eso. Yo por eso quería dejar, pero después dije ‘no, por qué?’. Yo soy muy sensible.

Le pregunto si se imagina trabajando de esto luego, o si tiene algún proyecto pensado, ella refiere: *“cuando se termina el curso nos dan un certificado, para poder buscar un trabajo. Me gustaría trabajar o vender en mi casa, hacer panificación”.*

Para terminar le digo, si tuviese que contar una experiencia significativa, ¿cuál sería? Romina comenta: *“cuando terminamos el año pasado el taller de cocina y fue una emoción, porque nunca recibimos nada. Eso fue de acá nomás, no cobrábamos nada. Traíamos las cosas y la cocinera nos enseñaba, era con la que cocina a los chicos, pero ahora está de vacaciones, con Ester. Hicimos de todo, aprendí a cocinar porque no sabía, antes mi marido también me enseñaba porque a él le gusta. Y acá con el mercado no tenemos que comprar verdura”.*

Segunda parte de la entrevista.

Ahora nos centramos en la cuestión de la organización, coordinación y relaciones que existen en la propuesta. Le pido que me cuente quienes coordinan el programa. Romina explica:

“la coordinadora es L., y Sebastián (psic) que es director y L. es ayudante, es lo mismo que Ud, TO. Ella da más apoyo psicológico, si tenemos algún problema, es con ella, vamos hablamos y ella soluciona, y también tiene autoridad en el grupo. Esta con nosotras, prueba lo que hacemos. Cuando salió todo esto nosotras nos anotamos, fuimos las primeras en anotarnos, éramos cuatro, pero una quedó fuera. Sebastián me invitó, él nos contó a todas en el taller de cocina, una tarde estábamos todas y él llegó con esa propuesta, a ver a quien le interesaba. A mí sí y estaba en mi rango de edad, y ahora no voy a dejar”, refiere. Y agrega: “hicimos una solicitud que también corresponde a la beca, lo hicimos con L.”.

Le pregunto si ya conocía la Terapia Ocupacional y cómo es su relación con la TO de acá. La joven expresa: *“conocí acá a la TO y no entiendo mucho de qué se trata. Me parece que está bueno, que ayuda. Mi relación con ella es re buena, nunca tuve problemas. Lo que tendría que hacer ahora es ayudar a Norma a tener más autoridad, eso es lo que pienso yo. Porque ella no tiene autoridad, porque a veces queda otra encargada y no me parece. El otro día que ella se fue antes y quedó Gabriela a cargo del grupo, y a mí no me parece, porque todas somos iguales. Tendríamos que hacerle caso todas a ella. Para que funcione mejor, ella tiene que hacer mejor los grupos, porque por ejemplo en mi grupo estamos yo, mi hermana y mi prima, nos llevamos bien, pero también tenemos que integrarnos con las demás, pero siempre llegan y se arman entre ellas. A mí me parece que eso falta”, sostiene.*

Le solicito que me cuente qué cree que le falta a la propuesta o qué cambiaría. Romina refiere: *“de recursos ahora estamos mal, porque no hay nada, pero hay que esperar un mes, que llega más plata. Nosotras vendemos y tenemos plata para comprar pero no sé. Nosotras traemos la plata y ella se encarga de comprar azúcar, grasa, dulces, para seguir trabajando.*

Y a mí me está faltando más aprendizaje, porque últimamente estábamos haciendo lo mismo, porque hicimos solamente rosca y pastelitos en las últimas tres clases. Me faltan más cosas, y tengo todo anotado, ya hice en mi casa los pancitos saborizados y los grisines, y mis hijos comieron”.

Para terminar, le pregunto cómo le gustaría que este programa influyera, impacte en su vida. Ella dice: *“Espero que me aporte un trabajo, que pueda trabajar con esto, con lo que aprendí, que estoy aprendiendo, porque todavía falta”, concluye.*

El relato de Candela.

Primera parte de la entrevista.

Candela es una de las veinte jóvenes que participa del programa “N.A.”. La jornada diaria es de 8,30 a 12 hs, hoy terminamos la primera parte de la receta de las tortas-fritas y-nos vamos a otra sala a hacer la entrevista. Le pido autorización a Candela por medio del Consentimiento Informado, explico los principales puntos, y ella lee y firma.

Comenzamos a tratar sobre la propuesta en la que participa, en qué consiste, cómo fue que ella llegó a formar parte de la misma. Candela me cuenta: *“esta propuesta consiste en aprender algo que vos puedas utilizar después para lograr y llegar a algo que vos quieras. A mí me gusta aprender y me gusta relacionarme más con otra gente, salir un poco de mi casa, y en un futuro capaz me sirva para otra cosa”*. Agrega: *“venimos dos veces por semana y ahora van a hacer un ‘tercer tiempo’, que es para conocernos más entre nosotras para hacer otras cosas. Hasta ahora lo vamos haciendo una sola vez, las chicas siempre quisieron hacer algo, proponen, pero por ahí hay mucha diferencia y no se ponen de acuerdo en el grupo.*

Una amiga me comentó del grupo y me pareció una buena idea porque yo no estaba haciendo nada y quería aprender y me acerqué hasta acá, me anoté y después me llamaron”.

Le pregunto por las expectativas que tenía, antes de comenzar, cómo se había imaginado o como quería que fuese. La joven expresa: *“había pensado que iba a ser algo más estricto, que te iban a estar más encima, tipo escuela. No fue como yo me lo imaginé, fue mejor, porque tampoco me gusta que estén todo el tiempo encima, pero sí me gustan que me pongan un límite porque por ahí hago cualquier cosa, me gusta que me enseñen. Me gusta venir, aprender, salir, conocer a otra gente, yo a las chicas no las conocía y vivimos en el mismo barrio... A mí me gusta mucho aprender otras cosas, y acá no tenemos otras propuestas. Creo que en el polideportivo hay algunas actividades. No sé si después me dará algún laburo. Y hago cosas que en mi casa no hago, nunca las habría hecho en mi casa. Y ayuda el dinero también, porque yo no tenía nada”*, refiere. Le pido que me cuente un poco más sobre las propuestas que presenta el barrio, o la falta de estas, como ella mencionaba. Explica: *“Por ahí sale algo y toda la gente viene acá [al CAF], se da muy poco que haya estos cursos así y como hay pocas vacantes... En diciembre dejé de trabajar, estaba trabajando de limpieza, en otro lugar... acá en el barrio no hay nada. Acá solamente salen los hombres a trabajar al mercado, mis familiares todos trabajan en el mercado.*

Le pregunto sobre su cotidiano, las actividades que realiza en su día, Candela relata: *“me levanto y ya desayuno y me vengo para acá a las 8, nos quedamos acá hasta las 12 hs, un poco más a veces. Nos llevamos cosas de acá y les convido a mi mamá y mi papá. Y me quedo en mi*

casa, la ayudo a mi mamá que tiene un negocio y me quedo ahí, mi mamá esta todo el día en el negocio. Y a veces me piden que cocine las cosas que aprendo acá”.

Le pido que me cuente alguna experiencia que le haya resultado significativa, valiosa, en el tiempo que lleva participando en el programa, ella relata: *“el tercer tiempo, lo único que tuvimos estuvo bueno porque salís de acá, del barrio y conocés otras cosas, fuimos al camping , estuvimos todas en grupo, tomamos mate, hablamos, nos jodimos, nos olvidamos de todo, nos reímos toda la tarde. Disfrutamos, nos olvidamos de todo, porque acá estamos un rato y empieza la pelea. Sino no salgo del barrio porque... no sé, no conozco otra cosa que no sea acá”.*

Nos proyectamos un poco y le pregunto si ya ha imaginado lo que quiere hacer al terminar este curso, si tiene algún proyecto pensando. La joven refiere: *“me gustaría emprender algo yo, que salga de mí, la panadería me gusta. Quisiera poner algo, en mi casa”.*

Segunda parte de la entrevista.

En esta oportunidad focalizamos la conversación en cuestiones organizativas del programa, y la valoración que hace sobre este. Le pido que me cuente sobre la coordinación del programa, los profesionales involucrados, y cómo es su relación con ellos. Candela refiere: *“L. y Sebastián son los coordinadores. Sebastián no sé qué es, L. sé que es coordinadora, es TO, algo así. L. está todo el tiempo, si hay algún problema lo hablamos con ella, y ella nos ayuda, para mi es importante, es como una guía, ella nos dice ‘esto se hace así’, nos ayuda mucho”.*

Solicito que hable un poco más sobre la TO, en cuanto a lo que facilita u obstaculiza en las actividades del programa. Ella añade: *“habla con nosotras, nos hace integrar, esta todo el tiempo con nosotras, nos pregunta cómo estamos, nos hace hacer más cosas juntas, nos hace agruparnos. Cuando empecé, L. nos hizo una entrevista a todas. Nos preguntaba que queríamos aprender, por qué queríamos estar acá, qué queríamos hacer, qué nos interesaba del programa, por qué nos habíamos anotado. Mi relación con ella es buena, ella es fundamental, porque nos ayuda a resolver los problemas. En algunas cosas ella está bien con todas, entonces no puede ser estricta con alguien, me gusta que sea así como es porque puedes hablar con ella, pero hay cosas que hacen las chicas que no están bien y ella no se pone firme”.*

Ante mi pregunta de si conocía ya la TO, y qué sabe sobre esta disciplina, Candela responde: *“No conocía nada de la TO antes de venir acá. Es como una psicóloga porque nos ayuda, nos enseña, nos hace entender cosas que no entendíamos, nos explica de otras maneras, me gusta que este”, confiesa.*

La invito a pensar sobre lo que considera que falta en el programa, la joven dice: *“falta llevarnos bien, lo que pasa que somos todas muy ‘mal habladas’, ‘mal llevadas’, por ahí hay gente que ya viene con mal humor de su casa y no le cambia el humor acá. Nos falta agruparnos más nosotras. Por eso lo del ‘tercer tiempo’, porque capaz nos lleva a entendernos más. Pero ellas son así, son todas parientes, ellas se entienden...”* (ríe). Yo agrego otra pregunta, ¿si pudieras cambiar algo entonces qué sería? Candela expresa: *“No cambiaría nada, por ahí te cansa que haya una discordia por cualquier ‘pavada’. Desde un principio fue un problema los recursos, cuando empezamos teníamos un lugar asignado pero no estaban las condiciones y de última nos metieron acá. La primera clase fue acá en frente en la vecinal, pero como las condiciones no eran buenas, porque te pedían que haya higiene, que seas limpia, y la vecinal era un desastre. Así que no nos sirvió y de última vinimos acá, pero faltan cosas hay que estar pidiendo prestado”*. refiere.

Luego conversamos sobre la posibilidad de llevar adelante un emprendimiento, ella expresa: *“me faltan condiciones.. (ríe) ganas no, yo siempre todo el tiempo busco hacer algo, no me gusta estar quieta. Así por ejemplo los 900 pesos que cobré la primera vez hice una inversión y compré lencería para vender. Así que esa plata la invertí, todos los meses yo recibo esa plata y la invierto. Me falta saberme manejar, porque con una inversión mínima capaz llegue a hacer algo, no gran cosa... saber más de manejarme bien, con el dinero. Me faltan condiciones para yo saberme manejar de manera independiente, capacitarme más. De acá capaz sale un emprendimiento, donde yo pueda hacer un curriculum y que diga que estoy capacitada para hacer panadería”*.

Para finalizar le pregunto cómo espera que la participación en esta propuesta inflencie su vida, qué espera que le aporte. Candela refiere: *“Ya me está aportando, porque voy a mi casa y hago allá, por ahí hago unas facturitas y capaz mi mamá la vende ahí en el negocio. El aprendizaje es muy importante, antes no sabía nada, ni tocar la harina, poner agua. Quiero terminar la secundaria, porque te piden tener eso, entonces tengo que volver un paso atrás y terminar eso. Pero no se me da mucho, por ahí me resigno y después digo no, voy a seguir. Este año las ganas se me habían ido, ahora no puedo empezar porque busque banco y ya no hay, en el barrio Cabaña hay pero ahí no me meto, porque te da miedo. Te da miedo en todos lados. El único transporte que pasa por acá, cada una hora, a la noche. Así que no es muy seguro. Ojalá pueda terminar eso”*, concluye.

El relato de la TO L.B.

Con L. acordamos realizar la entrevista en la mañana del miércoles, ya que es el día donde hay menos usuarias/os en el CAF y así, es menor la actividad también.

Como en todos los casos, entrego el Consentimiento Informado, la TO lo lee y firma. Iniciamos la conversación sobre el Programa que se desarrolla en el CAF, “N.A.”, cómo se constituye, en qué consiste. L. explica: *“Hay varios ministerios involucrados, la beca, el dinero, sale de Desarrollo y la propuesta del programa, la parte económica, sale del Ministerio de Trabajo, pero todavía no se dio, no salió esa parte. Pero hay otras “N.A.” que están articuladas con Salud, con Educación. Yo soy personal de Desarrollo Social”*.

Sobre la problemática desde de la cual se origina, cuenta: *“es un programa que surge en Rosario y funcionó bastante bien y la idea es convocar a las personas que se encuentran en situación de desafiliación con las instituciones, poder acercar a la gente lo público, lo que tiene para ofrecerle. Por eso está más orientada a hombres jóvenes. Para que tengan una nueva oportunidad en la vida, por eso son procesos de capacitación, para que generen conocimiento, y puedan buscar un trabajo, generar un micro emprendimiento”*.

Hablamos sobre la diferencia de esta propuesta con otras anteriores del CAF, la TO expresa: *“Las propuestas del CAF generalmente son internas e informales, no se da certificación, en muchos casos las llevan adelante el personal del CAF, donde por ejemplo, la cocinera tiene el saber del cotidiano, es idónea para hacerlo pero ella no tiene un título de cocinera, ella comparte ese saber con las chicas de taller pero no es un taller formal como el de “N.A.”, donde la capacitadora si tiene un título de chef y cumple con algunos requisitos, se da la certificado del Ministerio de Trabajo cuando lo terminan, están capacitadas para realizar una actividad en la que son capacitadas. El año pasado, por ejemplo, hicimos el de cocina que lo daba la cocinera, porcelana fría y tejido al crochet, en esos dos casos, la de tejido se estaba capacitando, ella terminó ahora es profesora de tejido, y la chica de porcelana fría ella es maestra de actividades prácticas, pero ahí no se le da a las chicas una certificación. Son propuestas, ideas, iniciativas de las chicas, del personal, hace años estaban queriendo crear un espacio para las mujeres. La idea es crear un espacio donde se puedan conversar ciertos temas como violencia de género, una manera de trabajar este tipo de cuestiones que no suelen*

ir a hablarlas a otros espacios. Pero era convocarlas con una excusa, la excusa era el tejido o la porcelana, u otra cosa. En muchos casos había que pedirles a las chicas que trajeran sus cosas, los ingredientes, por ejemplo. Y después se llevaban el producto. Ahora es diferente, aunque también a veces se llevan sus producciones para poder vender, que esto está bueno para ir preparándose y poder salir al mercado a competir, de alguna manera. Pero esto, de N.A., es aparte de esas otras propuestas. Nos propusieron, no era obligatoria la implementación. En ese momento estábamos complicados, con varios problemas institucionales, como para embarcarnos en semejante “baile”. Pero decidimos implementarlo igual, era también una nueva oportunidad para nosotros para ofrecer algo nuevo en la comunidad, por eso lo pusimos en marcha”.

Pregunto por el equipo de trabajo, el actual y que existía antes, ya que hubieron cambios recientes, L. relata: *“antes hubo un equipo con trabajadora social, antes funcionaba una sede de justicia, con abogado, antes era más para hacer trámites y consultar algo puntual por ej. ‘me dejaron sin vivienda’, y se trabajaba eso. Y se trabajaba en conjunto con salud. El cargo mío fue creado, no llegue en lugar de otro. A partir de esta nueva idea de coordinación, de jerarquizar y profesionalizar más el trabajo, cambió mucho y generó muchísimas resistencias, que se sostienen algunas, otras fueron cediendo. Para mí fue bastante difícil poder meterme en mi función porque también tengo que asesorar al personal. Y también me han transmitido o dejado ver que hay gente que está ocupando lugares de más jerarquía hace muchísimos años, y por cuestiones que no son de idoneidad, y la resistencia viene de pensar: ‘viene una camada de gente joven con título que me quiere venir a enseñar’. Y entonces proponía cosas y todo era “no”, ponían todas las trabas. Y te tratan diferente, vos ‘sos diferente’, venís de otro lugar, como te vestís, como hablás. Recuerdo de tener conversaciones y decirles ‘nosotros nos tenemos que nutrir acá mutuamente, yo te puedo contar lo que se porque estudié y vos me podés contar lo que vivís a diario, como es la realidad que no la conozco y de ahí podemos armar algo entre los dos, tus conocimientos son tan importantes o más de los que uno trae por el estudio’, pero cuesta verlo de esa manera”.*

Conversamos más en detalle sobre las políticas públicas que dan los recursos para esta propuesta, L. dice: *“empezamos en noviembre con el grupo ya conformado de chicas, pero esto empezó unos dos o tres meses antes, donde empezaron a convocar a los que dijimos que si, a los de los CAF, fuimos al Ministerio de Trabajo varios profesionales de los CAF que empezamos, incluso hay “N.A.” que empezaron en marzo, los que están ligados a propuestas formales educativas, que respetaron más el cronograma educativo, que no es lo nuestro,*

nosotros empezamos a fin de año, en ese momento empezamos a reunirnos con el Ministerio Trabajo. Se trabaja con un formato que tuvimos que hacer, y costo muchísimo porque son formatos que uno no maneja habitualmente, formatos de proyectos. Hubo que buscar todo el material, hacer los presupuestos de todo lo que se iba a comprar, para lo que me tuve que reunir con la capacitadora, hubo un cambio de capacitador en el medio también. Después conseguimos a Norma, nos reunimos a ver que íbamos a hacer, cuál era la temática de cada módulo, que tiempo de práctica, de teoría, tiempo de práctica. Fuimos armándolo juntos con Sebastián, el firmaba como encargado de la institución, y yo como coordinadora. Después había que presentarlo, siempre faltaban cosas que había que rearmar, además de las cuestiones tecnológicas, porque era un formato determinado, a veces se me desconfiguraba el programa entero, tenía llamar para que me habiliten de nuevo. Para mí fue terrible porque tenía que enviarlo al otro día, que era el último día, y yo no venía a trabajar, tenía una capacitación en otro lugar. Estuve hasta las 2 o 3 de la tarde haciendo eso acá. Entonces desde casa, llamo por teléfono a un compañero que quedo acá, y por teléfono le iba diciendo, ‘dale imprimí, chequea, lo ves así’, una hora y pico estuvimos en el teléfono. Después juntar todo eso, otra compañera me lo llevó a la capacitación donde yo estaba y ahí entregarlo en el Ministerio de Trabajo. Fue un caos. Fue mucho stress armar ese proyecto. Y al final lo aprobaron, pero aún no salió, todavía no sabemos. El monto inicial era de 40 mil pesos, donde cubría el pago del capacitador, pero como vieron que eso se dilataba y no podía estar trabajando una persona sin un sueldo, al final se resolvió que salga de educación y eso fue bueno para ella porque es con recibo de sueldo, en blanco y a ella se le suma como hs cátedra. Estamos a la espera de esos 40 mil. Empezamos [...] y el dinero de la beca ya estaba, entonces a eso había que justificarlo, ahí en Desarrollo Social se hizo una partida aparte, se depositó a la cuenta del CAF 20 mil para poder dar un inicio, y compramos todo lo que era bols, batidores, maquinas no se podía comprar, las que tenemos son de un proyecto similar que se hizo un tiempo atrás. Y bueno después los insumos: harina, huevos, etc. Con eso nos estamos manejando hasta ahora, a veces nos faltan algunas cosas y le pedimos prestando a la ecónoma de la partida del CAF, pero nos están faltando algunas cosas, porque se están pudriendo algunas cosas también. Eso lo hicimos vía Ministerio del Trabajo, pero ahora va a salir de Nación. El mes pasado nos avisaron que ya estaba aprobado nuestro proyecto”.

Nos centramos más en nuestra área disciplinar, le pregunto por el aporte que ella hace al proyecto como TO, ella refiere: “lo que creo que puedo aportar, porque todavía no he logrado ponerme con eso, porque estuve con muchas otras cosas, pero en lo que creo que más puedo

aportar es en los hábitos laborales, el tema de la higiene, de dar continuidad, cumplir con hora de ingreso y salida, si salen a atender a su bebé después volver y lavarse las manos. Hicimos las cofias y los delantales y no los traen nunca, que es la indumentaria de trabajo básica para un taller de cocina creo que eso debería estar apoyando más, pero por estar atendiendo a muchas otras cosas, ahora no puedo. Desde la TO lo que podría aportar, como coordinadora, en realidad, no es si puedo tener una participación, a elección, tengo que hacerlo. Dentro de lo que llamamos 'tercer tiempo', habíamos pensado en hacer con la psicóloga del otro CAF en conjunto, allá se está haciendo taller de árbitro, y no lo hemos podido hacer todavía. Pero como está pensado para que ellas propongan una actividad o dinámica, por ej. detectamos que hay tres o cuatro casos de violencia de género y ellas tienen ganas de trabajar esa temática, poder convocar a gente de afuera que este especializado en el tema para que venga a dar una charla. O también de cultura, se podría hacer algún tallerito muy dinámico para trabajar diferentes cuestiones, y podríamos hacerlo en otros lugares, plaza, camping, para que sean actividades más descontracturadas, más recreativas, eso es algo que a las chicas les gusta mucho, por eso tratamos de hacerlo, porque es un momento para ellas, de salir un poco de ese rol materno que las absorbe casi por completo, el rol de ama de casa, lo hemos charlado mucho con ellas para que lo aprovechen, al principio les costó un poco y después uno lo ve en la práctica que aprovechan ese momento para ellas”.

Le pido que me cuente qué considera que el proyecto le está aportando a las mujeres participantes, que tipo de ayuda cree que significa para ellas. La TO me responde: *“cuando hicimos la entrevista inicial había un montón de inscriptas, quedaron varias afuera que no cumplían con los requisitos, de edad, de estar cobrando otro plan, y nosotros les preguntábamos, ¿te interesa aprender y después poder trabajar del algo similar? Y muchas decían ‘no, no me interesa, yo quiero para poder hacerle una torta frita a mi marido’, y ahora con el transcurrir del curso sí puede ser una opción, se van entusiasmando y con esto de practicar vender, ir ofreciendo lo que hicieron, lo pueden ver distinto a lo que veían antes. Pero también es esta idea de encontrarse que pueden hacer algo que les gusta, por ellas mismas, saliendo de lo cotidiano, poderse ver desde otro lugar, el tema de la autoestima. Ellas están muy en mujer como objeto, en su casa. Cuando empezaron para ellas era reforzar esto que ya hacían de ser ama de casa. Ahora se ven desde otro lugar”.*

Conversamos sobre el tema de su propia formación, si en este cargo tiene capacitaciones obligatorias, o si ella realiza por su voluntad. L. refiere: *“posibilidad de hacer capacitación en esta temática hay, desde los gremios por ejemplo, o uno se va entrenando y va participando*

según las va conociendo. Por ejemplo, el año pasado hubieron dos capacitaciones, una era muy teórica, de leyes, la otra un poco más dinámica, interesante, con cosas concretas, pero eso es optativo, son gratuitas para el personal que trabajamos en lo público. Hay una capacitación que es de dos años en Salud Mental, que cuando la hice ya sabía que iba a ingresar acá, ya había concursado, antes estaba en un centro de día. Era únicamente para profesionales de la salud pública, no podía acceder alguien que esté en el ámbito privado y después había un espacio para profesionales ‘espacio de pensamiento’, que coordinaba una coordinadora del CAF. Era una vez al mes y ahora se suponía que empezábamos pero todavía no arrancamos. No son espacios de capacitación formal, a veces nos mandan antes algún material de lectura, son espacios donde aprendemos mucho de la experiencia del otro, exponiendo lo que hacemos en cada trabajo, es muy importante. Hicimos un encuentro inter-CAF, en el año 2015, vinieron las chicas de coordinación que organizaron. Hubieron CAF cede que recibían a otros, a nosotros nos tocó ir a Coronda. Era solo para el personal, fuimos todos, fueron 5 CAF. Eran juegos y actividades, el CAF anfitrión organizaba la actividad y después se hacía una puesta en común, era ver en directo lo que otros CAF hacían. Después fuimos los CAF juntos a la Redonda, con representantes del Ministerio de Cultura. Es interesante, porque las problemáticas diarias van consumiendo engrías y te das cuenta que hay otros, a quienes le está pasando lo mismo y la idea es nutrirse entre nosotros, apoyarnos. Después tuvimos varios encuentros para los ingresantes, los que ganamos el concurso, para auxiliares de preceptores, donde nos iban contando de que se trataba el trabajo en estas instituciones. Yo tenía experiencia en el ámbito público pero más desde salud”, explica.

Le pregunto si los estudios universitarios que realizó durante el curso de TO, le resultaron significativos y suficientes para el cargo que desempeña hoy, L. piensa y dice: “no, no porque cuando yo me formé... yo soy de la 1ra camada de la licenciatura, se estaba recién empezando a transitar, éramos los primeros en transitar la practica seis, en comunidad, y fue la época de la inundación, entonces íbamos a distintos lugares, no hubo una línea clara, digamos. A mí me ayudo para esto la TO que está ahora en el CAF 18, que me dio material y la red y mesa de infancia, que es un apoyo, si bien son de otras disciplinas”.

El relato de Mauro.

Primera parte de la entrevista.

Mauro, es uno de los jóvenes emprendedores del vivero “S.S”, y hace más de tres años que está trabajando aquí.

Nos encontramos en otra mañana de trabajo en el vivero, antes de comenzar las actividades, acordamos con Mauro hacer la entrevista. Vamos a una de las salas, y primeramente, leemos el Consentimiento Informado, él escucha con atención y firma.

Iniciamos conversando sobre qué es y qué hacen en el vivero, el joven me cuenta: *“esta capacitación y emprendimiento consiste en aprender cómo se trabaja con las flores, las aromáticas. Para aprender y llevar el oficio, para más adelante. Si te sale un trabajo así y te llaman, te preguntan qué sabés de los plantines, como cuidarlos”*.

Le pregunto por sus inicios aquí, cuando fue que comenzó y cómo llegó a participar de esta propuesta: *“No me acuerdo bien cuando empecé, hace varios años, en el 2013, por ahí... Ahí en la escuela laboral la directora me dijo para empezar. Quería conocer. En ese tiempo tenía otros trabajos y me costaba empezar. Pero después eso se cortó y empecé. Trabajaba en una quinta, trabajos relacionados a esto. Y cuando empecé no sabía nada de esto, empecé de cero. Te costaba adaptarte, saberte los nombres de las aromáticas, los cuidados. En ese momento estaba Marcelo, Viviana, la C. y Germán, los mismos de ahora. De los emprendedores habían otros, pero no los conocí tanto porque iban dejando, porque era muy aburrido, o encontraban otros trabajos. Porque cuando empezamos acá tuvimos que esperar dos meses para cobrar. Yo no, porque tenía lo de la quinta”*, refiere.

Le pido que me cuente sobre sus expectativas en aquel momento, cómo imaginaba que iba a ser el trabajo en el vivero, él dice: *“y que iba a trabajar con plantines, como trabajaba en la quinta, ya tenía una idea de lo que era”*.

Le cuento mi interés por saber sobre las funciones que ha ejercido, las actividades que ha tenido y tiene a su cargo, Mauro relata: *“primero estuve en el campo, del campo me pasaron acá con lo de las aromáticas, las florales, porque era muy costoso el trabajo allá, sacar árboles, trabajar con la pala, hacer todas cosas así pesadas, entonces aguante un año allá trabajando con ellos ahí. Después me pasaron para acá, a esta parte con lo de las aromáticas con los compañeros. Y ahí empecé la capacitación. Me encargo del conteo de las plantas, el control de las ventas, decir a los compañeros donde salir a vender, hacer el registro de la Municipalidad, lo de comercialización. Me gusta más esto de acá que del campo, allá tenía que estar todos los días de las 8.30 a las 12, los otros compañeros hacían lo mismo y no aguantaban, era más pesado y tenían que esperar un mes para cobrar. Cuando empezaron pensaron que iban a cobrar por día o semana. Cuando le dijeron que era un mes buscaron*

otros trabajos que sean por semana o día. Algunos tenían familia ya, hijos y algunos necesitaban la plata, porque tenían deudas para pagar y por eso dejaban”, cuenta.

Conversamos sobre su cotidianeidad, lo que hace en el día a día, además de trabajar en el emprendimiento, él describe: *“me levanto tipo 6.30 para llegar acá a las 7, acá organizo los compañeros a donde van a salir a vender, vemos donde vamos a salir. Estoy acá hasta las 12. Después me voy a la quinta a trabajar, y después me voy a la escuela. Estoy terminando, voy a la noche, 19 hs. Trabajo todo el día y después voy a la escuela, entro 18.30. Pero en la quinta no trabajo todos los días, los más fuertes son los lunes y los jueves. Descanso más los martes, miércoles y viernes, por la tarde tengo más libre”. Y continúa: “vivo en Recreo Sur con mi mamá, papá, y mis hermanas, son cinco mujeres. Trabajamos todos”, afirma.*

Le pregunto qué considera él que le aporta el emprendimiento a su vida, Mauro responde: *“me ayudó bastante porque ahora en estos días no conseguís trabajo, nada, y venís para acá y es más fácil que estar por ahí, que no se encuentra trabajo, por eso seguí hasta ahora. En otros lugares te piden certificados de escolaridad, de oficio, un listado de cosas, nada de lo que hice yo. También hice carpintería, pero no es fácil trabajar de eso, te piden estudios completos. Así no necesito estar recorriendo todos los lugares donde dejé curriculum y no me llamaron. Es importante además cuando se hace reunión con los jefes ahí, me buscan a mí para hablar porque por ahí los otros son un poco cerrados, los compañeros con los jefes, como yo estoy más en la administración con los jefes, me entienden más a mí que a los otros compañeros, ellos son más tímidos. Después los entienden. Me he hecho amigos de acá, de todos”, cuenta.*

Propongo que piense y se imagine en un futuro, si se ve trabajando de esto, en un vivero, o en este tema forestal, él refiere: *“si, tener un propio emprendimiento mío, en mi casa o tener mi propio emprendimiento, mi terreno y hacer mi emprendimiento con aromáticas y florales”. Luego agrega: “ya me acostumbré a venir acá, hay un cariño de los patrones hacia mí y los compañeros”.*

Le pido me relate una experiencia significativa que haya tenido aquí, me cuenta: *“y cuando quise dejar el emprendimiento, y Germán, me llamo tres veces, una semana, me invitaba, me motivaba a venir, que no deje, y ahí me convenció y ahí no me fui más. Los compañeros que dejaron están buscando trabajo todavía. Buscando escuela que hacen dos grados en uno, para terminar los estudios rápido. Buscar trabajo urgente y ahora acá ya una vez que dejaron ya no pueden entrar”.*

Para terminar, le pregunto cuál cree que es su aporte al emprendimiento, qué es lo que considera que él da de sí, Mauro refiere: *“venir acá y seguir trabajando, se apoyan unos a los otros y seguimos adelante”*, concluye.

Le agradezco mucho su tiempo dedicado. Nos despedimos, Mauro sale a vender, y yo vuelvo al invernadero.

Segunda parte de la entrevista.

Llego al vivero y nos vamos saludando con todos/as los/as que están y los/as que van llegando. Hablamos con Mauro y decidimos realizar la segunda parte de la entrevista. Hoy centramos más nuestra conversación en la organización y funcionamiento del emprendimiento. Le pregunto sobre los/as coordinadores/as del proyecto, y si sabe cuál es la profesión de cada uno/a, él dice: *“Viviana, Marcelo, Germán, casi nunca les preguntamos de qué trabajan, me parece que Germán es psicólogo, y Marcelo que trabaja así con los árboles... ingeniero, Viviana y C. no sé. Ellas, Viviana no habla mucho te dice de las plantas si hay que regar o no, y después la C. tampoco, ni idea, nunca le pregunté cuál es su función. Capaz le preguntás y te salen con otra cosa, te mandan a vender”*.

Me cuenta sobre su relación con ellos: *“bien, con Germán y Marcelo tengo una relación más cercana, porque con Viviana y C. son más cerradas para hablar, charlar, son de pocas palabras”*, refiere.

Le pregunto cómo se organizan ante un eventual problema, con el grupo, Mauro cuenta: *“acuden todos mi o a Marcelo, o a Germán. Yo voy con Marcelo o Germán son los que más hablan y apoyan, si quieren ir a hablar con C. o Viviana tal vez no conversan, no hablan. La C. está más con los papeles, a Viviana le gusta estar más con las flores, en el invernadero. Ellos se ríen más, C. es más seria”*, señala.

Cuando lo invito a pensar sobre los cambios que cree necesarios en el emprendimiento, si considera que hay que modificar algo, dice: *“no, ya están acostumbrados así los chicos, si cambias ya es más difícil”*.

Para concluir le pregunto qué cree que le posibilita el emprendimiento, y si considera que le brinda beneficios para su futuro, Mauro responde con pocas palabras, pero seguro: *“para hacer una pieza arriba en la casa, ganar más dinero para construir una pieza arriba. No cambiaría nada más”*.

Le doy las gracias por su disposición y el compartir sus experiencias. Nos vamos a la asamblea.

El relato de Josefina.

Primera parte de la entrevista.

Josefina es una de las once emprendedoras del vivero, y participa en él desde hace cuatro años.

La jornada empieza temprano, como todas las mañanas en el vivero. Es un espacio verde amplio, muy bello por los grandes árboles que tiene, plantas y flores. Josefina es muy puntual, es de las primeras en llegar. Van llegando los demás, y entre saludos y risas, comenzamos el trabajo. Con Josefina nos dedicamos a trasplantar unas aromáticas, y acordamos hacer la entrevista un momento después, como habíamos conversado anteriormente.

Vamos a la casita, que cuenta con dos salas, además de los baños. Le pido autorización a Josefina para entrevistarla, para lo cual leemos el Consentimiento Informado, explico algunos puntos, y ella firma.

Josefina comienza a contar, a partir de mis preguntas, sobre lo que hacen en el emprendimiento, cómo y cuándo fue su llegada aquí: *“trasplantamos, llenamos macetas. Vah, cuando empezamos nos enseñaron a llenar macetas, después de a poquito, a trasplantar. Empecé el 20 de abril del 2012. Seguí desde que empecé, en el 2012. Yo iba a la escuela especial 787, y venían unos compañeros acá y en abril me llamaron de la escuela especial para ver si quería venir acá. Yo fui a esa escuela hasta el 2010. Y después seguí en el EEMPA³⁴, ahí terminé en el 2013. Y ahí tenía que empezar la escuela secundaria, pero fui dos semanas y dejé porque no me gustó, en la escuela 17”*, recuerda. Y continúa: *“cuando empecé (en el emprendimiento) estaba el profesor Germán (psicólogo), la C. (TO), después estaba Rocío (TO) que se fue, y Marcelo (ingeniero agrónomo), y Viviana (viverista). Ese día vine, el 19 abril 2012, me tomaron todos los datos, me preguntaron cuando quería empezar y empecé un viernes”*, relata. También surgió el tema de los compañeros que ha tenido aquí, ella dice: *“de la escuela venían varios compañeros, algunos eran de Recreo, de Mocoví, pero después no vinieron más porque allá hicieron otro vivero en Mocoví, les quedaba más cerca. Otras dejaron porque formaron pareja”*.

Le pido que me cuente sobre las funciones y/o actividades que ha desempeñado en el tiempo que lleva participando en el vivero, Josefina detalla: *“llenar macetas, regar las plantas,*

³⁴ Escuela Enseñanza Media para Adultos.

trasplantar. Fui cambiando de a poco, fuimos aprendiendo de a poco, primero veíamos a los profesores, después aprendimos”, explica.

Hablando sobre aquellos momentos iniciales, le pregunto sobre las expectativas que tenía de este lugar, y expresa: *“ese día cuando me vine a anotar, los profesores nos mostraron lo que hacían los compañeros, nos mostraron el lugar, recorrimos por allá”*. No responde a si había imaginado algo diferente a lo que es, pero confiesa: *“nunca había ido a un vivero”*. Tampoco recuerda haber tenido experiencias significativas en el vivero.

Me intereso por su cotidianeidad, y conversamos sobre las actividades que realiza actualmente en su día a día. Josefina relata detalladamente: *“me levanto a las 6 de la mañana porque 7.20 pasa el colectivo. Pasa por la esquina de mi casa, es cerquita de acá. A veces nos quedamos hasta las 12, o 11 o 10, depende si hay trabajo, si tenemos más cosas para hacer. Después esperamos el cole, con Martín. A veces venimos juntos a la mañana, nos vamos juntos, nos hicimos compañeros acá. Después sigue bien el día, llego, como, a veces cocino yo o mi mamá. A veces comen guiso o toman sopa, a mí no me gusta, entonces voy al kiosco y compro otra cosa. A la tarde me quedo en mi casa, a veces, telar me pongo a hacer, compro los ovillos de lana en colores y hago telar, tengo telar y aguja. A veces voy a venderlo. A veces voy a visitar a mi tía que vive ahí en Recreo. A las 9 o 10 me acuesto a dormir, la siesta, no duermo”*.

Al contarme esto le pregunto por los cambios que ha promovido en su vida cotidiana, el trabajar en el emprendimiento. Ella me responde que no ha habido cambios, que: *“esta todo igual nomás”*, en sus palabras. Le pregunto entonces, si el trabajo en el vivero no le ha significado ningún aporte, o beneficio, ella piensa y comenta: *“acá cuando empezamos nos dieron la ropa para trabajar y nos regalaron la remera, nos dieron el diploma. En mi casa tengo un montón de diplomas de la escuela cuando terminé, y de la modista que fui. Y después una vez que fuimos a un vivero en Rincón ahí nos dieron otro, cuando terminamos la capacitación”*, se alegra al recordar.

Luego agrega: *“Si acá cobramos una beca, con eso a veces me compro ropa o la medicación. Después de la venta, nos repartimos la plata”*.

Para concluir le pregunto si se imagina trabajando de esto en un futuro, Josefina responde sin dudar: *“sí, me imagino trabajando con las plantas. Me gusta venir acá. Venís a prender, a despejarte un poco”*. También refiere haber hecho amistades aquí.

Decidimos retomar el trabajo ahora, y continuar con la segunda parte de la entrevista en los próximos días. Le agradezco la gentileza de participar, y volvemos juntas al invernadero.

Segunda parte de la entrevista.

Los miércoles habitualmente son días de venta, donde algunos emprendedores llevan canastas con plantines para vender a algunos puntos clave de la ciudad. En el vivero es escaso el trabajo hoy. Aprovechando eso, luego de trasplantar unas albahacas con Josefina, vamos a la sala con a continuar con la entrevista.

Nos centramos un poco en el funcionamiento y organización del emprendimiento. Tras mi pedido, Josefina me cuenta quienes coordinan el trabajo: *“de los emprendedores, Mauro, Rubén, César, yo, Agustina, el otro, el Jorge”*. Le pregunto por los profesionales que aquí trabajan, si sabe la profesión que tiene cada uno y si ellos también coordinan, Josefina dice: *“si, son Marcelo, Germán, la C. y Viviana”*. Refiere no saber la profesión de Germán, ni de C. y desconocer la terapia ocupacional, y lo que hacen los TO. Comenta que su relación con C. (TO), es buena. Expresa: *“ella nos ayuda a veces, anda con nosotros, ahora se llevaron los papeles para cobrar la beca. Ellos se ocupan de nosotros, ahora están mandando los papeles, nos dijeron que capaz en abril vamos a cobrar los 900 de la beca, es una ayuda social. Nos ayudan a veces, compran cosas cuando hace falta, yerba, azúcar..... Después del ministerio compran las plantas. Yo hablo muy poco con la C. a veces hablo con Marcelo o Germán o con Viviana, pero yo no hablo tanto con ellos, muy poco, pero me llevo bien con ellos”*, aclara. Y agrega: *“Cada diez años nos tenemos que renovar el certificado de discapacidad”*. *“Ayer hicimos asamblea, nos repartieron mil pesos para cada uno. Y esa plata la guardo, o me compro ropa o la pastilla acá en la farmacia”*, comenta luego.

La invito a pensar si le gustaría cambiar algo del emprendimiento o las relaciones con sus integrantes, si necesita ayuda que desde el emprendimiento se le pueda brindar. Josefina permanece en silencio, pero luego cuenta *“si, a veces, cuando ando mal. Pero no soy de contarles”*. Dice no creer necesario hacer cambios, que está conforme y contenta por como son las cosas en el vivero. Expresa: *“Hace poco arreglaron acá, el cielo raso, pintaron de blanco, a veces tendrían que arreglar otras cosas. Del grupo está todo bien. El chico Ismael esta ahora acá porque en el campo tuvo problemas con los compañeros, y los emprendedores tenemos que ver si estamos de acuerdo que se sume al emprendimiento. Todavía no tomamos la decisión, a ver si estamos de acuerdo. Tenemos que pensar y ver si estamos de acuerdo que empiece con nosotros”*, explica.

También conversamos sobre los aportes o beneficios que el trabajo en el emprendimiento puede brindarle el día de mañana. Josefina relata: *“ahora tenemos poco para trasplantar, ya trasplantamos todas las bandejas. Pasamos las albahacas a las macetas grandes. Ahora*

mandaron a sembrar, antes sembrábamos nosotros. Ahora se compra a un hombre de Montevera, y el trae la planta ya, porque tiene la máquina de sembrar, después manda las bandejas y nosotros las trasplantamos”, me cuenta.

Finalizamos la entrevista viendo los diplomas, certificados y reconocimientos de su escuela y otros cursos, que Josefina trajo para mostrarme. Ella me cuenta sobre ellos con orgullo, son el reconocimiento de la dedicación, responsabilidad y habilidad que Josefina tiene en las actividades que realiza.

El relato de la TO C.I.

Hoy es un día singular en el vivero, gracias a los esfuerzos de los coordinadores del proyecto “S.S”, junto a los de actores de otros emprendimientos interesados, se celebra un encuentro de emprendedores forestales. El objetivo es intercambiar los aprendizajes del proceso y construir lazos que los fortalezcan mutuamente.

La jornada ocupa toda la mañana y, aprovechando que eran varios los coordinadores, nos hicimos un tiempo con C.I. para realizar la entrevista.

Una vez en la sala administrativa, le entrego el Consentimiento Informado y le comento ciertas cuestiones sobre él, ella lee y firma. Seguidamente, con mates de por medio, comenzamos a conversar. Le pregunto sobre los orígenes de este proyecto, los actores que comenzaron, la problemática que atiende, etc. C.I., relata: *“la propuesta sale de la Subsecretaría de inclusión, de formar la red de viveros, con un convenio que se hace, en el 1er momento con: el ministerio de trabajo, el ministerio de producción y el ministerio de salud. Después se incluyó el ministerio de desarrollo social. El ministerio de trabajo daba algunas herramientas, el de producción da el espacio y algunas herramientas más, y un profesional, que es el ingeniero. Y salud da los profesionales. En 2011, el equipo inicial, era el psicólogo Germán, la TO y una practicante de TO. Después, una trabajadora social y creo que nadie más, en ese momento. En 2011 empezó la capacitación, que era por un año. Entonces en 2012 se abrió otra convocatoria, ahí Claudia (TO) ya no estaba, la trabajadora social si, y Marcela (practicante TO) también. Estuvieron un poquito más y se fueron. En 2012 empezó otra capacitación por dos años, porque se vio que con un año no alcanzaba para afianzar algunos conocimientos, por eso se decide extender a dos años. En ese momento se vio la problemática de que el objetivo de conseguir algún destino laboral, luego de la capacitación, no se lograba,*

en empresas u otro lugar. Se planteó la posibilidad de empezar un emprendimiento. Se empezó esa capacitación nueva y con este armado, el emprendimiento”.

Para entender mejor cómo funciona el sistema, le pregunto si ese proceso se fue dando en todas las propuestas de los viveros, o fue una situación particular de este. C. refiere: *“cada vivero se manejaba como podía. El emprendimiento no era el objetivo. Lo del emprendimiento surgió frente a las dificultades a la hora de encontrar algún destino laboral para los concurrentes. En el 2012 se empezó a gestar con los que habían terminado en el 2011. En Rosario hay también un vivero así, pero es con una modalidad distinta, porque depende de la municipalidad, son trabajadores de la municipalidad, terminan la capacitación y quedan trabajando ahí, también tienen otros recursos, y modos de organización”.*

Otro de los puntos a conocer es sobre los recursos con los que cuentan. Cuando planteo la pregunta, ella esboza una risa y dice: *“Ahora, el equipo, que está conformado por Marcelo, que es ingeniero, Germán, que es psicólogo, Viviana, viverista y yo. Recién a mitad del año pasado se logró afianzar, porque éramos tres que sólo nos juntábamos una vez por semana, sino eran dos por día. Cuando arrancamos con Viviana, Marcelo tenía su contrato por el ministerio de producción, Germán por ministerio de salud, y Viviana y yo entramos por un programa de la Nación Promover, en el 2012, que era por dos años. Después hubo un montón de cosas en el medio, pero se nos hizo un contrato a las dos de 12 hs semanales cada una. Estuvimos trabajando un año y medio casi dos, con ese contrato, y después, en agosto del año pasado pasamos a planta, Viviana con 30 hs y yo con las 12 hs, por eso vengo tres veces por semana. Marcelo viene todos los días, él depende del ministerio de producción. Germán volvió a entrar, pero con un mecanismo de suplencias, indeterminado. Fue una de las grandes trabas, estas variaciones en la composición del equipo, hubo un año que trabajábamos tres personas con 20 emprendedores, que nos veíamos una vez por semana, entonces se complicaba mucho acompañar los procesos. A mí eso me frustró un poco. Después que se fue Germán y hubo un montón de procesos que no pudimos acompañar, gente que se terminó yendo, pasaron muchas cosas en el medio, crisis y demás que no se podían acompañar. Si yo me iba, quedaba una sola persona con todos. Ahora estamos laboralmente más estable, aunque me gustaría tener más horas”,* confiesa. Y continúa: *“Uno está trabajando por el acceso a los derechos de estas personas, pero nuestros derechos como trabajadores también estaban vulnerados. Ahora estamos mejor, más acomodados”.*

Al preguntar por otro tipo de recursos, como los materiales, agrega: *“también contamos con el predio. Siempre estuvimos acá, aunque el invernadero estaba un poco más alejado,*

entonces esta oficina quedaba separada. A este espacio lo usaba la gente del campo para tomar mate. Después nos mudamos para acá, pero los invernaderos quedaron allá, entonces íbamos y veníamos a cada rato, los baños estaban acá. Ahora hace un par de meses que se instalaron los invernaderos acá al lado, y eso está buenísimo. Entonces el equipo está más organizado, el espacio también. Y ahora vemos que el grupo, después de estos tres años, ya puede repartir su plata, invertir, comprar semillas. Lo único que recibimos de plata de la subsecretaría es para pagar el flete. El ministerio de la producción que compra herramientas y algunos insumos, como macetas, tierra”.

Luego le pregunto cómo resuelven ciertos problemas de recursos, más estructurales, en el caso, por ejemplo, de una eventual tormenta que arruina el invernadero u otros espacios. C. expresa: *“y...se va manejando...El ministerio de la producción, o el ministerio de salud con lo que puede, pero el ministerio de salud no puede invertir en infraestructura. Nosotros desde el año pasado empezamos a presentar en el ministerio de la producción una programación con todas las herramientas y materiales que vamos a necesitar con un presupuesto para cuando salga la partida se pueda comprar todo, sino íbamos pidiendo a medida que necesitábamos, pero todo se iba a demorando. Entonces ahora ya mandamos el pedido a principio de año: qué se va a hacer, que se va a sembrar y lo que necesitamos, con el presupuesto de todo eso. Los servicios van por cuenta del ministerio de producción. Ministerio de salud paga algunos insumos de consumo cotidiano: yerba, azúcar, y la merienda”.*

Para que quede comprendida la organización y funcionamiento de la propuesta, la TO aclara: *“son dos años de capacitación y después se piensa y acompaña algún destino laboral: formar parte del emprendimiento, armar su propio emprendimiento, búsqueda de otros intereses. El grupo de emprendedores ahora ya está formado y ellos son los que en las asambleas deciden si se incorpora alguno/a de los que haya terminado la capacitación”.*

Planteo mi inquietud de saber sobre el otro grupo de trabajadores, “los del campo”, como se los llama, que parece ser una actividad independiente del emprendimiento. C. explica: *“ellos ya terminaron la capacitación. En un primer momento pasaban por la parte de plantines, aromáticas, florales y la parte del campo, para que aprendan más la parte forestal. Ese año que terminaron, en el 2011, había 6 concurrentes que pidieron trabajar ahí y quedaron. Daban más con ese perfil, y los del campo también pidieron para que hagan algunas tareas, con una beca estímulo que se hizo con un convenio, con el ministerio de la producción, y se les pagaba 600 pesos y ellos hacían su trabajo ahí, con las directivas de las personas que trabajaban en el campo, que son del ministerio de producción. Y eso siguió persistiendo en el tiempo, se*

fueron sumando algunos, pero nunca llegó a regularizarse como debería. Porque hacen los mismos trabajos, cumplen los mismos horarios que los otros trabajadores del campo. Pero funciona bastante independiente de acá porque ellos siguen las directivas de los trabajadores del campo, son parte de ese grupo. Intentamos reunirnos una vez al mes con los concurrentes y con los trabajadores del campo que están a cargo de ellos, para hablar algunas cuestiones, como van, como se sienten, para dar una mano ahí, si hay alguna situación para charlar. Compartimos el espacio más que nada”.

Conversamos sobre los cambios que se dieron a partir del cambio de equipo, al preguntarle cuáles fueron, C. piensa y responde: *“cambió un poco, creo. Ellos estuvieron un año, ese equipo y después se fueron y empezamos nosotros ahí. Creo que repensamos la forma, antes tenía una mirada, la TO, más de la formación profesional, no tanto desde la salud mental, con otra metodología. Creo que cuando empezamos a formar ese equipo re pensamos desde otra lógica que tiene que ver más con un saber colectivo, no tanto desde la profesión de cada uno.. Si bien cada uno trae un bagaje de conocimiento que aporta, la idea era poder generar saberes colectivos que tienen que ver con la educación popular, agroecología, con la convención de los derechos de personas con discapacidad, y pensar desde otro lugar, y desde la salud mental”*, señala.

Vamos para nuestro campo disciplinar, refiero que, si bien es un trabajo interdisciplinar, cada uno tiene una formación distinta, y en ese sentido pregunto qué considera ella que aporta desde la TO C. contesta: *“qué difícil”*, y reímos, se toma un minuto para pensar y continúa: *“no sé si algo específico, pero creo que poder acompañar procesos de validación de derechos y empoderamiento de las personas con discapacidad y de padecimiento subjetivo. Poder empoderarlos de alguna manera, nada... poder acompañar esos procesos de producción personal, y como colectivo de trabajo, acceso al derecho al trabajo, a la cultura, a la comunidad. No me gusta la palabra inclusión, pero poder acompañar en eso. No sé de otra manera... Re pensar las prácticas desde ese lugar. No se...en realidad también tiene que ver con todo. Ocupación que sea significativa y que valide derecho más que nada, desde un lugar más emancipatorio. Trabajar la autonomía de cada uno, el empoderamiento para la vida de ellos. También al momento de ingresar parte de la entrevista, es que sea una actividad de su interés. Y después otras cuestiones que son mas parte del trabajo”*.

Al respecto de la formación que tuvo en la carrera, le pido que me cuente si considera que fue suficiente para este trabajo que desarrolla. La TO expresa: *“da herramientas... pero le fui encontrando la vuelta. Desarmar lo que uno aprendió (risas), yo lo siento así, que hay*

herramientas que te sirven, pero te encontrás en lo cotidiano con personas, situaciones, historias que traen, que a uno lo hacen repensar siempre, pensar el trabajo constantemente. En las prácticas profesionales que tuvimos, que son muchas y eso está bueno, en la mayoría aprendí lo que no quiero hacer, esto no..., por acá me parece que no va... más allá de que este bien o mal. Buscando también este lugar de la salud mental, la salud colectiva, más desde ahí. Ahora no estoy haciendo cursos, pero si leyendo y hablando con profesores para ir leyendo sobre estos temas: salud colectiva, derechos, salud mental, desde esa mirada”. Pregunto, entonces qué formaciones, cursos hace para poder estar acá, de dónde se “nutre” para este trabajo. C. refiere: “Ahora no estoy haciendo mucho, tampoco encuentro muchas capacitaciones que se acerquen a esta lógica, que tengan que ver con este trabajo. Por ahí algunos talleres o capacitaciones de economía social, sí. Después ir pidiendo material a algunas docentes que van por la misma rama, misma lógica, y queriendo supervisar también algunas cosas desde esta lógica. Acá no se encuentra mucho en relación a esto, si afuera, en otros lugares”.

Invito a pensar sobre lo que cree que le falta al emprendimiento. Ella piensa unos minutos, y responde: *“me parece que falta como... que el equipo se termine de conformar bien, con algunas horas más”. ¿Desde alguna disciplina en particular? agregó. “No, no desde una disciplina particular, pero si desde esta lógica”, indica. Prosigue: “y falta un poco de acompañamiento de la subsecretaría, un trabajo en conjunto. Está bien que es una política pública, y demás, pero a la hora de acompañar, estar y re pensar cosas juntos, falta, el camino está cortado, hay que hacer un camino ahí. Se toman algunas decisiones allá sin consultar y los que estamos acá somos nosotros. Falta más comunicación y trabajar en conjunto. Si bien se hacen cosas falta trabajo conjunto, no desde la suposición, trabajamos con personas, para hacerlos parte a ellos también de ese proceso. Intentamos nosotros desde acá hacer eso siempre, tomar decisiones con ellos”.*

Para terminar, planteo la pregunta sobre qué considera que el emprendimiento le aporta a los emprendedores, para su cotidiano y proyectos de vida. La TO expresa: *“sobre todo autonomía, derechos, poder decidir sobre su vida, hacerse respetar de alguna manera, empoderarse, me parece esa es la palabra. Que ellos puedan realmente tomar decisiones en su vida general, no solo en relación al trabajo sino también en su vida. Porque en realidad terminan una escuela, traen un cv con capacitaciones en huerta, carpintería y queda todo ahí, en el papel. Poder ir un poco más allá, que accedan a un trabajo, darles herramientas para eso, para la vida y para su autonomía”, concluye.*